

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

CRISTIANE GULARTE QUINTANA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA SUSTENTÁVEL:
ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO RIO
GRANDE DO SUL**

FURG
Rio Grande – RS
2019

CRISTIANE GULARTE QUINTANA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA SUSTENTÁVEL:
ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO RIO
GRANDE DO SUL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial à obtenção do grau de doutora em Educação Ambiental.

Linha de Pesquisa: Educação Ambiental Não Formal (EANF)

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Dione Iara Silveira Kitzmann.

FURG
Rio Grande – RS
2019

Ficha Catalográfica

Q7e Quintana, Cristiane Gularte.
Educação Ambiental na formação empreendedora sustentável:
estudo de caso em uma instituição de ensino superior no Rio Grande
do Sul / Cristiane Gularte Quintana. – 2019.
196 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio
Grande/RS, 2019.

Orientadora: Dra. Dione Iara Silveira Kitzmann.

1. Educação Ambiental 2. Empreendedorismo Sustentável
3. Instituições de Ensino Superior 4. Formação Empreendedora
Sustentável I. Kitzmann, Dione Iara Silveira II. Título.

CDU 504:37(816.5)

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Cristiane Gularte Quintana

***“Educação Ambiental na Formação Empreendedora Sustentável: estudo de caso em uma
Instituição de Ensino Superior no Rio Grande do Sul”***

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de doutora em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Dione Iara Silveira Kitzmann
(Universidade Federal do Rio Grande)

Prof^a. Dr^a. Lúcia de Fátima Socoowski de Anello
(Universidade Federal do Rio Grande)

Prof. Dr. Aléssio Almada da Costa
(Universidade Federal do Rio Grande)

Prof. Dr. Gabrielito Menezes
(Universidade Federal de Pelotas)

Prof. Dr. Ernani Ott
(Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Dedicatória:

Aos meus pais Álvaro e Maria, aos quais tenho um imenso carinho e gratidão, por sempre me apoiarem e incentivarem nas minhas decisões ao longo de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por mais esta caminhada alcançada em minha vida.

Aos meus pais, Álvaro Djama dos Santos Gularte e Maria da Silveira Gularte, que me proporcionaram uma base sólida para chegar até aqui, construída através do amor, respeito e da educação.

Aos meus irmãos Fabio Rogério da Silveira Gularte e Alan da Silveira Gularte pela união e parceria de sempre. E demais familiares: minha sogra, meu sogro (in memória), cunhado, cunhadas, sobrinhos, tias e amigos pelos momentos em que estamos juntos.

Em especial ao meu marido Alexandre Costa Quintana, que desde o momento em que nos conhecemos, sempre foi um grande companheiro e incentivador ao longo da minha jornada acadêmica. Aos meus filhos, Karine e Sílvio, pelo carinho, amizade e compreensão dessa dupla que tanto amo.

À minha orientadora, Dr^a. Dione Iara Silveira Kitzmann, pelo seu conhecimento, envolvimento e amizade que proporcionaram o desenvolvimento desta tese. E também à Dr^a. Lucia de Fátima Socoowski Anello, pela contribuição no início da orientação que impulsionou a escolha do tema de pesquisa.

Aos professores e colegas (em especial Danielle Müller de Andrade) do PPGEA, pelo apoio e incentivo, e também aos professores Dr^a Lúcia de Fátima Socoowski de Anello, Dr. Aléssio Almada da Costa, Dr. Gabrielito Menezes e Dr. Ernani Ott integrantes da banca examinadora desta Tese, pelas contribuições que certamente engrandeceram o conteúdo apresentado.

A todos os Diretores das Unidades Acadêmicas, Reitora, Vice-Reitor, Pró-Reitor de Graduação e Diretora da Inovação Tecnológica da Universidade Federal do Rio Grande - FURG que contribuíram para a realização das entrevistas e, também, aos Discentes pela participação nas entrevistas.

Por fim, gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram na realização deste sonho.

Obrigada!

Epígrafe

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”
(PAULO FREIRE, 1997, p.155).

RESUMO

Na contemporaneidade, torna-se necessário solidificar a sustentabilidade nas Instituições de Ensino Superior (IES), indo além das ações ecologicamente corretas, para assim, ser uma universidade que desenvolva processos de formação com o objetivo de buscar o equilíbrio econômico, social e ambiental. A Formação Empreendedora Sustentável (FES) nas universidades pode ser um meio para a implementação da sustentabilidade, em harmonia com a proposta da Educação Ambiental. Nesse sentido, a questão de pesquisa foi: a partir dos princípios do campo da Educação Ambiental, quais as possibilidades e os limites para uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior no Rio Grande do Sul? Por consequência, o objetivo geral desta pesquisa foi propor as possibilidades e os limites para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior, a partir dos Princípios do Campo da Educação Ambiental. Em relação às características metodológicas, o trabalho tem como estratégia de pesquisa, o estudo de um caso em uma universidade pública, no qual a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas em profundidade, baseada em um roteiro pré-estabelecido, aplicada a uma população de treze (13) diretores de Unidades Acadêmicas, quatro (4) gestores estratégicos e cento e quinze (115) discentes. O problema foi abordado sob dois focos: o primeiro na fase qualitativa, em que se pretendeu verificar, por meio da técnica de análise de conteúdo, através de entrevistas, qual era a percepção dos gestores da universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável e a percepção dos discentes sobre o Empreendedorismo Sustentável na instituição. Na fase quantitativa, foi possível constatar, através da análise descritiva dos dados (Escala Likert) e da análise fatorial exploratória, por meio do software IBM SPSS Statistics versão 23, quais as habilidades e as limitações dos discentes que darão subsídio à viabilização da Formação Empreendedora Sustentável, utilizando um questionário estruturado. Foram identificadas como resultado, as possibilidades: inserção de um empreendedorismo voltado à sustentabilidade nas diferentes Unidades Acadêmicas, incentivo à criação de um Centro de Empreendedorismo que pensa de modo transversal, criação ou reestruturação de disciplina ou ações de extensão sobre ES, envolver o educador ambiental formado na instituição, oferecer cursos e incentivar as Incubadoras de Empresas Tecnológicas e as Empresas Juniores a auxiliarem sobre o tema. Quanto aos limites: postura metodológica tradicional entre os docentes da universidade, dificuldade de diálogo entre as diferentes Unidades Acadêmicas da instituição, limitação do acesso da EA nos espaços não formais e desconhecimento sobre o termo ES. Dessa forma, conclui-se que gestores e discentes convergem no sentido de ter uma visão semelhante sobre ES, e que ainda não existe um equilíbrio referente às dimensões do Tripé da Sustentabilidade. Indo além da tese, pode-se observar quais os caminhos teóricos a serem percorridos para a viabilização de uma FES, assim como uma proposta de curso sobre ES, como parte de uma FES na universidade. Também, pode-se observar que o educador ambiental desta proposta refere-se à própria comunidade acadêmica que busca nas suas ações diárias o respeito pelo meio ambiente, assim como pelas futuras gerações.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Empreendedorismo Sustentável; Instituições de Ensino Superior; Formação Empreendedora Sustentável.

ABSTRACT

At the modern times, it is necessary to solidify sustainability in Higher Education Institutions (HEI), going beyond the environmentally friendly practices in order to be a university that develops academic qualification programs aiming to seek the economic, social and environmental balance. Sustainable Entrepreneurial Qualification Program (SEQP) in universities can be a means for the implementation of sustainability, aligned with the Environmental Education (EE) proposition. In this sense, the research question was: *“From the principles within the field of Environmental Education, what are the possibilities and limits to create a Sustainable Entrepreneurial Qualification Program in a Higher Education Institution in Rio Grande do Sul?”* Consequently, the general objective of this research was to identify the possibilities and limits for the creation of a Sustainable Entrepreneurial Qualification Program in a Higher Education Institution, based on the principles within the field of Environmental Education. Regarding the methodological characteristics, the research strategy for this work was a case study in a public university whose data collection was performed through in-depth interviews, based on a pre-established script, carried out with a research population of thirteen (13) academic unit directors, four (4) strategy managers and one hundred and fifteen (115) students. The research problem was approached from two foci: the first, during the qualitative phase, whose goal was to verify, through the technique of content analysis as well as through interviews, what the university managers’ perception on the Sustainable Entrepreneurial Qualification Program was, along with the students’ perception on the Sustainable Entrepreneurship (SE) in the institution. During the quantitative phase, it was possible to acknowledge, through descriptive data analysis (Likert Scale) and exploratory factor analysis as well as through the IBM SPSS Statistics version 23 software, which students' skills and limitations will provide resources to the Sustainable Entrepreneurial Qualification Program feasibility, using the structured questionnaire method. As a result, the following possibilities were identified: insertion of a sustainability-oriented entrepreneurship in the different Academic Units, encouragement for the creation of a Entrepreneurship Center that uses cross-cutting approaches, creation or restructuring of discipline or extension measures on SE involving the environmental educator graduated from the institution, offering of courses and encouragement of Technology Business Incubators and Junior Achievement Programs to assist on the theme. Regarding the limits: traditional methodological posture among university professors, dialogue deficit between the different Academic Units of the institution, limitation of the EE access to non-formal spaces and lack of knowledge on the SE phrase. Thus, it is concluded that managers and students converge in order to have a similar view on higher education, and that there is still no balance regarding the dimensions of the Sustainability Tripod. Going beyond the thesis, one can observe which theoretical paths to follow for the feasibility of an SEQP, as well as a proposed course on higher education, as part of an SEQP at the university. In addition, it can be observed that the environmental educator of this proposition refers to the academic community itself that seeks, in its daily actions, the respect for the environment, as well as for future generations.

Keywords: Environmental Education; Sustainable Entrepreneurship; Higher Education Institutions; Sustainable Entrepreneurial Qualification Program.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL	Arranjo Produtivo Local do Polo Naval e de Energia de Rio Grande e Entorno
ARIUSA	<i>Redes Iberoamericanas por la Sustentabilidad y el Ambiente</i>
CEBDS	Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável
C3	Centro de Ciências Computacionais
CGEAM	Coordenação Geral de Educação Ambiental
CRES	Conferência Regional de Educação Superior
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CISEA	Comissão Intersetorial de Educação Ambiental
CONSUN	Conselho Universitário
CTIE-AMB	<i>Red de Investigación sobre Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación Ambiental en Iberoamérica</i>
DCNEA	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental
DIRPED	Diretoria de Incentivo à Pesquisa e Divulgação Técnico-Científica
DIT	Diretoria de Inovação Tecnológica
EA	Educação Ambiental
EAEB	Educação Ambiental Empresarial no Brasil
EEnf	Escola de Enfermagem
EE	Escola de Engenharia
EQA	Escola de Química e Alimentos
ES	Empreendedorismo Sustentável
FaDir	Faculdade de Direito
FaMed	Faculdade de Medicina FES
FES	Formação Empreendedora Sustentável
FNMA	Fundo Nacional do Meio Ambiente
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GEEAS	Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IES	Instituições de Ensino Superior
ICB	Instituto de Ciências Biológicas
ICEAC	Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis
ICHI	Instituto de Ciências Humanas e da Informação
IE	Instituto de Educação

ILA	Instituto de Letras e Artes
IMED	Instituto de Matemática, Estatística e Física
IO	Instituto de Oceanografia
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
MEA	Mestrado em Educação Ambiental
MEC	Ministério da Educação
MDIC	Ministério do Desenvolvimento e Comércio Exterior
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MEJA	Movimento Empresa Júnior
NUDESE	Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico
OCEANTEC	Parque Científico e Tecnológico
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PMEs	Pequenas e Médias Empresas
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNEN	Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGEA	Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
PRME	<i>Principles for Responsible Management Education</i>
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROINFA	Pró-Reitoria de Infraestrutura
PROEXC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
PROGEP	Pró-Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
REABRI	Rede de Educação Ambiental da Bacia do Rio Itajaí
REASUL	Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental
REBEA	Rede Brasileira de Educação Ambiental
RISU	<i>Definición de indicadores para la evaluación de las políticas de sustentabilidad en Universidades Latinoamericanas</i>
RSA	Responsabilidade Socioambiental
RSES	Responsabilidade Social da Educação Superior

RUPEA	Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMA	Secretaria Especial de Meio Ambiente
SIBEA	Sistema Brasileiro de Informações sobre Educação Ambiental e Práticas Sustentáveis
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SGA	Sistema de Gestão Ambiental
TR	Termo de Referência
TBL	<i>Triple Bottom Line</i>
ULSF	<i>Asociación de Líderes de Universidades para un Futuro Sustentable</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aportes para o Conceito de Empreendedorismo Sustentável.....	47
Figura 2 - Modelo do Programa de Promoção do Desenvolvimento Sustentável para uma Universidade Empreendedora	76
Figura 3 - Fase Qualitativa e Fase Quantitativa da Pesquisa.....	83
Figura 4 - Sujeitos da Pesquisa.....	90
Figura 5 - Mapa das Categorias da Pesquisa (nós).....	98
Figura 6 – Mapa de Palavras por Categorias de Empreendedorismo Sustentável	100
Figura 7 - Nuvem de Palavras "Conceito de Empreendedorismo" entre os Gestores da Universidade	101
Figura 8 - Nuvem de Palavras Universidade Empreendedora.....	105
Figura 9 - Mapa Árvore de Palavras Empreendedorismo Sustentável.....	112
Figura 10 - Mapa de Palavras por Categorias de Formação Empreendedora Sustentável	117
Figura 11 – Mapa de Palavras por Categorias do Papel do Educador Ambiental.....	125
Figura 12 - Nuvem de Palavras Educador Ambiental	126
Figura 13 - Caminhos Teóricos de uma Proposta de Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Intenção dos Discentes sobre Empreendedorismo Social	131
Tabela 2 - Falta de Conhecimento sobre Empreendedorismo Sustentável.....	133
Tabela 3 - Discentes participantes da pesquisa por Disciplina.....	139
Tabela 4 - Semestres nos quais as Disciplinas são ofertadas por curso.....	140
Tabela 5 - Gênero dos Discentes que participaram da pesquisa.....	140
Tabela 6 - Forma de Trabalho dos discentes participantes da pesquisa	141
Tabela 7 - Renda dos Discentes participantes da pesquisa.....	142
Tabela 8 - Características Empreendedoras dos Discentes	142
Tabela 9 - Teste de Adequação dos Dados (Teste Kaiser-Meyer-Olkin).....	146
Tabela 10 - Variância Total	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ações da Declaração Talloires (1990).....	38
Quadro 2 - Autores e Definições sobre o Empreendedorismo Sustentável	45
Quadro 3 - Tipos de Empreendedorismo Sustentável.....	48
Quadro 4 - Principais Métodos, Técnicas e Recursos Pedagógicos para o Ensino do Empreendedorismo.....	66
Quadro 5 - Modelo de Formação Empreendedora da Graduação em Administração e do MBA do Babson College.....	73
Quadro 6 - Identificação dos Gestores da Universidade	94
Quadro 7 - Dez Palavras mais Frequentes nas Entrevistas	99
Quadro 8 - Contribuições que os Discentes entendem ser relevantes para a Universidade incentivar o Empreendedorismo Sustentável	136
Quadro 9 - Fatores extraídos da Análise Fatorial.....	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 QUESTÃO-PROBLEMA	22
1.2 OBJETIVOS	24
1.2.1 Objetivo Geral	24
1.2.2 Objetivos Específicos	24
1.3 JUSTIFICATIVA.....	25
1.4 DELIMITAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA.....	28
1.5 ESTRUTURA METODOLÓGICA DA PESQUISA	28
1.6 ESTRUTURA DA TESE	29
2 REVISÃO TEÓRICA	30
2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS	30
2.1.1 Educação Ambiental nas Instituições Públicas	34
2.1.2 Educação Ambiental nas Instituições de Ensino Superior	37
2.2 EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL	40
2.2.1 Empreendedorismo Social	50
2.2.2 Empreendedorismo Ambiental	53
2.2.3 Responsabilidade Socioambiental	55
2.3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	59
2.3.1 Formação Empreendedora	64
2.3.2 O Papel das Instituições de Ensino Superior na Formação Empreendedora	71
2.3.3 Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHA) Empreendedoras	78
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	82
3.1 ESTUDO DE CASO	83
3.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	85
3.2.1 Fase Qualitativa da Pesquisa	86
3.2.2 Fase Quantitativa da Pesquisa	88
3.3 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO E DOS SUJEITOS DO ESTUDO	89
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	93
4.1 ANÁLISE QUALITATIVA	93
4.1.1 Parte I – Entrevistas em Profundidade com os Docentes Diretores das Unidades Acadêmicas e os Gestores Estratégicos da Universidade	93
4.1.2 Parte II – Percepção dos Discentes sobre Empreendedorismo Sustentável	130
4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	138
4.2.1 Parte I – Perfil dos Discentes Pesquisados	139
4.2.2 Parte II – As Características Empreendedoras dos Discentes	142

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
6 PARA ALÉM DA TESE.....	158
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICE A	181
APÊNDICE B	184
APÊNDICE C	188
APÊNDICE D	193

1 INTRODUÇÃO

No contexto da Educação Ambiental (EA) deve-se determinar as premissas que fundamentem uma tendência crítica que questiona as opções políticas e o próprio conceito de educação, constituindo-se em uma educação que seja mais criativa, inovadora e crítica, conseqüentemente, torna-se compreensível os diferentes modelos encontrados em projetos e programas formais e não formais, deixando esta de ser uma prática pedagógica monolítica¹ e passando a ser entendida no plural com diversas expressões (REIGOTA, 2009; LAYRARGUES; LIMA, 2011; LOUREIRO, 2012).

Desse modo, a questão central sobre os fundamentos e conceitos da EA não é apenas o de buscar um modelo padrão a ser conduzido pelos educadores, mas sim ela é uma educação que necessita ser constantemente repensada e avaliada em um processo educativo dinâmico, ou seja, ela não é uma educação qualquer nem uma educação específica (SATO; SANTOS, 2001; LOUREIRO, 2012).

De acordo com o Art. 3º da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), todos têm direito à educação ambiental incumbindo às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, a promoção de programas dedicados à capacitação dos trabalhadores, apontando para a melhoria e ao controle eficaz sobre o ambiente de trabalho; assim como à sociedade, que deve manter atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a ação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais.

A EA provoca nos indivíduos as questões vivas, aprender a reabitar coletivamente os meios de vida de modo responsável, em função de valores esclarecidos e afirmados: aprender a conviver juntos e, também, com outras formas de vida que compartilham e compõem o meio ambiente. De uma cultura do consumismo e da acumulação, estimulada por ideias pré-fabricadas, a EA pode conduzir a uma cultura do pertencimento, do engajamento crítico, da resistência, da resiliência e da solidariedade (SAUVÉ, 2016).

Portanto, o debate sobre a EA adentra escolas, universidades, organizações governamentais e não governamentais em que cada vez mais a relação entre ambiente e educação torna-se desafiadora, exigindo novos conhecimentos para compreender os processos sociais e os riscos ambientais que surgem (OLIVEIRA, 2019).

¹ Fig. que se comporta como um conjunto rígido, indivisível. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/monolitico/>. Acesso em: 11/03/2019.

Desse modo, percebe-se que a educação também é relevante para a concepção do empreendedor, sua relevância se reflete não só no nível educacional obtido, mas também no fato de que continua a desempenhar um grande papel na sociedade ao auxiliar os empreendedores a conduzir os problemas que enfrentam (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014). Para Dorion *et al.* (2015), a inserção da educação para o empreendedorismo no Brasil está emergindo, mas enfrenta barreiras decorrentes das estruturas ou estratégias pedagógicas. No entanto, o papel da educação é crucial ao promover novas ideias, criar negócios e inovações, ou seja, a participação da educação para desenvolver o empreendedorismo é inegável (LAURIKAINEN *et al.*, 2018).

Assim, define-se o empreendedor como aquele que detecta as oportunidades que as mudanças criam, sejam elas de base tecnológica, de preferência dos consumidores, de normas sociais entre outras, e cria um negócio assumindo riscos calculados (DRUCKER; 1998; DORNELAS, 2015). Afirma Dolabela (2010, p. 25), que “o empreendedor é alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade”. Para Martins (2010, p. 16), o termo empreendedor é utilizado para designar “as atividades de quem se dedica à transformação de conhecimentos em serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação na área da educação”.

O foco no tema Empreendedorismo Sustentável (ES), ainda é pouco explorado na produção científica no Brasil (BORGES *et al.*, 2011; BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2012), pois segundo Quintana e Quintana (2017), o termo “Empreendedorismo Sustentável” é recente na literatura, sendo observado que os documentos publicados mais antigos utilizavam a relação empreendedorismo *versus* desenvolvimento sustentável para designar o Empreendedorismo Sustentável.

Ainda de acordo com os autores, o tema ES é um espaço relevante para ser explorado pelas pesquisas científicas para entender como estabelecer uma boa relação entre o empreendedorismo e os aspectos econômicos, sociais e ambientais, e até diagnosticar o que tem sido efetivamente realizado nas instituições (QUINTANA; QUINTANA, 2017). Sarango-Lanlagui, Santos e Hormiga (2018) ressaltam que, no campo internacional, o termo Empreendedorismo Sustentável vem crescendo de modo mais intenso desde 2006.

Diante dessa perspectiva, aprendizagem empreendedora sustentável é aquela que envolve tanto as dimensões econômicas, quanto as da natureza, incluindo a resolução de problemas do meio ambiente, exemplos de oportunidades como: preservação dos recursos escassos da natureza, proteção do meio ambiente, reaproveitamento de materiais e geração de

fontes de energia se tornam artefatos das ações empreendedoras destinados a colaborar com a inclusão social e a redução da pobreza na sociedade (FREITAG, 2014).

O potencial do empreendedorismo no setor público está relacionado à adoção de técnicas de proatividade e inovação, o que pode colaborar para o alcance de uma maior efetividade da instituição pública, sendo evidente que para o empreendedorismo ser eficiente no serviço público é preciso adaptar a resistência e burocracia, os quais adiam o processo de inovação e melhoria (TEIXEIRA *et al.*, 2019). No entanto, as instituições públicas voltadas ao ensino podem motivar os profissionais a assumirem novas posturas a partir da conscientização sobre a importância da inovação em nível operacional e a inclusão da inovação interna entre as prioridades institucionais (FERRAS *et al.*, 2018).

O incentivo à inovação sob o foco legal pode ser observado no Decreto Nº 9.293/2018, que estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional. Segundo este Decreto, no seu Art. 2º, inciso II, os ambientes promotores da inovação referem-se aos espaços propícios à inovação e ao empreendedorismo. Portanto, estes ambientes articulam as empresas, os diferentes níveis de governo, as Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação, e as agências de fomento e envolvem:

Mecanismos de geração de empreendimentos - mecanismos promotores de empreendimentos inovadores e de apoio ao desenvolvimento de empresas nascentes de base tecnológica, que envolvem negócios inovadores, baseados em diferenciais tecnológicos e buscam a solução de problemas ou desafios sociais e ambientais, oferecem suporte para transformar ideias em empreendimentos de sucesso, e compreendem, entre outros, incubadoras de empresas, aceleradoras de negócios, espaços abertos de trabalho cooperativo e laboratórios abertos de prototipagem de produtos e processos (DECRETO Nº 9.293/2018, art. 2º, inciso II).

A Lei Nº 13.243/2016, considerada como um marco legal da ciência, tecnologia e inovação, dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação, apresenta como um dos seus princípios dispostos no Art. 1º, inciso IX, a promoção e continuidade dos processos de formação e capacitação científica e tecnológica.

Ressalta-se que as universidades e os institutos de pesquisa podem atuar como agentes impulsionadores do Empreendedorismo Sustentável, isso ocorre ao possibilitarem meios que facilitem as ações dessas empresas, que podem se refletir na capacidade inovadora e de produção, bem como em benefícios para a sociedade (ORSIOLLI; NOBRE, 2016). Em virtude da heterogeneidade da questão ambiental, torna-se necessário que os processos

educativos possibilitem condições para que os indivíduos adquiram conhecimentos, habilidades e atitudes para intervir de maneira participativa nas decisões referentes aos aspectos sustentáveis (QUINTAS, 2006).

Pesquisas no Brasil mostram que, embora após décadas de discussão e dos compromissos assumidos, o comprometimento das Instituições de Ensino Superior (IES) com a sustentabilidade é expresso como ações de gestão ambiental dos *campi*, muitas vezes decorrentes de iniciativas de alguns setores ou grupos de pesquisa, resultando que a incorporação da questão ambiental às atividades essencialmente acadêmicas continua muito distante do pretendido (MARINHO, 2014). Ainda, de acordo com o autor, a sustentabilidade permanece restrita à pesquisa e às disciplinas e cursos relacionados com a área ambiental. Isso porque alguns cursos podem não ter sequer oportunidade de contato com a questão devido à rigidez dos currículos; os laboratórios de pesquisa podem ser responsáveis por impactos ambientais significativos; ou porque a extensão tem sido desenvolvida, basicamente, através de projetos isolados por iniciativas de grupos de pesquisa (MARINHO, 2014).

Segundo Nassif *et al.* (2009), uma formação empreendedora deve apresentar uma visão holística e otimista, transformando os problemas em oportunidades, na qual os alunos precisam ser desafiados e encorajados a buscarem soluções inusitadas. Cabe ao professor, como gestor de sala de aula, ser um parceiro dessas ações empreendedoras, por meio de uma visão crítica, provocando-os na formação de novos conceitos, buscando o dialogo crítico e as relações entre as diversas esferas da sociedade. Ainda de acordo com os autores, várias opções são sugeridas no que se refere ao ensino visando à formação empreendedora, tais como: a elaboração de planos de negócios, palestras, estudos de casos, empresas júniores, pesquisas de campo e desenvolvimento da incubadora de empresas na universidade (NASSIF *et al.*, 2009).

Nesse sentido, torna-se importante que as IES proporcionem a Formação Empreendedora como forma de conduzir a sustentabilidade econômica, social e ambiental, na instituição como um todo. De acordo com Silveira e Sanches (2017), a formação empreendedora pode ser ensinada e é relevante para formar empreendedores, sendo que o seu estudo ainda está em crescimento, mas já existem várias práticas pedagógicas.

Nesse contexto, este estudo tem como objeto de pesquisa a Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A referida universidade localiza-se na cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, na região costeira. Segundo o Conselho Universitário (CONSUN), através da Resolução 014/87, essa “universidade tem como vocação natural a compreensão

das inter-relações entre os organismos, incluindo-se aí o homem e o meio ambiente” (FURG, 2018).

De acordo com o Art. 2º do Estatuto da universidade, suas atividades-fim são “de ensino, pesquisa e extensão, sendo estas desenvolvidas com o propósito de crescente integração, de modo que, indissociáveis, mutuamente se enriqueçam e se projetem na comunidade” (FURG, 2018). No Art. 4º destacam-se os fins específicos, e cabe aqui ressaltar quais deles estão diretamente relacionados com a proposta da Tese: “IV- promover o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, social, artístico e cultural; e V- educar para a conservação e a preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico e cultural, o desenvolvimento autossustentável e a justiça social” (FURG, 2018).

Assim, a Universidade Federal do Rio Grande torna-se uma importante IES para corroborar com o levantamento das possibilidades e dos limites necessários para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável. Mesmo que nos espaços não formais a Educação Ambiental ainda seja de difícil efetivação, precisa-se transformar esta realidade, e as IES são um dos caminhos para esta concretização. Afirmam Barbieri e Cajazeira (2016), que no âmbito das organizações em geral, o cerne de sua contribuição para o desenvolvimento sustentável consiste nessas em três dimensões da sustentabilidade organizacional: a econômica, a social e a ambiental.

O Art. 4º da Lei nº 9.795/99 aborda os princípios da Educação Ambiental, os quais serviram de suporte para o desenvolvimento desta pesquisa (BRASIL, 1999):

- I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Esses princípios serviram de base para integrar a Educação Ambiental com a proposta de uma Formação Empreendedora na IES adotada para este estudo. Nota-se que a relevância da abordagem ambiental, econômica e social sob o enfoque da sustentabilidade deve ser vista em sua totalidade, permeando as relações entre educação, trabalho e práticas sociais, por meio

de ações pedagógicas inter, multi e transdisciplinares associadas à Formação Empreendedora como garantia do processo educativo dentro da Instituição de Ensino. As ações interdisciplinares referem-se às íntegras informações, dados, técnicas, ferramentas, perspectivas, conceitos de duas ou mais disciplinas para avançar na compreensão fundamental ou para resolver problemas cujas soluções estão além do escopo de uma única disciplina ou campo de prática de pesquisa (COMMITTEE ON FACILITATING INTERDISCIPLINARY RESEARCH *et al.*, 2004). Já as ações transdisciplinares estão voltadas à educação nutrida por novas visões conceituais capazes de promover um pensamento que não mais fragmente, reduza ou dissocie a realidade (MORAES, 2018). Segundo Saito (2012), o Conselho Federal de Educação, em 1987, estabelece que a EA não deve constituir disciplina específica, tendo adquirido em sua formulação final o caráter de tema transversal.

Para que a Formação Empreendedora Sustentável (FES) tenha um bom desempenho e atinja os objetivos esperados, cabe enfatizar o papel do educador ambiental neste processo. Define-se como educador ambiental um mediador da compreensão das relações entre os grupos com os quais ele trabalha e o meio ambiente, ou seja, é um profissional capaz de compreender as relações entre sociedade e ambiente, tornando-se um facilitador das ações grupais ou individuais (CARVALHO, 2001; SANTOS; JACOBI, 2011).

Logo se percebe que o educador ambiental é fundamental para estimular as transformações de hábitos e práticas sociais, por meio de propostas pedagógicas promovendo a conscientização, desenvolvimento de conhecimentos, capacidade de avaliação e participação dos alunos, além de uma formação de cidadania ambiental na construção de uma sociedade sustentável (JACOBI, 2005; LIMA, 2012).

Para Oliveira (2019), o educador ambiental formal deve ser criativo, mas que para isso acontecer necessita internalizar para si mesmo as questões ambientais, sendo esse um profissional que supera os obstáculos apresentando as seguintes características, dispostas em categorias: legislação ambiental estruturante (inserir aspectos legais a formação); instrumentalização ambiental (formação de novas posturas/reformulação de suas metodologias com inovação); fazer ambiental pedagógico (aliar a teoria à prática, contribuir com a sustentabilidade local); atitude ambiental (refletir e compreender o processo ambiental como um todo/agir criticamente com metas transformadoras) e ação ambiental formal (formação pessoal e profissional/ideia de pertencer ao meio ambiente e se importar com ele).

Portanto, o papel do educador ambiental no contexto desse estudo torna-se relevante, pois cabe a ele dar assistência no planejamento e execução das ações necessárias para que de fato a Formação Empreendedora Sustentável se estabeleça dentro da Instituição de Ensino,

auxiliando na efetivação do conceito de empreendedorismo que já vem sendo trabalhado na universidade, para um significado mais amplo voltado para o equilíbrio das três dimensões econômicas, sociais e ambientais, sendo esse um desafio para este educador.

1.1 QUESTÃO-PROBLEMA

O desafio da universidade empreendedora na contemporaneidade envolve transformações institucionais que se enquadrem em um processo dinâmico e inovador, caracterizado pela associação da função extensionista às já existentes abordagens de ensino e pesquisa, direcionadas para um desenvolvimento que seja sustentável ao longo dos anos. A regulamentação das ações empreendedoras de uma universidade funda-se na execução de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas, difusão e transferência do conhecimento que é produzido na mesma, permitindo resultados sustentáveis às estruturas internas e externas e ao seu impacto ao meio ambiente. Dessa forma, é necessário pensar as ações institucionais, incluindo temas como desenvolvimento sustentável e empreendedorismo (CASADO; SILUK; ZAMPIERI, 2012).

Dentre as pesquisas concretizadas pela Endeavor Brasil² sobre o empreendedorismo, se destaca o trabalho “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2016”. A pesquisa mostra que o ensino do empreendedorismo nas universidades pode exercer relevante papel no processo de inovação e desenvolvimento econômico, social e ambiental dos países. Foram entrevistados 2.230 alunos e 680 professores de mais de 70 Instituições de Ensino Superior do Brasil. De acordo com os resultados da pesquisa, 6% dos universitários brasileiros já são empreendedores e outros 21% pretendem empreender no futuro. Entre os principais resultados, chegou-se à conclusão de que há um descompasso entre o que as universidades estão oferecendo e o que os alunos demandam, o que pode explicar o contexto pouco dinâmico do empreendedorismo na maioria das universidades do país (SEBRAE, 2017).

Esse estudo da Endeavor Brasil (2016) relata que a maioria dos professores (65%) está satisfeita com as iniciativas já feitas, mas, por outro lado, apenas 36% dos alunos estão satisfeitos com estas iniciativas. Mais da metade dos alunos empreendedores demandam também iniciativas tais como incubadoras, eventos e programas de acesso a investidores, mas apenas 23% das universidades oferecem esse tipo de serviço. As principais descobertas desse

² A Endeavor é uma organização global sem fins lucrativos com a missão de multiplicar o poder de transformação do empreendedor brasileiro. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 29/09/2017.

estudo foram que as universidades não possuem uma estrutura que apoia a jornada completa do empreendedor e estão desconectadas da sociedade, no que se refere ao empreendedorismo.

As discussões sobre empreendedorismo no Brasil têm se intensificado por meio da divulgação de programas de apoio, de cursos especializados, de publicações, de eventos e de pesquisas, podendo esse tema ser incorporado às grades curriculares das Instituições de Ensino Superior, como por exemplo, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração (CNE/CES, 2005), que sugerem um perfil para que o administrador amplie a sua capacidade empreendedora. Essas instituições podem promover o empreendedorismo por meio de diferentes iniciativas como: concursos de ideias de negócios, incubadoras de empresas, investimentos em novas metodologias para a formação empreendedora e incentivo à criação de empresas juniores (MENEZES; COSTA, 2016).

De acordo com Rocha, Seifert Junior e Krug (2016), as incubadoras universitárias de empresas têm por objetivo acolher as empresas inovadoras provenientes de projetos de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico. No seu processo de incubação de empresas, a Universidade Federal do Rio Grande apresenta a Incubadora Innovatio, a qual tem por finalidade estruturar o processo de incubação de empresas de base tecnológica por meio do desenvolvimento da cultura empreendedora, estando também incumbida de apoiar empreendedores de base tecnológica nas fases de pré-incubação, incubação e pós-incubação, propiciando ambiente e condições de funcionamento apropriado (INNOVATIO FURG, 2017).

A teoria voltada para a área que abrange as organizações com outros fins além do econômico ainda está em processo de formação, sendo ainda necessário desenvolver mais estudos voltados para o tema, identificando oportunidades de negócios sustentáveis que solucionem problemas sociais e ambientais na sociedade (BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2012). As empresas estão buscando aumentar o seu desempenho não apenas pela dimensão econômica da organização, fazendo com que as dimensões sociais e ambientais em seus produtos e serviços tenham maior atenção por parte de pesquisadores acadêmicos e executivos, assumindo que essas perspectivas podem influenciar o desempenho econômico e financeiro de negócios (ABBADE; MORAES; SPANHOL, 2014).

Apesar das lacunas que existem na efetividade dos serviços públicos brasileiros, os negócios sustentáveis já estão se formando em todo país, em decorrência das preocupações com um novo modelo de desenvolvimento, que estão incentivando a emergência dos processos produtivos mais eficientes e menos intensivos em recursos não renováveis, como dispõe o documento “Visão Brasil 50: nova agenda para as empresas”, elaborado pelo

Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável – CEBDS (FERREIRA, 2014). No entanto, torna-se relevante entender como as empresas sustentáveis criam valor além dos limites das empresas, contribuindo positivamente para as questões sociais e ambientais (SARANGO-LANLAGUI; HORMIGO, 2018).

Contudo, a relevância da qualidade da Educação Ambiental aplicada e desenvolvida no cenário empresarial brasileiro ainda continua desconhecida, pois os relatos publicados são escassos, ressaltando-se que os programas de Educação Ambiental das empresas ainda procedem de condicionantes de licenças ambientais, sendo, portanto obrigatórios; para obtenção dessas, as empresas necessitam atender às exigências incluídas em um Termo de Referência (TR), que nem sempre está disponibilizado publicamente, tendo como principal objetivo fornecer subsídios para a elaboração de programas de EA a serem considerados pelo empreendedor (PEDRINI, 2008).

Diante desse contexto se propõe a seguinte **questão de pesquisa**: a partir dos princípios do campo da Educação Ambiental, quais as possibilidades e os limites para uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior no Rio Grande do Sul?

1.2 OBJETIVOS

Para Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 75), “os objetivos que se têm em vista definem, muitas vezes, a natureza do trabalho, o tipo de problema a ser selecionado, o material a coletar, etc.” Portanto, para responder a questão de pesquisa é necessário alcançar alguns objetivos, explicitados a seguir.

1.2.1 Objetivo Geral

Propor as possibilidades e os limites para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior no Rio Grande do Sul, a partir dos Princípios do Campo da Educação Ambiental.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Verificar a percepção dos gestores da universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável na instituição.
- 2) Verificar a percepção dos discentes sobre o Empreendedorismo Sustentável na instituição.
- 3) Constatar as habilidades e as limitações dos discentes para a viabilização da Formação Empreendedora Sustentável.

1.3 JUSTIFICATIVA

Esse estudo se justifica pela busca de maior relevância do Empreendedorismo Sustentável nas IES, como elemento essencial para contribuir na melhora dos indicadores econômicos, sociais e ambientais, por meio da formação sustentável. Em vista disso, cabe aprofundar a discussão sobre uma proposta de Formação Empreendedora Sustentável a partir dos princípios do campo da Educação Ambiental em uma IES.

No contexto histórico das Instituições de Ensino Superior, a Universidade Federal do Rio Grande é considerada uma universidade pioneira na criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental ao nível de Mestrado e de Doutorado no Brasil sendo, até o momento, o único com estas características no país.

O Mestrado em Educação Ambiental (MEA) da FURG surgiu da percepção da relevância da Educação Ambiental para fazer face à crise socioambiental brasileira e mundial, facilitada pela filosofia da universidade. De acordo com o Conselho Universitário (CONSUN) através da Resolução 014/87, a universidade apresenta como vocação institucional o Ecossistema Costeiro que orienta as atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio de uma filosofia unificadora que estabelece políticas coerentes a serem aplicadas no estudo de situações reais e específicas capazes de colaborar para a melhoria das condições de vida das comunidades abrangidas pela ação da universidade (FURG, 2018).

Sendo assim, em 1987 a universidade já havia definido em suas ações a relevância da relação homem e meio ambiente. Em 1993 articulou-se um grupo pluridisciplinar de docentes que, depois de conversa com o Reitor, decidiram dar início ao processo de organização do MEA. A resposta recebida do Ministério da Educação (MEC) indicava a abertura de um curso de especialização, tendo em vista a falta de experiência do Brasil na área da Educação Ambiental, mas a comissão organizadora do MEA decidiu manter o Curso no nível de Mestrado e a aula inaugural ocorreu em 05 de setembro de 1994 (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2017).

O Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da FURG possui o nível de Doutorado desde 2006, apresentando como meta a formação de docentes-pesquisadores capazes de contribuir para produção de conhecimentos e sua transformação no campo da Educação Ambiental, a partir de um enfoque científico, humanístico e interdisciplinar das questões educacionais, ecológicas e socioambientais (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2017).

De acordo com Kitzmann *et al.* (2015), a partir de 2011 a universidade começa a organização de sua gestão ambiental, articulando docentes e técnicos vinculados às diferentes unidades acadêmicas, à administração superior da FURG e às Pró-Reitorias de Infraestrutura – PROINFRA e de Extensão e Cultura – PROEXC. Foram desenvolvidos dois workshops (“I Workshop Sobre Sustentabilidade na Universidade: Construindo uma Política de Gestão Ambiental para a FURG”, ocorrido em 22 de maio de 2012; e o “II Workshop sobre Sustentabilidade na Universidade: A Política de Gestão Ambiental” em 24 de junho de 2014), que consolidaram o texto final da proposta de uma Política Ambiental, enviada para apreciação do CONSUN, que a aprova em 2014 (FURG, 2014).

Recentemente, a FURG assinou o termo de adesão à Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P), no dia 03 de maio 2018, para promover a conscientização de uma cultura da utilização coerente e racional dos recursos naturais e dos bens públicos. A A3P constitui um programa do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e não prevê repasse de verbas. Seu objetivo é propor a execução de ações socioambientais em consonância com a Política Ambiental (FURG, 2014) da universidade e as normas estabelecidas para o serviço público.

No entanto, observa-se que algumas IES, além da preocupação com a questão ambiental, identificam a orientação para a sustentabilidade como elemento estratégico de desenvolvimento institucional. A adoção de um foco moral e socialmente relevante requer aumento e difusão de conhecimentos variados, trabalho integrado, aproximação entre teoria e prática, lidar com complexidade, incerteza e prática efetiva de interdisciplinaridade como fator de contínua evolução em todas as áreas (MARINHO, 2014).

Assim, ressalta-se que as universidades são os agentes mais recomendados, tanto pela capacidade como pela responsabilidade que oferecem, para gerar ideias e ações que procurem resolver ou amenizar situações de diferentes áreas e segmentos na sociedade, referentes ao meio ambiente e a problemas econômicos e sociais, bem como assuntos de melhorias educacionais e de desenvolvimento tecnológico (CASADO; SILUK; ZAMPIERI, 2012). Otero e Knobel (2008, p.179) afirmam que “mudar a forma de consumir, produzir e descartar

são alterações complexas, acrescidas do enorme desafio que é inserir a Educação Ambiental (EA) em um campo de atuação marcado pela competição”.

Portanto, o principal objetivo do Empreendedorismo Sustentável é produzir bens e serviços que atuem nas soluções dos problemas da sociedade. Assim, o potencial de uma oportunidade para gerar valor econômico, social ou ambiental está atrelado à sua capacidade de ampliar a fronteira de produção, ou seja, o quanto ela permite a introdução de novos bens e serviços que maximizem, de maneira integrada, a solução dos problemas sociais, ambientais e econômicos da sociedade (BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2012).

Em vista disso, toda universidade, especialmente as universidades públicas, precisam ter o compromisso com a sociedade e o seu entorno, isso não é diferente com a FURG que busca preparar “sólidos conhecimentos capazes de dar dinâmica às organizações, produzindo e transferindo tecnologias, gerenciando com eficiência seus sistemas básicos de ensino, pesquisa e extensão” realizando projetos que apontam para o desenvolvimento local e regional sustentável (NOBRE; ANELLO, 2017, p.183). A Resolução 32/2014 do CONSUN, que dispõe sobre a Política Ambiental da FURG, considera:

a Agenda 21 Brasileira, cujo objetivo 06 trata da educação permanente para o trabalho e a vida prevê que é preciso “converter os *campi* universitários em centros de referência, pesquisa e desenvolvimento, voltados para a capacitação em desenvolvimento sustentável, estimulando seus vínculos com os projetos de desenvolvimento regional, de combate à pobreza, de fortalecimento da identidade cultural e de implantação de projetos de interesse local (FURG, 2018).

Cabe enfatizar que um dos princípios mais relevantes para este estudo é um dos princípios da Política Ambiental da FURG, qual seja, a Sustentabilidade, que se refere a “assegurar o uso do meio ambiente de maneira a garantir o equilíbrio dos processos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável, para usufruto desta e das futuras gerações” (FURG, 2014, Art. 2º, inciso I).

Para se tornarem sustentáveis, as ações empreendedoras precisam ser ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente e culturalmente justas. Sendo assim, a Formação Empreendedora Sustentável mostra-se como um possível caminho a ser trilhado pela Universidade Federal do Rio Grande para atingir seus objetivos, no que se refere ao seu comprometimento com a sustentabilidade, com o seguinte objetivo da Política Ambiental: “incorporar os temas da sustentabilidade nas ações de ensino, pesquisa e extensão, nos currículos de graduação e pós-graduação e nas ações de capacitação dos servidores” (FURG, 2014, Art. 3º, inciso VI).

1.4 DELIMITAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

O tema de pesquisa enfoca a Educação Ambiental e suas potencialidades e limites quanto à Formação Empreendedora Sustentável nas Instituições de Ensino Superior, tendo como objeto de estudo a Universidade Federal do Rio Grande, trazendo como sujeitos de pesquisa a Administração Superior, Unidades Acadêmicas, Diretoria de Inovação Tecnológica e os Discentes matriculados nas disciplinas relacionadas ao empreendedorismo.

Para propor as possibilidades e os limites de uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior, a partir dos princípios do campo da Educação Ambiental, a pesquisa foi desenvolvida em um ambiente da educação não formal da referida instituição.

1.5 ESTRUTURA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A estrutura metodológica da pesquisa é composta pelo método descritivo-exploratório, cujos procedimentos constam de uma pesquisa do tipo Estudo de Caso, com abordagem qualitativa e quantitativa.

Na fase qualitativa, foi verificada a percepção sobre a Formação Empreendedora Sustentável na instituição, por meio de entrevistas em profundidade com a Reitora, Vice-Reitor, Pró-Reitor de Graduação, diretores das Unidades Acadêmicas e a diretora da Direção da Inovação Tecnológica, analisando estas informações por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Ainda na fase qualitativa, também foi verificada a percepção dos discentes sobre o Empreendedorismo Sustentável na instituição.

O termo “percepção”, considerado nesta tese, refere-se à definição que consta na maioria dos dicionários, com base conceitual desenvolvida nos campos da psicologia comportamentalista: ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem e representação intelectual (MARIN, 2008). O psicólogo Hochberg afirma que a percepção é um dos mais antigos temas de reflexão de pesquisa nos estudos do homem, com o propósito de explicar as observações feitas pelos indivíduos sobre o mundo em que estão inseridos (HOCHBERG, 1973).

Na fase quantitativa, foi possível constatar, através da análise descritiva dos dados (*Scala Likert*) e da análise fatorial exploratória, as habilidades e as limitações dos discentes

que darão subsídio à viabilização da Formação Empreendedora Sustentável, utilizando um questionário estruturado aplicado aos discentes matriculados nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo na instituição.

Os autores que embasaram a metodologia da pesquisa foram Oliveira (2003); Cervo; Bervian; Silva (2007); Fávero *et al.* (2009); Martins; Theóphilo (2009); Hair *et al.* (2009); Vergara (2010); Yin (2010); Bardin (2011); e Alves; Filho; Henrique (2015). Os procedimentos metodológicos indicados para a pesquisa estão dispostos no capítulo 3.

1.6 ESTRUTURA DA TESE

Para cumprir os objetivos sugeridos, esta tese apresenta-se em seis capítulos, sendo que o capítulo 1 trata da questão de pesquisa, dos objetivos de estudo, da justificativa, da delimitação do tema e dos métodos de pesquisa adotados para a investigação. Já no capítulo 2 está descrita a revisão teórica, iniciando-se com o tema Educação Ambiental nos espaços não formais e formais, seguido da sua relação com as Instituições Públicas e as Instituições de Ensino Superior.

Na sequência, desenvolve-se um referencial sobre o Empreendedorismo Sustentável, abordando o Social, o Ambiental e a Responsabilidade Socioambiental. E, por fim, as Contribuições da Educação Empreendedora constituída pela Formação Empreendedora, destacando também o seu papel nas IES, assim como os Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHA) Empreendedoras.

No capítulo 3 consta o detalhamento das práticas metodológicas, descrevendo a coleta e a forma de tratamento dos dados. Já no capítulo 4 foi desenvolvida a análise e a interpretação dos resultados. Consequentemente, o capítulo 5 exhibe as considerações finais e o capítulo 6 apresenta para além da tese, e por fim as referências e os apêndices.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS

A educação deve surpreender, cativar, conquistar os alunos a todo instante. A educação necessita causar encantamento, deve seduzir, mostrar oportunidades e realizar novos exercícios, abordando, assim, novos conhecimentos, ou seja, a universidade deve ser um dos espaços de intervenção social e de vida, um espaço distinto para experimentar as circunstâncias desafiadoras do presente e do futuro (MARTINS, 2010). Portanto, torna-se preciso e urgente enraizar uma educação que tenha como incumbência fortalecer as condições da emergência de seres humanos conscientes, comprometidos eticamente na construção da sustentabilidade, em busca de um mundo melhor, por meio de práticas pedagógicas que potencializem a evolução do pensamento humano (CÔRREA, 2009).

Ainda que a produção acadêmica sobre Educação Ambiental no Brasil seja ampla, pouco se sabe sobre os diversos aspectos dessa produção, sobre o alcance dos estudos realizados, sobre os principais recortes das investigações, as linhas de pesquisa, os caminhos percorridos, as lacunas existentes, os centros de produção, entre outros (FRACALANZA, *et al.*, 2008). De acordo com Guimarães (2013, p.15) “parece que essa EA não está sendo eficaz para enfrentar a crise socioambiental que vivenciamos”. Em um comparativo do quadro atual com 30 anos atrás, observa-se o quanto a EA conquistou espaço na sociedade; mas atualmente a sociedade degrada mais o meio ambiente do que há 30 anos, e para compreender esse paradoxo é necessário levar em conta as diversas propostas de EA, com as diferentes visões de mundo (GUMARÃES, 2013).

Em um terreno político e ideológico, a Educação Ambiental surgiu como sugestão ao enfrentamento da crise por meio da articulação entre as dimensões social e ambiental (VENTURA; SOUZA, 2010). Adams e Gehlen (2008, p. 21) relatam que a “educação ambiental é um processo que envolve diferentes aspectos que devem ser levados em conta para que ocorra a aprendizagem significativa”. De acordo com a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, Art. 1º, entende-se por Educação Ambiental

os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

A partir desta definição, nota-se a importância da Educação Ambiental no processo da Formação Empreendedora Sustentável nas IES, pois é por meio dela que os indivíduos estabelecem conceitos e ações voltadas para a conservação do meio ambiente, buscando garantir a sustentabilidade econômica, ambiental e social. Afirmam Fernandes e Silva (2017), que é por meio da EA empreendedora que se verifica o empoderamento do indivíduo, a fim de capacitá-lo e qualificá-lo para exercer sua cidadania de forma consciente e responsável, na qual o indivíduo agirá como elemento transformador da sociedade, solucionando problemas que se perpetuam por anos.

De acordo com Queiroz e Guimarães (2016), entende-se por EA o processo de compreensão da realidade, um objeto de luta por sua transformação erguendo maior igualdade e justiça socioambiental na construção da sustentabilidade, buscando outro padrão de sociedade. “A educação ambiental visa construir uma ‘identidade’ ambiental para dar significado ao nosso ser no mundo, para desenvolver um pertencimento ao meio de vida e a promover uma cultura do engajamento” (SAUVÉ, 2016, p. 293).

Sendo assim, a EA ocorre na relação entre o eu e o outro, por meio de práticas sociais reflexivas fundamentadas teoricamente. Essa educação busca romper com a perpetuação das relações de poder e interesse globais, com a submissão das necessidades vitais à necessidade do lucro, com a indiferença para com os ecossistemas quando estes não são de interesse do ser humano diretamente, e com a insubordinação da vida ao econômico, problematizando de maneira crítica, a possibilidade do existir com dignidade sob o capitalismo (LOUREIRO, 2012).

Pozenato (2017, p. 42) afirma que:

a Educação Ambiental, seja qual for o âmbito que se desenvolva, o público ou a estratégia empregada, apresenta um especial potencial transformador e se constitui um importante campo de desenvolvimento dos valores, dos conhecimentos, das habilidades e das atitudes na interação entre *o eu/o outro, o eu/eu, e o eu/e o ambiente*, em uma perspectiva comprometida, aliada à práxis de viver.

Portanto, torna-se evidente a necessidade de mudar o comportamento do homem em relação à natureza. Para isso, o processo de educação estudado pode fazer uso de diversos meios, como: discussões em classe e em grupo, trabalhos em grupo, debates, proporcionar reflexões, elaborar projetos, explorar o ambiente local, fazer passeios em trilhas ecológicas, firmar parcerias com Secretarias de Educação dos Municípios, incentivar o ecoturismo, promover atividades junto à comunidade, formular programas de orientação ambiental, entre outras (NASCIMENTO, 2012).

Essa mudança deverá ser esboçada a partir de uma estratégia que concilie o desenvolvimento humano e da natureza, deste modo será necessária a implementação de programas capazes de promover a relevância da Educação Ambiental, a importância da adoção de ações que visem à sustentabilidade e a diminuição do impacto que as atividades humanas venham a ter no ecossistema (ROOS; BECKER, 2012).

A EA no Brasil ainda se constitui de maneira precária como uma política em educação, haja vista a ausência de programas e recursos financeiros que venham a implementá-la como parte constitutiva das políticas sociais e inserida, de forma orgânica e transversal, no conjunto de ações de carácter público, que podem garantir a justiça social e a sustentabilidade (LOUREIRO, 2012).

Sendo assim, a Educação Ambiental busca uma nova maneira de educar, voltando-se tanto para os espaços de educação formal, assim como para a educação não formal ocorrida nas ONGs, associações, empresas, cooperativas, bem como espaços informais que permeiam todas as questões socioambientais (ADAMS; GEHLEN, 2008; NASCIMENTO, 2012).

A Lei 9.795/99, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) afirma que as demandas da Educação Ambiental se dividem em duas categorias básicas: 1) Educação Formal: “aquela desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas”, envolvendo os estudantes da Educação básica, superior, especial, profissional e de jovens e adultos (Art. 9º); e 2) Educação Não Formal: “ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente” (Art. 13), abrangendo todos os segmentos da população, como por exemplo, grupos de mulheres, jovens, trabalhadores, políticos, empresários, associações de moradores, profissionais liberais, dentre outros.

Destaca-se ainda que o Artigo 13 da PNEA indica que o Poder Público, em nível Federal, Estadual e Municipal, incentivará, dentre outros,

- I - a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas, e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente;
- II - a ampla participação da escola, da universidade e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à educação ambiental não formal;
- III - a participação de empresas públicas e privadas no desenvolvimento de programas de educação ambiental em parceria com a escola, a universidade e as organizações não-governamentais (BRASIL, 1999).

Para Guimarães e Vasconcelos (2006), a educação não formal deve incorporar informação, ensino aprendizagem e entretenimento em prol da promoção da cultura e

construção de valores, que reflitam o aumento do empoderamento da população, a partir do aumento das suas ações como cidadão. Para isso, a educação deve também trabalhar para desmistificar a ciência e motivar o pensamento problematizador crítico e investigador na compreensão e ação dos problemas sociais e ambientais do planeta.

Conforme Abreu (2008, p. 87), a “EA vem ganhando mais espaço no segmento empresarial desde que o bom desempenho ambiental, tornou-se diferencial competitivo no mundo dos negócios”. Danciguer; Carvalho; Macarini (2007, p. 166) afirmam que “a EA vem se constituindo como essencial a qualquer programa de desenvolvimento empresarial, mas com árduo caminho pela frente”. Já para Santos (2008, p. 154), “o uso dos estudos ambientais na Educação Ambiental Empresarial (EAE), objetiva a melhoria do processo produtivo de um empreendimento de forma a evitar, controlar, reduzir ou minimizar os efeitos ambientalmente negativos”.

Constata-se que é necessário haver uma mudança na educação, por meio de processos educativos em todos os contextos, principalmente nos ambientes empresariais destacando que a “EA assume papel crucial, pois possibilitará sua inserção em todos os setores da empresa, de maneira articulada e sistêmica, promovendo a interdisciplinaridade, que é uma das principais características desse fazer educacional” (ADAMS; GEHLEN, 2008, p. 25). Quanto às IES, a EA pode estar presente em todas as disciplinas com temas que permita focar as relações entre os indivíduos, planeta e a sociedade, sem deixar de lado as suas especificidades (REIGOTA, 2009).

Segundo Borges *et al.* (2015), a educação é fundamental para o desenvolvimento de novas ideias. Entretanto, é ainda preciso a participação das pessoas na comunidade para desenvolver sentimentos mais complacentes aos demais, o que impulsionaria no meio social o surgimento de novos negócios voltados ao bem-estar das futuras gerações.

Nos espaços não formais de educação os desafios ainda são muitos no que se refere às ações efetivas de EA. Apesar disso, alguns estudos têm contribuído para transformar a realidade contemporânea, partindo do princípio de que a EA tem condições de colaborar na promoção de mudanças das relações socioambientais (QUEIROZ; GUIMARÃES, 2016).

Para Guimarães e Vasconcelos (2006), a educação não formal por ter uma organização espaço-tempo mais flexível, possui um relevante papel para popularizar o trabalho, é importante que estes espaços estabeleçam uma forte parceria com as escolas, já que estas são instituições com maior habilidade de promover a sistematização com continuidade do trabalho educativo de intervenção na sociedade. Desta maneira, a interação entre espaços educacionais (formal e não formal) podem potencializar a adoção de uma abordagem relacional no

processo educativo, sendo esta uma abordagem capaz de propiciar a necessária contextualização do conhecimento científico, que contemple a dimensão ambiental.

Portanto, este estudo estará voltado para a educação nos espaços não formais, por se tratar da participação em uma Instituição de Ensino Superior pública, que abre espaço para a discussão sobre a Formação Empreendedora Sustentável, com o intuito de fortalecer a sustentabilidade, por meio de atos educativos direcionados à sensibilização da comunidade acadêmica sobre as questões ambientais e sociais nos diversos ambientes acadêmicos na defesa do meio ambiente. Nesse sentido ressalta-se, que os resultados dessa Formação Empreendedora Sustentável poderão embasar ações tanto nos espaços de educação formal, quanto nos espaços não formais da IES.

2.1.1 Educação Ambiental nas Instituições Públicas

A trajetória de institucionalização da Educação Ambiental na esfera federal auxilia a entender o contexto de formação e como se fizeram presentes no aparelho de Estado os interesses que conformam o campo desde a implantação da política ambiental no Brasil. Esse processo, iniciado nos anos 1970, ocorreu no bojo de um projeto de desenvolvimento, em que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) e a desarticulação de sua Coordenação Geral de Educação Ambiental (CGEAM), em 2007, contribuíram para fragmentar a ação educativa de viés crítico, voltada ao fortalecimento da participação e do controle social das políticas de Estado (LOUREIRO; SAISSE, 2014).

A Educação Ambiental na gestão pública brasileira iniciou na Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA) ligada à Presidência da República (SEMA/PR), fundada em 1973, tendo como uma das principais funções educar a sociedade para a adequada utilização dos recursos naturais, visando à sua conservação, além de capacitação dos recursos humanos. Em 1984, a SEMA estabeleceu uma proposta educativa com o objetivo de desenvolver a educação e a mobilização comunitária na área ambiental, buscando construir uma política para a Educação Ambiental menos conservadora, ainda que não fosse hegemônica e nem tivesse maior articulação com os departamentos sociais (SAISSE, 2011).

A construção da educação no processo de gestão ambiental pública pelo IBAMA permitiu não só a consolidação de um espaço crítico nas práticas educativas vinculadas às ferramentas da gestão ambiental, como permitiu a explicitação das diferenças existentes na própria Educação Ambiental. O que se observa é que a EA, apesar da fragmentação

institucional, se sustentou na condição de perspectiva de trabalho do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e de setores significativos do IBAMA, mostrando sua consistência teórico-metodológica e perspectiva política, na luta por justiça ambiental e social no Brasil (LOUREIRO; SAISSE, 2014).

A criação do IBAMA ocorreu em 1989, a partir da fusão de quatro instituições que atuavam na área ambiental - Secretaria do Meio Ambiente (SEMA/PR), Superintendência da Borracha, Superintendência da Pesca e o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), das quais somente a SEMA/PR possuía a área de educação estruturada e apresentava maior capacidade para acompanhar os debates sobre área ambiental. Tal fato justifica-se por serem os demais órgãos, em sua origem, voltados para dar incentivos fiscais e fomentar o desenvolvimento econômico, não tendo qualquer relação com a preservação ambiental. Assim, a EA inicia-se no IBAMA como uma Divisão vinculada à Diretoria de Incentivo à Pesquisa e Divulgação Técnico-Científica – DIRPED, apresentando seus princípios fundamentados na ação educativa da extinta SEMA/PR (SAISSE, 2011).

No entanto, cabe ao IBAMA

a tarefa de orientar e dirigir o desenvolvimento dos programas, projetos e ações de mitigação e compensação ambiental, dentre eles a EA; realiza isso a partir de orientações e normas técnicas gerais e Termos de Referências específicos para cada empreendimento [...] Tal tarefa exige do analista ambiental conhecimento específico sobre o empreendimento, a região onde está inserido, estudos ambientais e procedimentos de avaliação de impacto ambiental, em especial os impactos no meio socioeconômico. O técnico do IBAMA responde pelo interesse público e tem obrigação de cumprir a legislação com base na norma técnica (ANELLO, 2009).

As primeiras Diretrizes da Educação Ambiental no IBAMA foram elaboradas pela Divisão de Educação Ambiental (DIED), em 1991. Em 1992, foram criados, no IBAMA, os Núcleos de Educação Ambiental (NEA), vinculados ao gabinete das superintendências estaduais, com o objetivo de operacionalizar as ações educativas no processo de gestão ambiental na esfera estadual, descentralizando-as. É interessante notar que esse é um movimento recorrente na história desse órgão ambiental, retomado em 2007, quando a Coordenação Geral de Educação Ambiental (CGEAM) foi extinta, suscitando um movimento interno dos educadores e servidores em geral pela reinstitucionalização da área que, por não ter sido retomada, causou nova movimentação em 2010 (SAISSE, 2011).

O Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) que está em sua 5ª edição (2018), reconhecido por todos os governos como eixo norteador da sustentabilidade ambiental, foi executado pela coordenação de Educação Ambiental do Ministério da Educação (MEC) e pelos setores correspondentes do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e

do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), sendo esses responsáveis pelas ações destinadas ao sistema de ensino e à gestão ambiental, destacando 3 (três) componentes: capacitação de gestores e educadores, desenvolvimento de ações educativas e desenvolvimento de instrumento e metodologias (ProNEA, 2018).

O referido Programa considera em suas diretrizes a EA como um dos instrumentos fundamentais da gestão ambiental. O ProNEA exerce um relevante papel na orientação de agentes públicos e privados para a reflexão, a construção e a implementação de políticas públicas que almejam a sustentabilidade socioambiental. Assim, propicia-se a oportunidade de realçar experiências bem-sucedidas, como a interação entre professores e técnicos ambientais em programas de formação, além de apresentar como um dos seus objetivos a relevância de promover processos de formação continuada em EA, tanto na área formal, quanto na área não formal abrangendo a sociedade como um todo (ProNEA, 2018).

A experiência do educador ambiental em formação *in loco*, possibilita a sua participação na constituição de uma nova sociedade, que apresenta como alicerce: cuidado, respeito à diversidade, igualdade, emancipação, liberdade, democracia, ética e justiça socioambiental, sendo esses valores que buscam melhores condições de vida. Confirma-se, assim, uma postura científica do trabalho de campo como atividade acadêmica com compromisso social, voltada para as demandas da comunidade e para o processo de transformação da realidade, colaborando com a construção de uma sociedade socioambientalmente sustentável (QUEIROZ; GUIMARÃES, 2016).

Piazza *et al.* (2017), em sua pesquisa sobre Instituições de Ensino e a EA, mais especificadamente as instituições públicas, constatou que a EA está se inserindo nos cursos fundamentais, médios e superiores de maneira muito lenta, e não é dada a devida relevância às diretrizes da Educação Ambiental ao contrário do previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental - DCNEA (2012). Sendo assim, é fato que devido à rapidez da degradação ambiental e social, as instituições deveriam repensar os seus métodos pedagógicos em que a EA terá um papel mais importante, não somente na área acadêmica, mas na sociedade como um todo.

Nesse contexto, Frade e Resende (2018) reforçam que a Resolução Nº 02/2012 do Ministério da Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental é um dos mais recentes instrumentos legais que orientam as ações de Educação Ambiental para a construção de currículos e programas em todos os níveis de ensino, com atividades que contribuem para a formação de profissionais de visão ética e humanística.

Ainda segundo os autores, não há nenhuma orientação sobre como a formação para a EA será considerada no currículo escolar.

2.1.2 Educação Ambiental nas Instituições de Ensino Superior

No Brasil, ao longo dos anos, diversas instituições vêm se dedicando ao desenvolvimento de ações e pesquisas na área ambiental. Essas se concentram em Instituições de Ensino Superior e Centros de Pesquisa ou Organizações não Governamentais (ONGs). A pesquisa em Educação Ambiental é diferente de pesquisa realizada na área ambiental, pois são diferentes os seus objetos de investigação e procedimentos de pesquisa. De fato, determinadas investigações que têm como objeto aspectos do ambiente apresentam propostas de Educação Ambiental que usualmente foram conduzidas pelos próprios pesquisadores (FRACALANZA *et al.*, 2008). Barbieri e Silva (2011) reafirmam que um dos pontos relevantes à implementação da EA dentro dos objetivos, princípios e diretrizes do desenvolvimento sustentável, está atrelado às contribuições das Instituições de Ensino Superior.

As IES, através de seus Programas de Pós-Graduação, apresentam cursos que se relacionam com a área ambiental e, com isso, permitem o desenvolvimento de pesquisas em Educação Ambiental. Contudo, a maior parte das pesquisas tem como objeto de investigação aspectos do meio ambiente, cabendo destacar que as pesquisas analisam a Educação Ambiental apenas em parte de seus trabalhos. Algumas, porém, têm como objeto de investigação aspectos da própria educação e de sua relação com o ambiente (FRACALANZA *et al.*, 2008). No Brasil, as pesquisas em Educação Ambiental realizadas em Cursos de Pós-Graduação de diferentes IES, têm sido lançadas em programas conectados a diversas áreas de conhecimento: Agronomia; Arquitetura e Urbanismo; Biologia; Ciências Sociais; Direito; Economia e Administração; Educação; Engenharias; Geologia ou Geociências; Geografia; História; Medicina e Saúde Pública; Veterinária (FRACALANZA *et al.*, 2008).

Durante a realização da Conferência Regional de Educação Superior (CRES) em 2008, os temas desenvolvimento sustentável, direitos humanos, democracia e paz são temas destacados e a Educação Superior é apontada como um bem público social, um direito humano e um dever do Estado. A CRES rejeita a mercantilização do ensino e a educação sem controle por parte dos Estados nacionais, que propiciam, assim, uma educação descontextualizada que aumenta a exclusão social, promove a desigualdade e concretiza o subdesenvolvimento. Além disso, a Conferência reafirma a atitude humanista da educação

superior, a defesa dos direitos humanos, a promoção do desenvolvimento sustentável, e que cada região construa seus entendimentos a partir das suas necessidades específicas (BARBIERI; SILVA, 2011).

No ano 1990 foi assinada a Declaração de Talloires³ por vinte dirigentes de IES, reunidos na Tufts University em Talloires, França, sendo a primeira declaração organizada por gestores acadêmicos. A Declaração⁴ garante que as IES tenham um papel relevante na educação, investigação, formação de políticas e no intercâmbio de informações necessárias para interferir na problemática ambiental (MARINHO, 2014).

Barbieri e Silva (2011) afirmam que essa Declaração é considerada um dos mais relevantes acordos voluntários voltados para as IES, tanto pela sua anterioridade quanto pela influência que exerceu em outros acordos, mas não aborda diretamente a EA, porém a inclui de maneira indireta, relativas aos objetivos das IES, buscando ações que incentivem as universidades a se comprometerem com a educação, pesquisa e formulação de políticas, com temas relacionados à população, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

O Quadro 1 apresenta um plano com dez ações citadas na Declaração Talloires ou Declaração de Líderes Universitários para um futuro sustentável, a saber:

Quadro 1 - Ações da Declaração Talloires (1990)

	AÇÕES
1.	Aproveitar todas as oportunidades para aumentar a conscientização do governo, da indústria, fundações e universidades para expressar publicamente, a necessidade de avançar em direção a um futuro ambientalmente sustentável.
2.	Incentivar a universidade a ser comprometida com a educação, investigação, formação política e intercâmbio de informações sobre questões relacionadas com a população, meio ambiente e desenvolvimento e, assim, alcançar futuro sustentável.
3.	Estabelecer programas especializados em gestão ambiental, desenvolvimento sustentável, demografia e questões relacionadas, a fim de garantir que os graduados universitários tenham uma formação ambiental e cidadã responsável.
4.	Criar programas para desenvolver e capacitar as universidades para ensinar sobre questões ambientais, nos níveis de graduação, pós-graduação e institutos profissionais.
5.	Ser um exemplo de responsabilidade ambiental através da criação de programas para a conservação de recursos, reciclagem e redução de resíduos dentro da universidade.
6.	Envolver o governo (em todos os níveis), fundações e indústrias, em apoio à pesquisa universitária, à educação, à formação de políticas e ao intercâmbio de informações sobre o desenvolvimento sustentável. Também ampliar esse trabalho a organizações não governamentais (ONGs), e assim encontrar soluções abrangentes para soluções de problemas ambientais.
7.	Reunir profissionais ambientais para desenvolver programas de investigação, formação e políticas de troca de informações, para alcançar um futuro ambientalmente sustentável.
8.	Buscar parcerias com as escolas do ensino primário e secundário para capacitar professores em

³ Declaración de Líderes de Universidades para um Futuro Sostenible (BARBIERI; SILVA, 2011).

⁴ As IES devem fornecer liderança e apoio para mobilizar recursos internos e externos, para que suas instituições respondam a este desafio urgente (TALLOIRES DECLARATION, 1990).

	questões de ensino, relacionadas com a população, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.
9.	Trabalhar com a Conferência de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas (UNCED), o Programa Ambiental das Nações Unidas (PNUMA) e outras organizações nacionais e internacionais, para promover um esforço universitário mundial, que pode levar a um futuro sustentável.
10.	Criar um Comitê Director e um secretariado para continuar esta iniciativa e para informar e apoiar-se mutuamente na implementação desta Declaração.

Adaptado: DECLARACION DE TALLOIRES (1990) <<http://ulsf.org>>.

A *Asociación de Líderes de Universidades para un Futuro Sustentable (ULSF)* serve como secretariado para a gestão da Declaração; ela trata a sustentabilidade como uma abordagem crítica ao ensino, pesquisa, operações e expansão do ensino superior através de publicações, pesquisa e avaliação. Em fevereiro de 2017, 502 instituições de 57 países, já haviam assinado a Declaração de Talloires, dentre os países encontra-se o Brasil com a participação de 52 universidades, entre elas a Universidade Federal do Rio Grande (ULSF, 2017).

Os *Principles for Responsible Management Education (PRME)*⁵ foram desenvolvidos em 2007 por meio de uma força-tarefa internacional, resultante do encontro de sessenta representantes oficiais das principais escolas de negócios e instituições acadêmicas, com o propósito de desenvolver uma plataforma global sob a coordenação do Pacto Global das Nações Unidas⁶ e das principais instituições acadêmicas. A força-tarefa PRME desenvolveu um conjunto de seis princípios de ações voltadas à educação para a gestão (PRME 10 YEARS, 2017). Sendo eles:

- 1) **Princípio do Propósito:** Desenvolver a capacidade dos alunos para serem futuros geradores de valor sustentável para as organizações e a sociedade em geral e para proporcionar uma economia global inclusiva e sustentável.
- 2) **Princípio de Valores:** incorporar em nossas atividades e currículos acadêmicos os valores da responsabilidade social global conforme abordados em iniciativas internacionais, como o Pacto Global das Nações Unidas.
- 3) **Princípio do Método:** Criar estruturas educacionais, materiais, processos e ambientes que possibilitam experiências efetivas de aprendizagem para liderança responsável.

⁵ PRME 10 years, disponível em: < <http://www.unprme.org> >. Acesso em 14/07/2017.

⁶ O Pacto Global é uma iniciativa desenvolvida pelo ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan, com o objetivo de mobilizar a comunidade empresarial internacional para a adoção, em suas práticas de negócios, de valores fundamentais e internacionalmente aceitos nas áreas de direitos humanos, relações de trabalho, meio ambiente e combate à corrupção, refletidos em 10 princípios. Disponível em: <http://www.pactoglobal.org.br>. Acesso em 14/07/2017.

- 4) **Princípio da Pesquisa:** Desenvolver pesquisas conceituais e empíricas que avancem na compreensão sobre o papel, a dinâmica e o impacto das corporações na criação de valor social, ambiental e econômico sustentável.
- 5) **Princípio da Parceria:** Buscar interação com os gerentes das empresas para ampliar o conhecimento sobre seus desafios no cumprimento das responsabilidades sociais e ambientais e para explorar abordagens conjuntamente eficazes para enfrentar esses desafios.
- 6) **Princípio do Diálogo:** Facilitar e apoiar o diálogo e o debate entre educadores, estudantes, empresas, governo, consumidores, mídia, organizações da sociedade civil e outros grupos interessados sobre questões críticas relacionadas à responsabilidade social global e à sustentabilidade.

A iniciativa PRME do Pacto Global das Nações Unidas convocou o Fórum Global sobre Educação para a Gestão Responsável de 2017 - 10 Anos de PRME, em conjunto com o Fórum Político de Alto Nível das Nações Unidas. Essa ação teve por objetivo ajudar a moldar o futuro da educação empresarial e apoiar o esforço global para alcançar os objetivos do desenvolvimento sustentável (PRME 10 YEARS, 2017). Conforme afirma Roos e Becker (2012, p.859), a Educação Ambiental pode ser um caminho do qual se pode estimular nas pessoas o interesse pela preservação do meio ambiente e assim ter-se uma sustentabilidade devida e correta.

2.2 EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL

O empreendedorismo é considerado como um campo de estudo em construção, ainda não existe um paradigma absoluto ou um consenso científico a esse respeito, portanto, pode ser visto como um conjunto de práticas capazes de garantir a geração de riqueza e uma melhor performance à sociedade (BAGGIO; BAGGIO, 2014). Para Zarpellon (2010), a sociedade tem demonstrado interesse no processo de geração de emprego e renda, por meio da criação de empresas em um processo de desenvolvimento socioeconômico.

Schumpeter (1988, p. 48) considerado um dos economistas clássicos da teoria do desenvolvimento econômico relata que “o empreendedor promove a inovação, sendo essa radical, pois destrói e substitui esquemas de produção vigentes”. Segundo Filion (1999), o progresso empreendedor depende da habilidade de instituir procedimentos de trabalho e de se concentrar em uma ou algumas visões emergentes. Zarpellon (2010) afirma que foram os

economistas que uniram o empreendedor à inovação e os comportamentalistas aos aspectos atitudinais, como a criatividade e a intuição.

McClelland (1973), em seus estudos sobre os aspectos comportamentais dos empreendedores, relata que os fatores que levam as pessoas a empreender são de natureza psicológica, mas não diretamente relacionada com a capacidade lógica, pois outros fatores como capacidade de se relacionar e a motivação para buscar sempre coisas novas e melhores a todo tempo são cruciais na formação de um empreendedor. Para Baggio e Baggio (2014), os brasileiros são vistos como potenciais empreendedores inovadores por apresentarem atitudes construtivas nas quais para eles não existem apenas problemas, mas sim problemas e soluções.

No entanto, enquanto no setor privado as contribuições e os desafios do empreendedorismo têm sido estudados, se observa que no setor público o processo é mais lento, sobretudo no Brasil, devido, dentre outras causas, haver poucas evidências verificadas cientificamente; e os setores público e privado apresentarem diferenças relevantes tornando complexa a transposição de práticas (BERGUE, 2011; DIENFEBACH, 2011). Todavia, as organizações sem fins lucrativos, nos últimos anos, foram incentivadas a utilizarem ferramentas de gestão que até então eram utilizadas pelas organizações com fins lucrativos, com o objetivo de se tornarem mais inovadoras e empreendedoras (SMITH, 2014; LIMA *et al.*, 2018).

O desenvolvimento de empreendedores no setor público apresenta duas conotações. De um lado, com sua visão de futuro, autonomia e tomada de risco que contribui com novas maneiras para maximizar a produtividade e a efetividade organizacionais. Por outro lado, representa riscos para a manutenção da democracia no setor público, no qual suas ações podem visar a interesses próprios, sendo assim o setor público pode estar diretamente correlacionado com a compreensão da capacidade e da limitação desse agente para a administração pública (VALADARES *et al.*, 2012).

Ferras *et al.* (2018) afirmam que nas IES públicas o seu modelo estrutural e administrativo pode representar um entrave para ações empreendedoras, enquanto nas IES privada o foco empreendedor está nas parcerias estabelecidas com o setor produtivo, tendo em vista o seu incentivo à comercialização da ciência.

Para Bernier (2014), mesmo que as recompensas sejam limitadas, as pessoas empreendem nas instituições públicas e que, quando isso ocorre, os funcionários conseguem inovar. Ferras *et al.* (2018), relata que os fatores Liberdade no Trabalho e Apoio da Direção, que são características voltadas à autonomia dos servidores no desempenho de suas funções,

foram os elementos que apresentaram menores contribuições à cultura empreendedora corporativa na IES pública pesquisada; e os fatores de influência que podem contribuir para as ações inovadoras na IES pública são: Identificação Organizacional, Recompensas e Incertezas nas Tarefas.

O avanço tecnológico e a modernidade nos últimos anos, tanto na iniciativa privada assim como na pública trouxeram benefícios à sociedade. Contudo, esses avanços provocaram danos ao planeta, como a destruição da camada de ozônio, a redução da biodiversidade, o aquecimento global e a poluição do ar e da água, entre outros (PAULRAJ, 2011). Portanto, é preciso que a participação direta ou indireta dos indivíduos esteja voltada às questões ambientais e sociais para que se possa ajudar a alinhar as tendências em solucionar esses problemas ofertando, assim, serviços e produtos que gerem empregos e que também preservem o meio ambiente (PATZELT; SHEPHERD, 2011).

No que se refere aos objetivos do desenvolvimento sustentável existe a necessidade de um grande equilíbrio entre as três principais dimensões – econômica, social e ambiental. A dimensão econômica do desempenho organizacional está associada à produtividade organizacional e desempenho financeiro como lucro, custos, retorno sobre o investimento, renda pessoal, tamanho do estabelecimento entre outras, que são adotados para avaliar o desempenho econômico (SLAPER; HALL, 2011; ELKINGTON, 2012).

Ainda de acordo com os autores a dimensão social pode ser vista como educação, acesso a serviços sociais, saúde, bem-estar, capital social, taxa força de trabalho feminino, pobreza relativa e qualidade de vida, sendo essas ações organizacionais que afetam a sociedade. Por fim, a dimensão ambiental refere-se ao impacto ambiental provocado pelas ações das empresas como emissões de gases, consumo da água, poluição do ar, consumo de energia, gestão de resíduos sólidos e resíduos perigosos, que servem de indicadores do desempenho ambiental (SLAPER; HALL, 2011; ELKINGTON, 2012).

Segundo Barbieri e Cajazeira (2016, p. 68) “uma organização sustentável é a que, simultaneamente, procura incorporar os conceitos e objetivos relacionados com o desenvolvimento sustentável nas suas políticas e práticas de modo consistente”. O oitavo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) refere-se ao trabalho decente e crescimento econômico, visando promover um crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos. Ainda em pleno século 21 existem violações aos direitos trabalhistas como o trabalho escravo (ONU, 2017).

Além do mais, o desemprego é crescente, afetando principalmente os jovens sem formação. Para mudar esse panorama, a Agenda 2030 tem entre suas metas apoiar

"o empreendedorismo, criatividade e inovação, e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive por meio do acesso a serviços financeiros" (ONUBR, 2017).

Na atualidade existem estudiosos que contestam a concepção mercadológica e hegemônica do capital que o empreendedorismo se encontra inserido, e propõem a construção de um empreendedorismo mais emancipatório, ressaltando que o empreendedorismo perpassa por várias áreas do conhecimento, incluindo a educação (ALMEIDA; CORDEIRO e SILVA, 2018). Quando o empreendedorismo é analisado de maneira mais ampla e os aspectos chave são levados em consideração, percebe-se que é possível trazer esse conceito para dentro do contexto escolar, resultando que o Empreendedorismo cada vez mais, é visto como estratégia de desenvolvimento social e de crescimento econômico (BARROS; GONZAGA, 2018).

Uma pesquisa realizada em 2009 com os proprietários de empresas incubadas na INOVATES – Centro de Inovação Tecnológica, localizada no município de Lajeado (RS), apresentou como resultado que os empreendedores demonstraram ter uma preocupação maior no que se refere à sustentabilidade econômica, sendo essa a dimensão norteadora no processo de empreender. Em algumas questões a sustentabilidade social apresentou um grau de importância mais elevado, sendo que a sustentabilidade ambiental estava pouco presente no contexto dos empreendedores entrevistados (DALMORO, 2009).

Em outra pesquisa realizada com empreendedores industriais da Região Metropolitana de Fortaleza (CE), verificou-se que alguns empreendedores indicaram estar mais comprometidos com a sustentabilidade social e a ambiental do que realmente estão; enquanto o comprometimento com a dimensão econômica enquadra-se com o que foi observado. As análises indicaram que a amostra é composta por empresas parcialmente sustentáveis, pois foram observados os seguintes níveis de implementação da sustentabilidade: alto para a dimensão econômica, intermediário para a social e baixo para a ambiental (PIMENTEL; REINALDO; OLIVEIRA, 2010).

Já para Abbde, Moraes e Spanhol (2014), as empresas não só querem melhorar o seu desempenho econômico, mas também seu desempenho social e ambiental. Levando em consideração os três pilares que sustentam o desenvolvimento sustentável (econômico, social e ambiental), as empresas devem delinear suas posturas estratégicas para equilibrar esses três desempenhos. Além disso, a prioridade entre as empresas ainda é o desempenho econômico. As organizações estão conscientes da importância de manter uma maior dimensão social e ambiental como meio de alcançar melhores resultados econômicos.

O empreendedor de negócios sustentáveis necessita identificar uma necessidade na forma de uma causa ou problema, social ou ambiental, mas ressalta-se que somente essa condição não é suficiente, pois os empreendedores devem também identificar os meios de atendê-la, ou seja, criar valor social e ambiental, a partir da geração de valor econômico (BOSZCOWSKI; TEIXEIRA, 2012). Isto porque “o discurso da sustentabilidade e sua inserção no contexto organizacional é construído e constantemente reconstruído num contexto dominado por interesses econômicos” (COELHO; COELHO; GODOI, 2013, p. 147).

O *Triple Bottom Line* (TBL) ou Tripé da Sustentabilidade é uma estrutura contábil que incorpora três dimensões de desempenho: social, ambiental e econômica. Isso difere dos quadros de relatórios tradicionais, pois incluem medidas ambientais e sociais que podem ser difíceis de atribuir aos meios apropriados de medição. As dimensões TBL também são comumente chamadas de três Ps: *people, planet and profits*, ou seja, refere-se ao desempenho das dimensões inter-relacionadas das pessoas, do planeta e do lucro, sendo essa considerada uma relevante ferramenta para apoiar o desenvolvimento sustentável, harmonizando a rentabilidade financeira e crescimento econômico com a justiça, o bem-estar social, a conservação ambiental e a utilização racional dos recursos naturais (SACHS, 1994; SLAPER; HALL, 2011; ELKINGTON, 2012; BARBIERI; CAJAZEIRA, 2016).

Por sua vez, Orsiolli e Nobre (2016), em sua pesquisa afirmam que a partir do conceito de valor sustentável difundido aos seus *stakeholders*, as empresas que vivenciam o Empreendedorismo Sustentável buscam compartilhar tais valores a esses interessados. Apesar da intensidade das dimensões se diferenciarem em alguns dos casos analisados, percebe-se que isso não se contrapõe aos critérios do Empreendedorismo Sustentável, já que as empresas compartilham valores de caráter econômico, social e ambiental.

No Quadro 2 pode-se observar os diferentes autores e as suas definições sobre o Empreendedorismo Sustentável (ES). Este termo pode ser abordado pelos autores com diferentes perspectivas como: uma nova *forma* de negócio (Abrahamsson, 2007; Choi; Gray, 2008); um novo *segmento* do empreendedorismo (Shepherd; Patzelt, 2011); uma *área* do empreendedorismo (Borges, 2014); e também como um novo *tipo* de empreendedorismo (Orsiolli; Nobre, 2016). Borges *et al.* (2011) reafirma que os trabalhos publicados sobre Empreendedorismo Sustentável ainda são poucos no Brasil, gerando dificuldades na delimitação do tema e lacunas de pesquisa a serem exploradas.

Para Sarango-Lanlagui; Santos; Hormiga (2018), os primeiros artigos apareceram no início dos anos 90, mas só depois de 2006 é que o número de artigos sobre este assunto aumenta de forma mais significativa na literatura internacional. Os dados refletem que esse

crescimento não parou e que o termo Empreendedorismo Sustentável ainda é um fluxo em desenvolvimento de pesquisa. Portanto, não é surpreendente a existência de uma diversidade de definições para descrevê-lo, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Autores e Definições sobre o Empreendedorismo Sustentável

AUTORES	DEFINIÇÕES
Young; Tilley (2006)	Define Empreendedorismo Sustentável como “a organização que tem a sustentabilidade no centro de sua estrutura, operações e gestão: em essência, uma organização que vai além do exigido para demonstrar eficiência no seu caminho para ser sustentável” (p. 1).
Abrahamsson (2007); Choi; Gray (2008)	Empreendedorismo Sustentável é uma forma de negócio que vislumbra o lucro e direciona os seus objetivos a partir da integração das dimensões econômicas, sociais e ambientais em direção à sustentabilidade.
Cohen; Smith; Mitchell (2008)	O Empreendedorismo Sustentável tem como base levar as dimensões do Desenvolvimento Sustentável aos valores e às estratégias empresariais, agregando ações que gerem benefícios sociais e ambientais à atividade econômica.
O’Neill; Hershauer; Golden (2009)	Definem o Empreendedorismo Sustentável como ação empreendedora que associa as dimensões econômicas, sociais e ambientais as suas estratégias empresariais.
Thompson; Kiefer; York (2011)	O Empreendedorismo Sustentável tem como pilar a busca pelo desenvolvimento sustentável, por meio de atividades que integrem e beneficiem a sociedade e o meio ambiente.
Shepherd; Patzelt (2011)	O Empreendedorismo Sustentável é focado na preservação da natureza, suporte de vida e da comunidade na busca de oportunidades percebidas para trazer à existência produtos e serviços, no qual o ganho é interpretado para incluir ganhos econômicos e não econômicos para os indivíduos, a economia e a sociedade.
Boszczowski; Teixeira (2012)	O termo Empreendedorismo Sustentável é um assunto de pesquisa novo e interdisciplinar que procura aproximar o campo de conhecimento do empreendedorismo ao da sustentabilidade, englobando o desenvolvimento sustentável e seus benefícios sociais e ambientais.
Borges (2014)	Conceitua o Empreendedorismo Sustentável “como a descoberta, o desenvolvimento e a exploração de oportunidades ligadas aos nichos sociais e ambientais que geram ganho econômico e melhoria social e ambiental” (p.3).
Freitag (2014)	O Empreendedorismo Sustentável pode ser compreendido “como uma oportunidade sustentável de negócio, que simultaneamente apresenta possibilidade de retorno econômico e colabora para solucionar problemas ambientais e sociais” (p.183).
Silvério <i>et al.</i> (2014)	Significa um fazer acontecer que leve em conta o todo a curto, médio e longo prazo. Por um ângulo, a expressão se contrapõe ao conceito de empreendedorismo egoísta, dos que buscam vantagens só para si, e muitas vezes a qualquer custo (p.7).

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme exposto no Quadro 2, a definição do conceito sobre ES ainda encontra-se em construção, sendo que a maioria dos autores consideram que o maior propósito deste termo é alinhar as dimensões do Desenvolvimento Sustentável ao empreendedorismo (YOUNG; TILLEY, 2006; ABRAHAMSSON, 2007; CHOI; GRAY, 2008; COHEN; SMITH; MITCHELL, 2008; O’NEILL; HERSHAUER; GOLDEN, 2009; THOMPSON; KIEFER; YORK, 2011; SHEPHERD; PATZELT, 2011; BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2012; BORGES, 2014; FREITAG, 2014; SILVÉRIO *et al.*, 2014).

Portanto, cabe ressaltar que o Empreendedorismo Sustentável pode ir além da exploração de oportunidades ligadas à solução de problemas sociais e ambientais, sendo assim, indo ao encontro do Tripé da Sustentabilidade em busca de uma harmonia entre as três dimensões (econômica, social e ambiental) em que todas deveriam ter a mesma relevância, pois se torna necessário ir além da rentabilidade e do crescimento econômico.

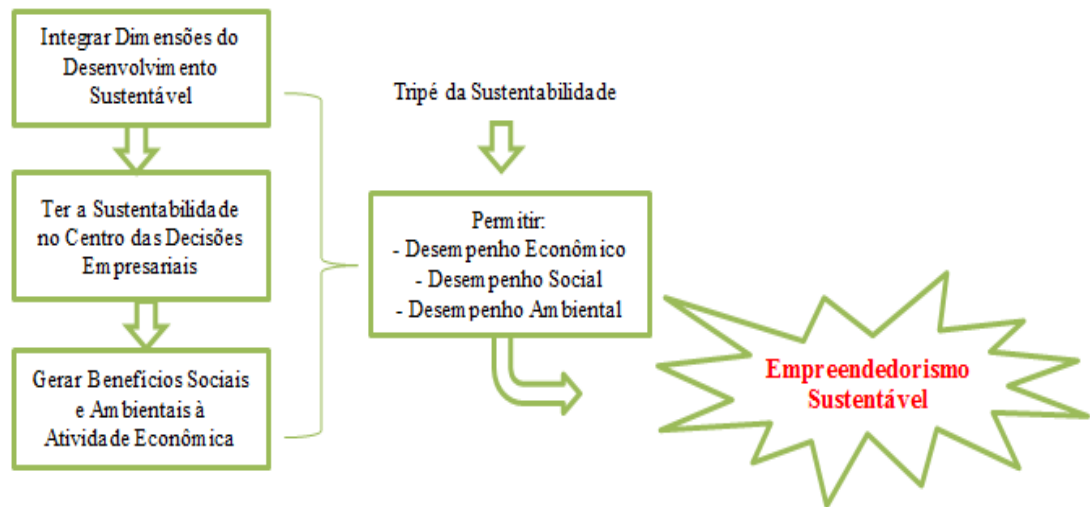
Assim sendo, é necessário que os empreendedores entendam a necessidade de buscar um empreendedorismo mais equilibrado, oferecendo serviços e produtos a partir da exploração de oportunidades ligadas à solução de problemas sociais e ambientais que atendam às necessidades da sociedade, mas que também preservem o meio ambiente e desenvolvam melhorias sociais; e que o dinheiro não seja o único objetivo para o empreendedor (BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2012; BORGES, 2014; FREITAG, 2014; e SILVÉRIO *et al.*, 2014).

Portanto, percebe-se que a dimensão econômica é relevante nas operações empresariais, pois garante o funcionamento dessa. No entanto, sem considerar os aspectos sociais e ambientais, ou seja, os danos que a empresa causa ao planeta, essa acaba fazendo uma gestão parcial de todo o seu processo de produção e consumo. Cabe enfatizar que as dimensões sociais e ambientais são fundamentais para as empresas que respeitam a sociedade a qual estão inseridas.

Desse modo, define-se como Empreendedorismo Sustentável a criação de produtos e serviços para solucionar problemas sociais e ambientais, que também gerem ganhos econômicos, em que o termo sustentabilidade esteja no centro de suas estratégias empresariais, conforme exposto por Young; Tilley (2006); Abrahamsson (2007); Cohen; Smith; Mitchell (2008); Choi; Gray (2008), pois o simples fato da empresa existir já gera um impacto no meio ambiente.

Uma organização que apresenta a gestão econômica, social e ambiental em suas ações está direcionada para processos maiores e mais complexos do que uma organização que está voltada apenas para os resultados econômicos, conforme disposto na Figura 1.

Figura 1 - Aportes para o Conceito de Empreendedorismo Sustentável



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos conceitos de Cohen, Smith e Mitchell (2008) e de Shepherd e Patzelt (2011).

Shepherd e Patzelt (2011) identificaram “o que deve ser sustentado” e “o que deve ser desenvolvido” sob o viés da associação do desenvolvimento sustentável ao termo empreendedorismo.

Os autores indicam como “o que deve ser sustentado”, as seguintes questões:

- **A natureza deve ser mantida:** A natureza pode ser sustentada se indivíduos, organizações e nações puderem agir no sentido de preservar a terra, a biodiversidade e os ecossistemas. Sendo assim, a pesquisa sobre Empreendedorismo Sustentável é necessária para explorar o papel da ação empreendedora como um mecanismo para sustentar a natureza.
- **Fontes de suporte à vida devem ser sustentadas:** O suporte à vida é sustentado pela preservação do meio ambiente, dos recursos naturais e dos serviços ecossistêmicos. Se os sistemas ambientais não forem sustentados, o suporte à vida dos seres humanos poderá ser seriamente ameaçado. Portanto, pesquisas de Empreendedorismo Sustentável podem fornecer uma compreensão mais detalhada da ação empreendedora como um mecanismo para sustentar o suporte de vida.
- **Comunidades devem ser sustentadas:** O que torna as comunidades distintas é a sua cultura, grupos e lugares, e para o contexto em que estão ameaçadas, a comunidade pode se perder. Esse conceito sugere que, em regiões pobres do mundo, as comunidades que atuam como empreendedoras podem reduzir a pobreza e, ao mesmo tempo, manter o ambiente natural. A pesquisa de Empreendedorismo Sustentável pode ajudar a entender melhor os mecanismos empreendedores para sustentar as comunidades.

Ainda de acordo com os autores Shepherd e Patzelt (2011), entende-se pelo “o que deve ser desenvolvido”, as questões a seguir:

- **Ganho Econômico:** uma perspectiva econômica enfatiza o desenvolvimento de ganhos econômicos para o indivíduo e/ou a sociedade. Portanto, o desenvolvimento desses ganhos econômicos provavelmente será aceito como consequência do empreendedorismo e, portanto, quando combinado com um construto de “o que deve ser sustentado”, torna-se definido como Empreendedorismo Sustentável.
- **Ganhos não-econômicos para pessoas físicas:** Ganhos não-econômicos a serem desenvolvidos em indivíduos incluem a sobrevivência infantil, a expectativa de vida, a educação, a equidade e a igualdade de oportunidades. Os indivíduos desfavorecidos podem se beneficiar de atividades de responsabilidade social empresarial inovadoras e empreendedoras.
- **Ganhos não-econômicos para a sociedade:** Embora os ganhos para a sociedade incluam ganhos para os indivíduos que vivem nessa sociedade, eles diferem dos individuais porque esses só podem ser acessíveis a um indivíduo, enquanto que os sociais são acessíveis a todos. Sendo assim, pesquisas sobre empreendedorismo social e responsabilidade social corporativa destacam o importante papel dos empreendedores no desenvolvimento de ganhos não econômicos para a sociedade.

Segundo Borges et. al. (2013) existem vários tipos de Empreendedorismo Sustentável, em conformidade a três tipos de indicadores: nicho da sustentabilidade que é explorado (ambiental ou social); a motivação para a incorporação da sustentabilidade (se a sustentabilidade é objetivo do empreendedor ao instituir o negócio, ou somente é um meio usado para realizar ganhos econômicos); e a utilização ou não dos pressupostos da responsabilidade social empresarial pela empresa nascente. Desse modo, observa-se no Quadro 3, os tipos de ES de acordo com estes indicadores.

Quadro 3 - Tipos de Empreendedorismo Sustentável

INDICADOR	TIPO
Nicho da sustentabilidade explorado	Negócio Ambiental Negócio Social
Papel da sustentabilidade	Sustentabilidade como Meio Sustentabilidade como Objetivo
Uso da responsabilidade social empresarial	Com responsabilidade Social Empresarial Sem responsabilidade Social Empresarial

Fonte: Borges *et al.* (2013, p. 84).

O indicador “nicho da sustentabilidade explorado” apresenta dois segmentos a serem cultivados pelos empreendedores sustentáveis: 1) negócio ambiental; que se refere às escolhas de estilos de vida alternativa, como autossuficientes, produção de alimentos orgânicos,

movimentos de “*slow food*”, reciclagem de resíduos pós-consumo, artesanato natural, entre outras oportunidades; e 2) negócio social, classificado em categorias principais; produtos para grupos com necessidades especiais (ex: confecção de roupas para cadeirantes), microcrédito (Grameen Bank)⁷, comércio justo (bens de consumo ofertado de forma mais acessível para os mais pobres) (BORGES, 2014).

Para o autor, as ações sustentáveis ambientais ou sociais podem ser de meio ou de objetivo, considerando que, para uns, o objetivo essencial é o lucro e a exploração de um negócio social ou ambiental é o meio utilizado, para outros, o objetivo é a sustentabilidade, e o lucro é apenas o meio de manter a empresa. Um ponto relevante sobre o indicador da responsabilidade social empresarial é que o propósito de abrir um empreendimento, que tenha como base um produto ambiental ou social, não significa que o empreendedor agirá com responsabilidade social e ambiental, ou ao contrário, as empresas também podem adotar práticas de responsabilidade social empresarial (BORGES, 2014).

Segundo Anello (2009), o empreendedor deve ter conhecimento técnico sobre o processo social e seus aspectos de formulação, planejamento, execução e monitoramento e avaliação, seja o empreendedor um contratante ou organizador e gerente dos programas, projetos e ações de Educação Ambiental. Borges (2014) destaca que o empreendedor tem um papel relevante nas questões socioambientais, pois o mundo precisa de soluções ambientais e sociais para seus problemas, e que o empreendedor sustentável, pode ser o portador de uma dessas soluções. Pois, para Drayton (2006, p. 81) “onde outros veem obstáculos, eles têm prazer em encontrar soluções e transformá-las em novos e concretos padrões da sociedade”.

De acordo com Borges *et al.* (2011), os estudos realizados sobre o Empreendedorismo Sustentável estão voltados a dois campos do empreendedorismo: o empreendedorismo social e o empreendedorismo ambiental, conforme dispostos nos próximos subcapítulos.

⁷ O Grameen Bank (GB) reverteu a prática bancária convencional, eliminando a necessidade de garantia e criando um sistema bancário baseado em confiança mútua, responsabilidade, participação e criatividade. GB fornece crédito aos mais pobres como no meio rural de Bangladesh, sem qualquer garantia. Em dezembro de 2017 possuía 8,93 milhões de mutuários, sendo 97% mulheres. Com 2.568 agências, o GB presta serviços em 81.400 aldeias, cobrindo 97% das aldeias em Bangladesh. Disponível em: <http://www.grameen.com/introduction/>. Acesso em: 08/03/2018.

2.2.1 Empreendedorismo Social

Nas últimas décadas grandes mudanças políticas e sociais vêm ocorrendo, assim como o aparecimento de uma nova ordem econômica mundial. O termo empreendedorismo serve como norteador, pois ele está relacionado a outros níveis da ciência, em especial, o empreendedorismo social, que se encontra em crescimento no cenário científico e empresarial. Entretanto, torna-se necessário analisar as evidências apresentadas nos dois termos, pois o empreendedorismo social é um tema que está em desenvolvimento (ÁVILA *et al.*, 2014).

O empreendedorismo social surgiu como um importante processo alternativo, dinâmico e estratégico, com possibilidades inovadoras tornando sustentáveis os produtos, serviços, organizações e a gestão de pessoas. O empreendedorismo social alia paixão por uma missão social com a imagem de disciplina, inovação e determinação com foco no exercício da cidadania (BORNSTEN, 2007).

Segundo Borges *et al.* (2011), o empreendedorismo social, apesar de mais presente nas publicações científicas do campo do empreendedorismo, surge menos nas pesquisas que discutem o Empreendedorismo Sustentável. Esses autores afirmam que, apesar de complementar, o empreendedorismo social tem uma prática muito diferente do empreendedorismo ambiental, pois é focado principalmente em ONGs e outros tipos de organizações sem fins-lucrativos, baseado em valores de seus empreendedores e tendo como alvo grupos sociais desamparados.

Os empreendedores sociais são pessoas que percebem um problema social e utilizam os princípios empreendedores tradicionais para organizar, criar e administrar soluções inovadoras almejadas pela sociedade, gerando mudanças, desconstruindo e reconstruindo os vários espaços sociais onde atuam (BESSANT; TIDD, 2009; ÁVILA *et al.*, 2014; ASHOKA, 2017). Para Santos (2009, p. 54), “a finalidade do empreendedor social é a procura de soluções sustentáveis para problemas negligenciados”. Rosa *et al.* (2016) reforçam que o empreendedorismo social tem se destacado tanto no interesse econômico, assim como no acadêmico, pela sua capacidade de criação de valor benéfica não só para as organizações em que se aplica, mas também para o meio em que está inserida, colaborando para uma melhoria social.

Nos resultados da pesquisa de Ávila *et al.* (2014) sobre empreendedorismo social, percebe-se que os empreendedores estão atrelados ao conceito da sustentabilidade, pois nas temáticas encontradas surge o empreendedorismo socioambiental (*Entrepreneurship*

environmentalpartner), social (*social*), inovação sustentável (*sustainable innovation*), governança ambiental (*environmental governance*), cadeia de suprimento sustentável (*supply chain sustentável*), pesquisa social (*social research*), inovação (*innovation*), ecoeficiência (*ecoeficence*), estratégia (*strategy*), responsabilidade socioambiental (*social and environmental responsibility*), gestão (*management*), empreendedores sociais (*social entrepreneurs*), economia (*economy*), empreendedores individuais (*individual entrepreneurs*), como trabalhos de impacto nos *hot topics* ou tópicos quentes. Também se constatou que os Estados Unidos lideram o ranking de publicações, seguidos pela Inglaterra, Canadá, China e Alemanha, e o idioma inglês é o predominante nas publicações (ÁVILA *et al.*, 2014).

As oportunidades no empreendedorismo social apresentam cinco características segundo Zahra (2008): 1) Prevalência das necessidades humanas à continuidade e extensão de um problema, como a fome ou a escassez de água. Recomenda-se que empreendedores desejosos do bem-estar estarão mais propensos a identificar oportunidades em causas sociais mais profundas porque essas são mais evidentes para eles; 2) Relevância de um problema: os empreendedores utilizam a relação entre a importância atribuída à causa em seu contexto social com suas experiências, valores, talentos, habilidades e recursos para tomar decisões; 3) Urgência social: ocorre como resposta a eventos imprevistos, como furacões, guerras, enchentes ou incêndios, que necessitam de uma ação imediata; 4) Acessibilidade: nível percebido de dificuldade em atendimento a uma causa social por meio de mecanismos humanitários usuais; e 5) Caráter radical do problema: relaciona-se a quanto uma mudança social é necessária para melhoria do bem-estar da sociedade.

Os negócios sociais são empresas que apresentam como missão solucionar um problema social, normalmente são autossustentáveis financeiramente e não distribuem dividendos, como por exemplo: uma ONG tem uma missão social, mas como um negócio tradicional gera receitas suficientes para cobrir seus custos, ou seja, é uma empresa na qual o investidor recupera seu investimento inicial, mas o lucro gerado é reinvestido na própria empresa para ampliação do impacto social. Cabe destacar que o sucesso do negócio não é avaliado pelo total de lucro gerado em um determinado período, mas sim pelo impacto gerado para os indivíduos ou para o meio ambiente (ROSA *et al.*, 2016).

Afirma Martins (2010, p. 128), que um dos desafios da universidade é transformar a informação em conhecimento, em sabedoria, mas de acordo com a autora “pode estar faltando visão social no ensino superior e essa visão pode ser adquirida através do empreendedorismo social”. No contexto do empreendedorismo social, a universidade apresenta funções relevantes, podendo contribuir tanto no despertar de uma cultura empreendedora como

também por meio do ensino, pesquisa e extensão, enquanto formadora de opinião, capitalizar o conhecimento voltado para o desenvolvimento social, produzindo novas tecnologias de inclusão social, nas quais docentes e discentes têm a responsabilidade de serem agentes instigadores (ARAÚJO *et al.*, 2005; BACKES; ERDMANN, 2009).

Cabe enfatizar que a “formação para o empreendedorismo social significa, em suma, relativizar as verdades hegemônicas do saber tradicional e desenvolver um conhecimento capaz de dialogar e integrar os diferentes saberes” (BACKES; ERDMANN, 2009, p. 247). Assegura Oliveira, Melo e Muylder (2016, p. 31), que “as IES têm uma função social muito importante de gerar novos conhecimentos e aprimorar a prática existente, introduzindo valores na sociedade que possam incentivar e formar empreendedores por meio dos processos educacionais”.

De acordo com Pinto *et al.* (2016), ainda não existe uma definição clara sobre as competências necessárias para que o empreendedor social tenha sucesso nos seus negócios sustentáveis, e que existe uma lacuna entre empreendedorismo social e o desenvolvimento de competências. Sendo assim, é importante aumentar o número de estudos sobre competências que abordam empreendedorismo social.

Portanto, percebe-se que os autores apresentam diferentes direções para o empreendedorismo social, pois para alguns, os empreendedores buscam, por meio do empreendedorismo social, solucionar um problema existente na sociedade com o propósito de aplicar suas receitas na redução do impacto desse problema e não direcionar o lucro ao empreendedor, no qual o lucro é considerado um meio necessário e não o objetivo principal do empreendimento.

Para outros como Bornsten (2007); Bessant; Tidd (2009); Ashoka (2017) veem o empreendedorismo social daqueles que percebem um problema social e, a partir dele, desenvolvem seus serviços e produtos visando o lucro para o crescimento do seu negócio. Para uma boa aplicação do empreendedorismo social torna-se necessário o empreendedor incorporar a sua paixão por uma missão social com as ações econômicas, de criatividade, disciplina, inovação e determinação com foco no exercício da cidadania.

Outro ponto relevante é que Borges *et al.* (2011) reforçam que, embora o empreendedorismo social esteja menos presente nas pesquisas que discutem o Empreendedorismo Sustentável, ele está mais institucionalizado no campo do empreendedorismo do que o empreendedorismo ambiental, conforme a literatura a seguir.

2.2.2 Empreendedorismo Ambiental

O empreendedorismo ambiental teve seu desenvolvimento durante a década de 1990, impulsionado pela crescente demanda da sociedade por qualidade ambiental e das empresas por oferecerem soluções para problemas ambientais (BOSZCOWSKI; TEIXEIRA, 2012). Os consumidores estão cada vez mais consumindo os produtos e serviços das entidades que apresentam suas ações em sintonia com o meio ambiente e censurando as empresas que desrespeitam as questões ambientais (CASTELLI, 2006). Com o passar dos anos, as preocupações relacionadas com questões ambientais se ampliaram para os diversos setores da sociedade, tendo estes os mesmos objetivos de se criar soluções para reduzir os danos ao meio ambiente e o desequilíbrio ambiental (DIAS, 2007).

Os assuntos pertinentes ao empreendedorismo ambiental são abordados sob vários focos sem usar especificadamente esse termo. Assim, as questões ambientais nos empreendimentos são caracterizadas como economia ambiental, degradações ambientais, desempenho ambiental, entre outros.

O desempenho ambiental visado pelas organizações tem um foco maior em ações que afetam positivamente o meio ambiente fora da organização como os *stakeholders* e variáveis macroeconômicas. Por outro lado, o desempenho social pode ser determinado por ações focadas em limites de organização interna e externa, considerando o bem-estar do público interno (funcionários) e público externo (comunidade). A ação favorável do desempenho social pode afetar o desempenho econômico no menor tempo, em comparação com ações que beneficiem o meio ambiente. Além disso, as ações decorrentes do meio ambiente natural, como a redução de emissões de gases de efeito estufa e resíduos tóxicos, têm impactos sociais. Por isso é necessário delinear mais claramente os limites entre esses dois tipos de desempenho organizacional (ABBDE; MORAES; SPANHOL, 2014).

A Economia Ambiental demanda que a degradação ambiental deriva das falhas de mercado que podem proporcionar oportunidades para, concomitantemente, gerar valor econômico para a diminuição dos problemas ambientais, gerando o desenvolvimento social (BOSZCOWSKI; TEIXEIRA, 2012). Dessa forma, é possível assinalar as oportunidades de negócios sustentáveis “como aquelas que proporcionam aos empreendedores a possibilidade de solucionarem falhas de mercado ambientalmente relevantes, de forma a aumentar o bem-estar social e promover o desenvolvimento sustentável da sociedade” (BOSZCOWSKI; TEIXEIRA, 2012, p. 161).

As constantes degradações ambientais colaboram para a importância da preservação dos recursos naturais, pois se as dimensões ambientais não forem protegidas, problemas como contaminações, baixa fertilidade do solo e, por consequência, déficit na produção de alimentos, poderão causar graves danos ao planeta (PATZELT; SHEPHERD, 2011). Para os autores existem quatro variáveis que podem influenciar os indivíduos a almejar oportunidades direcionadas ao desenvolvimento sustentável:

1) Conhecimento prévio sobre problemas ambientais: conhecimento prévio em situações como, por exemplo, as fontes de poluição de ar, redução do cardume em habitats marinhos e convívio com a cultura indígena, resultaram em oportunidades para criar tecnologias capazes de sustentar o ar limpo, eficiência na circulação de peixes, a reposição de estoques naturais, entre outros.

2) Motivações pessoais: a destruição do meio ambiente causada pela poluição ambiental, gera nos indivíduos que vivem em áreas poluídas a vontade de buscar oportunidades para diminuir a poluição, garantindo desse modo que suas famílias tenham uma qualidade de vida melhor.

3) Motivações interpessoais: Sentimento como simpatia e empatia podem influenciar os indivíduos a solucionar questões socioambientais. Pessoas que simpatizam com indivíduos muito pobres são capazes de compreender as suas tristezas, como por exemplo, a desnutrição e a saúde, contudo, não vão experimentar as dores em si, mas sim o sentimento de compaixão. Já os indivíduos que sentem empatia por pessoas pobres na sociedade podem experimentar o seu sofrimento. Portanto, quanto maior a empatia dos indivíduos por pessoas que se deparam em situação de agonia, mais esses se tornam inclinados à busca de oportunidades empresariais voltadas ao desenvolvimento sustentável.

4) Conhecimento empresarial para buscar oportunidades voltadas ao desenvolvimento sustentável: indivíduos que tenham a perspicácia de como suprir o mercado e entender as necessidades dos clientes, têm probabilidade maior de reconhecer oportunidades empresariais que tenham relação com o desenvolvimento sustentável.

Contudo, essa nova modalidade de empreender pode ser explicada pelos autores também como Ecoempreendedorismo, Empreendedorismo Verde, Empreendedorismo Sustentável, sendo que tais conceitos ainda não estão totalmente construídos em definitivo e não há muitas evidências e diferenças entre os termos citados (KOE *et al.*, 2013; SANTOS; SOARES, 2016).

O Ecoempreendedorismo, que parte do princípio de criar novos negócios baseados na sustentabilidade, define-se como aquele que entra no mercado do ecologicamente correto não

somente para alcançar lucro, mas também possuindo valores verdes subjacentes, ou seja, é definido como a atividade empreendedora que intervém no campo da ecologia em prol do meio ambiente no qual o ecoempreendedor deve anunciar o seu compromisso com a adoção e a difusão de valores, condutas e procedimentos que estimulem o desenvolvimento sustentável (KIRKWOOD; WALTON 2010; FONSECA *et al.*, 2015).

Já o conceito de Empreendedorismo Verde também apresenta como definição a relação entre o desenvolvimento econômico e a preservação das condições ambientais do meio em que o negócio está inserido, protegendo assim os habitats naturais, e melhorando também as condições ambientais, ou seja, o Empreendedorismo Verde tem sido abordado como a necessidade da adoção de métodos de negócios mais sustentáveis, desenvolvendo assim, novos modelos de negócio que tenham como finalidade não só a sustentabilidade econômica, mas também a sustentabilidade ambiental e social (SCHAPER, 2002; LARSSON, 2012, LIMA *et al.*, 2013). Tais definições também vêm ao encontro do conceito de ES, já discutido no tópico anterior.

O empreendedorismo com enfoque ambiental tem como base os princípios do desenvolvimento sustentável, ou seja, os negócios relacionados ao meio ambiente que estão em crescente expansão, em função da degradação ambiental, gerando várias oportunidades que trazem algum tipo de benefício ao meio ambiente, solucionando um problema ambiental ou minimizando os impactos no meio ambiente, causados pelo processo produtivo na sociedade (SILVÉRIO *et al.*, 2014; SANTOS; SOARES, 2016).

Dentre as três dimensões do tripé da sustentabilidade observam-se na literatura que a dimensão ambiental ainda é pouco explorada no Brasil, embora sendo discutida com outras nomenclaturas, como Economia Ambiental, Degradação Ambiental, Desempenho Ambiental, Ecoempreendedorismo, Empreendedorismo Verde, entre outras. E também que os empreendedores consideram essa dimensão como a menos relevante nos seus processos de decisões, mesmo percebendo o seu grau de importância para a sociedade, em função da degradação ambiental e a crescente expansão dos negócios voltados ao meio ambiente. Essa dimensão ainda precisa se fortalecer na academia e no tripé do Empreendedorismo Sustentável.

2.2.3 Responsabilidade Socioambiental

Ao longo das últimas décadas a Responsabilidade Social e a Responsabilidade Ambiental têm se constituído como dimensões da sustentabilidade corporativa, normalmente

praticadas pelas empresas de forma desintegrada, cada uma dentro de uma área funcional. Recentemente, notam-se esforços de algumas empresas no sentido de reunir essas ações dentro de uma mesma área, considerada de sustentabilidade. O próprio conceito de Responsabilidade Social Corporativa tem evoluído no sentido de compreender as questões ambientais, sendo comum também o uso do termo “Responsabilidade Socioambiental” (RSA) (COHEN *et al.*, 2017).

Estudos recentes sobre o fator de atração e retenção para jovens profissionais no mercado de trabalho apresentaram resultados relevantes, nos quais os estudantes universitários demonstraram preferência por trabalhar em empresas mais social e ambientalmente responsáveis. Os resultados também sugerem que informações negativas sobre a responsabilidade socioambiental podem comprometer a imagem de uma empresa a ponto dessa exercer menor atração sobre jovens profissionais, mesmo que suas políticas de Recursos Humanos sejam melhores que as da média do mercado. Contudo, os resultados indicam que as preocupações dos jovens quanto às políticas de recursos humanos continuam relevantes, sugerindo que não basta promover ações socioambientais se não houver investimento nos colaboradores (COHEN *et al.*, 2017).

No final da década de 1990 e no início do século 21, com as experiências da Educação Ambiental nas empresas, deu-se início ao surgimento do conceito de Responsabilidade Social (DANCIGUER; CARVALHO; MACARI, 2007). Confirmam Otero e Knobel (2008), que a partir da década de 1990, com a Conferência Rio 92, a gestão ambiental passa a ser impulsionada nas empresas, e os termos Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social passam a repercutir no ambiente de negócios, despertando no setor empresarial brasileiro a busca pela EA, como meio para implementar as mudanças necessárias.

Barbieri e Cajazeira (2016) afirmam que sempre haverá dificuldades para inserir as práticas de responsabilidade social empresarial pelo fato de envolver uma diversidade de assuntos que se traduzem em direitos, obrigações e expectativas de diversos públicos, internos e externos à empresa. Uma das definições mais antigas sobre responsabilidade social empresarial foi feita por Carroll⁸: “a responsabilidade social das empresas compreende as expectativas econômicas, legais, éticas e discricionárias que a sociedade tem em relação às organizações em dado período”, criando assim a pirâmide das quatro dimensões da responsabilidade social empresarial: responsabilidade econômica, responsabilidade legal,

⁸ Carrol (1979, p. 500).

responsabilidade ética e a responsabilidade discricionária ou filantrópica (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2016).

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) é um ator importante no aspecto da responsabilidade socioambiental das empresas. Em 2006 apresentou um documento que discute a relação das indústrias com o meio ambiente, por acreditar na relevância do papel das organizações na responsabilidade socioambiental a fim de minimizar o seu impacto negativo no ambiente, mas lamentavelmente a EA sequer foi citada nesse documento, embora a Educação Ambiental Empresarial no Brasil (EAEB) seja obrigatória desde a vigência do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) (PEDRINI, 2008).

Para Danciguer, Carvalho e Macari (2007), a maioria das empresas no Brasil, em termos de Responsabilidade Social Empresarial (RSE), ainda se enquadra na visão em que o principal objetivo é gerar lucro, pagar impostos, cumprir a legislação e que as ações de Responsabilidade Social Empresarial apresentam caráter filantrópico, não se configurando em uma Responsabilidade Social Empresarial mais estratégica e sustentável.

No campo da educação e cidadania as propostas desenvolvidas referem-se à conscientização dos direitos para os indivíduos das comunidades acolhidas; à valorização da terceira idade; organização de bazar para obter fundos; promoção de eventos para o fortalecimento afetivo entre as crianças e seus familiares; organização de palestras sobre a inclusão de pessoas com deficiência física e intelectual. Usualmente, os projetos são alocados em escolas públicas, ONGs, associações de bairro, abrigos para crianças, hospitais e nas Instituições de Ensino Superior (NUNES; NEIRA, 2014).

Para os autores, as ações institucionais revelam sintonia com os pressupostos da responsabilidade socioambiental, colaborando para que a formação no Ensino Superior propicie, a cada indivíduo, “assimilar a importância do abandono social; zelar pelo meio ambiente; adquirir noções hegemônicas de saúde e socialização e valorizar a função voluntária como parceira-chave da responsabilidade social empresarial” (NUNES; NEIRA, 2014, p.477).

De acordo com a Lei Nº 10.861/04, que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), o artigo 3º prevê que a avaliação das IES terá por objetivo identificar o seu perfil e o significado de sua atuação por meio de suas atividades, cursos, programas, projetos e setores, considerando as diversas dimensões institucionais. Dentre elas cabe ressaltar o inciso III, referente à responsabilidade social da instituição, considerada especialmente a sua contribuição em relação à inclusão social, ao desenvolvimento

econômico e social, à defesa do meio ambiente, da memória cultural, da produção artística e do patrimônio cultural.

A Responsabilidade Social da Educação Superior (RSES) é uma temática que tem gerado a preocupação teórica de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento a partir de 2004, quando da aprovação e introdução do SINAES (CALDERÓN; GOMES; BORGES, 2016). De acordo com os autores, 40% dos estudos sobre RSES foram produzidos em mestrado profissional, indicando a relevância dessa modalidade de pós-graduação na produção do conhecimento, independentemente do fato de ser um conhecimento instrumental voltado para o aprimoramento profissional. O estudo da RSES tornou-se uma preocupação teórico-prática que apresenta dupla dimensão, seja no que se refere à produção científica dos mestrados acadêmicos e doutorados, seja ao da atuação profissional, por meio dos mestrados profissionais (CALDERÓN; GOMES; BORGES, 2016).

Para os autores, outro ponto importante é que a maior parte das pesquisas em RSES concentra-se nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em administração e não na área da educação, como é previsto, uma vez que a RSES seria uma temática com maior afinidade no campo das ciências da educação. Os autores se questionam “por quais motivos a comunidade acadêmico-científica da área da educação não se tem destacado na produção de conhecimento sobre o tema da RSES?” Como hipótese explicativa dos autores, pode-se indicar a resistência existente diante de uma temática que surgiu no começo de 2000, no âmbito do setor empresarial, envolvendo as universidades privadas com fins lucrativos, as chamadas universidades mercantis, fato que representaria a introdução de valores neoliberais na educação superior (CALDERÓN; GOMES; BORGES, 2016, p. 673).

Para Guerra *et al.* (2015, p. 171) é necessário “definir com mais clareza critérios e indicadores para que as universidades assumam seus compromissos com a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental”. Segundo os autores, o Projeto “Definición de indicadores para la evaluación de las políticas de sustentabilidad en universidades Latinoamericanas”, coordenado pela Universidad Autónoma de Madrid, teve como um dos principais objetivos definir indicadores para a avaliação das políticas de sustentabilidade e responsabilidade social nas universidades latino-americanas. Para a realização do levantamento nas IES participantes, foi elaborado um questionário com 114 indicadores distribuídos em 11 dimensões: política de sustentabilidade; sensibilização e participação da comunidade universitária; responsabilidade socioambiental; docência; pesquisa e transferência de tecnologia; urbanismo e biodiversidade; energia, água, mobilidade, resíduos e contratação responsável (GUERRA *et al.*, 2015).

Ainda segundo os autores, a Universidade do Vale do Itajaí é considerada a maior universidade comunitária do Estado de Santa Catarina, com seu compromisso voltado para a dimensão da Responsabilidade Socioambiental, oferecendo programas permanentes e continuados relacionados com projetos de colaboração com os governos; com as administrações nacionais, regionais ou locais, e com outras entidades não administrativas, como as organizações não governamentais, com temas sobre o meio ambiente e sustentabilidade. Destacam-se programas de intervenção que colaboram para a resolução de problemas de sustentabilidade em comunidades e também de programas permanentes e continuados direcionados à “saúde ocupacional e prevenção de riscos; políticas de atenção e integração das deficiências e dos grupos minoritários, equidade de gêneros e programas de voluntariado social, cultural e de extensão universitária” (GUERRA *et al.*, 2015, p. 178).

De acordo com Kitzmann *et al.* (2015, p. 247), dentre as 13 universidades participantes do Projeto RISU encontra-se a FURG, tendo sido o referido Projeto registrado na universidade como um projeto de pesquisa intitulado “Definição de indicadores e avaliação dos compromissos com a sustentabilidade na Universidade Federal do Rio Grande. Sistema de indicadores de sustentabilidade da FURG – SIS-FURG”, que propôs desenvolver pesquisas para determinar indicadores de sustentabilidade para a instituição. Para os autores, cabe destacar que, por meio desse projeto, foi possível constatar o avanço da FURG em alguns aspectos relacionados à sustentabilidade, como por exemplo, a aprovação de sua Política Ambiental em 2014 e o atendimento de 70% dos itens relativos à Responsabilidade Socioambiental, pesquisados pelo RISU (KITZMANN *et al.*, 2015, p. 256).

Portanto, de modo geral define-se Responsabilidade Socioambiental como algo que vai equilibrar a responsabilidade tanto das organizações (pessoas jurídicas), assim como dos indivíduos (pessoas físicas) com relação ao meio ambiente e a sociedade. A Responsabilidade Socioambiental de uma empresa pode ser definida como uma postura assumida dentro da sua gestão no sentido de ampliar a cidadania, ou seja, ampliar os benefícios para a sociedade no qual está inserida.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

O empreendedorismo tem despertado cada vez mais o interesse mundial, em função da sua ênfase socioeconômica e pela divulgação dos estudos realizados nos últimos anos (VIEIRA *et al.*, 2014; TONY, 2016). A educação de jovens requer vários desafios, dentre eles o empreendedorismo que se mostra como uma opção profissional, mas ainda é preciso

ampliar a discussão sobre atividades educacionais consistentes, em vez de ações paliativas que somente estimulam, mas não desenvolvem de fato as competências empreendedoras demandadas (REINA; SANTOS, 2017).

O primeiro curso a ensinar empreendedorismo no Brasil ocorreu em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, na cidade de São Paulo (SP), como curso de especialização e somente depois de 1984 o curso foi estendido para graduação sob o nome de “Criação de Novos Negócios - Formação de Empreendedores” (DOLABELA, 2008). Assim, a educação empreendedora tem grande importância na contemporaneidade e atende às necessidades atuais da sociedade. Uma instituição com práxis empreendedora forma cidadãos autônomos, capazes de exercer liderança, inovar, criar, ampliar habilidades e assumir responsabilidade (BAKAR; ISLAM; LEE, 2015; FERNANDES; SILVA, 2017).

O termo educação empreendedora é também conhecido como educação em empreendedorismo ou ensino de empreendedorismo. Segundo Hisrich, Peters e Shepherd (2014); Naia *et al.* (2015) e Vieira e Rocha (2015) há um crescimento nas pesquisas acadêmicas sobre educação empreendedora, visto que o número de disciplinas foi crescendo e se adaptando, colaborando para que as ações empreendedoras sejam mais disseminadas nas IES. Gomes e Silva (2018) afirmam que o empreendedorismo passa não só a fazer parte como disciplina obrigatória ou optativa nas grades curriculares dos mais diversos cursos de ensino superior, médio e educação básica, mas também no desempenho do docente enquanto empreendedor, ou seja, através de metodologias próprias esses conhecimentos são comunicados de forma dinâmica e estimulante denominada educação empreendedora.

Dornelas (2015) também relata que um número significativo de universidades e escolas nas diferentes partes do mundo tem iniciado uma educação específica voltada para o empreendedorismo. Martins (2010, p. 123) alega que o “empreendedorismo atua em todas as áreas e não somente na área da gestão, como muitos acreditam”. Gomes e Silva (2018), em seu estudo sobre a percepção dos alunos dos cursos técnicos integrados de nível médio do IFRN relatam que a disciplina Gestão Organizacional, ministrada com base numa educação empreendedora, proporcionou uma dinâmica diferenciada aos alunos em prol de um melhor aproveitamento do conteúdo transmitido e, principalmente, das experiências vivenciadas, consideram como instigante e proveitoso o estudo sobre empreendedorismo, principalmente quando baseado numa educação empreendedora.

Um ponto relevante é que o governo pode desenvolver e implementar muitas ações para apoiar o empreendedorismo, e existem políticas que buscam influenciar os valores e as atitudes dos indivíduos que querem se tornar empreendedores. Para isso, ele pode incluir no

sistema de educação os conhecimentos básicos sobre empreendedorismo, melhorando a capacidade de aquisição e geração de conhecimento com iniciativas voltadas ao crescimento pessoal e social, juntamente ao equilíbrio das relações humanas com a natureza (FERREIRA, 2014; SILVA; SCHIMIGUEL; ARAÚJO, 2015). Segundo Lundström e Stevenson (2005), as políticas públicas de apoio ao empreendedorismo apresentam alguns tipos de programas governamentais que influenciam o empreendedorismo: apoio à decisão, capital inicial para *startups*, redução de barreira de entrada, promoção da cultura empreendedora e a educação empreendedora entre outras.

Entretanto, destaca-se que a educação empreendedora, exercida por professores empreendedores, auxilia na construção de um aluno cidadão e na formação de um aluno-empREENDEDOR, de acordo com um dos universitários entrevistados por Martins (2010), ao enfatizar que o empreendedor não precisa ser dono de uma empresa, pode trabalhar nela como funcionário, pode também ser um empreendedor social, tema que se destaca entre os alunos e com a nossa vida, e que é algo necessário e que pode auxiliar a transformar o mundo (MARTINS, 2010).

De acordo com Oliveira, Melo e Muylder (2016), em sua pesquisa sobre as ações praticadas IES para o desenvolvimento da educação empreendedora, as disciplinas e demais ações desenvolvidas nas IES estimulam os alunos a perceber suas próprias capacidades, e tais ações ainda ampliam a visão dos alunos para outros horizontes. Apesar dos professores entrevistados exibirem uma preocupação em despertar nos alunos uma consciência social e fornecer a eles maneiras para refletir sobre suas ações e seus impactos sociais e ambientais, ainda são incipientes as práticas pedagógicas que orientem os alunos para esta área, ainda nova.

Também segundo os autores, as IES estão desenvolvendo uma consciência sobre o aspecto social. As médias obtidas, bem como a baixa variabilidade relativa observada nos dados, mostram que as IES têm alcançado certa consolidação do tema empreendedorismo, ainda que lentamente, para o empreendedorismo e inovação social em seus modelos de ensino. Os autores ressaltam que as Ciências Sociais Aplicadas precisam dar suporte ao desenvolvimento da inovação e da tecnologia em outros campos, mas principalmente conscientizar-se que a inovação social dá o refinamento de um verdadeiro desenvolvimento econômico e social (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016).

Segundo Martins (2010), dos 257 universitários (composto por 22 cursos de graduação, sendo que quase 70% foram do curso de Administração e Ciências Contábeis) que participaram da sua pesquisa de Tese, 207 (80,54%) colocaram a disciplina de

empreendedorismo como fundamental para a sua formação, o que mostra que a teoria empreendedora é vista como positiva pelos universitários e que a mesma está preparando-os para um futuro no qual a criatividade e a atitude positiva perante as dificuldades serão alavancadas para a sua sobrevivência. Além disso, 95,33% dos estudantes relataram que as disciplinas que fizeram a diferença em suas vidas foram ministradas por professores empreendedores.

O professor empreendedor “é aquele profissional da educação que deve saber persuadir seus pares e seus alunos de que sua visão poderá levar a todos a uma situação confortável no futuro, que chamo de aprendizagem”, ou seja, o professor deve se equipar de uma boa dose de energia, perseverança e paixão, para erguer o seu sonho e continuar em frente, apesar das barreiras, da caminhada difícil; mas para um indivíduo que tem como principal atributo identificar oportunidades e buscar recursos para transformá-las em conhecimento e aprendizagem, pode ser possível (MARTINS, 2010, p. 17).

Ainda de acordo com a autora, as características pessoais escolhidas pelos respondentes para delinear o perfil dos professores empreendedores são: 85,6% possuem conhecimento, ou seja, devem ter conhecimento de mundo, sabendo argumentar e se posicionar sobre economia, política, sociologia, enfim, tentar estar sempre conectado com as diversas áreas do conhecimento; 69,65% são determinados e dinâmicos; 65,76% são apaixonados pelo que fazem, ou seja, eles adoram o trabalho que realizam, e é esse amor ao que fazem o principal combustível que os mantêm cada vez mais animados e autodeterminados; 61,65% sabem tomar decisões, ou seja, o professor empreendedor é aquele profissional que, além de tomar decisões em momentos críticos dentro ou fora da sala de aula, também implementa essa decisão rapidamente, não deixa para depois, não deixa para outro resolver; e 51,75% são organizados (MARTINS, 2010).

Fernandes e Silva (2017), em sua investigação sobre a Educação Ambiental Empreendedora na escola, tiveram como objetivo principal analisar a orientação de Educação Ambiental numa perspectiva da educação empreendedora que busca uma visão de inovação e mudanças de atitudes de forma criativa, porém sem interromper as evoluções pela modernidade pelo consenso e que não perca o olhar pela sustentabilidade. Sendo assim, a EA surge como possível estratégia para o enfrentamento da crise civilizatória cultural e social, com a sensibilização e conscientização a utilização dos recursos naturais, renováveis e esgotáveis.

A educação empreendedora sugere um olhar sistêmico à formação do educando, priorizando as competências duráveis, ou seja, as competências comportamentais que são

usadas em qualquer circunstância da vida, por isso não há dúvidas sobre a relevância desse tema nas universidades e escolas do Brasil (REINA; SANTOS, 2017).

Pode se dizer que promover a formação de indivíduos que possuam a capacidade de empreender é desafiador, uma vez que pensar em Educação Empreendedora gera uma visão que vai além do ensino direcionado ao conhecimento de saberes; essa formação demanda que o educando possa revelar suas próprias escolhas e decisões, colaborando de maneira consistente para o seu objetivo de vida, tanto no âmbito profissional, como no social (SILVA; SCHIMIGUEL; ARAÚJO, 2015).

Ainda de acordo com os autores, para estimular a criação de empreendedores torna-se necessário também desenvolver competências e habilidades complementares capazes de instigar uma participação social responsável dos indivíduos. Sendo assim, essa responsabilidade deve abranger preocupações ambientais e de sustentabilidade, apoiada na ética, na solidariedade e em outros elementos e valores formativos (SILVA; SCHIMIGUEL; ARAÚJO, 2015).

Cabe destacar que a educação empreendedora utiliza metodologias de ensino voltadas às aprendizagens baseadas em problemas, com ênfase em liderança, comunicação e trabalhos em equipes, que aceitem o aprender fazendo, as quais permitem a pessoa pensar de maneira diferente buscando saídas e alternativas, ou seja, um ensino que tem a finalidade de preparar os empreendedores com conhecimentos, habilidades e competências para enfrentarem os obstáculos de abertura e expansão dos empreendimentos (LOPES; 2010; ELMUTI *et al.*, 2012, SILVA; PENA, 2017).

Silva e Pena (2017), em seu estudo sobre o *bê-a-bá* do ensino de empreendedorismo, revelam que em relação aos métodos e práticas de ensino, a percepção dos autores converge para a utilização de métodos mais ativos de ensino, capazes de transmitir conhecimentos teóricos e, principalmente, habilidades, competências e incentivo à prática empreendedora. Desse modo, alguns autores destacam os métodos e práticas centrados na experiência passiva, tais como: as aulas expositivas, os casos para ensino e os seminários e palestras com empreendedores. De outro lado os métodos de aprendizagem ativa baseados em atuação, são: visita a empresas, plano de negócios, incubadoras, jogos empresariais e simulações, Empresa Júnior e projetos de pesquisa e extensão (SILVA; PENA, 2017).

Logo, torna-se necessário, por meio da educação empreendedora, investigar os conhecimentos, habilidades e atitudes, os métodos de ensino adequados ao empreendedorismo, e a formação empreendedora para construir a Formação Empreendedora Sustentável como proposta deste estudo.

2.3.1 Formação Empreendedora

Na contemporaneidade a formação empreendedora nas Instituições de Ensino Superior torna-se relevante para a sensibilização e capacitação/atualização dos empreendedores, sejam eles docentes ou discentes, assim como garantia da sustentabilidade dos seus propósitos nas salas de aula ou nos negócios. Afirma Dolabela (2008), que o melhor ambiente acadêmico para o aluno empreendedor é aquele no qual se deparam e articulam as questões produtivas, econômicas, sociais, políticas e ambientais. O empreendedor não mede esforços para criar e gerir o seu próprio negócio, proporcionando emprego e renda para a sociedade, contudo a sustentabilidade das novas empresas é uma inquietação que permeia o empreendedorismo, pode-se relatar que uma possível solução para amenizar essa circunstância seria a formação de empreendedores mais qualificados para o processo de gestão (ROCHA; FREITAS, 2014).

Portanto, observa-se que ensino de empreendedorismo no Brasil é carente de estudos e, principalmente, no que se refere à elaboração de metodologia para a formação de empreendedores nos cursos de Administração (FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2007; VIEIRA; ROCHA, 2015). As habilidades empreendedoras foram introduzidas nos currículos dos cursos de administração de maneira efetiva somente a partir da década de 1970, com auge na década de 1980, disciplinas dessa natureza foram inseridas nos programas de formação em gestão (GUIMARÃES, 2002).

Ferreira e Santos (2018) constataram em sua pesquisa que a maioria das instituições de ensino apresenta apenas uma disciplina sobre empreendedorismo, sendo que a maioria é obrigatória para o curso de administração e de foco teórico, não apresentando relação com a prática. Além disso, há falta de padronização de nomenclatura das disciplinas.

O empreendedorismo precisou ser difundido de maneira massiva, portanto os processos educativos e formativos utilizados na formação de empresários tornaram-se programas de educação social, conquistando o aprender a empreender. Dessa forma, os processos formativos podem ser conhecidos de várias maneiras: formação empreendedora, educação empreendedora, pedagogia empreendedora, entre outras (LIMA, 2008). Para Vieira, Ribeiro e Melatti (2010), os cursos de Administração precisam enfrentar o desafio de aproximar os alunos do mundo exterior à sala de aula, levando em conta que o principal aprendizado está na capacidade de examinar o mercado, enxergar e internalizar as oportunidades.

De acordo com Schaefer e Minello (2016), os sistemas de ensino ao longo da história foram modelados para formarem pessoas que venham a ocupar vagas em empresas ou postos de trabalho específicos. Já Almeida e Gonçalves (2016) ironicamente afirmam que a cultura empreendedora estadunidense percebe que os erros e acertos fazem parte da carreira empreendedora, opostamente, a cultura brasileira estimula que o cidadão estude para passar em um concurso público e fique no mesmo cargo durante anos.

De acordo com Martins (2010) e Silva e Pena (2017), o empreendedorismo além de provocar transformações positivas nos alunos, também transforma positivamente a sala de aula, originando a inovação, a criatividade e a motivação. Cabe aqui enfatizar o que Freire (2003, p. 22) diz: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Afirma Lucena e Centurion (2011), que a pedagogia freireana contribui para o desenvolvimento de profissionais empreendedores direcionando-os para a formação de um indivíduo crítico, pensante e contestador, com ênfase na formação de profissionais reflexivos, proativos, socialmente responsáveis e preocupados com as demandas da sociedade em que atuam.

Para Martins (2010), essas possibilidades mencionadas por Freire (2003) podem ser alcançadas e concretizadas através de professores empreendedores, os quais auxiliam a desenvolver neles próprios e nos alunos a curiosidade, a motivação e o anseio pelo aprender. O professor empreendedor é “imprescindível para a formação dos indivíduos que, nas suas múltiplas relações com o mundo físico, social e tecnológico, busca sua edificação de cidadão consciente e ético, capaz de compreender a realidade de seu tempo” (MARTINS, 2010, p. 15). A medida de avaliação usada não é o dinheiro adquirido, mas a geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias e a agregação de valor que induz à aprendizagem (MARTINS, 2010).

Na concepção de Rabbior (1990) existem elementos que devem ser observados ao se elaborar um programa de formação empreendedora: 1º) estabelecer de maneira clara, os objetivos do programa, elaborando perguntas, como: o principal objetivo do programa é criar empreendedores ou inspirar iniciativas empreendedoras? Pretende-se criar consciência sobre o empreendedorismo ou plantar sementes para o futuro? Criar empregos ou influenciar o comportamento aumentando a autoconfiança?; 2º) Estabelecer critérios claros de avaliação relacionados aos objetivos do programa, pois o sucesso do curso está diretamente relacionado à capacidade de se estabelecer a coerência entre objetivos e a avaliação; e por último o 3º)

Nunca esteja satisfeito com seu programa, a inconformidade, o questionamento permanente e a busca constante de melhorias devem permear a organização dos programas.

No entanto, a formação teórica e prática, para os estudantes de administração que atuam em empresas juniores, pode propiciar um melhor desenvolvimento nos alunos em função da prática organizacional e da tomada de decisão semelhantes às que tomarão no futuro (ZILIOTTO; BERTI, 2012; SILVA; PENA, 2017). Para Barbosa *et al.* (2015), a formação empreendedora dos alunos de administração que atuam nas empresas juniores pode estar associada ao período cursado, pois quanto mais tempo o discente fica no curso de administração maior a possibilidade de aquisição de conhecimento nessa área. Segundo os autores, “o desenvolvimento pessoal durante a graduação influencia significativamente a formação empreendedora dos discentes de administração pesquisados” (p.183).

A formação empreendedora pode apresentar formas alternativas de aprendizado para o empreendedor, como: depoimentos de empreendedores em processo de falência, aulas expositivas posteriores às leituras, debates com empreendedores bem sucedidos ou não, estudos de casos, avaliação de projetos, serviços de tutoria aos iniciantes em negócios, elaboração de um plano de negócio, dramatizações e simulações que levam os indivíduos a pensar e agir com os outros (GUIMARÃES, 2002; SHEPHERD, 2004; AZEVEDO; MANTHEY; LENZI, 2016).

Em conformidade com os autores citados, no Quadro 4 Silveira (2016) apresenta, a partir de Rocha e Freitas (2014), algumas obras nacionais e internacionais, para assim organizar as metodologias que envolvem a formação empreendedora e suas respectivas aplicações pedagógicas.

Quadro 4 - Principais Métodos, Técnicas e Recursos Pedagógicos para o Ensino do Empreendedorismo

Métodos, Técnicas e Recursos	Aplicações
Aulas expositivas	Transferir conhecimentos sobre o empreendedorismo, as características pessoais do empreendedor, os processos de inovação, fontes de recursos, financiamentos e aspectos legais de pequenas empresas.
Visitas e contatos com empresas	Estimular <i>network</i> e incitar o estudante a sair dos limites da escola para entender o funcionamento de mercado na vida real. Desenvolver visão de mercado.
Plano de negócios	Desenvolver as habilidades de planejamento, estratégia, marketing, contabilidade, recursos humanos, comercialização. Desenvolver a habilidade de avaliação do novo negócio, analisando o impacto da inovação no novo produto ou serviço. Construir habilidade de avaliar e dimensionar riscos do negócio pretendido.
Estudos de casos	Construção da habilidade de pensamento crítico e de avaliação de cenários e negócios. Desenvolver a habilidade de interpretação e definição de contextos associados ao empreendedorismo.
Trabalhos teóricos em grupo	Construção da habilidade de aprender coletivamente. Desenvolver a habilidade de pesquisar, dialogar, integrar e construir conhecimentos, buscar

	soluções e emitir juízos de valor na realização do documento escrito.
Trabalhos práticos em grupo	Construção da habilidade de atuar em equipe. Desenvolver a habilidade de planejar, dividir e executar tarefas em grupo, de passar e receber críticas construtivas. Ampliar a integração entre o saber e o fazer.
Grupos de discussão	Desenvolver a habilidade de testar novas ideias. Desenvolver a capacidade de avaliar mudanças e prospectá-las como fonte de oportunidades.
<i>Brainstorming</i> (tempestade de ideias - técnica de dinâmica de grupo, desenvolvida para explorar a potencialidade criativa de um indivíduo ou de um grupo).	Construção da habilidade de concepção de ideias, prospecção de oportunidades, reconhecendo as como oportunidades empreendedoras. Estimular o raciocínio intuitivo para criação de novas combinações de serviços ou produtos, transformando-as em inovações.
Seminários e palestras com empreendedores	Transferir conhecimentos das experiências vividas por empreendedores desde a percepção e criação do produto, abertura do negócio, sucessos e fracassos ocorridos na trajetória empreendedora.
Criação de empresa	Transpor as informações do plano de negócios e estruturar os contextos necessários para a formalização. Compreender várias etapas da evolução da empresa. Desenvolver a habilidade de organização e planejamento operacional.
Aplicação de provas dissertativas	Testar os conhecimentos teóricos dos estudantes e sua habilidade de comunicação escrita.
Atendimento individualizado	Desenvolver a habilidade de comunicação, interpretação, iniciativa e resolubilidade. Aproximar o estudante do cotidiano real vivido nos pequenos negócios.
Trabalhos teóricos individuais	Construção da habilidade de geração de conhecimento individualizado, estimulando a autoaprendizagem. Induzir o processo de autoaprendizagem.
Trabalhos práticos individuais	Construção da habilidade da aplicação dos conhecimentos teóricos individuais, estimulando a autoaprendizagem. Estimular a capacidade laboral e de autorrealização.
Criação de produto	Desenvolver habilidade de criatividade, persistência, inovação e senso de avaliação.
Filmes e vídeos	Desenvolver a habilidade do pensamento crítico e analítico, associando o contexto assistido com o conhecimento teórico. Estimular a discussão em grupo e o debate de ideias.
Jogos de empresas e simulações	Desenvolver a habilidade de criar estratégias de negócios, solucionar problemas, trabalhar e tomar decisões sob pressão. Aprender pelos próprios erros. Desenvolver tolerância ao risco, pensamento analítico, comunicação intra e intergrupais.
Sugestão de leituras	Prover ao estudante teoria e conceitos sobre o empreendedorismo. Aumentar a conscientização do ato empreendedor.
Incubadoras	Proporcionar ao estudante espaço de motivação e criação da nova empresa, desenvolvendo múltiplas competências, tais como habilidades de liderança, organizacionais, tomada de decisão e compreender as etapas do ciclo de vida das empresas. Estimular o fortalecimento da network com financiadores, fornecedores e clientes.
Competição de planos de negócios	Desenvolver habilidades de comunicação, persuasão e estratégia. Desenvolver capacidade de observação, percepção e aplicação de melhorias no padrão de qualidade dos planos apresentados. Estimular a abertura de empresas mediante os planos vencedores.

Fonte: Silveira (2016) a partir de Rocha e Freitas (2014).

Esses métodos, técnicas e recursos pedagógicos são importantes para a formação empreendedora, contribuindo para um processo eficaz de aprendizagem, na qual o empreendedor aprende indefinidamente. Segundo Filion (1991), o mais relevante de tudo é estar sempre num processo dinâmico de aprendizagem, em que possa continuar a aprender, e

que o empreendedor continue a aprender coisas que considera necessárias para atingir o seu objetivo.

Entre os métodos e técnicas utilizadas no ensino do empreendedorismo, Azevedo, Manthey e Lenzi (2016) verificaram que a aula expositiva dialogada é a estratégia de ensino mais utilizada por todos os cursos, evidenciando que os métodos tradicionais de ensino são utilizados com muita frequência, sendo assim, o professor necessita utilizar outros métodos que motivem a criatividade e o interesse do discente em participar das aulas.

A disposição e organização dessas metodologias e respectivas aplicações pedagógicas contribuem para o Empreendedorismo Sustentável no qual o empreendedor necessita ir além do conhecimento sobre tecnologia e gestão, necessita adicionar em sua aprendizagem as questões sociais e ambientais. No entanto, observa-se que a literatura contemporânea sobre o termo ES está em busca de uma formação consistente, no intuito de conseguir identificar oportunidades para negócios sustentáveis. Essa formação consistente refere-se ao desenvolvimento de capacidades de descobrir, criar e explorar oportunidades vislumbrando o econômico, social e o ambiental (FREITAG, 2014).

No campo educacional tradicional, a formação se mostra como uma das estratégias da educação, visto que apresenta um objetivo mais limitado e direcionado ao campo profissional e a educação tem um significado mais amplo e complexo (POZENATO, 2017). Portanto, a Formação Empreendedora Sustentável proposta nesse estudo, pode ser entendida como uma estratégia para o desenvolvimento da Educação Ambiental como um todo, e da Educação não formal em particular, pela afinidade com o mercado de trabalho.

Segundo a Lei nº 9.795/99, Art. 8º, as atividades vinculadas à Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar, destacando em seu parágrafo 2º, inciso II, que a capacitação de recursos humanos deve voltar-se para a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos profissionais de todas as áreas. Assim, como o Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, Art. 6º, inciso IV, que regulamenta a Lei 9795/1999, afirma a relevância de serem criados, mantidos e implementados programas de Educação Ambiental integrado aos processos de capacitação de profissionais promovidos por empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas.

De acordo, com a Portaria do Ministério do Meio Ambiente (MMA), nº 132 de 27 de abril de 2009, Art. 1º que institui, no âmbito do Ministério do Meio Ambiente, a Comissão Intersetorial de Educação Ambiental (CISEA), com a finalidade de fortalecer, articular e integrar as ações de EA não formal desenvolvidas pelo Ministério do Meio Ambiente, no 2º

parágrafo, entende por ações de Educação Ambiental a formulação, execução e implementação de políticas públicas, programas, projetos e atividades de meio ambiente que tenham por objetivo ou possuam componentes de:

- I - sensibilização, formação e/ou capacitação de pessoas;
- II - construção de valores, conhecimentos, habilidades e competências individuais ou coletivas que visem à identificação, prevenção e solução de problemas ambientais, ou ainda, a conservação, recuperação e melhoria da qualidade do meio ambiente;
- III - desenvolvimento de estudos, pesquisas ou experimentos com caráter pedagógico;
- IV - produção e divulgação de materiais educativos; e
- V - produção, difusão e gestão de informação ambiental de caráter educativo." (BRASIL, 2009).

Os objetivos alcançados pela formação empreendedora devem se harmonizar com a proposta da Educação Ambiental, buscando assim, o nivelamento econômico, social e ambiental, como forma de auxiliar na redução das desigualdades sociais. Para viabilizar o alcance desses objetivos é necessário seguir algumas diretrizes, como a participação das IES que efetivamente podem instituir em suas ações o estímulo para a adoção de atividades empreendedoras sustentáveis, além dos padrões sustentáveis de produção e consumo.

Afirmam Fernandes e Silva (2017, p. 158) que “a Educação Ambiental se insere como elemento imprescindível na formação de todo cidadão participante de uma sociedade democrática”. Sendo assim, o ProNEA (2018) estabelece em seus objetivos a importância do processo de formação em EA não formal estimulando as empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas a desenvolverem programas destinados à capacitação de trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o meio ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente.

Dentre as suas linhas de ação e as estratégias, o ProNEA (2018), destaca no item número 2, a Formação de Gestores e Educadores no âmbito formal e não formal constituído das seguintes ações:

- A) Promover planos e programas de formação continuada em educação ambiental, para profissionais de educação e da gestão ambiental,
- B) Promover processos formativos e de divulgação voltados à comunidade escolar, tendo a educação ambiental como tema transversal à formação de espaços educadores sustentáveis,
- C) Realizar parcerias entre escolas públicas, sistemas educacionais e universidades,
- D) Apoiar a criação e a manutenção de redes de formação de educadores, envolvendo a participação da gestão pública, universidades, empresas, organizações do terceiro setor,

organizações sem fins lucrativos, organizações dos trabalhadores, escolas e movimentos sociais,

E) Promover processos formativos de educadores, presenciais e a distância, para atuarem em espaços não formais, com inclusão de lideranças locais, respeitando os diferentes contextos e realidades,

F) Estimular a criação de fóruns permanentes de EA e temas socioambientais nas universidades,

G) Formar docentes para atuarem desde a educação infantil ao ensino superior, utilizando metodologias presenciais e de educação a distância,

H) Implementar metodologias de educação a distância, como videoconferências, teleaulas, e-learning, entre outras.

Anello (2009) reforça a importância do processo de formação continuada de equipes, como contribuição para desenvolver as técnicas adequadas e necessárias para que o gestor desenvolva competências e habilidades de conduzir um processo social. Na avaliação dos especialistas da área, faltam políticas públicas adequadas às necessidades dos empreendedores e há excesso de burocracia para abertura, funcionamento e encerramento dos negócios. Os mesmos também citaram como condição limitante ao empreendedorismo no Brasil a educação e capacitação, em especial nos níveis básico, fundamental e técnico, que historicamente têm como foco a formação de mão de obra para o mercado de trabalho ou para setor público, sem a devida ênfase ao empreendedorismo (GEM, 2015).

Embora as iniciativas educacionais e governamentais sejam necessárias e fundamentais para a consciência dos problemas ambientais e sociais, a ideia de ser sustentável também deve se tornar o foco nos negócios empresariais, para que realmente aconteça uma mudança na direção da sustentabilidade (FIGUEIRA, 2016). Para Freitag (2014), nem sempre a educação empreendedora formal consegue proporcionar experiências de aprendizados que acolham as demandas dos empreendedores, mas eles procuram uma formação para aprender fazendo e devem ser capacitados para criar visões, o que demanda métodos de formação diferentes dos que são apresentados pelos modelos convencionais de educação (FREITAG, 2014).

Portanto, a formação para professores em empreendedorismo está voltada para todas as áreas que desejam proporcionar transformações positivas nos alunos, assim como na sala de aula em busca de formas alternativas de aprendizado, por meio da inovação e motivação. Formar professores empreendedores corrobora para constituir um professor que ergue o seu

sonho, visualiza oportunidades e busca recursos para transformá-la em conhecimento e aprendizagem, indo além de uma educação tradicional.

2.3.2 O Papel das Instituições de Ensino Superior na Formação Empreendedora

A partir da década dos anos 1990, o empreendedorismo no Brasil começou a crescer como ensino formal, com escolas e instituições públicas e privadas procurando ofertar disciplinas sobre essa área em sua grade curricular. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), em parceria com a rede de ensino de alguns estados do Brasil, vem desenvolvendo programas de formação empreendedora (FREITAG, 2014).

Na contemporaneidade, um dos principais agentes do processo de intensificação do empreendedorismo no Brasil são as IES, por sua força de propagação e do seu impacto na sociedade, com o poder de oficializar o empreendedorismo como conteúdo de conhecimento, sendo assim destaca-se como novas funções da universidade moderna, a promoção de programas voltados para a difusão do empreendedorismo, por meio de novas estratégias de ensino e método, programas de apoio, cursos especializados, eventos e pesquisas (DOLABELA, 2008; MARTINS, 2010; BASCI; ALKANB, 2015).

Segundo Silva *et al.* (2017, p. 18) “é preciso reconhecer, entretanto, que a efetivação de projetos voltados ao empreendedorismo nas escolas e universidades representa um grande desafio a ser posto em prática”. Nassif *et al.* (2009, p. 80) ressaltam que as “pesquisas científicas na temática da formação empreendedora e o papel das IES para esse fim encontram-se ainda em fase incipiente, particularmente na literatura brasileira”.

No âmbito da universidade observa-se que algumas atividades contribuem positivamente para a formação empreendedora, sendo que os métodos de ensino mais sugeridos para o ensino de empreendedorismo são orientados para apresentação de ideias dominadas pelo caráter vivencial, ou seja, estimular os alunos a saírem das salas de aula para entender o real funcionamento do mercado, participar de seminários com empresários, ouvir casos de sucesso e insucesso com empreendedores, aplicação de estudo de casos, aulas expositivas, dinâmicas de grupo e vivências, uso de jogos, dramatizações, palestras entre outras (SOUZA, 2001; DRUCKER, 2003; RAIMUNDO, RAMBALDUCCI; PACAGNAN, 2010; VIEIRA; ROCHA, 2015; AZEVEDO; MANTHEY; LENZI, 2016; SILVA; PENA, 2017).

Segundo Nassif *et al.* (2009), os resultados de suas pesquisas mostram que a estrutura imposta pelas IES quanto à excessiva burocracia, interferem no tempo dos professores para

pensar em estratégias de sala de aula com vistas à formação empreendedora. Observa-se que no limite entre professores e alunos o ensino é, ainda, de uma concepção tradicional, onde o professor é o transmissor de conteúdo e os alunos são os receptores, portanto mudar esse modelo de ensino seria fundamental para o desenvolvimento de uma educação que desperte o ensino e a aprendizagem do empreendedorismo. Esses achados vêm ao encontro de Rezende e Sales (2010), Rocha e Bacchi (2010); Raimundo, Rambalducci e Pacagnan (2010) e Ortega (2012), que concluem que o processo convencional de ensino não contempla em um bom nível as prerrogativas pedagógicas para a formação empreendedora. Portanto, torna-se necessário uma reformulação nas estratégias pedagógicas, com o intuito de adotar a mescla de práticas didáticas convencionais e contemporâneas.

Ainda de acordo com Nassif *et al.* (2009), a formação empreendedora não é um atributo exclusivo da IES, mas ela possui um papel importante para essa formação, sendo necessário um alinhamento do projeto pedagógico com as diretrizes da formação empreendedora, tais como: direcionar disciplinas e atividades que atendam melhor a realidade; usar práticas metodológicas que estimulem os alunos a integrar teoria e prática; instigar alunos e professores a participarem de projetos que apresentem amarrações entre a teoria e o contexto social, além de incentivar à pesquisa na graduação.

Um dos objetivos da IES pesquisada por Schmidt, Bohnenberger e Freitas (2010), é esperar que o próprio curso de Administração estimule o aluno ao empreendedorismo, havendo a necessidade de uma reavaliação dos métodos utilizados pelo Curso e sua potencial contribuição na formação empreendedora. Em função das limitações do ensino superior em administração na formação empreendedora, destaca-se de maneira indireta a influência da família que é entendida como um agente socializador de suma importância para os indivíduos, ou seja, além de uma base educacional e cultural, devem ser incluídas as vivências e os conhecimentos adquiridos no convívio da família (FERREIRA; MATTOS, 2003; SCHIMIDT; BOHNENBERGER, 2008; NASSIF *et al.*, 2009).

Segundo Guimarães (2002), em sua pesquisa sobre a experiência universitária norte-americana na formação de empreendedores, indica que estar alerta às oportunidades representa a característica mais enfatizada nas propostas de formação empreendedora. Além dessa, referências de cunho social, como experiência paterna, existência de modelos em que os iniciantes possam se espelhar, são estratégias utilizadas nas disciplinas em conjunto com os esforços dos docentes, por meio de depoimentos e entrevistas, aproximando os alunos dos membros da comunidade empresarial. Assim sendo, a organização didático-pedagógica das

disciplinas de empreendedorismo exaltam valores empreendedores que privilegiam o desenvolvimento de planos de negócios.

Ainda de acordo com a autora, as recomendações didático-pedagógicas para o desempenho dos docentes das disciplinas de formação empreendedora incluem novas metodologias de ensino e aprendizagem que estimulem a criatividade, a capacidade para identificar oportunidades e inovar, esses achados também vêm ao encontro de Azevedo, Manthey e Lenzi (2016). A implantação de disciplinas de formação empreendedora na grade curricular dos cursos de administração e MBA das universidades norte-americanas estimula a criação principalmente de um centro de empreendedorismo, cabendo destacar que a Babson College é um exemplo dentre as universidades que oferecem cursos de formação docente dentro das metodologias recomendadas para o ensino do empreendedorismo (GUIMARÃES, 2002).

No Quadro 5 pode-se observar como o Babson College apresenta o seu modelo de Formação Empreendedora.

Quadro 5 - Modelo de Formação Empreendedora da Graduação em Administração e do MBA do Babson College

Disciplinas da Graduação	
Gestão da Fundação	Criar, gerir, encerrar uma empresa;
Empreendedorismo e o Novo Empreendimento	Apresentar/ discutir características/ mentalidade empreendedora; Identificar oportunidades de negócios; Apresentar um panorama geral do processo empresarial;
Criação de empreendimentos e o Plano de Negócios	Apresentar /discutir características/Mentalidade empreendedora; Identificar oportunidades e avaliar riscos; Apresentar um panorama geral do processo empresarial;
Financiamento de Empreendimentos Empresariais	Discutir técnicas de avaliação financeira; Avaliar oportunidades sob o ponto de vista financeiro;
Gestão de Empresas Familiares	Discutir desafios à gestão de empresa familiar: planejamento, expansão, sucessão;
Gestão de Negócios em Crescimento	Apresentar e discutir técnicas para gerir crescimento/desenvolvimento de empresas;
Estudo de Campos Empresarial	Implementar um Plano de Negócios ou atuar como consultor organizacional;
Marketing para empresários	Apresentar e discutir técnicas de marketing para empresas com pequenos recursos;
Negócio Corporativo: empresários em organizações	Discutir novos negócios em corporações; Elaborar projetos de negócios para as corporações;
Estratégias de Crescimento	Discutir estratégias para gestão do crescimento em ambientes dinâmicos;
Capital de Risco	Discutir investimento de risco; Analisar fontes de capital e desempenho financeiro de empresas;
Franquia, Licenciamento e Distribuição:	Discutir negócios pelo sistema de franquias,

Explorando um Crescimento Rápido de Oportunidades	licenciamento e distribuição;
Disciplinas do MBA	
Empreendedorismo e Novos Empreendimentos	Apresentar/discutir atributos empreendedores; Identificar oportunidades e avaliar recursos; Apresentar um panorama geral do processo empresarial;
Empreendimentos Empresariais Financeiros	Apresentar técnicas de análise financeira; Discutir aspectos financeiros no processo de criação de empresas;
Gestão de Negócios em Crescimento	Discutir estratégias para o crescimento/expansão empresarial; Discutir os problemas inerentes à criação da expansão empresarial;
Negócios Corporativos: Empresários em Organizações	Discutir e compreender novos negócios em corporações; Elaborar projetos de negócios para corporações;
Empreendedorismo Social	Discutir o papel social do empreendedor na economia; Apresentar e discutir a dinâmica de organizações não lucrativas em setores lucrativos;
Franquia, Licenciamento e Distribuição	Discutir negócios pelo sistema de franquia, licenciamento e distribuição;
Gestão de Compras	Discutir negócios através de aquisições e vendas;
Capital de Crescimento e Risco: Teoria e Prática	Discutir instrumentos para capitalização de empresas; Capacitar para selecionar e avaliar negócios;
Marketing para Empresários	Apresentar e discutir recursos de marketing para pequenas empresas;
Estratégias de Crescimento	Apresentar e discutir estratégias para a criação de empresas com atuação internacional;
➤ Centro de empreendedorismo	
➤ Clube dos Estudantes	
➤ 12 Doutores em atividades acadêmicas e empresariais	
➤ 09 Doutores com dedicação exclusiva ao ensino e a pesquisa	
➤ 08 docentes com título em MBA com atividades acadêmicas e empresariais	
➤ Rede de relação extramuros: estrutura organizacional e Qualificação dos docentes	

Fonte: Elaborado pela autora, de acordo com Guimarães (2002).

O Babson College, considerado uma referência acadêmica no ensino do empreendedorismo, apresenta como concepção pedagógica o desenvolvimento de competências - retórica, capacidade numérica e tecnológica, ética e responsabilidade social e liderança/criatividade/trabalho em equipe, destacando a importância de discutir o papel do empreendedor social, maior articulação teoria/prática, além de desenvolver programas de capacitação docente para o ensino de empreendedorismo.

Barros e Gonzaga (2018) afirmam em sua pesquisa realizada com os docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre que 92% dos pesquisados demonstram que são totalmente ou moderadamente favoráveis à utilização do Empreendedorismo como elemento norteador em uma proposta formativa de professores, e apenas 8% dos pesquisados são indiferentes ao tema abordado. Ainda segundo os autores, no que se refere ao grau de importância que o empreendedorismo imprime no cenário educacional e na formação de professores, 42% e 37% consideram extremamente importante

ou muito importante lançar mão do empreendedorismo como estratégia para o enfrentamento das mudanças que ocorrem no cenário educacional.

Assim, pode-se observar a importância das IES no processo de Formação Empreendedora como proposto nesse estudo, associando o termo sustentável (econômico, social e ambiental) à Formação Empreendedora. Segundo Clayton e Radcliffe (2015), a questão da sustentabilidade afeta a maioria das áreas da atividade humana, ela é intrinsecamente complexa e multidisciplinar; as políticas sustentáveis têm que se adaptar aos novos conhecimentos e as mudanças circunstanciais.

O desenvolvimento de competências para a sustentabilidade emana uma interação dialógica, com realidades e perspectivas distintas, construindo-se com base em novos caminhos através de perspectivas conflitantes, tais como a relação entre competitividade/sustentabilidade e sociedade/mercado, podendo ser essa interação o grande desafio para as instituições de ensino que almejam desenvolver competências voltadas à sustentabilidade nos discentes das IES (PALMAS; CAMPOS; PEDROZO, 2017).

Portanto, torna-se necessário solidificar a sustentabilidade nas IES, indo além das ações ecologicamente corretas, ser uma universidade que desenvolva processos de formação com o objetivo de buscar o equilíbrio econômico, social e ambiental. A Formação Empreendedora nas universidades pode ser um meio de ajudar a implementar a sustentabilidade nas instituições, a partir dos princípios da Educação Ambiental.

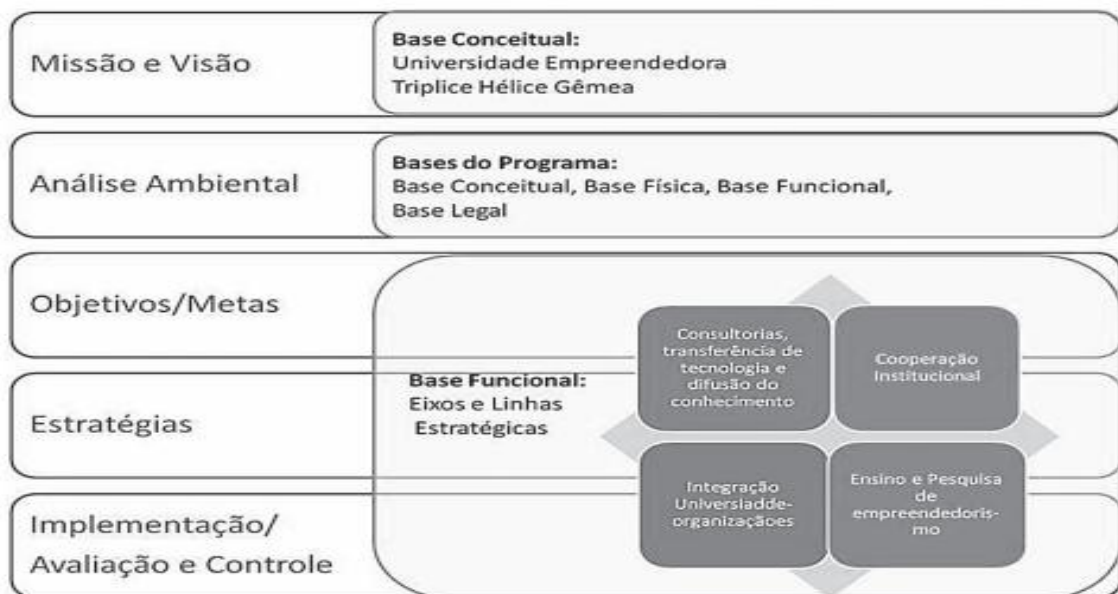
A universidade deve ser uma organização que compreende em seus próprios recursos internos todo o potencial necessário para sua evolução, reconhecendo ser inevitável a existência de condições, de ambiguidades e de conflitos. Portanto, uma universidade empreendedora é aquela que prima por padrões de interação entre as pessoas, de modo a fomentar o surgimento natural de sinergias catalisadoras de novas possibilidades e de caminhos inovadores (MARTINS, 2010).

Na concepção de Clark (2006), a universidade empreendedora está embasada em cinco dimensões: **Corpo docente qualificado**, com espírito empreendedor e consciente da necessidade da melhoria da universidade como pré-requisito à superação dos desafios do novo paradigma; **Administração central** que determine o caminho mediante uma política de metas e resultados, baseada em um diálogo aberto e na valorização de ideias e sugestões; **Cultura empreendedora** que transite por toda a universidade; **Unidades de suporte** à mudança e à articulação da universidade com a sociedade, como institutos de pesquisa e desenvolvimento, agência de promoção da inovação e de transferência de tecnologia, incubadoras de empresas e parques científicos e tecnológicos; **Base diversificada de apoio financeiro**, abarcando fontes

como contrapartidas a projetos cooperativos de P&D em áreas avançadas e *royalties* de produtos e empresas, desenvolvidos com a participação da universidade.

A Figura 2 apresenta o processo de implementação de um programa para a promoção de uma Universidade Empreendedora, que esteja comprometida com o desenvolvimento sustentável, de acordo com Casado, Siluk e Zampieri (2012).

Figura 2 - Modelo do Programa de Promoção do Desenvolvimento Sustentável para uma Universidade Empreendedora



Fonte: Casado, Siluk e Zampieri (2012) adaptado de Kotler (1998).

Segundo Casado, Siluk e Zampieri (2012), o processo de implantação de ações de empreendedorismo inovador na universidade agrega participação dos agentes que interagem no processo: professores, alunos e técnicos, contribuindo para o desenvolvimento dessa mentalidade empreendedora em todos os níveis do ensino, da pesquisa e da extensão. O planejamento aqui proposto foi adaptado de Kotler (1998) e está definido em etapas identificáveis e adequadas para a implantação em IES. Como demonstra a Figura 2, esse modelo propõe o investimento em eixos norteadores:

- *Missão*: reflete a razão de existir do programa, o que ele é e o que faz, e a *Visão*: define aonde o programa quer chegar, a direção que pretende seguir, e o que quer ser, nessa fase é

importante conhecer os conceitos de universidade empreendedora e a Tríplice Hélice Gêmea⁹ (Universidade/Governo/Empresa);

- *Análise Ambiental*: mede os riscos da implantação do programa, configuração do ambiente externo¹⁰ e do ambiente interno¹¹, nessa etapa mostra-se necessário compreender o papel da IES frente a sua rede estratégica de inovação e sustentabilidade, formada pelas relações entre universidade, governo, empresas e sociedade. Outra ferramenta adaptada de Spolidoro (2006) para a implantação de Parques Tecnológicos mostra-se útil, na qual estão descritas a) Base conceitual: é formada pelo conjunto de teorias, hipóteses e premissas que fundamentam o programa; b) Base física: infraestrutura necessária para as diversas ações decorrentes; c) Base legal: leis e normas que sejam incentivadoras e facilitadoras do processo; d) Base funcional: estrutura organizacional formada e seu conjunto de objetivos, estratégias e procedimentos operacionais.

- *Objetivos, metas, estratégias, implantação e avaliação e controle*, seguem as mesmas consideradas por Kotler (1998), ou seja, traçar as metas é fundamental para que as futuras decisões sejam consistentes ao rumo que a instituição quer dar ao negócio; os objetivos são etapas quantificadas necessárias para atingir as metas; as estratégias são atividades que a instituição deve realizar para atingir suas metas e objetivos; avaliação e controle das estratégias devem assegurar que o desempenho real permita o alcance dos padrões que foram estabelecidos.

Para que aconteça de fato o empreendedorismo voltado para o desenvolvimento econômico, social e ambiental, é necessário que as universidades revejam seus objetivos, visto que o melhor caminho é pelo ensino, que pode estimular e desenvolver nos alunos competências, habilidades e atitudes empreendedoras necessárias para um desenvolvimento igualitário na sociedade (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010; REZENDE; SALES, 2010; SANTOS; SOUZA, 2014).

⁹ Hélice Tríplice foi desenvolvida inicialmente por Etzkowitz e Leydesdorff (1998), que estuda a dinâmica da inovação num contexto em evolução e as redes formadas entre as três esferas institucionais (hélices) – universidade (fonte de novos conhecimentos e tecnologias), governo (fonte de relações contratuais que garantam interações estáveis e permutas) e a indústria (considerada como o locus) (CASADO, SILUK e ZAMPIERI, 2012). Etzkowitz e Zhou (2006) apresentaram um modelo expandido da Hélice Tríplice, denominado Hélice Tríplice Gêmea, que incorpora uma dimensão crítica ao argumento original: o conceito de sustentabilidade (SENHORAS, 2008).

¹⁰ “O ambiente externo é composto por oportunidades e ameaças que são fatores não controláveis” (CASADO; SILUK; ZAMPIERI, 2012).

¹¹ “O ambiente interno é composto por forças e fraquezas que são fatores controláveis” (CASADO, SILUK; ZAMPIERI, 2012).

2.3.3 Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHA) Empreendedoras

Pensar a educação em empreendedorismo demanda uma visão que vai além do ensino focado na aquisição de conhecimentos, passa por uma formação mais ampla e que abrange o desenvolvimento de valores e atitudes, pensamento crítico, capacidade de reflexão e autonomia de ação e pensamento, até mesmo para realizar suas próprias escolhas e decisões, ou seja, para compreender o empreendedorismo é importante entender como os empreendedores desenvolvem suas competências (ZAMPIER; TAKAHASHI, 2011; SILVA; SCHIMIGUEL; ARAÚJO, 2015).

As competências podem ser descritas como um traço do indivíduo, uma característica da personalidade, que o torna competitivo dentro do seu ambiente de responsabilidade (PIERRY, 2006). Le Bortef (2001) afirma que a competência não é um conhecimento que se tem e nem é decorrência de um treinamento, baseia-se nas características dos indivíduos e emerge no contexto profissional. Para Fleury (2002), a competência não deve ser compreendida apenas como um estoque de recursos que cada indivíduo detém, ou seja, a competência deve ser vista como uma característica subjacente ao indivíduo, relacionada a uma performance superior na realização.

Segundo Mamede e Moreira (2005, p. 4), “a competência empreendedora pode ser tratada tanto como competência do indivíduo, quanto relacionada à prática administrativa, devido às diferentes tarefas que desempenham”. Sendo assim, define-se competência empreendedora como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHAs), ou seja, um corpo de conhecimento, qualidades pessoais ou características, visões, motivações ou direcionamento que viabilizam a um indivíduo imprimir suas estratégias e ações na criação de valores tangíveis ou intangíveis, que irão resultar em benefício institucional e satisfação da necessidade de realização do indivíduo (ANTONELLO, 2005; HONMA; TEIXEIRA, 2008).

Um dos pioneiros a trabalhar na área da competência comportamental foi o psicólogo McClelland, que sustenta uma base em que o estoque de CHA é que determina o nível de competência de uma pessoa, sendo que as aptidões (atitudes) referem-se ao talento natural dos indivíduos, as habilidades ao talento particular na prática, e ao conhecimento que é parte necessária para desempenhar a tarefa. No ano de 1986, McClelland desenvolveu técnicas para identificação de variáveis comportamentais que esclarecessem as diferenças no desempenho do trabalho (LENZI, 2008, SCHMITZ, 2012).

Rabaglio (2001) define o CHA dando os seguintes significados para as letras: C = Saber (conhecimentos adquiridos no decorrer da vida, nas escolas, universidades, cursos de

especializações e gerais); H = Saber fazer (capacidade de realizar determinada tarefa, física ou mental, ou seja, experiência e prática do saber); e A = Querer fazer (Ter ações compatíveis para atingir os objetivos, aplicando os conhecimentos e habilidades adquiridas e/ou a serem adquiridas, ou seja, são os comportamentos das situações do nosso cotidiano e das tarefas que são desenvolvidas no dia a dia).

Em uma pesquisa sobre competência empreendedora com gestores de instituições de ensino, a competência empreendedora “correr riscos calculados” apresentou uma nova roupagem, pois esses empreendedores correm risco ou se submetem ao risco sem calcularem até onde poderiam ser afetados por essa atitude. Alguns precisaram lidar com as consequências de seus atos durante a ocupação de um cargo ou execução de um projeto, muitos anos após aquele momento. Portanto, como resultado da pesquisa observou-se que o risco estava intimamente ligado ao amor e pela causa a que se propuseram, sendo que aqueles movidos por seus sentimentos, emoções e sonhos, encontraram prazer em realizar seus objetivos (SCHMITZ, 2012).

Na velocidade com que a sociedade contemporânea vive, as mudanças são inevitáveis, sendo assim, o empreendedor necessita aprimorar constantemente os seus conhecimentos, habilidades e atitudes para acompanhar as crescentes transformações. Silvério *et al.* (2014) afirmam que o empreendedorismo é o conceito de conhecimentos, habilidades e atitudes essenciais ao empreendedor, por ser o indivíduo que faz seu próprio negócio, e isso é relevante para a sociedade, assim como para todo o país, ou seja, identificar as habilidades de empreender é muito importante tanto para a vida pessoal, assim como para todas as organizações.

A interação dinâmica entre atitudes, habilidades e aspirações empresariais são institucionalmente incorporadas pelos indivíduos que impulsionam a alocação de recursos por meio da criação e gestão de novos empreendimentos, nos dizem Ács, Szerb e Autio (2014).

Dentro do tema de competência empreendedora, alguns autores têm se preocupado em criar tipologias ou modelos que possibilitem a identificação, por parte dos pesquisadores, de conhecimentos, habilidades, atitudes, por fim, de competências necessárias ao desenvolvimento de suas atividades entre eles, o trabalho de Man e Lau (2000), que ressalta que as experiências precisam ser levadas em consideração, bem como os aspectos demográficos, a educação e a história vivenciada pelo indivíduo (ZAMPIER; TAKAHSHI, 2011).

De acordo com Nunes *et al.* (2018), em seu estudo sobre as competências empreendedoras dos alunos de Engenharia de Matérias da Universidade Federal de Santa

Catarina foram encontradas as habilidades de: busca de oportunidade e iniciativa, persistência, correr risco calculado, planejamento, persuasão e rede de contato, e independência e autoconfiança. As atitudes voltadas a estas habilidades foram: o estudante esforça-se além da média para atingir seus objetivos; aceita desafios moderados com boas chances de sucesso; enfrenta grandes desafios agindo por etapas; cria estratégias para conseguir apoio para seus projetos entre outras atitudes.

Barros e Gonzaga (2018) afirmam em sua pesquisa que as três competências mais relevantes para os docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre que atuam no Campus Rio Branco são: Busca de Oportunidade, com 44,7% dos docentes, representando a característica mais evidente em um empreendedor; seguida de Planejamento e Monitoramento Sistemático, com 15,8%; e a terceira característica foi Comprometimento, com 13,2%.

Schmitz (2012), em seu estudo sobre as competências empreendedoras nas IES, constatou com base em Almeida (2003), Araújo *et al.* (2005), Baron (2002), Cooley (1991), Dolabela (2008), Filion (1999), Gibb (1999), Leite (2002), Leme (2005), McClelland (1973), Morales (2004), Spencer e Spencer (1993), que as atitudes voltadas para as habilidades empreendedoras são:

- Habilidade **Condução de Situações**: Atitudes (buscar oportunidades, ter iniciativa, ter comprometimento, ter persistência, correr riscos calculados, ser rápido, ser tolerante à ambiguidade);
- Habilidade **Identificação de Oportunidade**: Atitudes (ter visão, ter sonhos, inovar, enxergar tendências, ser criativo, orientar-se para o futuro e estar na zona de desconforto);
- Habilidade **Disposição para o Trabalho**: Atitudes (orientar-se para resultados, ter organização, ser otimista, ser tolerante, ter motivação, buscar desafio, ter locus de controle interno e ser proativo);
- Habilidade **Gerenciamento**: Atitudes (estabelecer metas, buscar informações, planejar e monitorar, utilizar recursos e pensar, planejar, executar, controlar estrategicamente);
- Habilidade **Liderança**: Atitudes (tomar decisões identificar oportunidade, assumir responsabilidades, ter dedicação e ter capacidade de adaptação à mudança);
- Habilidade **Sentido de Obrigação com os Outros**: Atitudes (trabalhar em equipe, partilhar e ter integridade);
- Habilidade **Rede de Relacionamento**: Atitudes (ter convencimento, criar valor, conduzir situação, buscar parcerias, possuir valores éticos e morais, ter comunicabilidade, gerir conflitos e saber negociar);

- Habilidade **Persuasão**: Atitudes (conseguir convencer e controlar gestão);
- Habilidade **Rede de Contato**: Atitudes (comunicar e motivar colaboradores);
- Habilidade **Autoconfiança**: Atitudes (ser independente, negociar e prover recursos);
- Habilidade **Conhecimento**: Atitudes (adquirir conhecimentos, adquirir capacitações, ter autoconhecimento, dominar o processo, ter capacidade de pesquisa, apresentar ideias e ter expertise e ter *feedback*);
- Habilidade **Voluntariado**: Atitudes (doar-se, ouvir, ter empatia, gostar de gente, compreender estado de espírito, ter olhar holístico e ser imparcial).

A autora ainda ressalta que as habilidades: condução de situações, identificação de oportunidades e disposição para o trabalho estão relacionadas ao **Comportamento Realização**; as habilidades: gerenciamento, liderança, sentido de obrigação com os outros estão direcionadas para o **Comportamento Planejamento**; a habilidade rede de relacionamento ao **Comportamento Afiliação**; as habilidades: persuasão, rede de contato e autoconfiança estão voltadas para o **Comportamento Poder**; a habilidade: conhecimento ao **Comportamento Cognitivo**. E por fim, a habilidade voluntariado está direcionada ao **Comportamento Filantrópico** (SCHMITZ, 2012).

Portanto, o empreendedorismo pode ser visto como habilidades e competências empreendedoras e a partir da teoria podem ser desenvolvidas metodologias adaptadas à formação empreendedora, voltadas ao empreendedor, sendo esse um dos responsáveis pelo processo de transformação da sociedade. Logo, há a relevância de abordar esse tema como atividades objetivas e factíveis e não mais como teoria subjetiva ou como características inatas de indivíduos geneticamente diferentes da maioria da população mundial (COSTA; FURTADO, 2016).

Desse modo, a identificação e os agrupamentos dos conhecimentos, habilidades e atitudes ajudam a caracterizar o comportamento dos indivíduos voltados para o empreendedorismo, contribuindo de maneira significativa para encontrar quais são as habilidades e as limitações adquiridas nos discentes após as aulas de empreendedorismo na FURG, para posterior contribuição na proposta da FES.

Nesse contexto, a EA torna-se necessária para transformar os indivíduos em pessoas que participem das decisões sobre os seus futuros, desempenhando a cidadania; enfatizando que a relevância dos conhecimentos, habilidades e atitudes está em promover comportamentos necessários à preservação e à melhoria da qualidade ambiental, com o intuito de formar cidadãos conscientes dos valores ambientais (PIAZZA, *et al.*, 2017).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

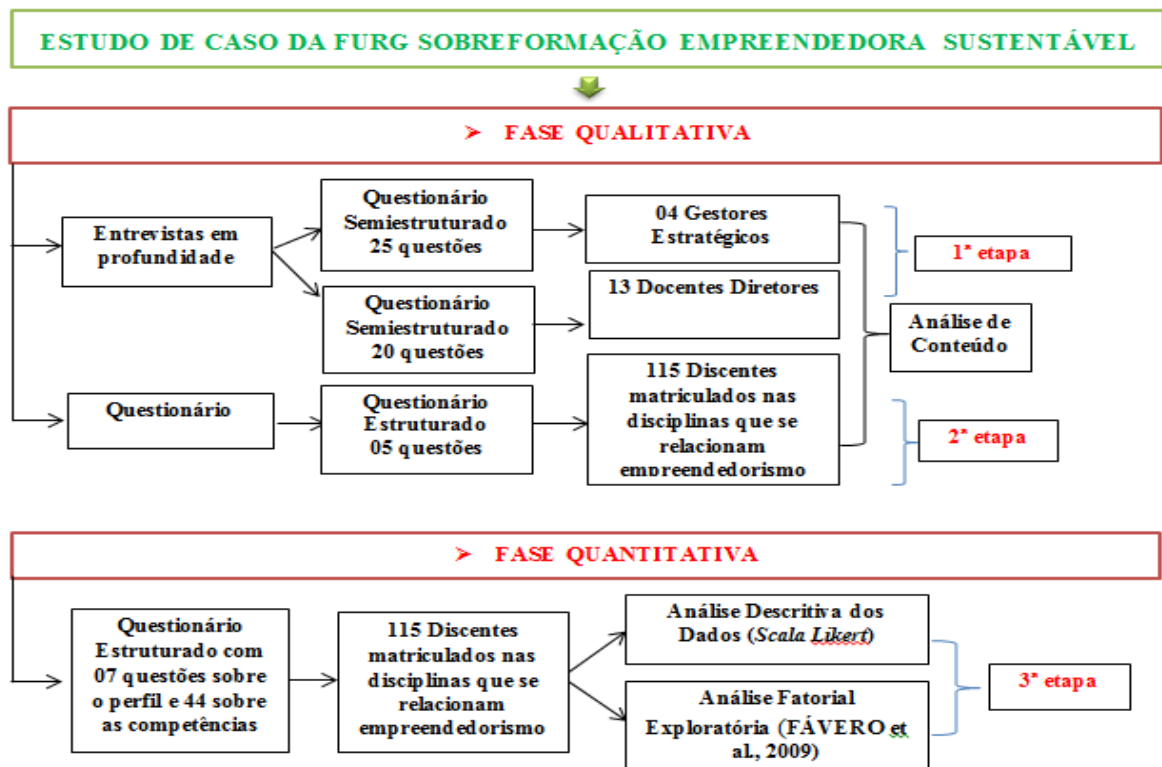
A partir da revisão bibliográfica na área de Empreendedorismo Sustentável, foram identificados os diferentes enfoques e teorias que contribuirão para o estímulo da Formação Empreendedora Sustentável na FURG. Para construir uma proposta de FES na FURG, integrando os princípios da Educação Ambiental, foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, além de uma parte quantitativa, elaborada para verificar quais são as habilidades e as limitações dos estudantes sobre Empreendedorismo Sustentável que contribuirão para a Formação Empreendedora Sustentável na Universidade Federal do Rio Grande.

O método da pesquisa adotado nessa tese foi o estudo de caso. De acordo com Yin (2010), o estudo de caso é um método de pesquisa usual em muitas situações, contribuindo para o conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos entre outros, permitindo que os pesquisadores detenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Nessa pesquisa o estudo de caso foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, localizada no estado do Rio Grande do Sul.

O delineamento da pesquisa prevê a utilização de técnicas de coleta de dados, tais como entrevistas com os gestores estratégicos, sendo esses um grupo de indivíduos responsáveis pela alta administração da instituição, que apresenta a difícil tarefa de conciliar os diferentes interesses das partes interessadas e coordenar as atividades das diferentes áreas da organização (FILHO, 2017); docentes diretores das Unidades Acadêmicas; e discentes matriculados nas disciplinas relacionadas com o empreendedorismo na FURG.

De acordo com a Figura 3, pode-se observar como foram percorridos os caminhos para se chegar à proposta de Formação Empreendedora Sustentável na FURG.

Figura 3 - Fase Qualitativa e Fase Quantitativa da Pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

3.1 ESTUDO DE CASO

A construção de uma pesquisa a partir de um estudo de caso exige mais atenção e habilidades do pesquisador do que uma pesquisa com abordagem metodológica convencional, pois no estudo de caso os métodos não são rotinizados (MARTINS; TEÓFILO, 2009).

O estudo de caso é um processo linear, mas interativo (repete várias vezes), com passos importantes a serem seguidos, como: Planos (identificar as questões de pesquisa); Projeto (definir as unidades de análise, desenvolver a teoria, as proposições e os assuntos); Preparação (treinar para o estudo de caso específico, desenvolver o protocolo do estudo de caso, e obter aprovação para a proteção dos sujeitos humanos); Coleta (seguir o protocolo, usar fontes de evidência, criar um banco de dados e manter um encadeamento de evidências); Análise (contar com proposições teóricas, explorar as explicações e apresentar os dados separados das interpretações); Compartilhamento (definir o público, compor os materiais textuais e visuais, apresentar evidências suficientes para alcançar as conclusões) (YIN, 2010).

No presente estudo foi realizada uma investigação, composta por três etapas. A primeira (1ª etapa) está voltada às entrevistas em profundidade, com 04 (quatro) gestores estratégicos da Administração Superior e com 13 (treze) diretores das Unidades Acadêmicas. Segundo Yin (2010), a entrevista em profundidade procura perguntar aos entrevistados sobre as ocorrências de um assunto, assim como a sua opinião sobre os acontecimentos. No que se refere à segunda (2ª etapa) e a terceira (3ª etapa) constitui-se de um grupo de 115 discentes matriculados nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo na FURG, destacando que o questionário foi aplicado ao término das disciplinas, que ocorreram no ano de 2018.

Na 1ª etapa da pesquisa foi utilizado um formulário de entrevistas constituído de dois questionários, o primeiro contendo 20 perguntas, sendo 18 questões abertas e 02 fechadas (Apêndice A), que foi respondido pelos docentes diretores das Unidades Acadêmicas. E o segundo questionário apresentou 25 perguntas, sendo 23 questões abertas e 02 fechadas (Apêndice B), aplicado aos gestores estratégicos da instituição (Reitora, Vice-Reitor, Pró-Reitor de Graduação e a diretora da Diretoria de Inovação Tecnológica). Ambos os questionários tinham como objetivo verificar a percepção dos gestores da universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável na instituição. Esse instrumento foi parcialmente baseado no trabalho de Minervino (2014) e ajustado a partir da revisão teórica da tese, sendo validado por uma especialista que exerceu a função de diretora de um campus da universidade e por outro especialista, Doutor em Educação Ambiental.

Algumas modificações foram feitas a partir das avaliações dos especialistas, como: incluir nos dados do gestor a sua formação de Pós-Graduação; criar uma pergunta específica sobre o que os gestores entendem por empreendedorismo, para situar os entrevistados sobre o assunto abordado; reordenar algumas questões para dar mais sentido ao tema discutido; eliminar questão em função de estar contemplada em outras questões; inserir algumas perguntas específicas para os gestores estratégicos sobre o contexto da sustentabilidade na universidade; e por fim, reformular algumas questões quanto à escrita.

A 2ª etapa da pesquisa compõe-se de um questionário estruturado (Apêndice C) com 05 (cinco) perguntas abertas, que tratam especificadamente da percepção dos 115 discentes da FURG sobre o Empreendedorismo Sustentável a partir da revisão teórica.

Já na 3ª etapa da pesquisa foi aplicado um questionário semiestruturado (Apêndice C), com 07 questões sobre o perfil dos estudantes, 44 perguntas fechadas. As 44 perguntas fechadas têm como propósito investigar junto aos estudantes quais são as Competências Empreendedoras, ou seja, as habilidades e as limitações dos estudantes que estão matriculados

nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo, sobre o Empreendedorismo Sustentável na Universidade Federal do Rio Grande.

As 44 perguntas fechadas estão baseadas no trabalho de Silveira (2016), sendo esse validado na primeira etapa por 08(oito) psicólogos para analisar se há adequação entre as situações formuladas perante a formação empreendedora e as características empreendedoras; e na segunda etapa com 4 psicólogos para analisar se há adequação entre as situações formuladas, comparadas com o conteúdo de empreendedorismo. A principal condição exigida para a escolha dos psicólogos especialistas era que atuassem no campo da educação, para melhor entendimento das proposições formuladas.

Em relação ao questionário (Apêndice C) aplicado aos estudantes foi realizado um pré-teste na disciplina de empreendedorismo no final do 1º semestre de 2018, com estudantes escolhidos por critério de acessibilidade, os quais examinaram e responderam as 44 questões fechadas do questionário baseado em Silveira (2016) e as 5 questões abertas sobre Empreendedorismos Sustentável. Como resultado, segundo os estudantes, não houve dificuldade significativa em relação ao entendimento das perguntas. Apenas algumas questões pareciam ter caráter redundante, tendo sido revisados e ajustados alguns termos.

Outro ponto relevante foi a dificuldade em responder as perguntas abertas, que tratavam sobre o Empreendedorismo Sustentável, em função deles não terem o conhecimento específico para responder, mas o propósito dessas questões era justamente este, saber qual a sua percepção e se no final da disciplina foi repassada alguma literatura sobre este assunto. E, por fim, como são muitas perguntas objetivas, os estudantes solicitaram que fosse inserido um cabeçalho nas páginas, informando Discordo Totalmente, Discordo, Indiferente, Concordo, Concordo Plenamente, adotando-se uma Escala *Likert* de 5 (cinco) pontos. Essas informações foram acrescentadas. Os estudantes levaram em torno de 20 minutos para responder o questionário.

3.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Uma vez obtidos os dados, a próxima fase foi definir a forma de tratamento dos dados. Nesse estudo existem dois (2) métodos de tratamento de dados, uma fase qualitativa e outra fase quantitativa.

3.2.1 Fase Qualitativa da Pesquisa

Nesse estudo buscou-se propor quais os limites e as possibilidades para o desenvolvimento de uma Formação Empreendedora Sustentável na Universidade Federal do Rio Grande, a partir dos princípios da EA. Para isso, nessa fase foi verificada a percepção dos gestores sobre a Formação empreendedora Sustentável. Os dados foram coletados através de entrevistas em profundidade, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado a um grupo de 17 entrevistados, entre os docentes gestores (4) e os gestores estratégicos da universidade (13). O questionário é uma das técnicas de coleta de dados mais usada, sendo constituída por uma série ordenada de perguntas relacionadas a um tema principal (OLIVEIRA, 2003).

A entrevista é uma conversa guiada para um objetivo definido: recolher, por meio de investigação do informante, dados para a pesquisa (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). Para Oliveira (2003) existem três tipos de entrevistas: i) estruturadas, em que existe um padrão nas perguntas para permitir comparações; ii) não estruturadas, na qual há uma liberdade, ausência de padrões ou perguntas fechadas; iii) painel, que consiste na repetição periódica de perguntas aos mesmos indivíduos, com o objetivo de estudar a evolução das opiniões em um curto período de tempo. Nesse estudo foram utilizadas entrevistas estruturadas.

Esta pesquisa se caracteriza pelo tipo de pesquisa descritiva, na qual de acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007), se observa, registra, analisa e correlaciona acontecimentos ou fenômenos sem manipulá-los. Sendo assim, com esta pesquisa pretende-se, com os docentes gestores das Unidades Acadêmicas e os diretores estratégicos, descrever os limites e as possibilidades para a construção de uma da Formação Empreendedora Sustentável na Universidade Federal do Rio Grande.

Ainda na fase qualitativa foi aplicado outro questionário estruturado aos 115 discentes matriculados nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo para compreender qual a percepção dos alunos sobre o Empreendedorismo Sustentável.

A forma de tratamento das entrevistas utilizada nesse estudo foi a Análise de Conteúdo, sendo essa considerada uma técnica para o tratamento de dados, identificando o que está sendo dito a respeito de determinado assunto (VERGARA, 2010). Para Martins e Teóphilo (2009), essa análise procura a essência de um texto nos particulares das informações, dados e evidências disponíveis, contendo como objeto de estudo a palavra, em seus aspectos individuais e atuais.

Bardin (2011) conceitua o termo análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas dessas mensagens) (BARDIN, 2011, p. 48).

Para a referida autora, desde que se começou a lidar com a comunicação que se pretende compreender para além dos seus significados. Nesse sentido esta análise é um método empírico que refere a um conjunto de técnicas de análise das comunicações, dependendo do tipo de fala a que se destina e do tipo de interpretação que se espera como objetivo. Sendo assim, não existe ocorrência finalizada em análise de conteúdo, ela procura conhecer o que está por trás das palavras (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo abrange três etapas fundamentais para sua organização: i) a pré-análise, que é a coleta e organização do material; ii) exploração do material, que é o estudo denso do material, orientado pelas hipóteses e referencial teórico; e iii) interpretação inferencial com os quadros de referência em que os resultados brutos são tratados de forma a serem significativos e válidos (MARTINS; TEÓFILO, 2009; BARDIN, 2011).

O processo básico da análise de conteúdo refere-se à definição de categorias (TESH, 1990), também consideradas como rubricas ou classes, que reúnem elementos sob um título genérico em razão dos caracteres comuns (BARDIN, 2011). Segundo Vergara (2010), as categorias devem ser: *exaustivas* (permite a inclusão de todos os elementos, embora nem sempre possível); *mutuamente exclusiva* (cada elemento só pode ser incluído em uma categoria); *objetivas* (definida de modo preciso, evitando dúvidas na distribuição dos elementos) e; *pertinentes* (adequadas ao objetivo da pesquisa).

Segundo Bardin (2011), classificar elementos em categorias atribui à investigação do que cada um deles tem em comum com outros, sendo assim, os critérios de categorização podem ser:

... **semântico** (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria “ansiedade”, enquanto que os que significam a descontração ficam agrupados sob o título “descontração”), **sintático** (os verbos, os adjetivos), **léxico** (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento, dos sinônimos e dos sentidos próximos) e **expressivo** (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem).

Por meio da análise de conteúdo foi possível caracterizar os limites e as possibilidades para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável na FURG, a partir dos

Princípios da EA, analisando as informações obtidas nas entrevistas em profundidade com os docentes diretores das Unidades Acadêmicas e dos gestores estratégicos da universidade, sendo utilizado o *Software NVivo 12 Pro*. Segundo Alves, Filho e Henrique (2015), o uso desse *software* pode ajudar nas análises de dados, que variam desde análises simples, assim como estatística descritiva, contagem de palavras, aos mais complexos, como mapas de conexão e a estimação de modelos de séries temporais. E também, por meio dessa análise foi possível verificar a percepção dos discentes sobre o Empreendedorismo Sustentável.

3.2.2 Fase Quantitativa da Pesquisa

A fase quantitativa desse estudo foi pesquisar junto aos discentes matriculados nas disciplinas relacionadas ao empreendedorismo quais as habilidades e as limitações para viabilizar a Formação Empreendedora Sustentável.

A parte inicial do questionário foi composta por 07 questões fechadas sobre o perfil dos discentes pesquisados. E, logo após, nas 44 questões fechadas foi utilizada a escala tipo *likert* de cinco pontos: DT (Discordo Totalmente) se entender que a afirmação é totalmente contra o seu entendimento; D (Discordo em parte) se entender que a afirmação é parcialmente contrária ao seu entendimento; I (Indiferente / Ignoro) se entender que a afirmação possui aspectos discordantes e concordantes com o mesmo peso ou caso ignore a resposta; C (Concordo em parte) se entender que a afirmação está parcialmente de acordo com o seu entendimento; CP (Concordo plenamente) se entender que a afirmação está totalmente de acordo com o seu entendimento.

Esta técnica possibilita a montagem de um questionário com diversas perguntas em sequência, com as mesmas alternativas de respostas, propiciando ao entrevistado uma maior facilidade de interpretação (FÁVERO *et al.*, 2009).

Para explicar o comportamento do conjunto de variáveis foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória, por meio do *software IBM SPSS Statistics* versão 23, com o objetivo de validar os itens da escala.

Segundo Hair *et al.* (2009), a Análise Fatorial Exploratória (EFA) é uma técnica estatística multivariada útil e poderosa para extrair informação de grandes bancos de dados inter-relacionados, agrupando variáveis altamente correlacionadas, rotulando ou nomeando os grupos, ou seja, a análise fatorial tenta identificar agrupamentos entre variáveis com base em relações representadas em uma matriz de correlações. É uma excelente ferramenta para

melhor compreender a estrutura dos dados, quando ela funciona bem acaba apontando para relações interessantes que podem não ser óbvias a partir dos dados originais, ou mesmo a partir da matriz de correlação.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO E DOS SUJEITOS DO ESTUDO

A pesquisa tem como objeto de estudo a Universidade Federal do Rio Grande. A referida IES surgiu a partir da carência de escolas de nível superior no Século XX, na região sul do Rio Grande do Sul, que propiciava a evasão de estudantes para outros centros em busca de formação e, quando concluída, esses raramente voltavam à sua cidade de origem. A consciência dessa realidade resultou em um movimento cultural, cuja finalidade foi a criação de uma Escola de Engenharia em Rio Grande, justificada pelo parque industrial que já existia. Como a mencionada escola deveria ter uma entidade mantenedora, nos modelos exigidos pelo Ministério da Educação e Cultura, foi instituída no dia 8 de julho de 1953 a Fundação Cidade do Rio Grande (FURG, 2017).

Posteriormente, foram surgindo outras faculdades, como a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas (Lei Municipal nº 875, de 22 de julho de 1956), mas somente em 21 de outubro de 1969 foi aprovado pelo Decreto nº 65.462 o Estatuto da Fundação Universidade do Rio Grande, como entidade mantenedora da FURG. Em 1970 foi criado o curso de Oceanologia, pioneiro no Brasil no nível de graduação e, assim, outros cursos de graduação foram sendo formados, contribuindo para a história da Universidade Federal do Rio Grande (FURG, 2017).

A FURG tem uma população universitária total de 15.352 pessoas, sendo 1.751 discentes de Pós-Graduação, 9.781 discentes de Graduação, 814 discentes do Ensino Fundamental, 895 docentes e visitantes, 1.183 Técnicos Administrativos, 374 Funcionários na FAHERG e 554 terceirizados (FURG, ANUÁRIO, 2018, p.22). De acordo com o estatuto da Universidade Federal do Rio Grande, em seu Capítulo III, Art. 15, a Administração Superior da FURG é composta pelo: Conselho Universitário; Conselho de Ensino Pesquisa, Extensão e Administração; e Reitoria, composta pelo gabinete do Reitor, Pró-Reitorias, órgãos de assessoramento e órgãos vinculados (FURG, ESTATUTO, 2017).

A universidade é composta pelo *Campus Carreiros* (sede da universidade); *Campus Santa Vitória do Palmar* com os cursos de graduação em Comércio Exterior, Bacharelado em Hotelaria, Relações Internacionais, Bacharelado em Turismo e Tecnologia em Eventos; *Campus Santo Antônio da Patrulha* composto pelos cursos de Engenharia Agroindustrial

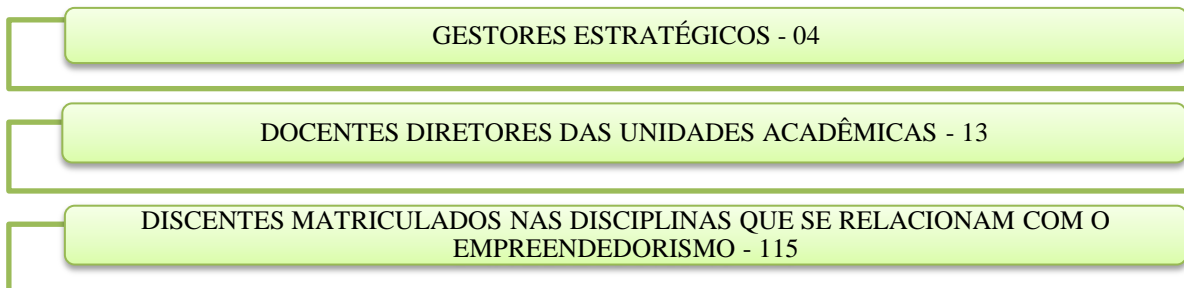
Indústrias Alimentícias, Engenharia Agroindustrial Agroquímica, Licenciatura em Ciências Exatas, Especializações em Gestão Agroindustrial e Qualidade e Segurança dos Alimentos, Mestrado Profissional em Ensino das Ciências Exatas; e o *Campus São Lourenço do Sul* que apresenta os cursos de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, Agroecologia, Tecnologia em Gestão Ambiental, Licenciatura em Educação do Campo (FURG, 2018).

A maioria dos entrevistados concentra-se no *Campus Carreiros* (discentes, docentes diretores das Unidades Acadêmicas e gestores estratégicos da instituição). Quanto aos discentes pesquisados, observa-se que o *Campus Santa Vitória do Palmar* também fez parte da pesquisa por apresentar disciplinas que se relacionavam com o empreendedorismo.

A referida IES oferece disciplinas voltadas ao empreendedorismo, na grade de alguns cursos. Estas disciplinas foram identificadas de acordo com informações obtidas pelo Sistema da Universidade, sendo que as disciplinas pesquisadas foram as ofertadas no 2º semestre 2018: Empreendedorismo, Fundamentos de Empreendedorismo, Plano de Negócio, e Empreendedorismo e Desenvolvimento de Empreendimentos Tecnológicos.

A Figura 4 refere-se aos sujeitos que compõem esta pesquisa.

Figura 4 - Sujeitos da Pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

O grupo de sujeitos da pesquisa foi escolhido de acordo com a amostra por conveniência¹². O grupo dos gestores estratégicos foi assim composto: Reitora, Vice-Reitor, Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD) e Diretora Inovação Tecnológica (DIT). A Reitora por ser a direção principal da instituição, ou seja, é a responsável pelo órgão executivo máximo da universidade, no qual suas decisões podem contribuir diretamente para a Formação Empreendedora Sustentável.

O Vice-Reitor foi recomendado por apresentar características relacionadas ao empreendedorismo, pois já atuou na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, onde está

¹² Técnica de amostragem não probabilística que procura obter uma amostra de elementos convenientes. A seleção das unidades amostrais é deixada a cargo do entrevistador (MALHOTA, 2010).

locada a Diretoria de Inovação Tecnológica e todas as atividades relacionadas ao empreendedorismo. Também coordenou a estruturação do Arranjo Produtivo Local do Polo Naval e de Energia de Rio Grande, que originou a Associação APL, na qual, atualmente, ocupa o cargo de diretor-presidente pelo segundo mandato. O APL reúne mais de 90 associados entre indústrias, fornecedores de bens e serviços, instituições de ensino e pesquisa, municípios, sindicatos e associações empresariais, potencializando o engajamento da universidade dentro do contexto da indústria naval (FURG, 2018).

A escolha da Diretora da DIT - PROPESP deve-se ao fato de além das delegações de competência específicas estabelecidas pelo Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, compete promover o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras no domínio de novas tecnologias pelos integrantes da comunidade universitária; organizar e gerenciar a propriedade intelectual da universidade; organizar e gerenciar a gestão da transferência de tecnologia; organizar e gerenciar a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica - Innovatio; estruturar e coordenar iniciativas que possibilitem a criação do parque tecnológico da universidade; e elaborar o relatório anual das atividades da Diretoria de Inovação Tecnológica. Faz parte da estrutura organizacional da Diretoria de Inovação Tecnológica a Coordenação de Empreendedorismo e Incubação de Empresas e a Coordenação de Gestão de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia (FURG, 2018).

Também são sujeitos de pesquisa os diretores das Unidades Acadêmicas representadas por 13 unidades, dentre elas: Escola de Enfermagem - EEnf, Escola de Engenharia - EE, Escola de Química e Alimentos - EQA, Centro de Ciências Computacionais - C³, Faculdade de Medicina - FaMed, Faculdade de Direito - FaDir, Instituto de Ciências Humanas e da Informação - ICHI, Instituto de Oceanografia - IO, Instituto de Educação - IE, Instituto de Letras e Artes - ILA, Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis - ICEAC, Instituto de Ciências Biológicas - ICB e Instituto de Matemática, Estatística e Física - IMEF(FURG, 2018).

Esses diretores foram escolhidos por representarem os professores da instituição, na qual cada um tem como função a gestão das Unidades Acadêmicas abrangendo todas as áreas da FURG. A relevância desta participação no estudo deve-se ao fato de buscar informações sobre a percepção de cada área sobre a FES, sendo que a partir destas informações pode-se montar um panorama sobre o que cada área entende sobre o Empreendedorismo Sustentável.

E, por fim, os discentes matriculados nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo na FURG. A instituição oferta disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, em média 200 vagas são oferecidas aos discentes de diferentes cursos

como: administração, economia, contábeis, engenharia civil empresarial, hotelaria, comércio exterior, e engenharia mecânica empresarial.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Uma vez coletados e manipulados os dados, a próxima fase constou da sua análise e interpretação, sendo importante considerar dois aspectos, o planejamento da pesquisa e a complexidade dos problemas (OLIVEIRA, 2003).

4.1 ANÁLISE QUALITATIVA

A análise qualitativa foi composta por duas (2) partes. A parte I buscou verificar, por meio de entrevistas em profundidade com os docentes diretores das Unidades Acadêmicas e os gestores estratégicos, qual é a percepção dos Gestores sobre a Formação Empreendedora Sustentável na instituição. E a parte II refere-se a um questionário estruturado aplicado aos discentes matriculados nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo para verificar qual a percepção dos estudantes sobre o Empreendedorismo Sustentável.

4.1.1 Parte I – Entrevistas em Profundidade com os Docentes Diretores das Unidades Acadêmicas e os Gestores Estratégicos da Universidade

Nesta etapa procurou-se analisar e interpretar os dados provenientes das entrevistas individuais em profundidade. Para um melhor andamento, as entrevistas foram agendadas com antecedência e realizadas no período de dezembro 2018 a janeiro de 2019, conforme a disponibilidade dos entrevistados, sendo gravadas em meio eletrônico. As entrevistas apresentaram um tempo de duração média de 1h e 15 min.

Para uma melhor apresentação visual e ética das entrevistas dos docentes diretores das Unidades Acadêmicas e dos gestores estratégicos, no decorrer do texto desse trabalho foram utilizados códigos de identificação, conforme a ordem das entrevistas. No Quadro 6 consta a identificação dos gestores.

Quadro 6 - Identificação dos Gestores da Universidade

Entrevistados	Cargo
Gestor 1	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 2	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 3	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 4	Gestor estratégico
Gestor 5	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 6	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 7	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 8	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 9	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 10	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 11	Gestor estratégico
Gestor 12	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 13	Gestor estratégico
Gestor 14	Gestor estratégico
Gestor 15	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 16	Diretor de Unidade Acadêmica
Gestor 17	Diretor de Unidade Acadêmica

Fonte: elaborado pela autora, a partir do roteiro de entrevistas.

Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas na íntegra e analisadas, por meio da análise de conteúdo, com o auxílio do Software NVivo 12 Pro para identificação das informações obtidas. Segundo Alves, Filho e Henrique (2015, p. 125), “este é um programa para análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodos e dados bibliográficos”. Sendo assim, para a análise de conteúdo, o surgimento desse programa é bastante útil para viabilizar a codificação e categorização das informações, principalmente por se tratar de uma pesquisa com um grande número de dados, mas, apesar desses avanços, ainda são muitos os pesquisadores que realizam suas análises manualmente (ALVES; FIGUEIREDO FILHO; HENRIQUE, 2015).

4.1.1.1 Perguntas Fechadas Aplicadas aos Diretores das Unidades Acadêmicas e aos Gestores Estratégicos

Conforme já exposto, nessa etapa da pesquisa foi utilizado um formulário de entrevistas com perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas representaram 02 questões, sendo que ambas foram aplicadas tanto aos treze (13) docentes diretores das Unidades Acadêmicas quanto aos quatro (04) gestores estratégicos.

A primeira pergunta fechada refere-se a identificar quais as características empreendedoras que os docentes diretores e os gestores estratégicos aplicam em suas funções dentro da instituição (Questão 4 dos Apêndices A e B). As características empreendedoras que compõem as competências encontradas nos diretores de Unidades Acadêmicas e gestores estratégicos da universidade vêm ao encontro de Le Boterf (2001); Fleury (2002); Antnello (2005); Pierry (2006); Honma; Teixeira (2008); Zampier; Takahashi (2011); e Silva; Schimiguel; Araújo (2015).

Como resultado, observa-se que a característica empreendedora mais importante para 88% dos entrevistados é o “Comprometimento e a Determinação”, em acordo com os achados de Barros e Gonzaga (2018) sobre as competências mais relevantes para os docentes dos Institutos Federais. E, em seguida, com 76% de aprovação entre os pesquisados, foi a característica de “Motivação e Superação”.

As características de “Liderança; Criatividade, Autoconfiança, Habilidade e Capacidade de Adaptação; Autonomia, Autogestão e Iniciativa e Ação” representam o mesmo grau de importância para 70% dos entrevistados. Sendo essas importantes características para os professores que, ao longo de sua carreira, aceitam assumir funções voltadas à gestão. De acordo com os achados de Martins (2010), o perfil dos professores empreendedores é composto por várias características que os auxiliam na tomada de decisão dentro ou fora da sala de aula com decisões rápidas, não deixando para depois nem para outros resolverem.

A característica com menor percentual exposta pelos docentes diretores e os gestores estratégicos foi a “Propensão a Assumir Riscos”, pois apenas 08 entrevistados dos 17 consideram essa característica como sendo aplicada em sua função. No entanto, os gestores não percebem que essa característica é inerente à função que exercem, pois conforme o que Schmitz (2012) defende em sua pesquisa com gestores de universidades, tal característica apresenta uma nova roupagem, em que esses empreendedores correm risco sem calcularem até onde poderiam ser afetados por essa atitude, sendo que alguns precisaram lidar com as

consequências de seus atos durante a ocupação de um cargo muitos anos após aquele momento.

No que se refere às características empreendedoras dos gestores, percebe-se que, apesar de 88% dos pesquisados se considerarem “Comprometidos e Determinados”, menos da metade não tem “Propensão de Assumir Riscos”, mesmo sem perceber que quando se tem “Comprometimento e Determinação” em suas tomadas de decisões, naturalmente se tem “Propensão a Assumir Riscos”.

Outro ponto relevante foi que 11 dos 17 pesquisados (65%) aplicam em suas funções as características de “Crescimento, Investimento na Formação Pessoal; Inovação e Pesquisa”. De acordo com Martins (2010); Silva e Pena (2017), o empreendedorismo traz transformações positivas, originando a inovação, a criatividade e a motivação.

A segunda pergunta fechada do roteiro de entrevistas refere-se ao entendimento, dos docentes diretores e dos gestores estratégicos, sobre os métodos, técnicas ou recursos pedagógicos necessários para desenvolver as atividades de Formação Empreendedora Sustentável na FURG. Sendo assim, foram apresentadas aos gestores 20 (vinte) alternativas de métodos, técnicas ou recursos pedagógicos para eles enumerarem em grau de importância os 10 (dez) primeiros (Questão 15 do Apêndice A e Questão 20 do Apêndice B).

Como resultado, percebeu-se que o método com maior incidência entre os docentes diretores e os gestores estratégicos da universidade (82%) foi “Palestras com Empreendedores”, seguido de “Visitas e Contatos com Empresas, Trabalho Prático em Grupo e Grupo de Discussão”, com 76% de incidência entre os gestores. Sendo esses alguns dos recursos que vêm ao encontro das atividades que contribuem para a formação empreendedora e suas respectivas aplicações pedagógicas expostas por Souza (2001); Drucker (2003); Raimundo; Rambalducci; Pacagnan (2010); Vieira; Rocha (2015); Azevedo; Manthey; Lenzi (2016); Silveira (2016); Silva; Pena (2017).

E, em terceiro lugar, com 65%, “Incubadoras e Estudos de Casos”, sendo esse um resultado bem interessante para a FURG, pois indica que uma grande parte dos gestores apoia o processo de incubadoras de empresas na instituição, segundo o estudo da Endeavor Brasil (2016), mais da metade dos alunos empreendedores demandam por iniciativa como as Incubadoras, e que somente 23% das universidades oferecem este tipo de serviço.

Dentre todos os recursos oferecidos, o que obteve a menor incidência (5%) entre os gestores foi “Aplicação de Provas Dissertativas”, ou seja, apenas uma pequena parcela dos gestores considera esse recurso como significativo para ser trabalhado na FES. Desse modo, Freitag (2014) afirma que nem sempre a educação empreendedora formal consegue

proporcionar experiências de aprendizagem que acolham as demandas dos empreendedores, o que demanda métodos de formação diferentes dos que são apresentados pelos modelos convencionais de educação.

O recurso pedagógico com mais destaque entre todos os métodos e técnicas oferecidas para a FES da universidade foi a de trabalhar com “Grupo de Discussão”. Segundo Nassif *et al.* (2009), a formação empreendedora deve apresentar uma visão holística e otimista, na qual os alunos precisam ser desafiados e encorajados a buscarem soluções inusitadas, o que pode ser propiciado através dessa técnica interativa.

Entre os 10 (dez) primeiros recursos pedagógicos apresentados aos gestores, o menos escolhido (10º lugar) foi o de “aulas expositivas”, mostrando que existe uma necessidade de inovar nas disciplinas que se relacionam com empreendedorismo na FURG, com as aulas mais práticas e atraentes para os estudantes. Nassif *et al.* (2009) reforça que é necessário um alinhamento do projeto pedagógico com as diretrizes da formação empreendedora e que deve-se utilizar práticas metodológicas que estimulem os alunos a integrar teoria e prática.

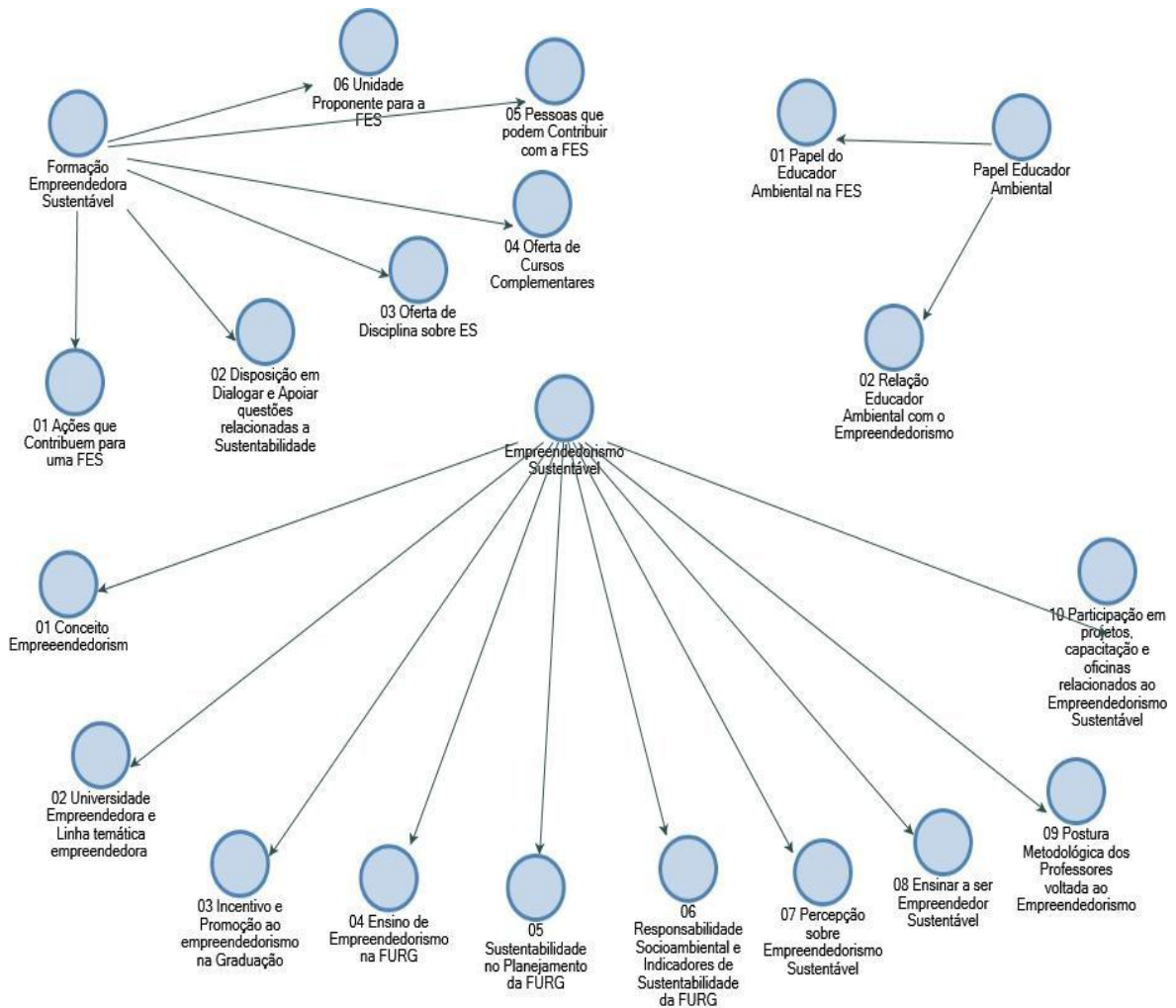
4.1.1.2 Perguntas Abertas aplicadas aos Diretores das Unidades Acadêmicas e aos Gestores Estratégicos

Na sequência são apresentadas as questões abertas, com trechos de transcrições das entrevistas em profundidade com os docentes diretores das Unidades Acadêmicas e os gestores estratégicos da instituição, que contribuíram para propor os limites e as possibilidades para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável na FURG.

Para uma melhor compreensão da análise foi utilizado o Software NVivo 12 Pro com a finalidade de auxiliar na análise de dados, permitindo a codificação e a categorização das informações. Conforme exposto, foram identificadas as categorias *a priori*, que segundo Bardin (1979) são categorias sugeridas a partir do referencial teórico, e as categorias *a posteriori*, que de acordo com a mesma autora são categorias elaboradas após a análise do material, levando também em consideração a orientação teórica e o objetivo da pesquisa. Foram definidas como categorias *a priori* da pesquisa as seguintes rubricas: Empreendedorismo Sustentável, Formação Empreendedora Sustentável e o Papel do Educador Ambiental.

O passo seguinte foi a subdivisão das categorias *a priori*, resultando nas categorias *a posteriori*, expostas na Figura 5.

Figura 5 - Mapa das Categorias da Pesquisa (nós)



Fonte: análise NVivo 12 Pro.

A Figura 5 mostra a subdivisões das categorias *a priori* da seguinte forma:

- **Categoria Empreendedorismo Sustentável** = categorias *a posteriori* (Conceito de Empreendedorismo; Linha Temática Empreendedora e Universidade Empreendedora; Incentivo e Promoção ao Empreendedorismo na Graduação; Ensino de Empreendedorismo na FURG; Sustentabilidade no Planejamento da FURG; Responsabilidade Socioambiental FURG e Indicadores de Sustentabilidade da FURG; Percepção sobre Empreendedorismo Sustentável; Ensinar a ser Empreendedor Sustentável; Postura Metodológica dos Docentes Voltada ao Empreendedorismo na FURG; e Participação em Projetos, Capacitação e Oficinas Relacionados ao Empreendedorismo Sustentável).
- **Categoria Formação Empreendedora Sustentável (FES)** = Categorias *a Posteriori* (Ações que Contribuem para uma Formação Empreendedora Sustentável; Disposição em

Dialogar e Apoiar Questões Relacionadas à Sustentabilidade; Oferta de Disciplina sobre Empreendedorismo Sustentável; Oferta de Cursos Complementares; Pessoas que Podem Contribuir com a FES; e Unidade Proponente para a FES);

- **Categoria Papel do Educador Ambiental** = Categorias *a Posteriori* (Papel do Educador Ambiental na FES; e Relação do Educador Ambiental com o Empreendedorismo).

Cada categoria *a posteriori* representou um nó, no qual foram inseridas as falas dos diretores das Unidades Acadêmicas e dos gestores estratégicos, sendo essas transcritas no Software NVivo 12 Pro e posteriormente vinculadas às categorias a partir das questões formuladas na entrevista. As Unidades Acadêmicas pesquisadas foram: Centro de Ciências Computacionais (C3), Escola de Enfermagem (EEnf.), Escola de Engenharia (EENG.), Escola de Química e Alimentos (EQA), Faculdade de Direito (FADIR), Faculdade de Medicina (FAMED), Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (ICEAC), Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), Instituto de Educação (IE), Instituto de Letras e Artes (ILA), Instituto de Matemática, Estatística e Física (IMEF), Instituto de Oceanografia (IO); e as unidades estratégicas foram: Reitoria, Vice-Reitoria, Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e Diretoria de Inovação Tecnológica (DIT).

Após a categorização das falas dos entrevistados procedeu-se a análise da frequência das palavras mais citadas nas entrevistas, proveniente do material transcrito das entrevistas. As palavras mais citadas estão dispostas no Quadro 7:

Quadro 7 - Dez Palavras mais Frequentes nas Entrevistas

Palavra	Extensão	Contagem	Palavras similares
Empreendedorismo	16	353	Empreendedorismo
Universidade	12	169	universidade, universidades
Ambiental	9	167	ambiental, ambiente, ambientes
Professores	11	156	professor, professores
Disciplina	10	111	disciplina, disciplinas
Sustentável	11	109	Sustentável
Formação	8	104	Formação
Empreendedor	12	95	empreendedor, empreendedores
Educação	8	87	Educação
Inovação	8	71	Inovação

Fonte: análise NVivo 12 Pro.

A partir do quadro 7, a palavra mais citada nas entrevistas foi “empreendedorismo” com 16 de extensão (representa número de letras da palavra) e com 353 citações; em segundo lugar “universidade” que foi mencionada 169 vezes; e a terceira mais citada foi “ambiental”,

com 167 repetições. O conjunto das 10 palavras mais citadas (empreendedorismo, universidade, ambiental, professores, disciplinas, sustentável, formação, empreendedor, educação e inovação) nas entrevistas pelos gestores refletiu a representação dos assuntos pertinentes para uma Formação Empreendedora Sustentável para a universidade, mostrando o comprometimento e a interação dos gestores com a pesquisa da tese.

Essas palavras revelam que a base para análise dos resultados encontra-se em sintonia para uma efetiva proposta de FES. Destaca-se que a palavra “educação” que se encontra no nono lugar, deve-se ao fato de que durante os relatos esta palavra foi evidenciada pelos entrevistados como associada à palavra “formação”.

- *Categoria Empreendedorismo Sustentável (Categoria a priori)*

Nesta categoria foram identificadas as categorias *a posteriori*, sendo essas analisadas individualmente, por meio das falas dos gestores, com apoio dos resultados obtidos no Software NVivo 12 Pro.

Na categoria Empreendedorismo Sustentável, as categorias *a posteriori* com mais destaque são aquelas em que os gestores relataram mais informações pertinentes ao que foi questionado. A Figura 6 mostra um resumo das categorias *a posteriori* que foram referenciadas, portanto a categoria com maior representatividade na figura decorre do maior detalhamento na fala de cada pesquisado sobre o assunto, ou seja, é a que teve maior frequência de palavras expressadas pelos entrevistados.

Figura 6 - Mapa de Palavras por Categorias de Empreendedorismo Sustentável



Fonte: análise NVivo 12 Pro.

A Figura 6 mostra que os respondentes deram mais ênfase à discussão das categorias “Percepção sobre Empreendedorismo Sustentável” e “Conceito de Empreendedorismo”, visto que, para a maioria dos gestores, o termo era instigante e desafiador pelo fato de discutir o termo sustentável junto com o empreendedorismo, pois na universidade ainda existem Unidades Acadêmicas com dificuldades em abordar o empreendedorismo nas suas ações, talvez pelo desconhecimento sobre o assunto. Já a Categoria “Ensino de Empreendedorismo” foi considerada com menor ênfase pelos gestores devido ao fato do ensino de empreendedorismo ainda ser incipiente na instituição.

A) Conceito de Empreendedorismo.

Esta categoria *a posteriori* teve como o propósito situar os entrevistados a respeito do assunto no início da entrevista, pois nem todas as Unidades Acadêmicas têm conhecimento sobre esse tema.

Conforme mostra a Figura 7, pode-se observar a “nuvem de palavras” formada pela frequência das palavras mais recorrentes sobre o conceito de empreendedorismo na universidade. Segundo Alves, Figueiredo Filho e Henrique (2015, p. 129), “quanto mais vezes a palavra aparece no texto, maior é o seu tamanho. Ou seja, apresenta uma maior frequência. Esse tipo de técnica é utilizada apenas para ilustrar a distribuição, facilitando a visualização dos dados”.

Figura 7 - Nuvem de Palavras "Conceito de Empreendedorismo" entre os Gestores da Universidade



Fonte: análise NVivo 12 Pro.

A palavra “empreendedorismo” foi a mais recorrente nas falas dos gestores seguida de “empreendedor, educação, empresa, formação, sujeito, universidade, processo, trabalho e pessoas” na definição do conceito de empreendedorismo. Conforme ilustram as falas a seguir:

[...] ele tem vários tipos de abordagem né? Ele pode ser o empreendedorismo Social, ele pode ser o empreendedorismo de uma empresa né? E ele pode ser o empreendedorismo de atitude, de pensamento, de formação, mas no sentido de resolução de problemas sem a questão do negócio e de formar empresa, mais uma mentalidade, uma cultura, uma coisa mais voltada para a autonomia né? Autonomia da pessoa (Gestor 11 – gestor estratégico).

[...] eu tenho uma ideia de um conceito assim de empreendedorismo mais associado a uma atitude assim e não exclusivamente em um meio privado. Acho que o ambiente público, a identificação de problemas e propor soluções para solucionar esses problemas, eu vejo como uma atitude empreendedora entende? O que é empreendedorismo e o que é ações empresárias? São coisas bem diferentes assim, na minha compreensão né? (Gestor 13 – gestor estratégico).

[...] o empreendedorismo pode tá aqui dentro da universidade, não precisa ganhar dinheiro, não. É empreender e inovar para melhorar (Gestor 6 - diretor de Unidade Acadêmica).

[...] a gente precisa realmente ser empreendedor, agir como empreendedor e buscar construir mentalidades que tenham essa visão de Empreendedorismo, porque isso é a nossa realidade, a sociedade hoje ela é modificada e a gente vai ter que ter essa característica hoje para conquistar o mundo (Gestor 7 - diretor de Unidade Acadêmica).

[...] o empreendedorismo é necessário, ele faz diferença, ele faz e inovação, ele vai posicionar a cabeça da pessoa de uma maneira bem diferente, eu tenho a minha ideia de que entre a mente estática e a mente dinâmica, o empreendedorismo, ele está mais com a mente dinâmica (Gestor 9 – diretor de Unidade Acadêmica).

[...] então na minha Unidade, a nossa visão de profissional é um profissional empreendedor. Porque nossa formação de base é um profissional autônomo é um liberal autônomo. Estou gostando muito da visão empreendedora (Gestor 10 – diretor de Unidade Acadêmica).

[...] a gente trabalha com ham... com autores, com concepções teóricas muito voltadas para o campo de análise das Políticas Educacionais, tá? Como o autor Stefan Ball [...] E aí, eu coloco nossa concepção [...] que essa visão de empreendedorismo, ela emerge a partir de um contexto das crises econômicas, Políticas Econômicas. A gente tem percebido que ela tira a responsabilidade do Estado, tá? Para colocar a responsabilidade em cima do sujeito, porque é o sujeito que é empreendedor e se o sujeito não atinge todas as escalas características do empreendedorismo, a falha foi dele e não de uma crise econômica, de falta de Políticas Sociais (Gestor 17 – diretor de Unidade Acadêmica).

Durante as falas pode-se observar que os gestores têm um conhecimento incipiente sobre o conceito de empreendedorismo por serem gestores acadêmicos e também por não ser este um assunto pertinente a todas as áreas da instituição. No entanto, a maioria dos gestores percebe o termo empreendedorismo como algo necessário voltado para a inovação, atitude e autonomia das pessoas, em acordo com Baggio e Baggio (2014), pois os brasileiros são vistos

como empreendedores inovadores, por apresentarem atitudes construtivas que geram autonomia na resolução dos problemas. Os autores Bakar; Islam; Lee (2015) e Fernandes; Silva (2017) afirmam que uma instituição com práxis empreendedora forma cidadãos autônomos capazes de exercer liderança e assumir responsabilidades.

Outro ponto exposto pelos gestores é que o empreendedorismo não é visto apenas no sentido de abrir um negócio, este resultado vem ao encontro da pesquisa de Martins (2010), em que os universitários relatam que o empreendedor não precisa ser dono de uma empresa. Isto mostra que alguns gestores da FURG já apresentam esse olhar para o empreendedorismo contribuindo para a necessidade dos estudantes universitários. E que as pessoas que se envolvem com o empreendedorismo têm suas mentes humanas mais dinâmicas para acompanhar a velocidade do desenvolvimento da sociedade, conforme descreve Martins (2010), ao relatar que em torno de 70% dos estudantes percebem que os professores empreendedores são mais determinados e dinâmicos em suas aulas, nas diferentes áreas de formação.

De outro lado, um número pequeno de gestores posicionaram-se de forma crítica sobre o empreendedorismo, trazendo concepções que o processo empreendedor pode tornar as universidades públicas para um caráter mais privado, em que elas se aproximam mais do mercado de trabalho criando parcerias com Instituições privadas. Segundo esses gestores, isso pode ser perigoso, gerando uma descaracterização do aspecto público das IES.

De acordo com referencial teórico, Valadares *et al.* (2012) expressam que o desenvolvimento do empreendedorismo no setor público apresenta duas conotações: uma com visão de futuro, autonomia e tomada de risco; e outra voltada aos riscos para a manutenção da democracia no setor público, no qual suas ações podem visar a interesses próprios. Observa-se com as falas dos entrevistados que existem estas duas visões na FURG, sendo que a maior parte dos gestores apresenta um conceito de empreendedorismo voltado para a primeira visão.

B) Universidade Empreendedora e Linha Temática Empreendedora

Por meio desta categoria foi possível identificar se a FURG é considerada uma universidade Empreendedora pelos gestores e se apresenta uma linha temática empreendedora nas suas programações, como: palestras, seminários, oficinas e/ou cursos entre outras atividades.

[...] pouco, acho que é... Porque acho que o marco legal, quando ele é muito recente a Inovação no país, eu acho que a questão, quem é que promove a Inovação né?

Quem promove a Inovação na empresa, eu penso e isso é um ponto importante a se pensar. Então, não é uma universidade que é Inovadora né? (Gestor 11 – Gestor Estratégico)

[...] eu acho que a gente começou avançar nisso né? Mas ainda não acho que a gente esteja com isso assim, bem naturalizado, eu acho que a gente conseguiu avançar principalmente a partir do problema da ação empreendedora, o problema da Educação Empreendedora (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] eu percebo, principalmente lá na Diretoria de Inovação Tecnológica, na DIT, né? [...] eu vejo que eles têm uma linha de trabalho de empreendedorismo e Inovação, eu acho que é, ali é tecnológica. Eu percebo sim, hoje, e claro, né? Tenho percebido isso também no próprio ICEAC [...] eu tenho visto um crescimento (Gestor 14 – gestor Estratégico).

[...] a gente vinha num crescendo nesse processo de empreender, de crescer e expandir [...] então, agora se fala mais em cortar gastos do que investir [...] esses projetos do Oceantec aqui né, da incubadora teve uma série de coisas, nesse sentido, que parecem dar certo (Gestor 1 – diretor de Unidade Acadêmica).

[...] as trilhas de empreendedorismo eu acho fantástico [...] o curso de empreendedorismo que se teve para professores na FURG foi show, eu quero bis (Gestor 2 – diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu vejo assim, que tem até uma empolgação muito grande por parte de poucas pessoas que também estão ligados na questão da Oceantec até. Eu vejo empreendedorismo a partir dali (Gestor 3 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] e acho que hoje a questão do Oceantec, do Parque Tecnológico, seria um segundo momento mais maduro, mais ampliado e mais focado na nossa realidade da cidade, em virtude da nossa questão de todo esse Ecossistema Lacustre Costeiro que a gente tem né? (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

De modo geral, a maioria dos gestores percebe que, nos últimos anos, a universidade vem mostrando um crescimento da temática empreendedora na instituição e que existe um grupo de pessoas engajadas nessa temática, por meio das ações do Oceantec e da DIT da FURG, como por exemplo: a realização das trilhas empreendedoras com os estudantes de vários cursos, pré-incubação, atuação das empresas juniores, entre outras. Em acordo com FURG (2018) compete à DIT promover o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras no domínio de novas tecnologias pelos integrantes da comunidade universitária, dentre elas, organizar e gerenciar a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica – Innovatio e estruturar e coordenar iniciativas que possibilitem a criação do parque tecnológico da universidade.

A Figura 8 mostra uma visão de universidade Empreendedora presente na fala dos gestores, em que além do destaque natural das palavras universidade, empreendedorismo e empreendedora, observa-se a presença da palavra incubadora, tecnológica, tecnologia, iniciativas, que apontam para a ideia de que a percepção dos gestores está relacionada à visão de uma universidade empreendedora que já promove ações neste sentido nos grupos

relacionados ao parque tecnológico.

Figura 8 - Nuvem de Palavras Universidade Empreendedora



Fonte: análise NVivo 12 Pro.

Porém, alguns gestores relatam que, apesar da FURG mostrar um empenho em inserir este tema como uma ação institucionalizada, como uma universidade empreendedora/inovadora, ainda consideram que é incipiente nesse assunto, que tem muito para ser feito sobre esta temática na instituição como um todo. Casado; Siluk; Zampieri (2012) afirmam que o desafio da universidade empreendedora exige transformações institucionais em um processo dinâmico, sendo necessário pensar as ações de modo institucional. Oliveira; Melo; Muylder (2016) confirmam em suas pesquisas, que as IES têm alcançado certa consolidação do tema empreendedorismo, mas ainda de maneira muito lenta.

C) Incentivo e Promoção ao Empreendedorismo na Graduação

Esta categoria buscou como finalidade verificar se os gestores incentivam nas suas Unidades encontros de formação que discutam sobre empreendedorismo nos cursos de graduação. Seguem falas de gestores:

[...] os cursos que estão em Santa Vitória se organizam e pensam em ações empreendedoras de acordo com a sua formação, mais voltada para Ciências Sociais aplicadas [...] os cursos de ciências humanas nós ainda temos um pouco essa tradição esse ranço, essa dificuldade de entender o empreendedorismo [...] então, se tivéssemos crescendo em ações, tanto na tua tese, como em artigos [...] que pudessem nos mostrar o empreendedorismo humanista, certamente nós teríamos outra visão desse modelo de empreendedorismo (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] a gente já conta com o apoio do ICEAC, até que esse apoio é dado [...] quando a gente tenta promover, as coisas parecem que não deu muito certo, que eu não sei se é ou não é! A nossa Unidade começando a lidar com assuntos que é da área de conhecimento de um outro Instituto! Porque que está fazendo isso, por que o instituto não me atende? Então, começa a se criar certas situações. Imagina a gente lidar com empreendedorismo, mas a gente não é... (Gestor 5 – diretor de Unidade Acadêmica).

[...] nesse momento, eu acho que não tem nada escrito, mas os professores, principalmente os professores mais novos né? Eles se apresentam sempre com essa ótica. Seria interessante sim, colocar alguma coisa, mas escrita, mais normatizada né? (Gestor 9 – diretor de Unidade Acadêmica).

[...] não. E acho que vou te dizer assim ó, que isso a gente poderia se aproximar um pouco, porque há um certo preconceito, digamos assim, quando se fala a palavra empreendedorismo, se parece que é uma coisa que visa lucro [...] precisamos desenvolver e pensar numa forma mais macro assim, poderíamos trabalhar e não tem nenhum problema, não vejo nenhum problema de jeito nenhum (Gestor 12 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] ham... Sim, sim, a gente tem algumas coisas, promove algumas atividades do tipo: hoje tem laboratório, então onde eles, os alunos começam a trabalhar [...] tem também o incentivo à criação de incubadoras Startups, dentro dos projetos [...] a empresa Júnior [...] e tem um projeto estruturante que envolve alguns professores e funcionários que o objetivo é tu promover ações de Inovação, tanto envolvendo empreendedorismo, Educação Empreendedora (Gestor 15 diretor de Unidade Acadêmica)

No questionamento feito aos gestores sobre o seu incentivo em encontros de formação que discutam sobre empreendedorismo em cursos de graduação, observa-se que uma grande parte dos gestores respondeu que não, que existem ações apenas isoladas por parte dos professores em abordar o assunto na sala de aula. Além do mais, eles apresentam receio em trabalhar com empreendedorismo por não ser da sua área de formação e invadir a área de outra unidade que apresenta essa formação específica. Em contrapartida, Martins (2010) relata que o empreendedorismo pode atuar em todas as áreas e não somente na área da gestão, como alguns acreditam.

Todavia, observam-se respostas um pouco confusas de algumas Unidades Acadêmicas que não conseguem visualizar o empreendedorismo dentro da sua formação. Porém, mostraram-se abertos a dialogar com um empreendedorismo que seja mais amplo, que não vise só o lucro, que aborde outra visão do atual modelo de empreendedorismo. Essas falas vêm ao encontro de Almeida; Cordeiro; Silva (2018), que propõem a construção de um empreendedorismo mais emancipatório e reforçam que o empreendedorismo perpassa por várias áreas do conhecimento, incluindo a educação.

Por outro lado, uma parcela dos Institutos revela que já promovem constantes ações voltadas ao empreendedorismo em parceria com a DIT e o Instituto de Ciências Econômicas,

Administrativas e Contábeis (ICEAC). Oliveira; Melo; Muylder (2016) reforçam a importância do envolvimento das Ciências Sociais Aplicadas em dar suporte ao desenvolvimento da inovação e da tecnologia em outros campos.

D) Ensino de Empreendedorismo na FURG

A categoria “Ensino de Empreendedorismo na FURG” teve como objetivo avaliar o nível de envolvimento do ensino empreendedor na universidade. Seguem falas de gestores:

[...] é um conceito que ainda tem muito preconceito no campo da Educação, porque ele é um conceito que eu sei que ele está ligado na indústria e que essa visão indústria, capitalismo, e acaba sendo um conceito renegado no campo da Educação né (Gestor 4 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho muito pouco, muito aquém do que deveria né? Acho que, principalmente, pela questão da Educação não estar discutindo isso né? Instituto de Educação [...] Eu acho assim, que nós temos que pensar diferente, nós estamos em uma universidade, talvez muito do que eles pensam é um risco de fato, tem que ter cuidado, mas assim, não falar, não falar não dá (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho incipiente, ainda é um grande desafio [...] a sociedade está se transformando muito rápido e a gente está indo pouco devagar [...] tem uma ideia muito boa que é instituir Centro de Empreendedorismo, né? [...] nuclear pessoas que pensam o tema que gerem ações transversais com as intervenções, disciplinas optativas que qualquer curso possa pegar e tal para a gente começar a inserir isso (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] e tu não achas que aí precisaria humanizar um pouco os cursos que trabalham com empreendedorismo? Precisaria ter mais formação humanística mesmo, por outro lado nós termos dentro das humanidades essa outra visão do Empreendedorismo e não só essa coisa capitalista (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] mas não significa que a FURG não terá empreendedorismo, não, tem áreas que tem que ter é uma universidade que forma administradores, forma engenheiros, forma economistas, ela forma contadores, né? Então, mas, às vezes, as pessoas acham que somos contra tudo, não, não é tudo (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

De acordo com os depoimentos dos gestores, o ensino de empreendedorismo está incipiente na instituição, algumas Unidades já desenvolvem ações de empreendedorismo voltadas para a inovação. Segundo Hisrich; Peters; Shepherd (2014); Naia *et al.* (2015); e Vieira e Rocha (2015) há um crescimento nas pesquisas acadêmicas sobre educação empreendedora ou ensino empreendedor nas IES. Dolabela (2008); Martins (2010); Basci; Alkanb (2015) reforçam que os principais agentes do processo de intensificação do empreendedorismo no Brasil são as IES pelo seu impacto na sociedade.

A partir das falas também se observa pessoas que pensam o empreendedorismo de modo transversal. Com essa iniciativa a FURG, corroborando Guimarães (2002), se aproxima do modelo das universidades norte-americanas que estimulam a criação de Centros de empreendedorismo, como é o exemplo da Babson College, que oferece cursos de formação docente dentro das metodologias recomendadas para o ensino do empreendedorismo.

Contudo, alguns gestores reforçam a necessidade da interação do Instituto de Educação (IE) nas ações que envolvem o ensino de empreendedorismo, mesmo que tenham pensamentos diferentes sobre o assunto. Laurikainem *et al.* (2018) confirmam que o papel da educação é crucial ao promover novas ideias, criar negócios e inovações, ou seja, que a participação da educação para desenvolver competências empresariais e intenções de empreendedorismo é inegável.

Entretanto, percebe-se que todos os gestores estão a favor do empreendedorismo na universidade, porém alguns deixam explícito que o empreendedorismo deve ser aplicado somente nas áreas afins, como administração, contábeis, economia e as engenharias e não sendo imposto a todos os cursos de graduação da instituição.

Todavia, percebe-se ainda que alguns gestores de unidades gostariam de abordar em suas áreas um empreendedorismo com um enfoque mais humanizado e não tão tradicional. Essas definições de empreendedorismo vêm ao encontro do conceito de Empreendedorismo Sustentável abordado por Silvério *et al.* (2014), que se contrapõe ao conceito de um empreendedorismo egoísta, dos que buscam vantagens só para si a qualquer custo.

E) Sustentabilidade no Planejamento da FURG

A categoria “Sustentabilidade no Planejamento da FURG” é uma categoria *a posteriori*, que surgiu das entrevistas com os gestores estratégicos com o propósito de identificar como a sustentabilidade permeia o planejamento estratégico da universidade.

A sustentabilidade na universidade ainda necessita avançar no seu conceito dentro das Unidades Acadêmicas, assim como definir e divulgar a definição de sustentabilidade para a instituição como um todo. Os gestores estratégicos de certo modo percebem um crescimento desse assunto no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) através da criação de um eixo específico que contribui para o Sistema de Gestão Ambiental da universidade, conforme exposto nas falas descritas na sequência. Essa afirmação está em acordo com Marinho (2014), o qual indica que a sustentabilidade permanece restrita à pesquisa e às disciplinas e cursos

relacionados com a área ambiental e que as ações de gestão ambiental contribuem para o comprometimento das IES com a sustentabilidade.

[...] olha, eu entendo assim, aqui na universidade a gente tem discutido muito a sustentabilidade, tá [...] ele está muito presente, ela está viva não só no documento, mas nas discussões, nos encaminhamentos das Unidades Acadêmicas [...] ela é um conceito que ainda não está muito definido, precisamos debater mais (Gestor 4 – Gestor Estratégico),

[...] eu acho que a sustentabilidade, ela é um termo muito amplo e ela precisa ser definida [...] não vejo isso como um pano de fundo da discussão, não vejo essa palavra muito solta, não vejo sustentabilidade sendo discutida dentro dos eixos que eu te falei, econômico, social, ambiental, individual e Institucional que eu acho que são (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho que avançou [...] eu acho que de 2012 para cá assim, isso começou a ficar mais forte e hoje é um eixo específico do PDI né? E tem um objetivo específico e estratégias específicas que mantêm o Sistema de Gestão. Então, isso hoje já está bem mais consolidado. E a gente tem que educar também essa parte da sustentabilidade, né? Até dentro das unidades eu acho (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] a gente, inclusive em alguns momentos, a gente provoca um pouco a questão de problematização, não é questionar, é problematizar o contexto de sustentabilidade e uma defesa do conceito de Educação Ambiental [...] a questão é saber qual é o conceito de sustentabilidade que está sendo usado, né? (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Desse modo, parte dos gestores estratégicos enfatiza a relevância da Educação Ambiental como defesa do conceito de sustentabilidade, outros ainda não identificam qual o conceito de sustentabilidade em que a instituição está inserida, ou seja, qual o sentido econômico, social, ambiental, entre outros. Fracalanza *et al.* (2008) enfatiza que a pesquisa em Educação Ambiental é diferente das pesquisas realizadas na área ambiental, sendo diferenciados os seus objetos de investigação.

F) Responsabilidade Socioambiental e Indicadores para a Sustentabilidade da FURG

Em relação à categoria “Responsabilidade Socioambiental e os Indicadores para a Sustentabilidade da FURG”, cabe destacar que está relacionada a questões que foram aplicadas somente aos gestores estratégicos da instituição, em que se destacam as seguintes falas:

[...] eu acredito que a nossa universidade, ela tem nos últimos anos, ham... colocando a sustentabilidade Ambiental como um compromisso tá [...] nos últimos anos fizemos todos os nossos licenciamentos e tudo mais, o que falta são ações diárias de sustentabilidade Ambiental né? (Gestor 4 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho que a universidade, ela tem várias iniciativas aí, tanto na área Ambiental quanto Social, ações, né? Eu acho que ela no seu cerne se preocupa com essas questões [...] a gente tem visto ainda nas capacitações que temos dado que se caminha para uma geração de empreendimentos que têm como propósito e como o cerne da sua geração essas preocupações, porque senão ela está fadada a morrer e a gente vê hoje o cliente muito mais responsável sabe, socialmente, ambiental... (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho que é muito boa na FURG isso daí, tanto em ações específicas como o comprometimento da gestão [...] a Política Ambiental é uma coisa muito bem feita né? E ela prevê um Sistema de Gestão Ambiental [...] ah e eu não falei da A3P né? Que tem um... Um conjunto grande de programas, a gente tem adesão [...] tem um grande conjunto de indicadores [...] porque você tem um relatório [...] é o nosso guia [...] a A3P não toca muito no licenciamento que para nós foi fundamental [...] as duas grandes balizas da Educação Ambiental é a A3P e as condicionantes [...] grande desafio: como é que a gente alinha a parte estratégica com a parte operacional? (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] eu vejo, desde que foi criado o Sistema de Gestão Ambiental, né? A gente tem procurado isso, né? A partir dele, hoje mesmo a gente fez uma reunião para discutir a ambientalização curricular [...] tu tens aquilo no currículo como uma disciplina obrigatória, como uma disciplina optativa, mas não que ela seja massificada em termos de prática. Então, a gente precisaria tornar um currículo mais ambientalizado, então discutir a sustentabilidade de uma maneira mais consistente (Gestor 14 – gestor Estratégico).

No que diz respeito à percepção dos gestores estratégicos sobre o comprometimento com as questões relacionadas à Responsabilidade Socioambiental da universidade, percebe-se que é unânime que estes veem a universidade num crescimento de ações voltadas às questões socioambientais, a partir da criação da Política Ambiental da universidade, com iniciativas por meio de um Sistema de Gestão Ambiental atuante e a adesão à A3P.

Esses achados vêm ao encontro de Kitzmann *et al.* (2015), que relatam a participação da FURG no Projeto RISU através de pesquisas voltadas à definição de indicadores e avaliação dos compromissos com a sustentabilidade na Universidade Federal do Rio Grande. Sendo assim, foi possível constatar o avanço da FURG em alguns aspectos relacionados à sustentabilidade, como por exemplo, aprovar a sua Política Ambiental em 2014. E, segundo Guerra *et al.* (2015), é importante definir com clareza critérios e indicadores para que as IES assumam seus compromissos com a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental.

G) Percepção sobre Empreendedorismo Sustentável

A percepção dos gestores sobre o termo Empreendedorismo Sustentável foi bem significativa. Uma parte considerável dos gestores ainda não tem conhecimento ou aproximação sobre esse conceito, pois através de suas falas relataram que “nunca tinham

ouvido falar no assunto”, ou em “integrar o termo sustentável ao empreendedorismo”. Embora esses gestores não soubessem o conceito específico de Empreendedorismo Sustentável, se empenharam em demonstrar a sua percepção no assunto. Justificando o posicionamento dos gestores sobre o conceito de Empreendedorismo Sustentável, Borges *et al.* (2011); Boszczowski; Teixeira (2012); Quintana; Quintana (2017); e Sarango-Lanlagui; Santos; Hormiga (2018) confirmam que o termo Empreendedorismo Sustentável ainda é incipiente, embora venha crescendo nos últimos anos. As falas transcritas a seguir ilustram essa questão:

[...] Eu nunca tinha ouvido essa expressão Empreendedorismo Sustentável assim, né? [...] eu imagino que deva ser né? Aquela atitude ou percepção de pensar em para além do teu desenvolvimento pessoal e profissional e também é cuidar do espaço do teu entorno (Gestor 14 – Gestor Estratégico).

[...] o Sustentável que eu vejo no empreendedorismo para mim é que, por exemplo, na parte Econômica, o uso de energias alternativas, o uso de aproveitamentos alternativos de água pode te dar uma sustentabilidade que é ambiental e também econômica (Gestor 2 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eh, assim, eu nunca tinha escutado o termo, né. Quando tu falaste que era sustentável, que tinha o Empreendedorismo Sustentável, a visão que veio para mim era uma coisa voltada ao empreendedorismo com vies... mas respeitando o ambiente né (Gestor 3 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] quando você fala Sustentável a primeira coisa que vem à mente, digamos assim, iniciativas que ambientalmente corretas, digamos assim ou que tenham aquela preocupação né, ham... De não agressão ao Meio Ambiente. Agora, sustentabilidade, ela pode ter um vies econômico né, pode ter um vies... O que é o Empreendedorismo Sustentável? É aquilo que se sustenta (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] Empreendedorismo Sustentável é aquela coisa, tu podes ter uma característica de ser um empreendedor, mas essa ideia de tu ter, ou seja, uma ideia nova sempre de cada vez e quando tu coloca essa palavra Sustentável, significa que essa ideia tem que prevalecer e tem que se preservar e tem que continuar (Gestor 9 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] O Empreendedorismo Sustentável, ele tem que estar preocupado com o tripé da sustentabilidade, que é a questão financeira ou econômica, o social e o ambiental (Gestor 10 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu não parei para pensar nessa questão do Empreendedorismo Sustentável, eu não consigo te responder muito, agora se é uma percepção, [...], eu acho que ela é uma alternativa sim, porque como eu te disse, eu não sou contra, radicalmente contra o empreendedorismo, eu só acho que a gente tem que estar atento aos efeitos dessa concepção nas suas diferentes áreas e entender que ele se aplica mais para algumas do que para outras de acordo de como se caracteriza cada área (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Desse grupo de gestores, uma parcela conceituou o Empreendedorismo Sustentável como um empreendedorismo voltado mais para os aspectos ambientais, ou seja, apresentaram

uma visão de preocupação com o meio ambiente no momento da produção de seus bens ou serviços para a sociedade, mas que de certa forma essas ações ambientais também estão vinculadas ao retorno econômico (financeiro) para o empreendedor e, sobretudo, o que o empreendedor deve levar em consideração, que a atual sociedade está mais atenta às questões ambientais.

A Figura 9 apresenta uma árvore de palavras relativa às falas dos gestores sobre a percepção sobre Empreendedorismo Sustentável em que a palavra ambiental aparece em destaque com mais citações que a palavra como “econômico”, indicando que uma parte importante dos gestores relaciona a sua percepção de Empreendedorismo Sustentável à questão ambiental, mas sem deixar de relacionar ao aspecto econômico.

Figura 9 - Mapa Árvore de Palavras Empreendedorismo Sustentável

empreendedorismo	sustentável	universidade	ambiental
		dificuldade	empreendedorismo autonomia
		econômico	assistencialista doutorado

Fonte: análise NVivo 12 Pro.

Esses resultados se aproximam das pesquisas de Dalmoro (2009); Pimentel; Reinaldo; Oliveira (2010); e de Abde; Moraes e Spanhol (2014), que indicam ser o desenvolvimento econômico ainda a prioridade entre as empresas, seguido da dimensão social e, por último, a dimensão ambiental; e que, de modo geral, as organizações estão mais conscientes da importância de manter uma maior dimensão social e ambiental, mas como meio de alcançar melhores resultados econômicos.

Outro ponto relevante das falas dos gestores é que a maioria ainda tem uma visão muito restrita sobre o conceito de empreendedorismo, pois das 03 dimensões do Tripé da

Sustentabilidade, os gestores apresentam uma visão de Empreendedorismo Sustentável direcionada apenas para a dimensão ambiental, a partir da dimensão econômica, conforme é percebido na Figura 9.

Porém, uma parcela modesta dos gestores conceitua o Empreendedorismo Sustentável de forma ampla, identificando o termo sustentável no sentido de “prevalecer/permanecer/sustentar/continuar” a ação empreendedora no mercado, com respaldo das três dimensões – a econômica, a social e a ambiental – ou seja, que o empreendedorismo nas suas atividades tenha como base de sustentação o Tripé da Sustentabilidade abordada por Sachs, (1994); Slaper; Hall (2011); Elkington (2012); e em Barbieri; Cajazeira (2016). E que a sustentabilidade esteja no centro das suas decisões em acordo com Young; Tilley (2006) e Cohen; Smith; Mitchell (2008).

H) Ensinar a ser Empreendedor Sustentável

Ensinar a ser Empreendedor Sustentável foi uma categoria que permitiu compreender a visão dos gestores sobre ensinar alguém a ser empreendedor sustentável e/ou empreender em sua vida para alcançar metas pessoais e profissionais. Após as transcrições das falas dos gestores percebe-se que a maioria deles apresenta algum receio com o termo “ensinar”, o que alguns consideram complexo e antigo. Esse posicionamento vem ao encontro de Rezende; Sales (2010); Rocha; Bacchi (2010); Raimundo; Rambalducci; Pacagnan (2010) e Ortega (2012) os quais concluem que o processo convencional de ensino não contempla em um bom nível as prerrogativas pedagógicas para a formação empreendedora.

[...] é difícil essa pergunta. A gente como professora deveria dizer sim, mas assim, eu acho que a gente tem que transmitir o conhecimento, se ele vai aplicar, aí são outros quinhentos, mas ele tem que ter a ferramenta para saber por onde começa (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho que sim, porque o que você viu eu não sei se seria exatamente ensinar, mas despertar e estimular essa percepção eu acho que sim, eu acho que é possível sim, eu acho que é, inclusive, uma missão nossa. Sensibilizar, né? Eu acho que isso, sem dúvida, é assim (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] é assim oh, bah ensinar é um termo muito complexo, né? Ensinar parece que tu vai dizer, parece que tu vai dar a receita e as pessoas vão ir atrás, eu acho que esse modelo, ele é um modelo de vida na verdade de como eu me imagino como profissional, como eu penso nas minhas relações com os pares, com a sociedade, com o ambiente, então é possível (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eh, eu acho que isso é importante se fazer seminários, conscientização também dá né? De... Do Empreendedor (Gestor 8 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acredito que sim [...] para meus alunos: eu não ensino nada, eu sou um agente que trago para vocês informações e vou trabalhar com vocês no processo [...] para mim a formação de conhecimento é construído individualmente, então o docente tem o papel de ser quem coordena junto com o grupo, que tem as ferramentas para que os alunos possam trabalhar a construção desse conhecimento. Essa visão do Ensinar, aquela visão antiga que a gente tinha, né? Isso aí já não serve mais (Gestor 16 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Os gestores acreditam que o professor contemporâneo pode ser um agente que desperta e estimula a vontade de aprender dos discentes, o que vem ao encontro de Martins (2010) e Gomes; Silva (2018) que define o professor empreendedor como aquele que tem paixão pelo que faz e busca novos métodos para compartilhar os seus conhecimentos motivando e incentivando seus alunos.

Os gestores ainda confirmam que o docente pode construir conhecimentos por meio de ferramentas, mas que vai depender da vontade de cada aluno em aplicar ou não esse conhecimento em suas ações ao longo de sua vida, e que o empreendedorismo muitas vezes acontece a partir do modelo de vida das pessoas. Conforme explícito por Freitag (2014) e Reina; Santos (2017), a educação empreendedora apresenta um olhar sistêmico, uma formação voltada para aprender fazendo, priorizando as competências duráveis que são usadas em qualquer circunstância da vida.

I) Postura Metodológica dos Docentes Voltada ao Empreendedorismo

Em relação à categoria “Postura Metodológica dos Docentes Voltada ao Empreendedorismo na FURG”, os gestores apresentaram os seguintes posicionamentos:

[...] não, a gente precisa de pernas e braços, gostaríamos nós estar fazendo oficina constantemente em todo momento e a cada semestre ter uma inversão de grupos, oportunidades, alguma coisa assim nessa área [...] não acho que os docentes estejam fazendo porque não querem, eu acho que é tanta cobrança, tanta coisa que ninguém para pra pensar problema (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] eu não vejo, aí dizendo como regra geral, né? Porque eu vejo a universidade com os métodos mais tradicionais (Gestor 14 – Gestor Estratégico).

[...] são tradicionais, eh... Talvez uma fração pequena busque novas formas (Gestor 2 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] em alguns sim, claramente [...] ham... tem vários projetos assim com iniciativas de professores tá, ham... e de uma maneira institucional o próprio apoio que a gente dá às empresas Júnior, eu acredito (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu identifico, mas não são todos, eu identifico sim, tem professores que sempre está inovando, inovando e aplicando assim sabe, tem professores que se preocupam

com isso [...] cada um do seu jeito, mas a maior parte é assim (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] não na totalidade, esse é o nosso próximo passo, assumido pelo próprio grupo, o próprio grupo tem visto a necessidade de avançar nesse problema (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] sim, acho até que nós estamos trabalhando bem com isso [...] atuar nos conteúdos com os alunos é uma forma bastante inovadora (Gestor 12 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Pode-se observar a partir das falas dos gestores que são poucos os que percebem uma postura metodológica nos professores voltada ao empreendedorismo nas salas de aulas, por meio de metodologias inovadoras e criativas. Esse posicionamento mostra que os professores da universidade ainda precisam desenvolver as suas competências empreendedoras para tornar as suas aulas mais dinâmicas e atrativas. Em acordo com Gomes e Silva (2018), o empreendedorismo passa não só a fazer parte como disciplina, mas também atua no desempenho do docente enquanto empreendedor, ou seja, através de metodologias próprias esses conhecimentos são comunicados de forma dinâmica e estimulante. Martins (2010) e Silva; Pena (2017) confirmam que o empreendedorismo transforma positivamente a sala de aula, originando a inovação, a criatividade e a motivação.

Em contrapartida, a maioria dos gestores da universidade percebem ainda uma postura metodológica muito tradicional entre os professores das Unidades Acadêmicas, pois alguns se encontram acomodados na sua maneira de dar aula, resistindo em buscar novas metodologias para a sua sala de aula. Tal achado vem ao encontro de Azevedo; Manthey; Lenzi (2016) que afirmam entre os métodos e técnicas utilizadas no ensino do empreendedorismo que a aula expositiva dialogada é a mais utilizada por todos os cursos, evidenciando que os métodos tradicionais de ensino são utilizados com muita frequência. Freitag (2014) vem ao encontro dos autores acima afirmando que o professor necessita utilizar outros métodos que motivem a criatividade e o interesse do discente em participar das aulas.

J) Participação em Projetos, Capacitação e Oficinas Relacionados ao Empreendedorismo Sustentável

Aos gestores da universidade foi perguntado sobre a sua participação em projetos, capacitação e oficinas relacionadas ao Empreendedorismo Sustentável. A partir das falas dos gestores se verifica que é quase inexistente a participação dos gestores em projeto, capacitação, oficina entre outros relacionados ao Empreendedorismo Sustentável. No entanto,

alguns gestores já vêm participando de atividades relacionadas à inovação e empreendedorismo mesmo que não seja com foco sustentável.

[...] Eu participo do empreendedorismo inovador, eu acho que as discussões nacionais estão sobre o conceito de empreendedorismo inovador que ao meu ver busca a sustentabilidade a que a gente está se referindo aqui que é a longevidade do negócio (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] que eu me lembre, assim, só uma ou outra palestra sobre, sobre parques tecnológicos. Mas nada de sustentável com esse objetivo não (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] não, bom, Empreendedorismo Sustentável, para mim é um termo novo, aprendi hoje, mas mesmo de empreendedorismo nunca assim, não foi nenhum interesse direto (Gestor 3 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] não, eu já fui convidado para ir a vários, mas ainda não tive oportunidade. Tenho ainda vontade (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] Sustentável, eu não conheço se tem Sustentável, mas agora empreendedorismo eu sei que principalmente pessoal da administração trabalha com isso (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] nós temos o incentivo sempre existe né? Mas se tu ver aquilo que eu te falava, né? Nós temos uma série de alunos que está dentro de programas, tipo a Innovatio, né? (Gestor 9 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] sim, mas o que eu fui assistir, eu fui promover, sim eu participei de um projeto (Gestor 10 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Alguns gestores até comentaram sobre os projetos na área de sustentabilidade, e que de modo geral eles percebem as ações da DIT, que é voltada para a Inovação. Outros relatam não ter se envolvido pelo fato de ter desconhecimento do assunto, outros já foram convidados pela instituição e não compareceram por estar envolvidos em outras atividades, mas têm vontade de participar em ações que promovam o empreendedorismo. Silva; Schimiguel; Araújo (2015) reforçam que para estimular a criação de empreendedores torna-se necessário desenvolver competências capazes de instigar uma participação social dos indivíduos abrangendo preocupações de sustentabilidade.

- Categoria Formação Empreendedora Sustentável (Categoria *a priori*)

Nessa categoria foram identificadas as categorias *a posteriori* que foram analisadas individualmente, por meio das falas dos gestores, com apoio dos resultados obtidos no Software NVivo 12 Pro.

Na categoria Formação Empreendedora Sustentável, as categorias *a posteriori* com mais destaque são aquelas em que os gestores relataram mais informações pertinentes ao que foi questionado, ou seja, com maior frequência de palavras. A Figura 10 mostra um resumo das categorias *a posteriori* que tiveram mais destaque.

Figura 10 - Mapa de Palavras por Categorias de Formação Empreendedora Sustentável



Fonte: análise NVivo 12 Pro.

A Figura evidencia que a “Oferta de Disciplina sobre Empreendedorismo Sustentável” e “Ações que contribuem para uma Formação Empreendedora Sustentável” foram as categorias *a posteriori* que mereceram maior destaque nas falas dos entrevistados, o que relaciona dois itens fundamentais – ação e oferta – a viabilidade de uma formação empreendedora está muito ligada a que existam ações nesse sentido, e talvez o principal ponto polêmico sobre isso seja a oferta ou não em constituir uma disciplina.

As Categorias *a posteriori* identificadas estão dispostas conforme segue:

A) Ações que Contribuem para uma Formação Empreendedora Sustentável

Durante a entrevista foi questionado aos gestores quais ações eles entendem que podem colaborar para inserir uma Formação Empreendedora Sustentável na universidade. A fala dos entrevistados permitiu identificar que as ações devem ser abordadas de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, que as iniciativas devem partir da Administração Superior com ações estabelecidas no planejamento estratégico da instituição e posteriormente para as

Unidades Acadêmicas, reafirmando o que Boszczowski e Teixeira (2012) constatam sobre a relevância do termo Empreendedorismo Sustentável como um assunto de pesquisa novo e interdisciplinar.

Por outro lado, alguns gestores foram mais específicos destacando a relevância das ações voltadas para cursos sobre esse assunto com a participação e interação da comunidade acadêmica (professores, técnicos e alunos), vindo ao encontro de Casado; Siluk; Zampieri (2012) que afirmam que o processo de implantação de ações de empreendedorismo na universidade necessita da participação dos agentes que interagem no processo: professores, alunos e técnicos.

[...] eu acho que é realmente assim ó, que seria importante a estruturação desse Centro de Empreendedorismo para que dali partissem ações que fossem o mais transversais [...] acho que seria fundamental que a gente pudesse reunir assim especialistas que trabalham com tema para coordenar as ações (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho que mais cursos para professores e técnicos... e, em algum momento, algo que integre professores, técnicos e aluno, tipo uma trilha ou alguma coisa parecida (Gestor 2 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] reestruturar alguma formalização dentro do QSL para trabalhar nessa parte do empreendedorismo, né? De vincular essa questão dessas empresas Juniores nascentes aqui, para que sejam de forma Sustentável, né? Que elas tenham esse jargão Sustentável com preocupação em todos os parâmetros de todas as dimensões (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que para a gente pensar a nível de universidade, as ações, elas devem partir da Administração Central, então ela realmente promover primeiro discussão e planejamento a nível das pró-reitorias estender para Unidades Acadêmicas por meio dos diretores e aí se concretizar esse planejamento (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho assim, essa questão ela, ela necessariamente ela passa por uma “pegada” interdisciplinar, a gente não vai conseguir fazer empreendedorismo se não tiver uma visão interdisciplinar (Gestor 15 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] alguma coisa eu posso te dizer, aqui no Instituto a turma toda é de abraçar a causa até debaixo d’água, né? Se a gente conseguir perceber que o que está se pensando desse empreendedorismo tem esse cunho Ambiental, Social e Econômico, bom, isso muda de figura (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Outras ações relevantes são reavaliar os Quadros de Sequência Lógica (QSLs) dos cursos, promover nas empresas juniores ações de sustentabilidade e estruturar um Centro de Empreendedorismo com especialistas no tema para a FURG, achados que reforçam o posicionamento de Guimarães (2002); Zilioto; Berti (2012); Menezes; Costa (2016); e Silva; Pena (2017). Observou-se também que os Institutos que se encontram mais resistentes ao empreendedorismo, se posicionaram mais abertamente quanto à iniciativa de se trabalhar com

um Empreendedorismo Sustentável voltado para as três dimensões (econômicas, sociais e ambientais). Martins (2010) reafirma que o empreendedorismo pode atuar em todas as áreas e não somente na área da gestão.

B) Disposição em Dialogar e Apoiar Questões Relacionadas à Sustentabilidade

Em relação à categoria “Disposição em dialogar e apoiar questões relacionadas à sustentabilidade” cabe destacar que essa foi aplicada somente aos diretores das Unidades Acadêmicas da instituição, destacando-se as seguintes falas:

[...] Eu, nesse momento, sou absolutamente aberta para ouvir essas coisas e para colaborar e para ouvir e colaborar (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] pode contribuir com melhores disciplinas, inserção do tema em seminários, de aulas, né? Palestras, estimular aprovação de projetos na área... (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] acho que encorajando os colegas a participarem e realmente buscar essa Formação, talvez também trazendo o feedback, já que a gente participa como diretor e fazer o acompanhamento, nosso trabalho é todo baseado em metas e estratégias de acompanhamento, tanto docente, discente e servidores, acho que seria o caminho (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] Incentivando, né? Como diretor, não com professor, incentivando o Empreendedorismo Sustentável, repassando qualquer iniciativa para cada um (Gestor 9 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] a gente tem feito algumas micro ações [...] nós temos um seminário agora em novembro e a gente discutiu um pouco e a gente sempre deixa espaço para discutir um pouco dessas questões de sustentabilidade (Gestor 12 – Diretor de Unidade Acadêmica).

De modo geral, nota-se uma pré-disposição dos gestores das Unidades Acadêmicas em participar, facilitar, incentivar e apoiar o diálogo e o debate entre técnicos, docentes e discentes sobre questões críticas relacionadas à sustentabilidade, e que a FES pode ser um dos caminhos a ser trilhado para instituir a sustentabilidade em suas Unidades. Tais achados vêm ao encontro de Rocha; Freitas (2014), no qual uma possível solução para inserir a sustentabilidade no empreendedorismo seria a formação de empreendedores para torná-los mais qualificados.

Sendo assim, esses caminhos rumo ao sustentável podem ser trilhados por meio de: inserir temas sobre a sustentabilidade em eventos, seminários, palestras; motivar a participação de projetos na área; promover e adequar disciplinas específicas na área. Esses caminhos são muito relevantes, pois Marinho (2014) afirma que a sustentabilidade nas

instituições de ensino ainda permanece restrita à pesquisa e às disciplinas e cursos relacionados somente com a área ambiental.

C) Oferta de Disciplina sobre Empreendedorismo Sustentável

Aos gestores foi questionado sobre a possibilidade de se criar uma disciplina sobre o Empreendedorismo Sustentável e se essa disciplina atende à necessidade de uma FES. Com as falas dos entrevistados observou-se que algumas Unidades mostraram-se mais adeptas ao termo empreendedorismo por se tratar de um empreendedorismo sustentado pelas três dimensões (econômicas, sociais e ambientais), concedendo um espaço, seja através de uma disciplina ou de ações de extensão para dialogar sobre esse empreendedorismo voltado ao termo sustentável, trocando ideias com as coordenações de cada curso.

[...] eu acho que sim, eu acho boa, dentro dessa estratégia aí do Centro de Empreendedorismo [...] precisamos consolidar esse núcleo de especialistas para desenhar as ações, então, talvez não começa com uma disciplina, talvez seja uma das ações de extensão, inicialmente, de informação complementar, mas eu acho que o caminho é ter uma disciplina, e aí, ter esse conceito de Sustentável [...] me parece bem interessante essa proposta, pessoalmente eu gosto do conceito, né? (Gestor 13 – Gestor Estratégico)

[...] eu acho que o empreendedorismo é como eu te disse, se ele não for esse conceito tradicional que gera mais resistência, e sim o Empreendedorismo Sustentável, que humaniza o empreendedorismo, né, sustentável que já traz uma outra visão [...] aí sim, acho que é possível ham, ham, pensar em um espaço ou disciplina, um campo de ação. Aí eu acho que é mais viável e aceito (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho interessante uma disciplina de Empreendedorismo Sustentável, mas agora até que ponto vai chamar atenção do aluno que não tem essa formação? Tenho minhas dúvidas, embora também, assim acho que é um caminho interessante (Gestor 3 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] talvez então mudando o viés dessas disciplinas existentes, eu acho que é agregar disciplinas, eu acho que não, acho que pensar na estrutura curricular existente nessa área e de repente isso reestruturar e incluir essa temática, isso sim, ou numa forma de uma disciplina ou bem explícita na existente tá (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] lá na Administração é lindo a disciplina de empreendedorismo, mas se a gente for pensar no contexto de todas as profissões, a gente tem que pensar no Empreendedorismo Sustentável [...] ela vai ao encontro até da nossa missão institucional como universidade, né? Que são dos Ecossistemas Costeiros e Oceânicos, essa vocação para atender a necessidade desse ambiente não para nós e que deveria ser, com certeza, o Empreendedorismo Sustentável (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] acho que sim, mas ela não talvez não seja principal, acho que eu sou um pouco, cada vez eu acredito menos em disciplinas, certo? Principalmente para essas coisas mais assim, eu acho que são essas atividades mais transversais e interdisciplinares (Gestor 15 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que é preciso ver o termo, ver a ementa e conversar com cada curso para saber. E aí, quando eu digo cada curso, é com todos os cursos da FURG, não importa se é licenciatura ou se é bacharelado, ham... Porque cada curso tem o seu perfil e eu acho que isso é um respeito à coordenação do curso, isso é respeito ao NDE do curso e é respeito à área (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Para esses gestores esse conceito traz outra visão do empreendedorismo e não somente o empreendedorismo tradicional abordado nas disciplinas já ofertadas pela FURG. Essa postura dos gestores vem ao encontro da definição de Empreendedorismo Sustentável exposta por Silvério *et al.* (2014).

Os gestores acreditam que essa nova visão do empreendedorismo converge com a Filosofia e Política da universidade, disposta na Resolução 014/87, que apresenta como vocação institucional os Ecossistemas Costeiros e Oceânicos que orientará as atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio de uma filosofia unificadora (FURG, 2018), abrangendo assim as demais áreas da universidade que ainda não trabalham com o empreendedorismo.

Outros acham a proposta de uma disciplina interessante, mas não conseguem visualizar como ela pode ser conduzida na formação da sua Unidade e que deve ser como optativa e de acordo com a necessidade de cada curso, conforme Gomes e Silva (2018), que abordam a possibilidade da disciplina ser optativa ou obrigatória nos diversos cursos.

Porém, os gestores que já têm na sua Unidade disciplinas voltadas ao empreendedorismo relatam que não precisam criar outra disciplina com o nome de Empreendedorismo Sustentável e sim, reestruturar e incluir a temática nas disciplinas existentes.

Para os gestores estratégicos um dos primeiros passos para inserção desse termo seria a criação do Centro de Empreendedorismo com pessoas especializadas na área na FURG, e que a criação de uma disciplina pode ser um dos caminhos a ser percorrido para a estruturação de uma Formação Empreendedora Sustentável, reafirmando os achados de Hisrich; Peters; Shepherd (2014); Naia *et al.* (2015); e Vieira; Rocha (2015).

D) Oferta de Cursos Complementares

Em relação à oferta de cursos complementares foi perguntado aos entrevistados se a

oferta desses cursos contribui para alcançar a Formação Empreendedora Sustentável na universidade.

A maioria dos gestores entende que os cursos complementares são significativos para alcançar a Formação Empreendedora Sustentável e que devem ter atividades complexas e rotativas, não somente realizados em sala de aula, mas também procurar desenvolver de maneira transversal ao currículo, buscando sempre a atualização. Esses achados vêm ao encontro de Menezes e Costa (2016), que afirmam que as instituições podem promover o empreendedorismo por meio de diferentes iniciativas, tais como concursos de ideias de negócios, incubadoras de empresas, investimentos em novas metodologias para formação empreendedora.

Um ponto relevante para uma pequena parcela de gestores é que esse tema não deve ser imposto em forma de cursos para as Unidades Acadêmicas, devendo conter um atrativo que desperte a vontade de outras áreas a participarem.

E) Pessoas que Podem Contribuir com a Formação Empreendedora Sustentável

Para uma melhor contribuição da proposta FES foi perguntado aos gestores como eles podem contribuir e quem são as pessoas que os mesmos acreditam que também podem contribuir para a FES:

[...] Eu acho que é a DIT, assim o que ela faz em termos de empreendedorismo, formação de empresas, propriedade intelectual e transferência de tecnologia, né? [...] pensando, planejando, desenvolvendo e avaliando ações e estratégias na questão do empreendedorismo com base na Educação né? (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] olha, o que eu posso contribuir é... digamos, colocar esse termo, como um tema em debate, né? Dar uma centralidade ao tema para debater e para tentar perceber quais são as concepções de empreendedorismo que existem dentro da universidade (Gestor 14 – Gestor Estratégico).

[...] acho que as pessoas da própria área de empreendedorismo, dos próprios pesquisadores, dos leitores sobre este assunto e pessoas que possam vir contribuir com cursos, com palestras que já tenham essa visão diferenciada, né [...] a resistência e esse desconhecimento, talvez não resistência deliberada, mas o desconhecimento mesmo (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] organizando eventos, organizando seminários, trazendo pessoas e, na verdade, eu tenho um seminário organizado e tá organizado na minha cabeça e só não botei em prática (Gestor 2 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que ela teria que vir do Sistema de Gestão Ambiental da FURG que é... as políticas ambientais da FURG já nascem lá e, na verdade, eu falo isso porque tem um docente do nosso Instituto que já está integrado lá (Gestor 3 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] isso está dentro dos planos de ação para 2018, fomentar essas ações de empreendedorismo tá. O que a gente está procurando fazer de forma mais objetiva, divulgar as ações que estão acontecendo institucionalmente [...] o principal é aquele docente, o docente com experiência empreendedora ou remota ou atual [...] até sem dedicação exclusiva né, ou que teve no passado experiências desse tipo ou que desenvolve através de parcerias projetos de extensão com empresas [...] esses são os transformadores... (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] são todos, né? Porque tem que ser todos os servidores, porque se a gente chegar no docente que ensina em sala de aula, mas que fora da sala de aula não consegue ultrapassar o limite que falou, fora não vai funcionar (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] ai... Não sei, eu acho que aqui em construir esse conceito, hoje eu te diria que só tu entende, porque as outras pessoas que eu vejo, elas estão muito nesse viés econômico, não conseguem enxergar, talvez uma aproximação com o pessoal do Nudese nessa construção do Sustentável pensando nesses três vieses (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Quando se questionou como cada gestor poderia contribuir para a FES, a maioria respondeu que seria por meio de apoio na construção da formação, como por exemplo, na elaboração de eventos, seminários, trazendo pessoas com experiências de fora da instituição, entre outras, em acordo com Silveira (2016); Silva e Pena (2017).

Poucas Unidades relataram que já estão fomentando ações empreendedoras para os próximos anos. Cabe destacar que, segundo Dolabela, (2008); Martins, (2010); Basci; Alkanb (2015), um dos principais agentes do processo de intensificação do empreendedorismo no Brasil são as IES e que Nassif *et al.* (2009) destaca que a temática da formação empreendedora e o papel das IES para esse fim ainda são incipientes.

Outros destacam que é preciso debater mais as concepções de empreendedorismo dentro da universidade, pois o viés ainda é muito econômico, e que é preciso avançar nas questões sociais e ambientais, o que confirma Silva *et al.* (2017) relatando que empreendedorismo nas universidades ainda representa um grande desafio a ser praticado. Segundo os gestores, os docentes são fundamentais nesse processo, sejam eles com dedicação exclusiva ou não, mas que tenham experiências passadas, ou que trabalhem com projetos de extensão, principalmente aqueles voltados às empresas. Alguns gestores também ressaltam que para dar certo todo o processo dentro da universidade é preciso envolver também os técnico-administrativos e os discentes, ou seja, a comunidade acadêmica.

Uma pequena parte dos gestores destaca a relevância do Sistema de Gestão Ambiental (SGA) por estar em acordo com as Políticas Ambientais da FURG e pelo envolvimento de alguns professores nesta área. Por outro lado, a maioria dos gestores enfatiza a importância da DIT nessa formação, pela sua atuação na questão do empreendedorismo com base na

Educação (Educação Empreendedora) que já vem sendo desenvolvida na universidade.

F) Unidade Proponente para a FES

Também foi questionado, para os gestores da universidade, qual a Unidade Acadêmica da universidade ou área deveria ser a proponente de atividades de Formação Empreendedora Sustentável:

[...] hoje tu és a pesquisadora que está se envolvendo com isso, né, mas que houvesse um grupo, que fosse interdisciplinar mesmo, né. Para além do próprio ICEAC [...] eu não conheço outras pessoas na FURG que tenha essa perspectiva que tu [...] talvez essa área mais específica de Empreendedorismo Sustentável ainda seja marginalizado dentro da tua área de Administração (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que tem que ser um trabalho de grupos, de professores né, de pessoas que se identificam e comecem a partir dali... (Gestor 4 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] a formação básica digamos assim, teórica do tema eu acho que deve continuar com o ICEAC [...] pelo menos eu acho que nós temos aqui dentro da FURG diretorias e órgãos que podem promover isso aí de uma forma interdisciplinar, né?[...] mas eu acho não necessariamente de um instituto (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] então assim, não é na unidade, é na instituição FURG, eu acho que a Innovatio como incubadora, o Oceantec que é um parque tecnológico, que tem o núcleo de empreendedorismo para trabalhar, por exemplo, empresas juniores, inovações básicas, mas assim que saia de uma unidade e que nós use lá (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que tem tudo a ver com o ICEAC, mas deveria ser o ICEAC, assim junto com a direção de Inovação Tecnológica da universidade, deveriam trabalhar todos juntos (Gestor 9 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] no ICEAC, porque eu acho que aonde tem o maior número de profissionais que conseguem fazer uma discussão melhor do empreendedorismo, porque eu acho que hoje, independente de ser em função da questão Econômica, ou não, o campo está vinculado ao campo das empresas e que é um dos olhares do ICEAC (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

De modo geral, os gestores acreditam que não deve haver uma única Unidade Acadêmica responsável pela FES, mas sim um grupo de pessoas que se identifique com o assunto. Outros acreditam que a formação básica deve vir do ICEAC, em função de possuir o maior número de profissionais que já atuam na área, esse fato foi evidenciado em função do empreendedorismo estar incorporado às grades curriculares, por meio das Diretrizes

Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração (CNE/CES, 2005), sendo esse curso o primeiro a ensinar empreendedorismo no Brasil de acordo com Dolabela (2008).

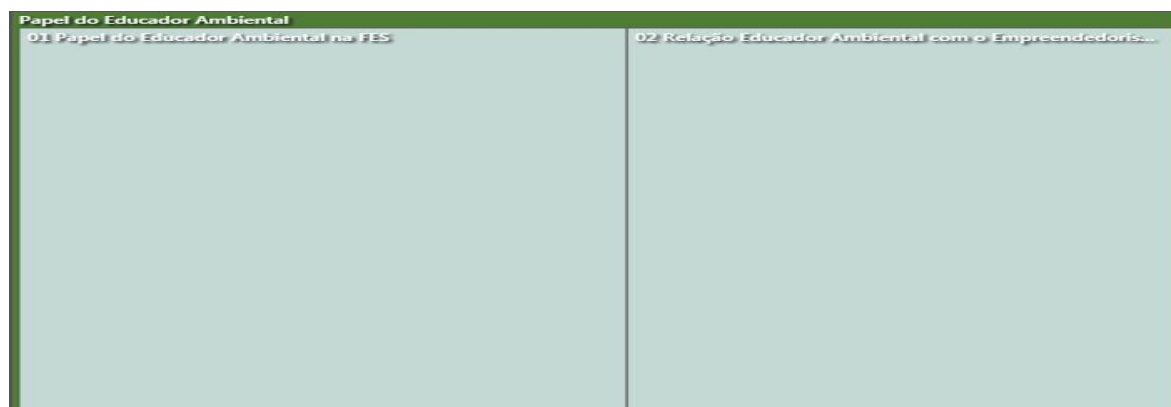
Em contrapartida, alguns relataram que a FES deve ser para além do ICEAC, pois acreditam que o referido Instituto ainda não tem essa percepção de sustentabilidade para o empreendedorismo. Schmidt, Bohnenberger e Freitas (2010) confirmam que é de se esperar que na atualidade o próprio curso de Administração faça uma reavaliação dos métodos utilizados pelo Curso e sua potencial contribuição na formação empreendedora.

Todavia, outra parte de gestores afirmam que a FES deve ser proveniente do ICEAC, mas em conjunto com a DIT, com a Coordenação de Empreendedorismo e Incubação de empresas, e o Oceantec, que são áreas específicas da universidade que abordam sobre o assunto. Uma parte dos gestores ressalta a necessidade de trabalhar o ES de uma maneira mais interdisciplinar e transversal, pois o termo sustentabilidade requer um pensar “a universidade como um todo”. Oliveira; Melo; Muylder (2016) reforçam a importância do envolvimento das Ciências Sociais Aplicadas em dar suporte ao desenvolvimento da inovação e da tecnologia em outros campos.

- *Categoria Papel do Educador Ambiental (Categoria a priori)*

Nessa categoria também foram identificadas as categorias *a posteriori*, que passaram por uma análise individual, por meio das falas dos gestores. Na categoria “Papel do Educador Ambiental”, as categorias *a posteriori* definidas foram apenas duas, havendo um equilíbrio nas informações geradas pelos entrevistados, com um pequeno destaque para a categoria “Papel do Educador Ambiental na Formação Empreendedora Sustentável”. A Figura 11 mostra esse equilíbrio:

Figura 11 - Mapa de Palavras por Categorias do Papel do Educador Ambiental



Fonte: análise NVivo 12 Pro.

O detalhamento das Categorias *a posteriori* identificadas é apresentado na sequência.

A) Papel do Educador Ambiental na Formação Empreendedora Sustentável

A categoria “Papel do Educador Ambiental na FES” permitiu compreender atuação do educador ambiental no desenvolvimento da proposta de Formação Empreendedora Sustentável para a instituição. De modo geral, existe uma unanimidade entre os gestores da universidade sobre a relevância do papel do educador ambiental no desenvolvimento da Formação Empreendedora Sustentável para a instituição. Para eles, o educador ambiental é fundamental nesse processo de formação, pois acreditam que o seu envolvimento permite uma visão mais ampla em compreender os temas relacionados à sustentabilidade voltada aos aspectos econômicos, sociais, ambientais, ou seja, o educador ambiental vai trazer um conhecimento a mais para o empreendedor se tornar um empreendedor sustentável, um repensar o modelo de negócio.

Esse fato é confirmado pela Figura 12, que apresenta uma nuvem de palavras, citadas pelos entrevistados, que destacam palavras como ambiental, empreendedorismo e sustentável, que são decorrentes da questão formulada, outras que mostram a importância do educador ambiental como: fundamental, contribuição, conhecimento, e discussão. Além disso, observa-se a presença das palavras: econômico, sociedade e ambiental, o que pode indicar a percepção da relação do papel do educador ambiental com o Tripé da Sustentabilidade como algo presente na fala dos gestores.

Figura 12 - Nuvem de Palavras Educador Ambiental



Fonte: Análise NVivo 12 Pro.

Esses achados estão em acordo com Jacobi (2005); Lima (2012); Queiroz e Guimarães (2016), ao afirmar que o educador ambiental é essencial para estimular as transformações de hábitos e práticas sociais, por meio de propostas pedagógicas, promovendo a conscientização, desenvolvimento de conhecimentos, capacidade de avaliação e participação na construção de uma sociedade socioambiental sustentável. As falas dos gestores seguem esse sentido:

[...] é importante, né? Ele traz outra perspectiva de... Educação e eu acho que é uma formação que complementa a discussão do empreendedorismo [...] a contribuição do educador ambiental vai auxiliar muito o empreendedor, né? Então, eu acho que é fundamental (Gestor 4 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho que ele pode ter uma grande... contribuição, eu acho que se tu pensar na questão da longevidade, tu trazer esses agentes que fazem o pensamento Social, o pensamento Ambiental, e o pensamento Econômico é fundamental para tu pensar nesse modelo de negócio Sustentável [...] o contexto Ambiental é extremamente importante, mas não é uma prática ainda, né? [...] a Educação Ambiental, ela perpassa não é só a questão Ambiental [...] eu acho que isso é uma cultura que as pessoas ainda não entendem [...] Quando se fala em educador ambiental, tu tá falando do sócio-econômico-ambiental (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] sustentabilidade no empreendedorismo eu acho essencial [...] o educador ambiental vai retroalimentar esse sistema e apontar caminhos que estão fragilizados, né? Na capacitação ou ações que sejam necessárias. Então, eu acho que é muito importante, eu acho que é muito importante (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] assim, a visão do educador ambiental, ela é muito, muito aberta [...] educador ambiental ele pode trabalhar assim com coisas tão distintas um do outro [...] com diferentes ideias e visões até visões contrastantes (Gestor 3 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] hoje, educador ambiental não de formação, deveríamos ser todos nós, né? Formação são aqueles que buscam hoje a formação e buscou refletir, produzir ciência em cima desta área [...] em termos Institucionais, os educadores por formação, aqueles que têm titulação, deveriam ser talvez os protagonistas maiores de oportunizar essa discussão e agregar os pensamentos [...] então, utilizar essas pessoas que nós temos na universidade, como os fomentadores permanentes, como os condutores e visando a manutenção de sua discussão é fundamental (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] o educador ambiental tem tudo a ver, porque ele é um tipo de um perfil Sustentável da coisa, né? Porque eu não posso incentivar alguma coisa que vá agredir o Meio Ambiente, ou que vá contra a sociedade vai querer e nós como educadores não podemos incentivar nada que agride o Meio Ambiente, né? (Gestor 9 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] bom, eu acho que esse papel é fundamental né? [...] um papel importante em todas as áreas, mas principalmente numa área que é voltada para a Formação de Professores, porque são os multiplicadores né? [...] na verdade, a gente está no mundo em que as coisas não estão mais fechadas, que a gente precisa ter cada vez mais um olhar mais sistêmico (Gestor 12 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que o conceito de Educação Ambiental que muitos trabalham ali no PPGEA é a ideia da Educação Ambiental que não é só a questão da natureza é a

relação do ambiente com as questões sociais humanas, né? Culturais e econômicas, né? Porque toda a problematização que a gente faz em cima da degradação Ambiental, ela está vinculada a esse modo de produção capitalista que avança em cima do Ambiente e da Sociedade, né?[...] então, esse olhar humano e Social que o educador ambiental deveria ter, é que eu acho que pode contribuir na construção desse conceito de sustentabilidade, né? (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Outro ponto relevante evidenciado pelos gestores foi que a universidade tem um Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) que forma pessoas nessa área, e que existem pessoas atuando na instituição e que é preciso aproveitá-las para fomentar a questão da longevidade no empreendedorismo, pois o educador ambiental formado nessa instituição deve ter um perfil que apresenta um olhar que vai além das questões ambientais, permitindo também um pensar nas questões econômicas e sociais, conforme previsto no Projeto Pedagógico do PPGEA (FURG, 2010).

Dessa forma, tal posicionamento dos gestores converge com Fracalanza *et al.* (2008) que afirmam sobre a importância das IES terem Programas de Pós-Graduação que permitam o desenvolvimento de pesquisas em Educação Ambiental. Um ponto relevante da FURG é que o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (FURG, 2017) é o único no Brasil com nível de Mestrado e Doutorado.

Segundo os entrevistados, o educador ambiental apresenta uma visão sistêmica que permite retroalimentar o sistema apontando caminhos, por meio de suas ações e capacitações construídas com um olhar mais humano e social sobre o empreendedorismo. Esse posicionamento vem ao encontro dos Princípios da Educação Ambiental (BRASIL, 1999) que serve de base na sustentação desta tese e confirma o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo (Inciso I, do Art. 4º da PNEA), ou seja, a EA apresenta um enfoque científico, humanístico e interdisciplinar das questões educacionais, ecológicas e socioambientais.

B) Relação do Educador Ambiental com o Empreendedorismo

Outro ponto relevante questionado aos gestores foi como eles percebem que o educador ambiental pode relacionar de forma adequada o empreendedorismo com a Formação Empreendedora Sustentável:

[...] em resumo, eu nunca pensei sobre aspectos de como um educador ambiental pode ajudar no processo de Educação Empreendedora, né? Eu nunca pensei, mas

sob o ponto de vista de um Educador Social, eu acho que é fundamental (Gestor 14 – Gestor Estratégico).

[...] ele pode relacionar, mas claro, tem que ser preparado para isso, ele deverá ter essa perspectiva, esse direcionamento, ele pode alcançar sim, mas desde que ele tenha essa preparação (Gestor 1 – Diretor Acadêmico de Unidade).

[...] sim, eu percebo que traz uma bagagem maior, é aquela via de mão dupla, né? Se nós conseguirmos agregar um Administrador, um educador ambiental com aquele que ele deseja produzir algo novo, de algo de forma Sustentável, nós pegamos os três elementos que cada um pegaria talvez um lance mais aprofundado (Gestor 7 – Diretor Acadêmico de Unidade).

[...] sim, com certeza, até porque agora a gente tem que se preocupar muito com nosso Meio Ambiente, né? (Gestor 8 – Diretor Acadêmico de Unidade).

[...] nós não estamos acostumados a trabalhar em conjunto, nós trabalhamos muito, de forma muito dinamizada e dentro das Unidades, as áreas são fechadas... Os cursos que vão se fechando e é difícil, é difícil trabalhar de forma multidisciplinar dentro da Unidade, imagina em outras Unidades (Gestor 12 – Diretor Acadêmico de Unidade).

[...] eu acho que é um papel muito importante, ele tem que ser trabalhado [...] é o maior desafio da DIT, promover a descrição do empreendedorismo, da inovação e trazer essa visão da sustentabilidade, porque essa é a visão que nos integra e é a visão vencedora, não tem outro caminho (Gestor 15 – Diretor Acadêmico de Unidade).

Boa parte dos gestores da universidade considera que o educador ambiental pode relacionar de forma adequada ao empreendedorismo, em acordo com Fernandes; Silva (2017), porém esse educador precisa ser preparado, ou ter a mesma perspectiva em relação ao assunto. Conforme os gestores, unir um gestor e um educador ambiental para posterior repasse desse conhecimento para alguém que deseja empreender algo sustentável é muito interessante e proveitoso, em acordo com Danciguer; Carvalho; Macarini (2007); Santos (2008); Borges (2014). Por outro lado, alguns relatam que nunca tinham pensado nessa relação, mas entendem que um educador é relevante.

Contudo, alguns gestores afirmam que um dos grandes problemas da relação entre gestor e educador ambiental é a dificuldade de trabalhar em conjunto entre as Unidades da universidade, ou seja, de maneira interdisciplinar, porque as Unidades se fecham nas suas respectivas áreas de formação e acabam produzindo de modo isolado não conseguindo se integrar umas com as outras. Apesar dessa dificuldade, deve-se levar em consideração que um dos princípios da Educação Ambiental é trabalhar com o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade (BRASIL, 1999). Dessa forma, esse princípio ajudará na relação do educador ambiental com as

diferentes Unidades Acadêmicas da FURG para a realização da Formação Empreendedora Sustentável.

Porém, outros gestores apontam que a relação mútua entre diferentes unidades é um dos melhores caminhos para que a DIT consiga conciliar empreendedorismo, inovação e a sustentabilidade e que, sem dúvidas, essa será uma visão integradora das áreas. Cabe observar que a atuação da Educação Ambiental nos espaços não formais muitas vezes apresenta uma dificuldade de atuação dentro das instituições. Mas, em acordo com a Portaria do Ministério do Meio Ambiente, nº 132 de 27 de abril de 2009, a Comissão Intersetorial de Educação Ambiental (CISEA) tem a finalidade de fortalecer, articular e integrar as ações de EA nos espaços não formais, tendo como um dos propósitos a sensibilização, formação e/ou capacitação de pessoas.

4.1.2 Parte II – Percepção dos Discentes sobre Empreendedorismo Sustentável

A Parte II refere-se à aplicação de um questionário estruturado, com cinco (5) questões abertas, que teve por objetivo verificar qual é a percepção dos discentes sobre o Empreendedorismo Sustentável na instituição, nas quatro (04) disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo ao final do semestre de 2018.

A 1ª questão feita aos estudantes foi: **“Se você fosse um empreendedor, seria capaz de oferecer produtos ou serviços buscando ajudar, apoiar ou solucionar um determinado problema social?”**.

De acordo com a Tabela 1 pode-se observar a intenção dos discentes sobre ser um Empreendedor Social.

Tabela 1- Intenção dos Discentes sobre Empreendedorismo Social

Disciplinas	Sim		Não tenho conhecimento sobre o assunto		Talvez		Total de Discentes		
	Discentes	%	Discentes	%	Discentes	%	Discentes	%	
Empreendedorismo	Turma A	28	67	12	25	03	7	43	37
	Turma C	17	77	01	4	04	18	22	19
Plano de Negócio	13	93	01	7	00	00	14	12	
Fundamentos de Empreendedorismo	14	82	02	12	01	6	17	15	
Empreend. e Desenvolv. de Empreendedorismo Tecnológico	14	74	03	16	02	10	19	17	
Total	86	75	19	16	10	9	115	100	

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com os dados expostos na Tabela 1, observa-se que 75% dos estudantes pesquisados relataram que se fossem um empreendedor, seriam capazes de oferecer produtos ou serviços buscando ajudar, apoiar ou solucionar um determinado problema social, em consonância com Bessant; Tidd (2009), Ávila *et al.* (2014); e Ashoka (2017), para os quais os empreendedores sociais utilizam os princípios empreendedores tradicionais para organizar, criar e administrar soluções inovadoras almejadas pela sociedade, gerando mudanças, desconstruindo e reconstruindo os vários espaços sociais onde atuam. Isto mostra a predisposição dos estudantes a serem empreendedores sustentáveis, com foco na dimensão social, buscando desenvolver produtos e serviços que atendam às necessidades da sociedade, conforme se depreende de suas falas:

[...] é importante ajudar a sociedade, não apenas visando o lucro.

[...] atualmente tanto o mercado, a sociedade e o meio ambiente exigem uma postura nos empreendimentos.

[...] a ideia de iniciar um negócio que busca ajudar o próximo é sempre a primeira opção.

[...] não consigo viver apenas pelo dinheiro, quero mudar o mundo.

[...] me deparo no dia a dia com situações socioambientais e me vem algumas soluções na mente.

[...] o empreendedor deve identificar os problemas sociais e ajudar ao próximo, visando melhor retorno para todos, solucionando os problemas da sociedade.

[...] unir serviço ou produto com a solução de um problema social valoriza muito mais essa conquista, me sinto motivada.

[...] empreender é muito mais que ganhar dinheiro é dar um retorno para a sociedade, para mim é um grande incentivo para empreender.

[...] porque existem muitos problemas sociais a espera de um empreendedor social.

Ainda durante suas falas pode-se observar a iniciativa de lançar ideias de criação de produtos e serviços sustentáveis que viessem a contribuir com a sociedade. Conforme Bornsten (2007), o empreendedorismo social associa a paixão por uma missão social com a disciplina, inovação e determinação com foco na cidadania, o que se observa nas seguintes falas:

Sim, ajudaria nos problemas sociais, como por exemplo: revestir as paredes com caixas de leite ou suco para impermeabilizar.

Sim, como problemas em relação aos deficientes com mobilidade reduzida.

Sim, há um mercado interessante como produtos orgânicos, artesanatos e cooperativas.

Outro ponto relevante dessa questão foi que 19 estudantes (16%) não têm conhecimento algum de que se eles fossem um empreendedor, seriam capazes de oferecer produtos ou serviços que buscassem ajudar, apoiar ou solucionar um determinado problema social, mesmo estando ao final da disciplina. Isso mostra o quanto ainda é necessário discutir mais em sala de aula a dimensão social para que os estudantes saibam, no mínimo, se posicionar quanto ao assunto.

Martins (2010) afirma que pode estar faltando visão social no Ensino Superior e essa visão pode ser adquirida através do empreendedorismo social. E conforme Araújo *et al.* (2005) e Backes e Erdmann (2009), a universidade no cenário do empreendedorismo social apresenta funções importantes, pois ela pode contribuir no despertar de uma cultura empreendedora, como também pode, por meio do ensino, pesquisa e extensão, capitalizar o conhecimento voltado para o desenvolvimento social, produzindo novas tecnologias de inclusão social, no qual docentes e discentes tenham a responsabilidade de serem agentes instigadores.

A 2ª questão formulada foi: **“Qual é a sua percepção sobre o Empreendedorismo Sustentável?”**.

A Tabela 2 mostra, em percentual, o total de discentes que relatam não ter conhecimento algum sobre o Empreendedorismo Sustentável ao final das disciplinas.

Tabela 2 - Falta de Conhecimento sobre Empreendedorismo Sustentável

Disciplinas	Não tenho conhecimento sobre o assunto		Total de Discentes	
	Discentes	%	Discentes	%
Empreendedorismo A	18	42	43	37
Empreendedorismo C	04	18	22	19
Plano de Negócio	03	21	14	12
Fundamentos de Empreendedorismo	04	23	17	15
Empreendedorismo e Desenvolvimento de Empreendimentos Tecnológicos	05	26	19	17
Total	34	29	115	100

Fonte: elaborado pela autora.

Os dados resultantes da Tabela 2 são bem expressivos no que se refere ao desconhecimento sobre o termo Empreendedorismo Sustentável, por parte dos discentes, ou seja, quase 30% dos estudantes não tem conhecimento sobre ES ao término das disciplinas que se relacionam com empreendedorismo. Segundo Oliveira, Melo e Muylder (2016), o desenvolvimento da educação empreendedora aponta que as disciplinas e demais ações desenvolvidas nas IES podem estimular os alunos a perceberem suas próprias capacidades, assim como despertar e fornecer maneiras para refletirem sobre suas ações e seus impactos sociais e ambientais, mas ainda são incipientes as práticas pedagógicas que orientem os alunos para essa área, ainda nova.

Sobre a Tabela 2, o mais instigante é que quase 40% dos pesquisados encontra-se na disciplina de Empreendedorismo A, composta por estudantes de Administração, representando um desequilíbrio com as demais disciplinas. Observa-se que dentro da formação dos estudantes de administração da FURG ainda é incipiente o termo Empreendedorismo Sustentável, tornando-se urgente inserir (enraizar) a sustentabilidade no perfil empreendedor na formação dos futuros administradores da Universidade Federal do Rio Grande, pois suas decisões, de uma maneira ou de outra, afetarão a sociedade em que vivem.

Na descrição de suas falas se observa que o conceito de Empreendedorismo Sustentável ainda está mais focado nas ações de preservação do meio ambiente e não no termo Sustentabilidade, no sentido de longevidade, com as três dimensões na mesma proporção. Conforme Boszcowski e Teixeira (2012), o empreendedorismo ambiental é

visionado a partir da demanda da sociedade por qualidade ambiental e das empresas por oferecerem soluções para problemas ambientais.

[...] empresas que são criadas com base para não denegrir o meio ambiente.

[...] traz retorno ao meio ambiente levando em consideração o esgotamento dos recursos renováveis do planeta.

[...] identificar problemas na sociedade e pensar em negócios que conservem o meio ambiente e criar soluções que durem mais.

[...] empreendedorismo relacionado a evitar danos ao meio ambiente.

[...] segmento de mercado voltado às empresas da área ambiental, sem sofrer quedas nos seus objetivos.

[...] é a busca de atividades que apresentem alternativas viáveis as atividades que reduzirão o consumo dos recursos naturais.

[...] se trata de ideias empreendedoras que respeite e interajam com o meio ambiente.

[...] forma de empreender ajudando ao meio ambiente tendo aspectos ecológicos ligados a sua forma de trabalhar.

[...] já diz na palavra buscando não agredir ao meio ambiente.

Ainda analisando a mesma questão, o conceito de Empreendedorismo Sustentável pode estar apenas direcionado para a dimensão social, pois conforme Barros e Gonzaga (2018), o empreendedorismo pode ser visto como uma estratégia de desenvolvimento social, o que é corroborado pelas seguintes falas:

[...] novo nicho do mercado que carrega um apelo social, inclusive com alguns incentivos fiscais.

[...] algo realmente importante para a sociedade, porém pouco falado, falta mais investimento.

[...] uma forma de empreender em aspectos sociais, que não observam só o lucro.

[...] uma maneira de empreender que toque mais em melhorias e ganhos sociais do que capitais.

Em outras falas percebe-se que o termo Empreendedorismo Sustentável, de modo geral, é algo bom e inovador, mas não conseguem dimensionar o porquê de tal termo, deixando as palavras vagas, conforme segue:

[...] visa criar produtos sustentáveis, ou empresas que sejam sustentáveis.

[...] deve ser mundialmente difundido, porém esse é uma missão bastante difícil.

[...] é uma área em desenvolvimento, com enorme potencial, visto os problemas ambientais do planeta.

[...] seja desde a concepção do empreendimento, o mesmo deve ser fundado com base sustentáveis.

[...] ter uma boa relação entre empreender e a sustentabilidade.

[...] algo realmente importante para a sociedade, porém pouco falado, falta mais investimento.

[...] um futuro viável, porém necessita muito da ética humana.

[...] algo importante e extremamente válido, porém de custo muito excessivo.

[...] é interessante, pois está em alta, além de ajudar o planeta.

[...] uma forma esplêndida de zelar e manter o desenvolvimento consciente.

Porém, uma pequena parte dos estudantes já está conseguindo associar o termo sustentabilidade ao ato de empreender, buscando se aproximar de maneira coerente às dimensões econômicas, sociais e as ambientais:

[...] modelo de empreendedorismo que não foca somente o lucro, mas sim garantir um negócio próspero envolvendo outros aspectos sociais e ambientais.

[...] é uma maneira de associar os aspectos econômicos e sustentáveis ao próprio negócio.

[...] negócio que combina geração de riqueza com o desenvolvimento responsável do meio social e ambiental.

[...] empreendimento que não se importa só com o lucro procura maneira de melhorar o ambiente local preservando e criando programas sociais e ambientais.

[...] é a forma de empreender que também demonstra uma preocupação ambiental para além do econômico e social.

A questão 3 aplicada aos alunos refere-se: **“Como você entende que a FURG poderia contribuir para incentivar o Empreendedorismo Sustentável?”**.

O Quadro 8 apresenta um resumo das contribuições que os discentes entendem ser relevantes para a FURG incentivar o ES:

Quadro 8 - Contribuições que os Discentes entendem ser relevantes para a Universidade incentivar o Empreendedorismo Sustentável

1. Criar disciplinas optativas sobre este tema nos cursos de graduação, ou adaptar o assunto em algumas cadeiras.
2. Estimular os professores a fazerem visitas técnicas, incentivar aulas mais dinâmicas e práticas tornando-as mais atrativas.
3. Promover eventos, palestras, oficinas, workshop, semanas acadêmicas, debates com empreendedores e professores experientes na área.
4. Oferecer cursos e atividades complementares para que os estudantes internalizem este tema.
5. Incentivar as Incubadoras de Empresas Tecnológicas e as Empresas Juniores a auxiliarem neste tema.
6. Promover pesquisas e aproveitar infraestrutura da Instituição para elaboração de protótipos sustentáveis.
7. Trazer exemplos de empresas sustentáveis para perto da Universidade envolvendo as cooperativas e a comunidade da região.
8. Incentivar os cursos de Engenharia na criação de projetos sustentáveis.
9. Rever as ações de empreendedorismo interno, a fim de focar na sustentabilidade.
10. Fazer campanhas anuais de novos projetos com subsídio.

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o Quadro 8 foram destacadas 10 (dez) ações que os discentes entendem ser relevantes para incentivar o Empreendedorismo Sustentável na FURG. Cabe lembrar que um número expressivo de estudantes propugna por uma nova postura no que se refere às aulas de empreendedorismo, tornando as aulas inovadoras, com mais atividades práticas, visitas técnicas, exemplo de empreendedores, ou seja, tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas.

Esses achados vêm ao encontro de Souza (2001); Drucker (2003); Raimundo, Rambalducci; Pacagnan (2010); Vieira; Rocha (2015); Azevedo; Manthey; Lenzi (2016); Silva; Pena (2017) que relatam a necessidade de utilização de novos métodos para as aulas de empreendedorismo, com aulas dinâmicas, estimulando os alunos a saírem das salas de aula para entenderem o real funcionamento do mercado; participando de seminários com empresários, ouvindo casos de sucesso e insucesso com empreendedores; praticando estudo de casos; fazendo dinâmicas de grupo e vivências; utilizando jogos, dramatizações; e assistindo palestras.

Outra preocupação dos estudantes está no fato de tornar o Empreendedorismo Sustentável algo empoderado na instituição, visto que muitos nunca tinham ouvido falar sobre esse termo, conforme a fala dos estudantes: "... difundir o termo, visto que, não tinha conhecido o termo até o momento"; "... é necessário atualização dos cursos para novos conceitos"; entre outras. Esse posicionamento é o mesmo de Silva *et al.* (2017), o qual reconhece que a efetivação de projetos voltados ao empreendedorismo nas universidades ainda representa um grande desafio a ser posto em prática.

Respondendo a esta necessidade de maior conhecimento quanto ao termo Empreendedorismo Sustentável foi questionado aos discentes (4ª questão): **“Se a FURG ofertasse cursos e ou atividades complementares sobre o ES, você faria? Por quê?”**.

Como resultado, 71% dos respondentes disseram que sim, conforme exposto em suas falas:

Sim, com certeza, complementa o conhecimento adquirido e contribui para as várias áreas do mercado atuantes.

Sim, porque os cursos oferecidos pela Furg abordam um pouco sobre sustentabilidade, mas sobre Empreendedorismo Sustentável fica a desejar.

Sim, é um tema que me atrai.

Sim, gosto de empreendedorismo e acho válido.

Sim, pois este assunto ainda é algo novo, então seria bastante interessante aprender sobre este assunto e aplicar os conhecimentos.

Sim, faria tanto pela questão pessoal como profissional.

Sim, mesmo sem ter interesse em ser empreendedor, vejo o empreendedorismo como algo que estimula as pessoas no dia a dia e melhora o rendimento profissional.

Sim, como futuro engenheiro creio ser um conteúdo essencial.

Os motivos pelos quais os estudantes responderam “não” à participação de cursos e atividades complementares sobre ES, são: “atualmente não, pois trabalho o dia inteiro”; “não, não teria tempo disponível”; “não, porque não é minha área de interesse” e “não, pois todas as disciplinas que cursei desse assunto foram muito fracas”.

Para melhor compreender as necessidades dos discentes em relação aos recursos utilizados para uma formação empreendedora foi questionado aos respondentes (5ª Questão): **“Como você entende que deveria ser a formação para o ES? Quais recursos pedagógicos que você considera importantes?”**.

Nessa questão, mais de 50% dos estudantes deixaram a pergunta em branco ou escreveram que não tinham conhecimento sobre a questão. Em função do respectivo resultado se pressupõe que existe uma falta de compreensão, por parte dos estudantes, do que seja uma formação, talvez pelo fato de suas áreas de estudos não serem próximas à formação de indivíduos, e assim, deixando uma lacuna de como deveria ser a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável para a FURG a partir do ponto de vista dos discentes.

Os discentes que responderam colocaram respostas semelhantes à Questão 3, confirmando o que Martins (2010); Silva e Pena (2017) afirmam que o empreendedorismo

também transforma positivamente a sala de aula, originando a inovação, a criatividade e a motivação.

[...] aulas mais dinâmicas, saídas de campo, desenvolvimento de atividades pesquisa e extensão, visitas técnicas, palestra.

[...] bastante abordagem prática participando de projetos em empresas locais.

[...] projetos de extensão para realizar suas pesquisas com apoio de bolsistas ajudando a comunidade local de Santa Vitória do Palmar.

[...] trazer questões da realidade para dentro da universidade, ser mais prático e com professores experientes na área.

De modo geral, os discentes clamam por aulas mais dinâmicas e práticas que permitam ao estudante pensar e ser criativo nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo. Rezende e Sales (2010), Rocha e Bacchi (2010); Raimundo, Rambalducci e Pacagnan (2010) e Ortega (2012) concluem que o processo convencional de ensino não contempla em um bom nível as prerrogativas pedagógicas para a formação empreendedora.

4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA

Os caminhos percorridos para se chegar às competências empreendedoras dos discentes matriculados nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo foram alcançados por meio de um questionário estruturado, aplicado ao final do semestre de 2018, em que constou duas partes: Parte I – Identificação do Perfil do Discente e Parte II – As Características Empreendedoras dos Discentes.

Na identificação do perfil dos discentes foram realizadas 07 (sete) perguntas fechadas sobre o curso, semestre, se já tinham noção de empreendedorismo, gênero, faixa etária, forma de trabalho e renda. No que se refere à Parte II do questionário foram apresentadas 44 assertivas (Escala *Likert*).

Em relação às assertivas sobre as características empreendedoras do referido questionário, as mesmas foram parcialmente baseadas no trabalho de Silveira (2016). Foi utilizada a Escala tipo *Likert* de cinco pontos: DT (Discordo Totalmente); D (Discordo em parte); I (Indiferente / Ignoro); C (Concordo em parte); CP (Concordo plenamente). Essa técnica permite a montagem de várias assertivas em sequência, com as mesmas alternativas de respostas, propiciando ao entrevistado uma maior facilidade de interpretação (FÁVERO *et al.*, 2009).

Para explicar o comportamento do conjunto de variáveis foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória por meio do *software* IBM SPSS *Statistics* versão 23, com o objetivo de validar os itens da escala.

4.2.1 Parte I – Perfil dos Discentes Pesquisados

De acordo com informações fornecidas pelo Sistema da Instituição, os cursos que ofereceram disciplinas que se relacionam com empreendedorismo no 2º semestre de 2018 foram: Administração (Adm), Ciências Contábeis (Cont.), Economia (Econ.), Engenharia Civil Empresarial (Eng.Civ.Emp.), Engenharia Mecânica Empresarial (Eng.Mec.Emp.), Hotelaria (Hotel.) e Comércio Exterior (Com.Ext.), com as respectivas disciplinas: Empreendedorismo (Empreend.) turmas A e C, Fundamentos de Empreendedorismo (Fund. Empreend.), Plano de Negócios (P)N e Empreendedorismo e Desenvolvimento de Empreendimentos Tecnológicos (Empreend. Desenv. Emp. Tecn.)

O total de estudantes que participaram do estudo foi 115, agrupados por curso, tendo ocorrido uma predominância de estudantes dos cursos de Administração, representando 41 estudantes e 36% do total. Em seguida o curso de Engenharia Civil Empresarial, com 25% e Engenharia Mecânica Empresarial com 17%. Observa-se que as disciplinas relativas ao empreendedorismo, na FURG, ainda se concentram nos cursos de Administração e Engenharias, representando 78% do total de estudantes pesquisados, mostrando que o termo empreendedorismo ainda não está capilarizado em outras áreas da instituição.

De acordo com a Tabela 3, a quantidade de discentes por disciplinas foram:

Tabela 3 - Discentes participantes da pesquisa por Disciplina

Disciplinas	Total de Discentes	%
Empreendedorismo A	43	37
Empreendedorismo C	22	19
Plano de Negócio	14	12
Fundamentos de Empreendedorismo	17	15
Empreendedorismo e Desenvolvimento de Empreendimentos Tecnológicos	19	17
Total	115	100

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 3 observa-se que mais de 50% dos estudantes estão na disciplina específica de Empreendedorismo (Turmas A e C), sendo que as demais disciplinas apresentam um equilíbrio de quantidade de discentes por cadeira.

Na sequência foi verificado em quais semestres as disciplinas são ofertadas por curso.

Tabela 4 - Semestres nos quais as Disciplinas são ofertadas por curso

Curso	Semestre
Administração	1º e 2º
Contábeis	4ª e 5º
Economia	3º e 5º
Engenharia Civil Empresarial	8º e 12º
Engenharia Mecânica Empresarial	8º, 10º e 12º
Hotelaria	6º
Comércio Exterior	2º e 7º

Fonte: elaborado pela autora.

A Tabela 4 mostra que as disciplinas voltadas ao empreendedorismo ocorrem nos cursos de Administração no início do curso, em Contábeis e Economia no início e meio, e que para as Engenharias, essas são ministradas mais ao término dos cursos, não havendo, portanto, um padrão entre eles quanto aos semestres de oferta das disciplinas aqui avaliadas. Ferreira e Andrade (2018) afirmam que nas instituições que apresentam uma cultura empreendedora ou um centro empreendedor, o ensino de empreendedorismo deve ser desenvolvido por toda a vida acadêmica do discente, mas que a maioria das instituições oferece disciplinas somente no final dos cursos.

Na sequência, foi questionado aos estudantes se eles já tinham alguma noção de empreendedorismo antes de realizar a disciplina. Observou-se que mais de 60% dos que realizam disciplinas já tinham alguma noção sobre o termo empreendedorismo, mostrando que os estudantes que fazem essas disciplinas já estão mais apropriados do assunto.

O grupo foi identificado, também, por gênero, visto que pelas características dos cursos existe um equilíbrio entre os gêneros feminino e masculino. A Tabela 5 mostra a distribuição por gênero dos estudantes.

Tabela 5 - Gênero dos Discentes que participaram da pesquisa

	Adm.	Cont.	Econ.	Eng.Civ. Empres.	Eng. Mec. Empres.	Hotel.	Com. Ext.	Total	%
Feminino	21	00	04	15	04	10	02	56	49
Masculino	20	03	00	14	17	04	01	59	51
Outros	00	00	00	00	00	00	00	00	00
Total	41	03	04	29	21	14	03	115	100

Fonte: elaborado pela autora.

Sob o aspecto do gênero, nota-se um equilíbrio entre o feminino com 49% e o masculino com 51%, mas cabe destacar que no curso de Engenharia Mecânica Empresarial a predominância ainda é pelo gênero masculino, que representa mais de 80% do curso, sendo que dentre os 115 estudantes pesquisados nesses cursos, nenhum se identificou em outros gêneros.

Na sequência, foi verificada a idade dos estudantes que fizeram parte da pesquisa. Nota-se que 44% dos estudantes estão na faixa etária entre 16 a 23 anos, e que quase 50% encontram-se no curso de Administração. Em função do mesmo ser noturno, entende-se que esses alunos já possuem uma pré-disposição para trabalhar durante o dia, podendo ser o empreendedorismo uma opção a ser trilhada.

Na Tabela 6, a intenção é saber se o grupo pesquisado está trabalhando ou qual a forma de trabalho.

Tabela 6 - Forma de Trabalho dos discentes participantes da pesquisa

	Adm.	Cont.	Econ.	Eng.Civ. Empres.	Eng. Mec. Empres.	Hotel	Com. Ext.	Total	%
Trabalho Formal	13	03	02	16	09	05	02	50	43
Trabalho Informal	07	00	00	04	02	02	00	15	13
Bolsista	00	00	00	02	03	02	00	07	6
Não trabalha, mas tem experiência	14	00	02	04	05	04	01	30	27
Nunca Trabalhou	07	00	00	03	02	01	00	13	11
Total	41	03	04	29	21	14	03	115	100

Fonte: elaborado pela autora.

A Tabela 6 mostra que mais de 60% dos estudantes, além de estudar, desenvolve alguma atividade remunerada, o que pode estar relacionado à sua disponibilidade de horário, já que os cursos são noturnos, propiciando assim oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Dentre os estudantes, apenas 11% nunca trabalharam e quase 50% trabalham de maneira formal no mercado de trabalho. Os cursos de Engenharia lideram com o maior número de bolsistas.

No que se refere à renda dos discentes pesquisados, observa-se os seguintes resultados dispostos na Tabela 7.

Tabela 7- Renda dos Discentes participantes da pesquisa

	Adm.	Cont.	Econ.	Eng.Civ. Empres.	Eng. Mec. Empres.	Hotel	Com. Ext.	Total	%
Sem Renda	20	00	02	08	08	03	01	42	36
Até R\$ 1.500,00	09	02	02	15	05	05	01	39	34
Entre R\$1.501,00 a R\$ 3.000,00	08	01	00	05	06	05	00	25	22
Acima de R\$ 3.001,00	04	00	00	01	02	01	01	09	08
Total	41	03	04	29	21	14	03	115	100

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 7 nota-se que, do total de pesquisados, 36% dos discentes não possuem renda, ou seja, não recebem dinheiro para o seu sustento, sendo ainda dependentes da condição financeira de terceiros. Dos pesquisados, apenas 8% recebem acima de R\$ 3.001,00 e 64% dos que recebem alguma renda, mais da metade recebe até R\$ 1.500,00, mostrando que a faixa salarial dos discentes ainda é baixa.

4.2.2 Parte II – As Características Empreendedoras dos Discentes

Na Parte II do questionário foram apresentadas, ao término das disciplinas, 44 assertivas específicas do tipo escala *Likert* para conhecer as características empreendedoras dos estudantes, ou seja, quais as habilidades e as limitações dos mesmos para viabilizar a Formação Empreendedora Sustentável.

A Tabela 8 descreve os resultados percentuais de posicionamento para cada assertiva.

Tabela 8 - Características Empreendedoras dos Discentes

		DT:1	D:2	I:3	C:4	CP:5	Total
Var 1	Sou capaz de estabelecer meu perfil como empreendedor.	7,0%	30,4%	7,8%	47,0%	7,8%	100,0%
Var 2	Sei identificar as características que já possuo/faltam em relação a um perfil de empreendedor.	5,2%	12,2%	6,1%	59,1%	17,4%	100,0%
Var 3	Sou capaz de avaliar o meu potencial como empreendedor.	4,4%	20,0%	13,0%	53,9%	8,7%	100,0%
Var 4	Sei reconhecer os atributos de um empreendedor	0,0%	8,7%	4,3%	57,4%	29,6%	100,0%
Var 5	Tenho dificuldades para reconhecer meus pontos fracos e fortes como empreendedor.	6,1%	27,8%	14,8%	42,6%	8,7%	100,0%
Var 6	Sou capaz de realizar uma pesquisa de mercado, fazendo uso da técnica de análise SWOT ou Análise FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças).	30,4%	22,6%	12,2%	22,6%	12,2%	100,0%
Var 7	Sou capaz de propor uma solução viável	9,6%	23,5%	8,7%	44,3%	13,9%	100,0%

	perante o diagnóstico de uma análise SWOT.						
Var 8	Sou capaz de definir com clareza / objetividade uma missão empresarial.	7,8%	16,5%	15,7%	51,3%	8,7%	100,0%
Var 9	Não é fácil para mim definir com clareza / objetividade uma visão estratégica.	13,9%	32,2%	13,0%	38,3%	2,6%	100,0%
Var 10	Sou capaz de definir / identificar os valores de uma empresa.	4,4%	24,3%	17,4%	45,2%	8,7%	100,0%
Var 11	Entendo a necessidade de equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental de um empreendimento.	2,6%	11,3%	9,6%	47,8%	28,7%	100,0%
Var 12	Sou capaz de propor uma solução sustentável ao elaborar um código de ética.	9,6%	27,8%	20,0%	27,0%	15,6%	100,0%
Var 13	Não é fácil para mim, reconhecer os princípios da Responsabilidade Socioambiental.	13,0%	34,8%	14,8%	29,6%	7,8%	100,0%
Var 14	Com base na legislação sei indicar os procedimentos necessários para a abertura de uma empresa.	22,6%	23,6%	13,0%	30,4%	10,4%	100,0%
Var 15	Sei indicar os aspectos técnicos necessários para o funcionamento de uma empresa (órgãos de classe, Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiros e outras).	15,6%	21,7%	12,2%	38,3%	12,2%	100,0%
Var 16	Sei identificar as diferentes técnicas de análise e coleta de dados.	2,6%	10,3%	7,8%	42,6%	36,5%	100,0%
Var 17	Sou capaz de analisar os ambientes interno e externo da empresa.	0,8%	9,6%	17,4%	52,2%	20,0%	100,0%
Var 18	Para mim não é fácil expressar o conceito de empreendedor.	9,6%	42,6%	16,5%	26,1%	5,2%	100,0%
Var 19	Sei a diferença existente entre empreendedor e intra-empendedor.	41,7%	27,8%	12,2%	15,7%	2,6%	100,0%
Var 20	Sei mapear as interações de uma empresa com seus clientes ou fornecedores.	7,8%	21,7%	14,8%	48,7%	7,0%	100,0%
Var 21	Sou capaz de reconhecer a concorrência de um determinado setor.	1,7%	8,7%	10,4%	58,3%	20,9%	100,0%
Var 22	Para mim é difícil analisar a concorrência de um determinado setor.	17,4%	16,5%	24,3%	16,5%	25,3%	100,0%
Var 23	Sou capaz de reconhecer através do mapeamento os principais clientes de um determinado setor	5,2%	10,4%	12,2%	54,8%	17,4%	100,0%
Var 24	Sou capaz de analisar o mercado consumidor de um determinado setor.	2,6%	7,8%	8,7%	61,7%	19,2%	100,0%
Var 25	Tenho dificuldade de identificar o benefício de determinado produto ao consumidor.	17,4%	44,4%	13,0%	17,4%	7,8%	100,0%
Var 26	Não é fácil, para mim, identificar um processo criativo de geração de ideias.	9,6%	36,5%	18,3%	25,2%	10,4%	100,0%
Var 27	Sou capaz de analisar a viabilidade de um negócio.	6,1%	26,1%	12,2%	45,2%	10,4%	100,0%
Var 28	Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando oportunidades.	5,3%	13,9%	13,9%	53,0%	13,9%	100,0%
Var 29	Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando problemas futuros.	13,0%	19,2%	17,4%	41,7%	8,7%	100,0%
Var 30	Sou capaz de agir com os atributos de um empreendedor ao identificar oportunidade de negócios.	8,7%	20,0%	11,3%	50,4%	9,6%	100,0%
Var 31	Sou capaz de reconhecer as perspectivas de negócios sustentáveis e a possibilidade de sucesso no cenário atual.	8,7%	26,1%	20,0%	39,1%	6,1%	100,0%
Var 32	Tenho dificuldade em identificar	7,1%	33,0%	16,5%	30,4%	13,0%	100,0%

	oportunidade de estratégias de negócio.						
Var 33	É difícil, para mim, reconhecer claramente a diferença entre um problema de gestão e de oportunidade.	7,0%	35,7%	23,5%	21,7%	12,1%	100,0%
Var 34	Sou capaz de reconhecer a existência de um problema organizacional.	6,0%	8,7%	15,7%	53,9%	15,7%	100,0%
Var 35	Para mim não é fácil propor uma solução viável para um problema organizacional.	5,2%	27,8%	23,5%	31,3%	12,2%	100,0%
Var 36	Sou capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente.	5,2%	21,7%	11,3%	48,7%	13,1%	100,0%
Var 37	Sou capaz de pensar conceitualmente e solucionar problemas complexos.	4,3%	20,9%	13,9%	45,2%	15,7%	100,0%
Var 38	Já li/pesquisei sobre empreendedores de sucesso.	16,5%	11,3%	7,0%	32,2%	33,0%	100,0%
Var 39	Não é fácil, para mim, identificar um processo inovador de um de geração de ideias.	17,4%	27,8%	13,1%	30,4%	11,3%	100,0%
Var 40	Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo.	1,7%	13,1%	8,7%	43,5%	33,0%	100,0%
Var 41	Raramente trabalho de forma intensa, mesmo em projetos de retornos incertos.	35,7%	32,2%	13,9%	12,2%	6,0%	100,0%
Var 42	Sempre que possível procuro satisfazer a minha necessidade de criação e inovação.	7,0%	9,6%	18,3%	48,6%	16,5%	100,0%
Var 43	Sou capaz de identificar oportunidades potenciais visando o meu autodesenvolvimento.	3,5%	19,1%	14,8%	53,9%	8,7%	100,0%
Var 44	Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse.	3,5%	11,3%	17,4%	32,1%	35,7%	100,0%

Fonte: dados da pesquisa.

As informações da Tabela 8 indicam que mais de 60% do total de estudantes concordam que sabem identificar as características de um perfil empreendedor; avaliar o seu potencial empreendedor; reconhecer o atributo de um empreendedor; definir uma missão empresarial; reconhecer a concorrência, os principais clientes e os consumidores de determinado setor; visualizar tendências de mercado; identificar oportunidades de negócios e o seu autodesenvolvimento; e reconhecer a existência de um problema organizacional. Silvério *et al.* (2014) afirmam que é muito importante no empreendedorismo saber identificar as habilidades de empreender, seja para a vida pessoal ou para todas as organizações.

Porém, observa-se que, entre as competências com alto percentual, (20%) de abstenção dos estudantes estão as que abordam os aspectos da sustentabilidade: reconhecer um negócio sustentável na atualidade e propor uma solução sustentável para elaborar um código de ética. Isso mostra uma insegurança por parte dos estudantes nos assuntos relacionados à sustentabilidade, apesar da maioria responder que entendem a necessidade de um equilíbrio entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais, ou seja, reconhecem o Tripé da Sustentabilidade (SACHS, 1994; SLAPER; HALL, 2011, ELKINGTON, 2012;

BARBIERI; CAJAZEIRA, 2016), que incorpora as três dimensões de desempenho como um passo importante.

Com relação ao tratamento estatístico dos dados, submeteram-se as variáveis à Análise Fatorial Exploratória, com o objetivo de explicar o comportamento de seu conjunto. Para atender os pressupostos recomendados para a Análise Fatorial, em um primeiro momento procedeu-se a apuração da comunalidade das variáveis. De acordo com Hair *et al.* (2009), a comunalidade é a variância que uma variável original compartilha com todas as demais. Em relação às comunalidades observou-se que todas as variáveis obtiveram índice superior a 0,500, conforme recomendado por Hair *et al.* (2009). O primeiro modelo apresentou algumas variáveis com carga fatorial baixa, comprometendo os resultados na estruturação dos fatores. Dessa forma, as variáveis 5, 9 e 25 foram excluídas do modelo, restando ao final 41 variáveis (questões).

Após os referidos ajustes, a Análise Fatorial Exploratória também foi submetida ao Alfa de Cronbach (α), com a intenção de validar a consistência interna. Segundo Hair *et al.* (2009), o Alfa de Cronbach, quanto mais próximo de 1,00, menor será a expectativa de erro e maior a confiabilidade do instrumento. O resultado estatístico indicou uma Alfa de Cronbach de 0,808, o que indica uma alta correlação entre as variáveis e os respectivos fatores. A confiabilidade busca medir a consistência entre as diversas variáveis (HAIR *et al.*, 2009).

Para a extração dos resultados, na Análise Fatorial Exploratória, o método de componentes principais foi o escolhido, com a rotação ortogonal pelo método Varimax, visto que apresenta os dados simplificados nas colunas de uma matriz fatorial e tende a ser considerado superior a outros métodos de rotação (HAIR *et al.*, 2009).

O teste de esfericidade de Bartlett, demonstrado na Tabela 9, tem o intuito de avaliar a hipótese de que a matriz das correlações pode ser a matriz identidade, com determinante igual a 1 e, caso seu nível de significância seja inferior a 5%, deve-se rejeitar a hipótese da matriz de correlações entre as variáveis ser a matriz identidade, o que resultaria, portanto, na existência de correlação entre as variáveis (HAIR *et al.*, 2009). Neste caso, o nível de significância foi inferior a 5%, indicando que algumas têm alta correlação entre si e é pertinente a análise fatorial.

Os valores encontrados no teste de Kaiser-Mayer-Olkin (KMO) resultaram em 0,730, conforme exposto na Tabela 9, o que indica correlação média entre as variáveis. O teste é uma medida de adequação da amostra, servindo para demonstrar os padrões entre elas. Os valores são aceitáveis quando são superiores a 0,500 (HAIR *et al.*, 2009).

Tabela 9 - Teste de Adequação dos Dados (Teste Kaiser-Meyer-Olkin)

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		0,730
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	2008,166
	Gl	820
	Sig.	,000

Fonte: dados da pesquisa

Os dados apresentados até este momento indicam a adequação para realizar a Análise Fatorial Exploratória, conforme valores estabelecidos em Fávero *et al.* (2009). Na Tabela 10, é descrita a Variância Total encontrada na Análise Fatorial.

Tabela 10 - Variância Total

Componente	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somadas de rotação de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
1	8,928	21,775	21,775	8,928	21,775	21,775	3,684	8,986	8,986
2	2,854	6,961	28,735	2,854	6,961	28,735	3,618	8,824	17,810
3	2,736	6,674	35,409	2,736	6,674	35,409	3,160	7,708	25,518
4	2,034	4,961	40,370	2,034	4,961	40,370	2,289	5,582	31,101
5	1,821	4,442	44,812	1,821	4,442	44,812	2,080	5,073	36,173
6	1,651	4,028	48,840	1,651	4,028	48,840	1,969	4,803	40,976
7	1,471	3,588	52,427	1,471	3,588	52,427	1,945	4,744	45,720
8	1,358	3,313	55,740	1,358	3,313	55,740	1,715	4,182	49,902
9	1,243	3,031	58,772	1,243	3,031	58,772	1,713	4,178	54,081
10	1,211	2,955	61,727	1,211	2,955	61,727	1,688	4,117	58,198
11	1,126	2,747	64,473	1,126	2,747	64,473	1,651	4,028	62,225
12	1,061	2,587	67,060	1,061	2,587	67,060	1,609	3,924	66,149
13	1,034	2,521	69,582	1,034	2,521	69,582	1,407	3,432	69,582

Método de Extração: Análise de Componente Principal.

Fonte: dados da pesquisa.

Na extração dos fatores, de acordo com a Tabela 10 pode-se observar que a variância total obtida é de 69,58%, ou seja, significa que, de 41 variáveis avaliadas no estudo, 13 fatores podem explicar o conjunto original observado. De acordo com Hair *et al.* (2009), o objetivo de obter a variância é garantir significância prática para os fatores determinados, garantindo que expliquem pelo menos um montante especificado dessa variância. Os autores afirmam que nas Ciências Sociais, uma solução que explique pelo menos 60% da variância total é considerada como satisfatória. Neste sentido, o modelo foi considerado adequado, assim,

constituindo os fatores descritos no Quadro 9 que evidenciam as habilidades e limitações dos estudantes em relação ao Empreendedorismo Sustentável.

Quadro 9 - Fatores extraídos da Análise Fatorial

Fator 1 – Identificação de oportunidades (habilidades)
27 - Sou capaz de analisar a viabilidade sustentável de um negócio 28 - Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando oportunidades 31 - Sou capaz de reconhecer as perspectivas de negócios sustentáveis e a possibilidade de sucesso 34 - Sou capaz de reconhecer a existência de um problema organizacional 36 - Sou capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente 37 - Sou capaz de pensar conceitualmente e solucionar problemas complexos 40 - Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo 42 - Sempre que possível procuro satisfazer a minha necessidade de criação e inovação 43 - Sou capaz de identificar oportunidades potenciais visando o meu autodesenvolvimento e a relação com o meio ambiente 44 - Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse
Fator 2 – Gerenciamento/Planejamento (habilidades)
15 - Sei indicar os aspectos técnicos necessários para o funcionamento de uma empresa (órgãos de classe, Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiros e outras) 21 - Sou capaz de reconhecer a concorrência de um determinado setor 23 - Sou capaz de reconhecer através do mapeamento os principais clientes de um determinado setor 24 - Sou capaz de analisar o mercado consumidor de um determinado setor
Fator 3 – Desconhecimento sobre Empreendedorismo Sustentável (limitações)
13 - Não é fácil para mim, reconhecer os termos da Responsabilidade Socioambiental de um empreendimento 32 - Tenho dificuldade em identificar oportunidade de estratégias de negócio sustentável 33 - É difícil, para mim, reconhecer claramente a diferença entre um problema de gestão e de oportunidade 35 - Para mim não é fácil conceitual/definir o termo empreendedorismo ambiental 39 - Não é fácil para mim, identificar um processo inovador de um de geração de ideias
Fator 4 – Autoconfiança (habilidades)
2 - Sei identificar as características que já possuo/faltam em relação a um perfil de empreendedor 3 - Sou capaz de avaliar o meu potencial como empreendedor 4 - Sei reconhecer os atributos de um empreendedor 10 - Sou capaz de definir/identificar as dimensões econômicas, sociais e ambientais de uma empresa 11 - Entendo a necessidade de equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental de um empreendimento
Fator 5 – Gerenciamento sustentável (habilidades)
6 - Sou capaz de realizar uma pesquisa de mercado, fazendo uso da técnica de Análise SWOT ou Análise FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) 7 - Sou capaz de definir com clareza/objetividade uma Missão Empresarial 8 - Sou capaz de conceituar/definir um Negócio Sustentável
Fator 6 – Condução de situações (habilidades)
14 - Com base na legislação sei indicar os procedimentos necessários para a abertura de uma empresa 19 - Sei a diferença existente entre empreendedor e intra-empendedor 20 - Sei mapear as interações de uma empresa com seus clientes ou fornecedores
Fator 7 – Rede de Relacionamento (habilidade) Visão social do negócio
12 - Sou capaz de propor uma solução sustentável ao elaborar um Código de Ética 17 - Sou capaz de analisar os ambientes interno e externo da empresa 29 - Sou capaz de conceituar/definir o termo empreendedorismo social
Fator 8 - Falta de percepção sobre empreendedorismo (limitações)
18 - Para mim não é fácil expressar o conceito de empreendedor
Fator 9 - Conhecimento (habilidades)
1 - Sou capaz de estabelecer meu perfil como empreendedor
Fator 10 - Desconhecimento sobre sustentabilidade (limitações)
22 - Para mim é difícil compreender a <i>Triple Bottom Line</i> ou Tripé da Sustentabilidade e a sua relação com o empreendedorismo

26 - Não é fácil, para mim, identificar um processo criativo de geração de ideias
Fator 11 – Liderança (habilidades)
30 - Sou capaz de agir com os atributos de um empreendedor ao identificar oportunidade de negócios
38 - Já li/pesquisei sobre empreendedores de sucesso
Fator 12 - Sentido de Obrigação com os Outros (limitações)
16 - Sei que o comprometimento das empresas com a dimensão econômica é mais alto, do que com as dimensões sociais e ambientais
Fator 13 – Disposição para o trabalho (limitações)
41 - Raramente trabalho de forma intensa, mesmo em projetos de retornos incertos

Fonte: dados da pesquisa.

O Quadro 9 indica que o grupo de estudantes pesquisados possui diversas competências empreendedoras, com base no exposto nos estudos de Schmitz (2012) e Barros e Gonzaga (2018), em que se destacam com maior variância no modelo apresentado, as habilidades de identificação de oportunidades e gerenciamento. No entanto, observa-se que quando se trata de questões sustentáveis relacionadas ao empreendedorismo, ficam evidenciadas importantes limitações dos estudantes expressas em alguns dos fatores, como por exemplo, desconhecimento sobre empreendimento sustentável e desconhecimento sobre sustentabilidade, mesmo estando ao término das disciplinas. Dessa forma, conforme exposto por Boszcowski e Teixeira (2012), o empreendedor com visão sustentável precisa perceber uma necessidade social ou ambiental, a partir da geração de valor econômico, para alcançar o ES.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese doutoral intitulada “Educação Ambiental na Formação Empreendedora Sustentável: estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior no Rio Grande do Sul” teve como desafio integrar os princípios do campo da Educação Ambiental para o empreendedorismo, que tem a sua raiz na área das Ciências Sociais Aplicadas, ou seja, no campo da administração, sendo essa uma área ainda pouco explorada (vivenciada pelas organizações), no que se refere às inserções das questões sociais e ambientais nas suas atividades diárias que afetam diretamente a sociedade em que se vive.

Conforme exposto na Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, todos os indivíduos têm direito à Educação Ambiental incluindo às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, por meio da promoção de programas voltados à capacitação dos trabalhadores, assim como manter uma permanente formação de valores, atitudes e habilidades. Sendo assim, esta tese contribui para refletir no tema empreendedorismo voltado para a sustentabilidade, podendo esta ser promovida através de uma Formação Empreendedora Sustentável constituída em uma IES pública, colaborando para a formação dos conhecimentos, habilidade e atitudes da comunidade acadêmica sobre o Empreendedorismo Sustentável.

Desse modo, as IES públicas estarão reafirmando a sua perspectiva de valorização e preservação de um espaço público, gratuito e de qualidade que aborda as questões sociais e ambientais nas suas atividades, como instituições públicas que corroboram com o seu compromisso social. Destacando que a universidade escolhida para esta pesquisa tem como Filosofia e Política a compreensão das inter-relações entre os organismos, incluindo-se aí o homem e o meio ambiente (FURG, 2018).

A presente tese teve como objetivo geral “Identificar as Possibilidades e os Limites para a Construção de uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior, a partir dos Princípios do Campo da Educação Ambiental”. Para atingir esse objetivo foi proposto o desenvolvimento de três objetivos específicos, em que o primeiro refere-se à “Verificar a Percepção dos Gestores da Universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável na Instituição”.

A percepção sobre o termo empreendedorismo pelos gestores, por não ser um assunto pertinente a todas as áreas da instituição, indica um conhecimento incipiente sobre o seu conceito, mas é vislumbrado pelos gestores como algo necessário e voltado para a inovação, atitude e autonomia das pessoas. Os mesmos também percebem que existe um grupo de

pessoas engajadas nessa temática na instituição, por meio das ações do Parque Científico e Tecnológico e da Diretoria de Inovação Tecnológica da FURG.

Um ponto relevante para contribuir com a FES na FURG foi a identificação das características empreendedoras dos gestores, segundo a sua função de gestão exercida na instituição, sendo as características mais importantes “Comprometimento e a Determinação” seguida de “Motivação e Superação”. Por outro lado, a característica com menor percentual foi a “Propensão a Assumir Riscos”, embora os gestores não percebam que quando se tem “Comprometimento e Determinação” em suas tomadas de decisões, conseqüentemente se assume a “Propensão a Assumir Riscos”, principalmente na área pública.

Durante as falas dos gestores, alguns diretores de Unidades Acadêmicas afirmam a necessidade de uma formação para os gestores que assumem tal função na universidade, a qual é composta por diversas Unidades Acadêmicas nas quais, normalmente, quem assume as funções de gestão são os docentes, os quais muitas vezes não têm conhecimentos sobre os aspectos gerenciais por não ser a sua área de formação. Nesse contexto, percebe-se que a FES pode ser uma oportunidade para agregar essa solicitação por parte dos gestores públicos.

No que se refere ao entendimento sobre o ES, os gestores consideram um termo instigante e desafiador pelo fato de discutir o termo sustentável com o empreendedorismo, pois na universidade ainda existem Unidades Acadêmicas com dificuldades em abordar o empreendedorismo nas suas ações, ou pelo próprio desconhecimento sobre o assunto.

Neste sentido, os gestores das Unidades que apresentam alguma resistência ao empreendedorismo demonstram que não são contra o empreendedorismo, e que o ES pode ser uma alternativa para um pensar nas diferentes áreas da instituição e o empreendedorismo, nessa perspectiva mais humanizada, abre as portas para um debate sobre o assunto. Os gestores que atualmente se mostram contra as concepções do empreendedorismo tradicional apontam que participar de um empreendedorismo que busca a longevidade nas dimensões econômicas, social e ambientais, pode ser um caminho a ser construído.

De modo geral, os gestores ressaltam que são educadores de uma universidade pública, gratuita e de qualidade, por isso eles têm um compromisso com a comunidade em busca de um meio ambiente mais equilibrado e com uma sociedade mais justa, e que o ES pode ser uma resposta para esse pensamento. Embora os gestores considerem que a FURG é incipiente no empreendedorismo como uma universidade empreendedora/inovadora, há uma iniciativa por parte dos gestores estratégicos no incentivo à criação de um Centro de Empreendedorismo na instituição.

Nos cursos de graduação que não estão diretamente relacionados com as Ciências Sociais Aplicadas, observa-se que os gestores das Unidades responderam que ainda não discutem sobre o empreendedorismo nos cursos de graduação, existindo apenas ações isoladas por parte dos professores em abordar o empreendedorismo na sala de aula. Em relação ao ensino de empreendedorismo, a maioria dos gestores apresenta algum receio com o termo “ensinar”, alguns consideram complexo e antigo, concluem que o processo convencional de ensino não contempla em um bom nível as prerrogativas pedagógicas para a formação empreendedora.

Os métodos ou recursos pedagógicos com maior incidência para desenvolver as atividades de Formação Empreendedora Sustentável na FURG, segundo os gestores, são “Palestras com Empreendedores”; seguido de “Visitas e Contatos com Empresas”; “Trabalho Prático em Grupo”; “Grupo de Discussão” e “Incubadoras/Estudos de Casos”. Por outro lado, o recurso que obteve a menor incidência entre os 20 dispostos aos gestores foi “Aplicação de Provas Dissertativas”, e que entre os 10 (dez) primeiros recursos, as “Aulas Expositivas” ficaram em 10º lugar. Mostrando assim, que existe uma necessidade em inovar nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo na FURG em busca de aulas mais práticas e atraentes, em acordo com o exposto pelos discentes matriculados nas mesmas disciplinas.

De certa forma, os gestores da universidade percebem uma postura metodológica tradicional entre os professores, pois alguns estão acomodados na sua maneira de dar aula, resistindo em buscar metodologias inovadoras e criativas para tornar as suas aulas mais dinâmicas e atrativas. Em função do termo Empreendedorismo Sustentável ainda ser novo na instituição é quase inexistente a participação dos gestores em projetos, capacitações, oficinas dentre outras iniciativas relacionadas ao Empreendedorismo Sustentável.

As atuações que os gestores entendem que podem colaborar para inserir uma FES na universidade estão relacionadas às ações que abordam o tema de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, e que as iniciativas devem partir da Administração Superior. Dessa forma, posteriormente, poderiam ir para as Unidades Acadêmicas e que os cursos sobre esse assunto envolvam a participação e interação de toda a comunidade acadêmica (professores, técnicos e alunos). Assim, a pré-disposição dos gestores em participar e apoiar o diálogo sobre questões relacionadas à sustentabilidade corrobora com a afirmativa que a FES pode ser um dos caminhos a ser trilhado para instituir a sustentabilidade nas suas Unidades.

Nessa perspectiva, algumas Unidades mostraram-se mais adeptas em conceder um espaço, seja através de uma disciplina, ou de ações de extensão para dialogar sobre esse empreendedorismo voltado ao termo sustentável, trocando ideias com as coordenações de

cada curso. Porém, outros não conseguem visualizar como a FES pode ser conduzida na formação da sua Unidade. Contudo, os gestores que já têm na sua Unidade Acadêmica disciplinas voltadas ao empreendedorismo relatam que não precisam criar outra disciplina com o nome de Empreendedorismo Sustentável e sim, reestruturar e incluir a temática nas disciplinas existentes, transversalizando o tema nas mesmas.

A unidade proponente para a FES, segundo alguns gestores, não deve ser apenas uma Unidade Acadêmica responsável pela FES, mas sim um grupo de pessoas que se identifique com o assunto. Outros acreditam que a formação básica deve vir do ICEAC, mas em conjunto com a DIT, com a Coordenação de Empreendedorismo e Incubação de empresas, e o Oceantec que são áreas específicas da universidade sobre o assunto. Apesar dos entrevistados não comentarem sobre a PROGRAD, esse órgão seria importante na transversalização do tema, principalmente no aspecto de orientar as coordenações de curso de graduação na discussão sobre o assunto.

Nesse contexto, a relevância do papel do educador ambiental no desenvolvimento da Formação Empreendedora Sustentável para a instituição é essencial para todos os gestores, pois os mesmos acreditam que o seu envolvimento permite uma visão mais ampla em compreender os temas relacionados à sustentabilidade, ou seja, o educador ambiental vai trazer um conhecimento a mais para o empreendedor se tornar um empreendedor sustentável, um repensar o modelo de negócio. Sendo evidenciado pelos gestores que a universidade tem um Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, e que é preciso integrá-lo para fomentar a questão da longevidade no empreendedorismo, pois o educador ambiental formado nesta instituição apresenta um olhar que vai além das questões ambientais permitindo também um pensar nas questões econômicas e sociais.

Portanto, é fato entre os gestores que o educador ambiental apresenta uma visão sistêmica que permite retroalimentar o sistema da IES, apontando caminhos por meio de suas ações e capacitações construídas com um olhar mais humano e social para o empreendedorismo. Além disso, também constatam que unir um gestor e um educador ambiental para posterior comunicação desse conhecimento para alguém que deseja empreender algo sustentável é muito interessante e proveitoso. Contudo, um dos grandes problemas dessa relação é a dificuldade das Unidades da universidade trabalharem em conjunto, ou seja, de maneira interdisciplinar e transdisciplinar.

No entanto, essa relação é um dos melhores caminhos para que a DIT consiga conciliar empreendedorismo, inovação e a sustentabilidade e, sem dúvida, esta será uma visão

integradora das áreas mesmo que a atuação da Educação Ambiental nos espaços não formais, muitas vezes, apresenta uma dificuldade de atuação dentro das instituições.

Quanto ao segundo objetivo específico da tese “Verificar a Percepção dos Discentes sobre o Empreendedorismo Sustentável na Instituição”, observa-se que quase todos os estudantes matriculados nas disciplinas que se relacionam com o empreendedorismo afirmaram que se fossem um empreendedor, seriam capazes de oferecer produtos ou serviços buscando ajudar, apoiar ou solucionar um determinado problema social que viessem a contribuir com a sociedade.

No entanto, uma parte significativa dos estudantes demonstrou que não tem conhecimento sobre ES, mesmo ao término das disciplinas, até mesmo os estudantes de Administração que estão diretamente relacionados com o empreendedorismo. Portanto, torna-se urgente inserir a sustentabilidade no perfil dos futuros empreendedores, pois suas decisões, de uma maneira ou de outra, afetam a sociedade em que se vive.

A percepção dos discentes sobre o conceito de ES ainda está mais direcionada para as ações de preservação ao meio ambiente, ou direcionado para a dimensão social e não ao termo sustentabilidade no sentido de longevidade com as três dimensões. De modo geral, para os discentes o ES é algo bom e inovador, mas não conseguem dimensionar o porquê desse termo.

De acordo com os discentes, a FURG poderia contribuir para o Empreendedorismo Sustentável com as seguintes ações: Criar disciplinas optativas sobre este tema nos cursos de graduação, ou adaptar o assunto em algumas cadeiras; Estimular os professores a fazerem visitas técnicas, incentivar aulas mais dinâmicas e práticas tornando-as mais atrativas; Promover eventos, palestras, oficinas, workshop, semanas acadêmicas, debates com empreendedores e professores experientes na área; Oferecer cursos e atividades complementares para que os estudantes internalize este tema; Incentivar as Incubadoras de Empresas Tecnológicas e as Empresas Juniores a auxiliarem no tema; Promover pesquisas e aproveitar infraestrutura da instituição para elaboração de protótipos sustentáveis; Trazer exemplos de empresas sustentáveis para perto da universidade envolvendo as cooperativas e a comunidade da região; Incentivar os cursos de engenharias na criação de projetos sustentáveis; Rever as ações de empreendedorismo interno a fim de focar na sustentabilidade; e Fazer campanhas anuais de novos projetos com subsídio.

Os estudantes clamam por uma nova postura no que se refere às aulas de empreendedorismo, que é preciso inovar, com aulas práticas e dinâmicas, enfatizando que se a

FURG ofertasse cursos e ou atividades complementares sobre o ES, eles participariam dos mesmos. Porém, a metade dos discentes não visualiza como deveria ser a FES.

O terceiro objetivo específico refere-se a “Constatar as Habilidades e as Limitações dos Discentes para a Viabilização da Formação Empreendedora Sustentável”. Num primeiro momento percebe-se a falta de posicionamentos (abstinência) de uma parte dos discentes sobre as questões relacionadas à sustentabilidade, em que eles não se posicionaram nem concordando, nem discordando sobre as questões: reconhecer um negócio sustentável na atualidade e propor uma solução sustentável para elaborar um código de ética, de certa forma isso mostra uma insegurança nos assuntos que direcionem o empreendedorismo à sustentabilidade.

A partir dos dados coletados foram evidenciadas as habilidades e as limitações dos estudantes em relação ao Empreendedorismo Sustentável, sendo encontrado como habilidades: Identificação de Oportunidades, Gerenciamento/Planejamento, Autoconfiança, Gerenciamento Sustentável, Condução de Situações, Rede de Relacionamento/Visão Social do Negócio, Conhecimento e Liderança. Como limites: Desconhecimento sobre Empreendedorismo Sustentável, Desconhecimento sobre Sustentabilidade, Sentido de Obrigação com os Outros, e Disposição para o Trabalho. No entanto, com esses achados ficam evidenciadas principalmente as limitações dos discentes, no que se refere à aproximação do empreendedorismo a sustentabilidade, permitindo assim que estas sejam integradas na FES da instituição, contribuindo para viabilização da formação.

Por fim, a discussão dos objetivos específicos permite responder o objetivo principal da presente tese, ou seja, propor as possibilidades e limites para a construção de uma FES, e assim, contribuindo para o avanço no conhecimento científico e prático sobre o Empreendedorismo Sustentável.

Neste sentido, pode-se constatar que as possibilidades evidenciadas pelos gestores para a construção da FES na instituição foram: Inserção de um empreendedorismo voltado à sustentabilidade nas diferentes Unidades Acadêmicas; Disposição em participar e incentivar as questões relacionadas à gestão e à sustentabilidade; Aceitação de um empreendedorismo mais amplo voltado ao equilíbrio das três dimensões da sustentabilidade nas Unidades resistentes ao empreendedorismo; Incentivo a criação de um Centro de Empreendedorismo que pensa de modo transversal; Disposição das Unidades Acadêmicas em promover e participar da FES com cursos sobre ES; Disseminar o ES por meio de ações inter e transdisciplinar; Criação de disciplina ou ações de extensão sobre ES; Reestruturar e incluir a

temática nas disciplinas já existentes; e Envolver o educador ambiental formado nesta instituição.

Assim, são estas as possibilidades evidenciadas pelos discentes: Interesse em fazer cursos (disciplinas, palestra, oficinas, workshop...) sobre Empreendedorismo Sustentável; Aceitação e relevância ao termo sustentabilidade. Além disso, os discentes veem a estrutura da universidade e os professores como instrumento para viabilizar as possibilidades descritas por eles, dessa forma os discentes enumeram uma série de ações a serem realizadas como: Criar ou adaptar o tema nos cursos de graduação; Incentivar aulas mais dinâmicas e práticas; Promover debates com empreendedores sustentáveis; Oferecer cursos e incentivar as Incubadoras de Empresas Tecnológicas e as Empresas Juniores a auxiliarem sobre o tema; e Promover protótipos e projetos sustentáveis.

Quanto aos limites percebidos pelos gestores para a viabilização da FES, foram evidenciados: Insegurança das diferentes Unidades Acadêmicas em abordar o empreendedorismo; Existência de ações isoladas por parte de alguns professores nas diferentes áreas em abordar o assunto; Postura metodológica tradicional entre os docentes da universidade; Desconhecimento dos gestores das Unidades Acadêmicas em projetos relacionados ao ES; Falta de percepção dos gestores em como conduzir uma FES na sua unidade; Dificuldade de diálogo entre as diferentes Unidades Acadêmicas da instituição; Limitação do acesso da EA nos espaços não formais; e Dificuldade dos gestores da universidade em assumir propensão a riscos.

Já os limites percebidos pelos discentes foram: Desconhecimento sobre o termo Empreendedorismo Sustentável, assim como o termo sustentabilidade; Falta de interesse nas disciplinas de empreendedorismo em função das metodologias aplicadas em sala de aula; e Falta de sentido de obrigação para com o próximo.

Sendo assim, conclui-se que, gestores e discentes convergem no sentido de ter uma visão semelhante sobre ES em que o termo sustentabilidade ainda está mais direcionado às questões ambientais e não ao sentido do Tripé da Sustentabilidade, ambos acreditam que a sustentabilidade deve ser mais discutida no contexto universitário e que existe a necessidade de ampliar as atividades que abordam empreendedorismo, ou até criar disciplinas de ES de modo interdisciplinar com aulas mais práticas e dinâmicas nas diferentes Unidades Acadêmicas da instituição. Também constatam que levar a sustentabilidade para o empreendedorismo torna as suas ações mais humanizadas, buscando contemplar um equilíbrio na relação entre o homem e o meio ambiente. No entanto, obstáculos também são percebidos pelos docentes e discentes da instituição principalmente na compreensão do termo

sustentabilidade, mostrando uma visão estreita do seu significado, e a postura metodológica tradicional adquirida pelos docentes, sendo estes fatores limitantes para a FES.

Em relação às limitações desta tese, deve-se destacar que é um estudo de caso, por consequência, as conclusões referem-se a esse caso, mais especificamente a uma Instituição de Ensino Superior pública. Além disso, o estudo está limitado aos métodos e técnicas utilizados e ao instrumento de pesquisa elaborado que geraram respostas específicas aos objetivos propostos nesse estudo. No entanto, não houve limitações em relação à coleta de informações na Universidade Federal do Rio Grande.

Como oportunidade para estudos futuros, percebe-se a necessidade de aplicar o mesmo estudo nas IES privadas brasileiras, de forma a elaborar um comparativo entre as IES públicas e privadas sobre as possibilidades e os limites para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável, a partir dos princípios do campo da Educação Ambiental. Esse futuro estudo pode servir como parâmetro para comparação entre IES públicas e privadas podendo avançar na construção de uma FES mais abrangente, além de comparar com estudos internacionais relacionados à FES nas IES.

6 PARA ALÉM DA TESE

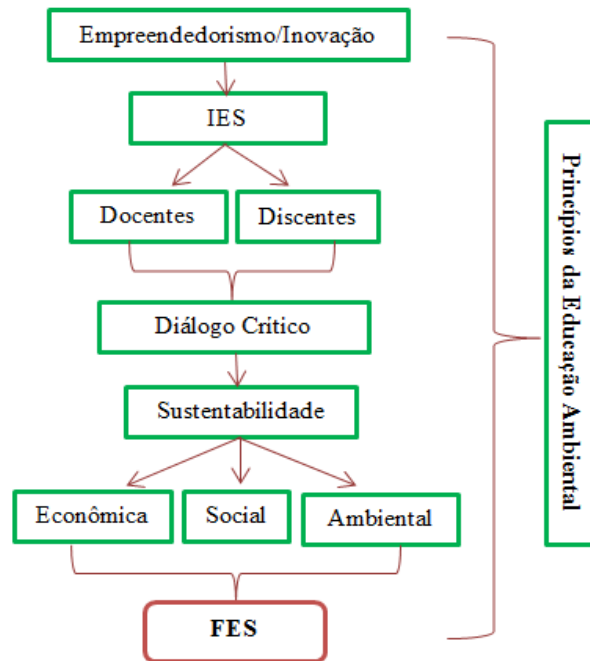
O conceito de Empreendedorismo Sustentável proposto a partir desta tese pode ser definido como o empreendedorismo que surge por meio de uma necessidade ou oportunidade própria de um indivíduo que deseja ser empreendedor, ou já se constitui como um empreendedor, pois o mesmo apresenta no cerne da sua atividade empresarial a sustentabilidade, tendo não só o sentido de solucionar problemas sociais e ambientais oriundos da atual sociedade, mas sim, que suas decisões e estratégias sejam amparadas pelas dimensões da sustentabilidade (econômica, social e ambiental) de modo equilibrado.

A sustentabilidade nos empreendimentos é uma estratégia que promove a competitividade, o respeito ao meio ambiente e ao bem-estar das pessoas. Portanto, não importa se o indivíduo irá abrir uma padaria ou uma cooperativa para catadores de resíduos, o que importa é que o empreendimento deve ser desenvolvido e sustentado ao longo do tempo por atividades voltadas aos problemas ambientais e sociais, assim como econômicos. Dessa forma, se todo negócio estiver voltado para a sustentabilidade, a sua gestão será mais completa e eficaz, apresentando resultados mais significativos tanto para os seus colaboradores e proprietários, quanto para o planeta e as futuras gerações.

De modo especial a formação de docentes em empreendedorismo dentro das Instituições de Ensino Superior deverá estar voltada para todas as áreas que desejam proporcionar transformações positivas nos discentes, assim como na sala de aula em busca de formas alternativas de aprendizado, por meio da inovação e motivação. Formar professores empreendedores corrobora para constituir um professor que ergue o seu sonho, visualiza oportunidades e busca recursos para transformá-los em conhecimento e aprendizagem, indo além de uma educação tradicional.

Nesse sentido, conforme exposto na Figura 13, pode-se observar quais os caminhos teóricos a serem percorridos para a viabilização de uma FES em uma IES, integrando os princípios da Educação Ambiental.

Figura 13 - Caminhos Teóricos de uma Proposta de Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior



Fonte: elaborado pela autora.

Desse modo, a partir da Figura 13 e segundo as bases teóricas, pode-se afirmar que o empreendedorismo é essencial na promoção da inovação, sendo fundamental para incentivar todos os profissionais nas suas respectivas áreas, mas destaca-se aqui a relevância do empreendedorismo na área pública, mais especificadamente no ensino, em que contribui para atingir uma maior efetividade adaptando a resistência à burocracia nas Instituições de Ensino Superior públicas.

Nesse conjunto, o docente (gestor da sala de aula) deve ser um parceiro das ações empreendedoras colaborando com uma visão holística na promoção da formação de novos conceitos por meio de um diálogo crítico entre diversas esferas da sociedade, sendo que os discentes devem ser constantemente desafiados a buscar novas soluções.

O educador ambiental na proposta de FES refere-se à própria comunidade acadêmica (docentes, técnicos e discentes) da instituição que busca nas suas ações diárias o respeito pelo meio ambiente, assim como pelas futuras gerações, sem precisar ter uma formação específica, mas agindo como atores locais que motivam e estimulam uma intervenção positiva rumo à construção de uma sociedade sustentável. Sendo que esses educadores a que se refere tal proposta da referida tese doutoral, estão direcionados aos servidores da universidade (docentes e técnicos) egressos do PPGEA da FURG que podem contribuir nas diferentes áreas

da instituição, como facilitadores nas relações entre os grupos de trabalho e o meio ambiente, pois para que a FES tenha um bom desempenho para atingir a sustentabilidade voltada para o equilíbrio das 3 dimensões (econômica, social e ambiental) é relevante a mediação do educador ambiental neste processo, e que a base estruturante para integrar a Educação Ambiental a FES são os seus princípios que estão expostos no Art. 4º da Lei nº 9.795/99.

Durante o ano de 2019 foi proposto pela Pró-Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas – PROGEP e pelo Sistema de Gestão Ambiental – SGA da universidade um projeto de Formação continuada de servidores da FURG com o título de “Construção da Formação Continuada sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)”.

Esse projeto contempla uma importante etapa referente às ações derivadas do Plano Desenvolvimento Institucional (PDI) da FURG (2019-2022), especificamente no que diz respeito à Gestão Ambiental, e que prevê, no Objetivo 3, o incentivo à reflexão sobre os temas da sustentabilidade. O referido objetivo especifica nas estratégias o incentivo a ações de difusão dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), e na promoção de cursos de formação continuada para servidores com temas de sustentabilidade.

O objetivo geral do projeto será promover condições para que a equipe de colaboradores construa e proponha a estrutura e a forma de desenvolvimento de um curso de Formação Continuada sobre os 17 ODS a serem oferecidos a partir de 2020. Nesse contexto, como o ODS Nº 8 aborda o trabalho decente e crescimento econômico, ou seja, está voltado para promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos. Portanto, nesse ODS serão abordados assuntos sobre o Empreendedorismo Sustentável e a sua relação com a Instituição de Ensino Superior.

Em função dessa situação, como um dos resultados da presente tese foi elaborada uma proposta de curso sobre Empreendedorismo Sustentável (Apêndice D) para ser aplicada no ano de 2020 à comunidade acadêmica da instituição, como parte de uma FES na FURG. Esse curso será o primeiro passo para iniciar o processo de desenvolver a FES na universidade, em que outras atividades pontuais podem ser implementadas nas diversas Unidades da instituição, como campanhas de conscientização, atividades específicas sobre a sustentabilidade no empreendedorismo, inserção de modo transversal do tema ES nas disciplinas dos cursos de graduação, trabalhar em conjunto com a área de Diretoria de Inovação Tecnológica da instituição, incentivar a construção de um Centro de Empreendedorismo que pense e atue de modo transversal, buscar parcerias com empresas sustentáveis, utilização de novos métodos e

recursos pedagógicos, dentre outros. Dessa forma esse conjunto de ações pode se tornar uma FES, servindo para ser replicada em outras IES do país.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, E. B.; MORAES, G. de V.; SPANHOL, C. P. O Impacto da Orientação para o Empreendedorismo na Performance Sustentável: evidências de MPMES do Rio Grande do Sul. **Revista de Gestão Social e Ambiental - RGSA**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 49-62, maio/ago., 2014.
- ABRAHAMSSON, A. Researching sustainopreneurship – conditions, concepts, approaches, arenas and questions. Proceedings of the International Sustainable Development Research Conference, Västerås, Sweden, 13. 2007.
- ABREU, D. Oportunidades Perdidas para Aplicação Efetiva de programas de Educação Ambiental nas Empresas. In: PEDRINI, A. de G. (org). **Educação Ambiental Empresarial no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2008. p. 83-97.
- ADAMS, B. G.; GEHLEN, L. Contribuições Pedagógicas para a Educação Ambiental Empresarial. In: PEDRINI, A. de G. (org). **Educação Ambiental Empresarial no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2008. P. 16-25.
- ALMEIDA, L. R. S. de; CORDEIRO, E. de P. B.; SILVA, J. A. G. da. Proposições acerca do ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior brasileiras: uma revisão bibliográfica. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 52, p. 109-122, Dezembro. 2018.
- ALMEIDA, L. R. S. de; GONÇALVES, V. R. de O. O mundo mudou... Justo na minha vez? Recife: Conhecimento Impresso, 2016.
- ALMEIDA, P. J. M. B. de. **Da capacidade empreendedora aos activos intangíveis no processo de criação de empresas do conhecimento**. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão da Tecnologia) – Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.
- ALVES, D.; FILHO, D. F.; HENRIQUE, A. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje** - 2a Edição - Volume 24 - p. 119-134, 2015.
- ANELLO, L. de F. S. de. **Os programas de educação ambiental no contexto das medidas compensatórias e mitigadoras no licenciamento ambiental de empreendimentos de exploração de petróleo e gás no mar do Brasil**: a totalidade e a práxis como princípio e diretriz de execução. 2009. 189 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pósgraduação em Educação Ambiental. Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2009.
- ANTONELLO, C. S. A metamorfose da aprendizagem organizacional: Uma revisão crítica. In: RUAS, R. L.; ANTONELLO, C. S.; BOFF, L. H. e colaboradores. **Os novos horizontes da gestão**: Aprendizagem organizacional e competências. Porto Alegre: Bookman, p. 12-33. 2005.
- ARAÚJO, M. H.; LAGO, R. M.; OLIVEIRA, L. C. A.; CABRAL, P. R. M.; CHENG, L. C.; FILION, L. J. O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores. **Quím Nova**, 28(Supl), p. 89-96, 2005.

ASHOKA. **What is a social entrepreneur?** Disponível em: <<https://www.ashoka.org/en/node/3664>>. Acesso em: 18 out. 2017.

ACS, Z. J.; SZERB, L. National Systems of Entrepreneurship: measurement and policy. **Research Policy**, [S.l.], ed. 3, v. 43, p. 476–494, 2014.

ÁVILA, L. V.; BARROS, I. C. F.; MADRUGA; L. R. da R. G.; SCHUCH JÚNIOR, V. F. Características das publicações sobre Empreendedorismo (Social) no Web of Science no período 2002-2011. **Administração Pública e Gestão Social**, 6(2), abr-jun, 88-100, 2014.

AZEVEDO, A. C. de; MANTHEY, N. B.; LENZI, F. C. O ensino do empreendedorismo em cursos de graduação: panorama das práticas dos cursos de ciências sociais aplicadas. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo – EGEPE. 2016. Passo Fundo. **Anais** (online). Passo Fundo: IX EGEPE. Disponível em: <https://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/331.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2018.

BACKES, D. S.; ERDMANN, A. L. Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social. **Revista Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, jun;30(2):242-8, 2009.

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: Conceitos e Definição. **Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, 1(1): 25-38, 2014 - ISSN 2359-3539, 2014.

BAKAR, R.; ISLAM, M. A.; LEE, J. Entrepreneurship Education: experiences in selected countries. **International Education Studies**, 8(1), p. 88-99, 2015.

BARBIERI, J. C.; CAJAZEIRA, J. E. R. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

BARBIERI, J. C.; SILVA, D. da. **Educação Ambiental na formação do Administrador**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BARBOSA, F. L. S.; NETO, A. R.; MOREIRA, R. N.; BIZARRIA, F. P. de A. Empresa Júnior E Formação Empreendedora De Discentes Do Curso De Administração. **Teoria e Prática em Administração**, v. 5, n. 2, pp. 167-189, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARON, R. A. OB and entrepreneurship: the reciprocal benefits of closer conceptual links. **Research in Organizational Behavior**, New York, v. 24, p. 225-269, 2002.

BARROS, M. M. S.; GONZAGA, A. M. Empreendedorismo na Formação de Professores. **Educitec**, Manaus, v. 04, n. 09, p.20-37, dez./2018.

BASCI, E.S.; ALKANB, R. M. Entrepreneurship Education at Universities: Suggestion for A Model Using Financial Support. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, 195, 856 – 861, 2015.

BERGUE, S.T. **Modelos de gestão em organizações públicas**: teorias e tecnologias gerenciais para análise e transformação organizacional. Caxias do Sul, RS: Educus, 2011.

BERNIER, Luc. Public enterprises as policy instruments: the importance of public entrepreneurship. **Journal of Economic Policy Reform**, v. 17, n. 3, p. 253-266, 2014.

BESSANT, J.; TIDD, J. (2009). **Inovação e empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

BORGES, C.; BORGES, M. M.; FERREIRA, V. da R. S.; NAIBERG, E.; TETE, M. F. Empreendedorismo Sustentável: Proposição de uma Tipologia e Sugestões de Pesquisa. XXXV Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro/RJ, 4 – 7 setembro de 2011.

BORGES, C. Empreendedorismo sustentável e o processo de criação de empresas. In: BORGES, CÂNDIDO (org). **Empreendedorismo sustentável**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

BORGES, C.; HASHIMOTO, M.; LIMONGI, R. To plano or not to pan? An analysis of the impact of planning on the disbanding or growth of Brazilian start-ups. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 18, n. 3, p. 349-367, 2013.

BORGES, D. E.; NISHI, J. M.; LOBLER, M. L.; SCHERER, F. L. Além dos resultados puramente econômico: um estudos multicaso com empreendedores da região central do Estado do Rio Grande do Sul. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v.9, n.22, p. 889-909 Janeiro/Abril – 2015.

BORNSTEN, D. **How to change the world**: social entrepreneurs and the power of new ideas. Oxford: University Press, 2007.

BOSZCZOWSKI, A. K.; TEXEIRA, R. M. O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. **Revista Economia & Gestão**, v. 12, n. 29, maio./ago. 2012.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília – DF, 1988.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR (CNECES). **RESOLUÇÃO Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2005**, Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004_05.pdf. Acesso em: 28 fev. 2018.

BRASIL. Decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 jun. 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm>. Acesso em: 1º jun. 2017.

BRASIL. Decreto Nº 9.283, de 7 de Fevereiro de 2018. Regulamenta a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016, o art. 24, § 3º, e o art. 32, § 7º, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, o art. 1º da Lei nº 8.010, de 29 de março de 1990, e o

art. 2º, caput, inciso I, alínea "g", da Lei nº 8.032, de 12 de abril de 1990, e altera o Decreto nº 6.759, de 5 de fevereiro de 2009, para **estabelecer medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9283.htm. Acesso em: 29 de jul. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. **Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES** e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm. Acesso em: 01 nov. 2017.

BRASIL. Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm. Acesso em: 29 jul. 2019.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**, Lei 9795. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 27 abr. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm. Acesso em: 31 mai. 2017.

BRASIL. **Portaria do Ministério do Meio Ambiente (MMA)**, nº 132 de 27 de abril de 2009. Disponível em: http://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-132-2009_214343.html. Acesso em: 1º jun. 2017.

BRASIL. Portaria nº 2666 de 2016. **Que dispõe sobre o reconhecimento institucional de empresas júniores na FURG**. Disponível em: http://www.propesp.furg.br/images/arquivos_propesp/dit/empresas_juniores/Portaria_2666-2016_Empresas_Junior.pdf. Disponível em: 07 nov. 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA**. 5. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2018. 104p. Disponível em: https://www.mma.gov.br/images/arquivo/80219/Pronea_final_2.pdf. Acesso em: 09 de nov. 2018.

CALDERÓN, A. I.; GOMES, C. F.; BORGES, R. M. Responsabilidade social da educação superior: mapeamento e tendências temáticas da produção científica brasileira (1990-2011). **Revista Brasileira de Educação**, v. 21 n. 66 jul.-set. 2016.

CARROL, A. B. A three-dimensional conceptual modelo f corporate performance. **Academy of Management Review**, v.4, n. 4, 1979.

CARVALHO, L. M. A Educação Ambiental e a formação docentes. **Panorama da Educação Ambiental no ensino fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC: SEF, 2001.

- CASADO, F. L.; SILUK, J. C. M.; ZAMPIERI, N. L. V. Universidade Empreendedora e Desenvolvimento Regional Sustentável: proposta de um modelo. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 5, Edição Especial, p. 633-650, 2012.
- CASTELLI, G. **Gestão Hoteleira**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CHOI, D. Y.; GRAY, E. R. The venture development processes of “sustainable” entrepreneurs. **Management Research News**, 31(8), 558-569. 2008.
- CLARK, Burton R. Pursuing the entrepreneurial University. In: AUDY, Jorge L. N.; MOROSINI, Marília C. (Org). **Inovação e Empreendedorismo na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- CLAYTON, A. M. H.; RADCLIFFE, N. J. **Sustainability: a systems approach**. Earthscan, Routledge, E-book. 2015.
- COELHO, A. L. A. L.; COELHO, C.; GODOI, C. K. O discurso da sustentabilidade e sua inserção no contexto organizacional. **Gestão & Conexões = Management and Connections Journal**, v. 2, n. 1, p. 147-186, 2013.
- COHEN, M.; CAVAZOTTE, F. S. C. N.; COSTA, T. M.; FERREIRA, K. C. S. Responsabilidade Socioambiental Corporativa como Fator de Atração e Retenção para Jovens Profissionais. **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 1, p. 21-41, 2017.
- COHEN, B., SMITH, B; MITCHELLI, R. Toward a sustainable conceptualization of dependent variables in entrepreneurship research. **Business Strategy and the Environment**, 17(2), 107-119.2008.
- COMMITTEE ON FACILITATING INTERDISCIPLINARY RESEARCH et al. Facilitating Interdisciplinary Research. Washington, D.C.: **The National Academies Press**, 2004.
- COOLEY, L. **Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance**. MPhil Thesis, Cranfield, UK: Cranfield Institute of Technology, 1991.
- CÔRREA, L. B.. Construção de políticas para a gestão dos resíduos de uma instituição de ensino superior na perspectiva da educação ambiental. 2009, p. 206. **Tese**. (Tese em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, 2009.
- COSTA, R. A. T.; FURTADO, C. B. R. A. Empreendedorismo: características, habilidades e competências. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas** v.1, n.2, p. 20-40, mar./abr.2016.
- DALMORO, M. A visão da sustentabilidade na atividade empreendedora: uma análise a partir de empresas incubadas. **RGO Revista Gestão Organizacional**, v. 2, n. 1 - Jan./Jun, 2009.

DANCIGUER, L.; CARVALHO, E.; MACARINI, S. Conceitos e Práticas de Educação Ambiental Empresarial no Brasil e a Evolução do Papel Social das Empresas. In: DIAS, R. **Marketing ambiental: ética, responsabilidade social e competitividade nos negócios**. São Paulo: Atlas, 2007.

DIEFENBACH, F. E. **Entrepreneurship in the Public Sector: When Middle Managers Create Public Value**. GABLER RESEARCH, Gabler Verlag Wiesbaden, 2011.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DOLABELA, F. A corda e o sonho. **Revista HSM Management**, 80, pp. 128-132, 2010.
DORION, E. C. H.; NODARI C. H.; OLEA P. M.; GANZER P. P.; DE MELLO, C. B. C. New Perspectives in Entrepreneurship Education: a Brazilian Viewpoint. *Entrepreneurship Education and Training*. SANCHEZ, J. C. (Ed.) [E-reader Version], 2015.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. (5a ed.). Rio de Janeiro: Empreende / LTC. 2015.

DRAYTON, W. **Everyone a Changemaker. Social Entrepreneurship's Ultimate Goal**. Innovations; Volume 1; Issue 1. 2006. Acesso em: 14 de dezembro de 2017. Disponível em <http://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/itgg.2006.1.1.80>.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: práticas e princípios**. São Paulo: Pioneira. 1998. ECOSERVICE. Disponível em: <http://www.io.furg.br/index.php/unidades-e-centros-associados/ecoservice>. Acesso em: 07 nov. 2017.

ELKINGTON, J. **Sustentabilidade, canibais com garfo e faca**. São Paulo: M. Books do Brasil Ltda. 2012.

ELMUTI, D.; KHOURY, G.; OMRAN, O. Does entrepreneurship education have a role in developing entrepreneurial skills and ventures effectiveness? **Journal of Entrepreneurship Education**, 15, 83-98, 2012.

ENDEADOR BRASIL. **A visão do aluno, do professor e da universidade sobre o ensino de empreendedorismo no Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://info.endeavor.org.br/eub2016>>. Acesso em: 29 set. 2017.

FAVERO L. P.; BELFIONE, P.; SILVA, F. L. da; CHAN, B. L. **Análise de Dados modelagem multivariada para tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FERRAS, R.P.R.; LENZI, F. C.; STEFANO, S. R.; RAMOS, F. Empreendedorismo corporativo em organizações públicas: Um estudo em uma universidade pública. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.7, n.2, p. 31-66, Mai/Ago. 2018.

FERNANDES, E.; SILVA, M. da. Educação ambiental empreendedora na escola. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 157-167, mar./jun. 2017.

FERREIRA, A. C.; ANDRADE, D. M. Temáticas Discutidas na Disciplina de Empreendedorismo nos Cursos de Administração: Um Panorama das Instituições de Ensino

Superior de Minas Gerais. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v.12, n.3 p. 44-64, 2018.

FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C.; GIMENEZ, F. A. Estudo comparativo das práticas didático pedagógicas do ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e norte americanas. In: Seminário em Administração - SEMEAD, 10, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA- USP, 2007.

FERREIRA, P. G. G.; MATTOS, P. L. C. L. D. Empreendedorismo e Práticas Didáticas nos Cursos de Graduação em Administração: os Estudantes Levantam o Problema. In: Encontro Nacional da ANPAD. **Anais**, 2003.

FERREIRA, V. R. S. Políticas públicas e Sistemas de apoio para empreendimentos sustentáveis. In: BORGES, CÂNDIDO (org). **Empreendedorismo sustentável**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

FIGUEIRA, G. A. Estratégia Empresarial e Desenvolvimento Sustentável: a sustentabilidade é um desafio inevitável para as empresas? In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – **ENGEMA**. 2016. São Paulo. SP. Anais (on-line). São Paulo: ENGEMA, 2016. Disponível: <http://engemausp.submissao.com.br/18/anais/arquivos/45.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

FILHO, H. **Balanced e scorecard e a gestão estratégica**: uma abordagem prática. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**, 39(4), pp. 6-20, 1999.

FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração**, v. 31, n. 3, p. 63-71, jul./set. 1991.

FLEURY, M. T. L. **As pessoas na organização**. São Paulo: Gente, 2002.

FONSECA, S. M. M.; SILVA, A. P.; SANTOS, D. C. L. P.; LEITE, E. F. Ecoempreendedorismo e competências empreendedoras: o caso ecoempreendedor transformador de resíduo em riqueza. **HOLOS**, n. 31, v. 2, 2015.

FRACALANZA, H.; AMARAL, I. A. do; NETO, J. M.; EBERLIN, T. S. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL: Panorama Inicial da Produção Acadêmica. **Ciência em Foco**, v1, n.1, 2008.

FRADE, E. G.; REZENDE, J. L. P. A Educação Ambiental na formação dos engenheiros florestais: análise curricular e DCNEA. RIAEE – **Revista Ibero-mericana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 1, p. 107-123, jan/mar. 2018.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

FREITAG, M. S. B. Aprendendo a ser um empreendedor. In: BORGES, CÂNDIDO (org). **Empreendedorismo sustentável**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Anuário Estatístico 2018:** Dados Base 2017. Rio Grande. v. 1 . p. 1 - 485. Disponível em:

<https://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/arquivos/menu/000000429.pdf>. Acesso em: 17 out 2018.

FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Estatuto**. Disponível em:

<https://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/arquivos/menu/000000208.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **História**. Disponível em:<

<https://www.furg.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2019-2022**. Disponível em: https://pdi.furg.br/images/PDI_2019-2022_-_21052019.pdf. Acesso em: 06 agos. 2019.

FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Resolução nº 014/87 do**

CONSUN de 20 de novembro de 1987. Filosofia e Política para a Universidade do Rio Grande. Disponível em: <http://conselhos.furg.br/converte.php?arquivo=filosofia/filo.html>. Acesso em: 06 mar. 2018.

FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Resolução 032/2014 da Política Ambiental**. Disponível em:

<http://conselhos.furg.br/converte.php?arquivo=filosofia/politicaambiental.html>. Acesso em: jun 2018.

FURG - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Projeto Pedagógico do**

Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental. Rio Grande: FURG, 2010, 76 p.

GEM 2015 – **Global Entrepreneurship Monitor 2015**. Relatório Executivo - Empreendedorismo no Brasil: 2015. Curitiba: IBPQ, 2015.

GEM 2016 - **Global Entrepreneurship Monitor 2016**. Relatório Executivo - Empreendedorismo no Brasil: 2016. Curitiba: IBQP, 2017.

GIBB, A. Can we build ‘effective’ entrepreneurship through management development?

Journal of General Management, London, v. 24, n. 4, p. 1-22, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. 8 reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, D. C.; SILVA, L. A. F. Educação empreendedora no ensino profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino. **HOLOS**, Ano 34, v. 01, 2018.

GRAMEEN BANK. **Introduction**. Disponível em: <http://www.grameen.com/introduction/>. Acesso em: 08 mar 2018.

GUERRA, A. F. S.; ORSI, R. F. M.; CARLETTO, D. L.; PEREIRA, Y. C. C. Avaliando compromissos com a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental: o Caso da

Universidade do Vale do Itajaí. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, vol. 15, n. 2, Itajaí, maio, 2015.

GUIMARÃES, L. de O. A experiência universitária norte-americana na formação de empreendedores - contribuições das universidades de Saint Louis, Indiana e Babson College. São Paulo: EAESP/FGV, 2002. 313 p. **Tese** (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação da EAESP/FGV, Área de Concentração: Organização, Recursos Humanos e Planejamento. Fundação Getúlio Vargas São Paulo, 2002.

GUIMARÃES, M. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 7, n. 9, 2013.

GUIMARÃES, M.; VASCONCELLOS, M. das M. N. Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. **Educar**, n. 27, p. 147-162, Editora UFPR, Curitiba, 2006.

HAIR JR., J.F.; WILLIAM, B.; BABIN, B.; ANDERSON, R.E. Análise multivariada de dados. 6.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HISRICH, R. D. PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

HOCHBERG, J. E. **Percepção**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HONMA, E. T.; TEIXEIRA, R. M. Competências Empreendedoras: Estudo de Casos Múltiplos no Setor Hoteleiro em Curitiba. In: Seminário Internacional de Turismo, 10, Curitiba, 2008. **Anais....** Curitiba: Universidade Positivo, 2008.

INNOVATIO FURG. **Incubadora de Empresas**. Disponível em: <<http://innovatio.furg.br/index.php/pt/>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação Pesquisa**. [online], v.31, n.2, pp. 233-250. 2005.

KIRKWOOD, J; WALTON, S. What motivates ecopreneurs to start businesses? **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, n.3, p. 204-228, 2010.

KISHINAME, R. Responsabilidade socioambiental das empresas. In: CAMARGO, A.; CAPOBIANCO, J. P. R.; OLIVEIRA, J. A. P. **Meio Ambiente Brasil: avanços e obstáculos pós-Rio-92**. Rio de Janeiro: Estação Liberdade Ltda., p. 388-421. 2004.

KITZMANN, D. I. S.; POZENATO, M. O.; VILLWOCK, B.; RODRIGUES, M. P. O estado da arte da adequação ambiental na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, vol. 15, n. 2, Itajaí, mai-ago 2015.

KOE, W. L., MAJID, I. A. (2013), “Sustainable Entrepreneurship among Small and Medium Enterprises (SMEs) in Malaysia”, **International Journal**, v. n2, n4, pag. 286-290. 2013.

KOTLER, P. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

LARSSON, M. Environmental entrepreneurship in organic agriculture in Järna, Sweden. **Journal of Sustainable Agriculture**, n. 36, v. 2, p. 153-179, 2012.

LAURIKAINEN, M. ; SILVA, F. L. da; SCHLEMPER, P. F. ; SOARES, J.W.S.; MELO, L. H. M. de. Educação em empreendedorismo: o que podemos aprender dos exemplos brasileiros e finlandeses? RIAEE – **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. esp1, p. 337-360, maio 2018.

LAYRARGUES, P.P. A crise ambiental e suas implicações na educação; In: Quintas, J.S (Org) **Pensando e praticando educação ambiental na gestão do meio ambiente**. 2a ed. Brasília: Edições IBAMA, 2002.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. Mapeando as macro-tendências políticopedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil. In VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. **A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil**, Ribeirão Preto, 2011, p. 1-15.

LE BOTERF, G. **Ingénierie et évaluation des compétences**. 3. ed. rev. et augm. Paris: Éditions d'Organisation, 2001.

LEITE, E. **O fenômeno do empreendedorismo**. 3. ed. Recife: Bagaço, 2002.

LEME, R. **Aplicação prática de gestão de pessoas por competências**: mapeamento, treinamento, seleção, avaliação e mensuração de resultados de treinamento. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

LENZI, F. C. Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte dos setores mecânicos, metalúrgico e de material elétrico/comunicação em Santa Catarina: um estudo da associação entre os tipos psicológicos e competências empreendedoras reconhecidas. 2008, 126 f. **Tese** (Doutorado em Administração). Programa de Pós-Graduação Faculdade de Economia, Administração e Contábeis – FEA. Universidade de São Paulo USP. São Paulo, 2008.

LIMA, A. L. DE. Os riscos do empreendedorismo: A proposta de educação e formação empreendedora. 2008, 132. F. **Dissertação** (Mestrado de Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

LIMA, D.C., SANTOS, P., LEITE, E.F., SILVA, C. M., FONSECA, S.M.M. Empreendedorismo sustentável: perfil dos produtores da feira agroecológica da orla de Olinda-PE. **Holos**, 2, p. 148-160, 2013.

LIMA, F. D. M. Educação ambiental e o educador ambiental: os desafios de elaborar e implantar projetos de educação ambiental nas escolas. **Revista Monografias Ambientais - REMOA**, v.7, n. 7, p. 1717 – 1722, mar-jun, 2012.

LIMA, S. F. A.; TEIXEIRA, R. M.; DANTAS, C. F.; ALMEIDA, M. A. Empreendedorismo público e orientação empreendedora em Instituições federais de ensino. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 50, p. 44-60, Abril. 2018

LOPES, R. M. A. Referenciais para educação empreendedora. In: LOPES, Rosemary A. (Coord.). **Educação empreendedora: Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, 2010.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUREIRO, C. F. B.; SAISSE, M. Educação ambiental na gestão ambiental pública brasileira: uma análise da SEMA ao ICMBio. **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 23, n. 52, p. 105-129, jan./abr. 2014.

LUCENA, R.; CENTURION, W. As contribuições da pedagogia freireana ao desenvolvimento de profissionais empreendedores na área de administração. João Pessoa, 2011. In: **Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, João Pessoa, Trabalho apresentado n. 3. 2011.

MALHOTA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6ª Edição. São Paulo: Bookman. 2010.

MAMEDE, M. I. de B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores Portugueses e Brasileiros: Um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: ENANPAD: 2005. **Anais...** Brasília/DF. 2005.

MARINHO, M. B.. Universidades e sustentabilidade: Uma Pesquisa em Instituições de Educação Superior Brasileiras. 2014, 181f. **Tese** (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Escola Politécnica, 2014.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, S. N. Educação empreendedora transformando o ensino superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores. 156 f. **Tese** (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2010.

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 3, n. 1 – pp. 203-222, 2008.

McCLELLAND, D. **Testing for competence rather than for “Intelligence”**. American Psychologist, Washington, v.28, n. 1 p. 1-14, jan 1973.

MENEZES, B. F. R de; COSTA, A. de S. M. da. Experiência de Trabalho e Formação Empreendedora: Um Estudo sobre a Empresa Junior PUC Rio. **Revista ADM. MADE**, Rio de Janeiro, ano 16, v.20, n.1, p.79-105, janeiro/abril, 2016.

MINERVINO, D. do S. D. Empreendedorismo e educação: o uso da pedagogia empreendedora na formação do técnico em agropecuária da escola família agrícola do Pacuí – MACAPÁ/AP . 2014. 70f. **Dissertação** (Mestre em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MORAES, M. C. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas: Papyrus, 2018.

MORALES, S. A. Relação entre competências e tipos psicológicos junguianos nos empreendedores. 2004. 199 f. **Tese** (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

NAIA, A.; BAPTISTA, R.; JANUARIO, C.; TRIGO, V. Entrepreneurship education literature in the 2000s. **Journal of Entrepreneurship Education**, 18(31), p. 111-136, 2015.

NASCIMENTO, L. F. **Gestão ambiental e Sustentabilidade**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2012.

NASSIF, V. M. J.; AMARAL, D. J. do; PINTO, C. C.; SOARES, M. T. R. C.; PRANDO, R. A. Formação Empreendedora: Aspectos Convergentes e Divergentes sob a Ótica de Alunos, Professores, Pais e Empreendedores. **Revista ANGRAD**, v. 10, n. 2, Abril/Maio/Junho 2009.

NOBRE, L.; ANELLO, L. F.S. A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG). **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**. Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 180-196, junho, 2017.

NUNES, M. L. F.; NEIRA, M. G. Responsabilidade socioambiental como estratégia de subjetivação dos sujeitos do ensino superior. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 463-480, jul./dez. 2014.

NUNES, M. P.; RIBEIRO, M. E.; FIATES, G. G. S. Development of Competences Entrepreneurs in the Material Engineering Course of UFSC. **e-Revista LOGO** - v.7, n. 1 2018 - ISSN 2238-2542 DOI: 10.26771/e-Revista. LOGO/2018.1.04.

OLIVEIRA, D. R. M. Educador Ambiental Formal: construindo um perfil profissional destinado ao sistema escolar. 103 f. **Dissertação**. Mestre em Ciências Ambientais (Programa de Pós-Graduação de Ciências Ambientais). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo. Paraná. 2019.

OPUS CONSULTORIA JÚNIOR. Disponível em: <
https://www.facebook.com/pg/opusempresajunior/about/?ref=page_internal>. Acesso: 07 nov. 2017.

O'NEILL, G. D.; HERSHAUER, J. C.; GOLDEN, J. S. The cultural context of sustainability entrepreneurship. **Greener Management International**, (55), 33-46, 2009.

OTERO, P.; KNOBEL, M. G. Educação Ambiental: Uma Experiência nos Anos 90. In: PEDRINI, A. de G. (org). **Educação Ambiental Empresarial no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2008. p. 178-187.

QUINTAS, J. S. **Introdução à gestão ambiental pública**. 2ª ed. revista. Brasília: Ibama, 2006.

OLIVEIRA, A. G. M. de; MELO, M. C. de O. L.; MUYLDER, C. F. de. Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. **Revista Administração em Diálogos**, v18, n.1, Jan/Fev/Mar/Abr, p.29-56, 2016.

ONUBR. Nações Unidas do Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods8/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

ORSIOLLI, T. A. E.; NOBRE, F. S. Empreendedorismo Sustentável e Stakeholders Fornecedores: Criação de Valores para o Desenvolvimento Sustentável. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, art. 6, pp. 502-523, Jul./Ago. 2016.

ORTEGA, L. M. Influenciando uma instituição de ensino através do empreendedorismo. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo – EGEPE. 2012. Florianópolis. Anais (online). Florianópolis: **VII EGEPE**. Disponível em: http://www.anegepe.org.br/javabusca/files/t16720100441_1.pdf. Acesso em: 03 mai. 2018.

PALMAS, L. C.; CAMPOS, S. A. P. de; PEDROZO, E. A. A Sustentabilidade na Formação do Gestor: que competências estão sendo desenvolvidas? In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA. 2017. São Paulo. SP. **Anais (on-line)**. São Paulo: ENGEMA, 2017. Disponível: <http://engemausp.submissao.com.br/19/anais/arquivos/273.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2017.

PATZELT, H. D.; A. SHEPHERD. “Recognizing opportunities for sustainable development”. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, vol. 35, n. 4, July, p. 631-652, 2011.

PAULRAJ, A. Understanding the Relationships between Internal Resources and Capabilities, Sustainable Supply Management and Organizational Sustainability. **Journal of Supply Chain Management**, 47(1), 19-37. 2011.

PEDRINI, A. de G. Avaliação da Educação Ambiental Empresarial: Uma Metodologia para aferir Sua Qualidade. In: PEDRINI, A. de G. (org). **Educação Ambiental Empresarial no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2008. p. 03-15.

PHI CONSULTORIA JR. Disponível em: <<https://phiconsultoriajr.wordpress.com/empresa/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

PIAZZA, C. A. D.; SANTOS, J. A.; RAFAEL, A. S. D.; OLIVEIRA, V. N. C. de.; SILVA, E. F. da. Educação ambiental em Instituições de Ensino. In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA. 2017. São Paulo. SP. **Anais (on-line)**. São Paulo: ENGEMA, 2017. Disponível: <http://engemausp.submissao.com.br/17/anais/arquivos/137.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PIERRY, F. **Seleção por competência**: o processo de identificação de competências individuais para recrutamento, seleção e desenvolvimento pessoal. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2006.

PINTO, I. M. B. S.; BRUNSTEIN, J.; MARTINS, A. A. C.; DESIDÉRIO, P. H.; SOBRINHO, C. A. C. Systematic Review of the Literature Social Entrepreneurship and Skills

Development: an Analysis of the past 10 years. **International Journal of Innovation** (IJI Journal), São Paulo, v. 4, n. 1, pp. 33-45, Jan/Jun. 2016.

PIMENTEL, T. A. B.; REINALDO, H. O. A.; OLIVEIRA, L. G. L. Empreendedorismo sustentável: uma análise da implementação da sustentabilidade empresarial em micro, pequenas e médias empresas industriais atendidas pelo PEIEX - NO NUTEC. In: SIMPOI. 2010. Disponível em:
<http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2010/artigos/E2010_T00412_PCN22879.pdf> Acesso em: 05 set. 2017.

POZENATO, M. O. Uma proposta de programa de formação ambiental continuada para os agentes de gestão ambiental (AGAs) da Universidade Federal do Rio Grande. 97 f. **Dissertação** (Dissertação em Educação Ambiental). Programa de Educação Ambiental PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul. 2017.

PRME 10 YEARS. *Developing the Responsible Leaders of Tomorrow*. Disponível em:
<<http://www.unprme.org/about-prme/the-six-principles.php>> Acesso: 14 de jul, 2017.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA. Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em:
<<http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php/o-ppgea/gest-ppgea.html>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

QUEIROZ, E. D.; GUIMARÃES, M. O Trabalho de Campo em Unidades de Conservação como Ambiente Educativo e Estratégia Pedagógica Fundamental para uma Formação Diferenciada em Educação Ambiental. **Revista de Políticas Públicas**, pp. 421-425. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brasil, 2016.

QUINTANA, A. C; QUINTANA, C. G. Uma abordagem bibliométrica e epistemológica dos artigos sobre Empreendedorismo Sustentável presentes na base Spell. In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA. 2017. São Paulo. SP. **Anais (on-line)**. São Paulo: ENGEMA, 2017. Disponível:
<http://engemausp.submissao.com.br/19/anais/arquivos/93.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

RABAGLIO, Maria Odete. **Seleção por Competências**. 2ª edição – Editora: Educator, São Paulo, 2001.

RABBIOR, G. Elements of a successful entrepreneurship/economics/education program. In: KENT, Calvin A. (Eds.). **Entrepreneurship Education – current developments, future directions**. New York: Quorum Books, p.53- 65,1990.

RAIMUNDO, C.; RAMBALDUCCI, P.; PACAGNAN, M. Ensino em empreendedorismo: desafios da compatibilização de demandas acadêmicas e perspectivas de mercado. São Paulo, 2010. In: Seminários em Administração – SEMEAD, Trabalho apresentado n. 13. São Paulo. **Anais...** São Paulo: XIII SEMEAD, FEA-USP, 2010.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

REINA, F. T.; SANTOS, R. A. dos. Educação empreendedora: práticas educativas para dinamizar a ascensão pessoal e profissional dos alunos. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v.13, n.1, p. 147-163, jan./jun. 2017.

REZENDE, A.V.; SALES, R. L. Empreendedorismo na escola: as práticas adotadas no ensino do município de Leopoldina–MG. Recife, 2010. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – VI EGEPE, Trabalho apresentado n. 6. **Anais...** Recife, 2010.

ROCHA, E. L. C.; BACCHI, G. A. Ensino de Empreendedorismo nos Cursos de Graduação em Administração na Cidade de Fortaleza: Um Estudo Comparativo dos Conteúdos e Instrumentos Pedagógicos. In: Encontro da Anpad - EnAnpad, XXXIV. , 2010. Rio de Janeiro. **Anais. . .** Rio de Janeiro: Anpad, 2010.

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 4, p. 465-486, 2014.

ROCHA, R. de F.; SEIFERT JUNIOR, C. A.; KRUG, L. C. **Manual do Empreendedor em Ciências do Mar**. Pelotas: Editora Textos, 2016.

ROOS, A.; BECKER, E. L. S. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental REGET/UFMS**, v(5), n°5, p. 857 – 866. 2012.

ROSA, R. de O.; MAGALHÃES, L. L. K.; CASAGRANDA, Y. G. C.; MORAES, A. E. L. de; NASCIMENTO, J. R. A Educação Ambiental na Comunidade: o caso da Petmania. In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA. 2016. São Paulo. SP. **Anais (on-line)**. São Paulo: ENGEMA, 2016. Disponível: <http://engemausp.submissao.com.br/18/anais/arquivos/360.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. (Org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAISSE, M. V. Sentidos e práticas da educação ambiental no Brasil: as unidades de conservação como campo de disputa. 317 F. **Tese** (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2011.

SAITO, C. H. Política Nacional de Educação Ambiental e Construção da Cidadania: revendo os desafios contemporâneos. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 54-76.

SANTOS, V. M. N.; JACOBI, P. R. Formação docentes e cidadania: projetos escolares no estudo do ambiente. **Revista Educ. Pesqui.** V 37 n° 2, São Paulo, mai/ag. 2011.

SANTOS, D. de M. S.; SOARES, M. T. R. C. Novos Negócios em Gestão Ambiental: na visão dos eco empreendedores. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo – EGEPE.

2016. Passo Fundo. **Anais (online)**. Passo Fundo: IX EGEPE. Disponível em: <https://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/217.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2018.

SANTOS, F. M. A Theory of Social Entrepreneurship. **ICTPI International Conference on Technology Policy and Innovation**; 13-14 July; Porto, Portugal, 2009.

SANTOS, L. M. dos. Estudos Ambientais como Fonte de Conhecimento para Prática da Educação Ambiental Empresarial. In: PEDRINI, A. de G. (org). **Educação Ambiental Empresarial no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, p. 145-162, 2008.

SANTOS, M. O. do E.; SOUZA, R. dos S. Uma análise comparativa da tendência empreendedora entre os acadêmicos do curso de administração nas modalidades de educação presencial e a distância do município de Corumbá. 2012. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo – EGEPE. 2012. Florianópolis. **Anais (online)**. Florianópolis: VII EGEPE. Disponível em: http://www.anegepe.org.br/javabusca/files/t16720100166_1.pdf. Acesso em: 05 mai. 2018.

SARANGO-LALANGUI, P.; SANTOS, J. L. S.; HORMIGA, E. The development of sustainable entrepreneurship research field. *Sustainability*, 10 (6), jun/2018. SAUVÉ, L. Viver juntos em nossa Terra: Desafios contemporâneos da educação ambiental. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, vol. 16 - n. 2 - Itajaí, mai-ago 2016.

SATO, M; SANTOS, J. E. dos. **Um breve itinerário pela educação ambiental**. In: Michèle Sato; José Eduardo Santos. (Org.). A contribuição da educação ambiental. 1ª ed. São Carlos: EdUFSCar, 2001, v. 1, p. 1-12

SCHAPER, M. Introduction: the essence of ecopreneurship. **Greener Management International**, n. 38, p. 26-30, 2002.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo**, v. 10, n. 3, p. 60-81, jul./set. 2016.

SHEPHERD, D. A.; PATZELT, H. The New Field of Sustainable Entrepreneurship: Studying Entrepreneurial Action Linking “What Is to Be Sustained” With “What Is to Be Developed. **Entrepreneurship: Theory and Practice**. 35(1):137 – 16. January 2011.

SCHMIDT, S; BOHNENBERGER, M. C.; FREITAS, E. C. de. Práticas Didáticas na Formação Empreendedora: o Caso do Curso de Administração da Feevale. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 7, n. 2, 2010.

SCHMITZ, A. L. F. Competências empreendedoras: os desafios dos gestores de instituições de ensino superior como agentes de mudança. 2012. 281 F. **Tese** (Doutorado em Engenharia). Programa de Pós-graduação em Engenharia e gestão do conhecimento, universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2012.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo, Nova Cultura, 1988.

SMITH, S. R. Hybridity and nonprofit organizations: The research agenda. **American Behavioral Scientist**, 58(11), 1494-1508, 2014.

SEBRAE Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2017. **Relatório Especial: o empreendedorismo e o mercado de trabalho**. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/70d1237672d36de1ba87890e4cb251cc/\\$File/7737.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/70d1237672d36de1ba87890e4cb251cc/$File/7737.pdf)>. Acesso em: 29 set, 2017.

SENHORAS, E. M. As redes do desenvolvimento Econômico e Social no Sistema de Ensino Superior Brasileiro. *LiincemRevista*, v.4, n.1, p. 138-153, março, 2008.

SHEPHERD, D. Educating entrepreneurship students about emotion and learning from failure. **Academy of management – Learning & Education**, Colorado: 2004.

SHEPHERD, D. A.; PATZELT H. The new field of sustainable entrepreneurship: studying entrepreneurial action linking “what is to be sustained” with “what is to be developed”. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 35(1), 137, 2011.

SILVA, A. de P.; SCHIMIGUEL, J. ; ARAÚJO, M. S. T. de. Reflexões acerca da utilização da abordagem ciência, tecnologia e sociedade no contexto da educação empreendedora. **B. Tec. Senac**, Rio de Janeiro, v. 41 n. 3, p. 132-153, set./dez. 2015.

SILVA, G. J. V. da; CRUZ, A. de F. A.; SILVA, P. S. da; FIALHO, J. A. R.; SOUZA, V. C. de A. Contribuições do Centro Acadêmico de Química para a formação profissional dos graduandos: em foco o empreendedorismo e a extensão universitária. **Revista ELO - Diálogos em Extensão**, v. 6, n.2, p. 14-24, out./2017.

SILVA, J. F. da; PENA, R. P. M. O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. v.6, n.2, p. 372-401, mai/ago. 2017.

SILVEIRA, M. B. Formação empreendedora: Análise das características empreendedoras entre os estudantes do ensino técnico. 2016. 100 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Faculdade Campo Limpo Paulista, SP: FACCAMP, 2016.

SILVEIRA, M. B; SANCHES, C. Formação empreendedora: análise das características empreendedoras entre os estudantes do ensino técnico. **Revista de Tecnologia Aplicada (RTA)**, v.6, n.3, set-dez 2017, p.46-71.

SILVÉRIO, A. L.; SANTOS, D.; SALES, I. R.; CORREA, K. R.; RIBEIRO, S. P. Empreendedorismo ambiental: reciclagem de lâmpadas fluorescentes. **Revista Expressão**, n. 07, 2014.

SLAPER, T. F.; HALL, T. J. The Triple Bottom Line: What Is It and How Does It Work? **Indiana Business Review, Spring**, 4-8, v. 86, n. 1. 2011.

SOARES, D. de M. S.; SANTOS, M. T. R. C. Novos negócios em gestão ambiental: na visão do eco empreendedores. In: Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas – IX EGEPE. **Anais (...)**. Passo Fundo: IX EGEPE, 2016. Disponível em: <https://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/217.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SOUZA, D. C. S. de; CARNEIRO, S. N. V.; ROLIM, G. F. Educação Empreendedora nas Instituições de Ensino Superior do Município de Quixadá – CE. **Revista Expressão Católica**, jul/dez, 3(2), 2014.

SOUZA, R. S. de; GALIAZZI, M. do. A categoria na análise textual discursiva: sobre método e sistema em direção à abertura interpretativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.5, n.9, p. 514-538, dez. 2017.

SOUZA, E. C. L. D. A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade empresa. In: (Ed.). **Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas**. ANPROTEC, 2001.

SPENCER, L. M.; SPENCER, S.M. **Competency at work: models for superior performance**. New York: John Wiley & Sons, 1993.

SPOLIDORO, R.; **Diretrizes Estratégicas para o Parque Tecnológico do Vale dos Sinos**. Novo Hamburgo: Editora FEEVALE, 2006.

TALLOIRES DECLARATION. **Texto completo**. 1990. Disponível em <http://www.ulsf.org/programs_talloires_td.html>. Acesso em 17 jul./2017.

TEIXEIRA, T. S.; ANDRADE, D. M.; ALCÂNTARA, V. de C.; OLIVEIRA, N. K. de. Inovação e empreendedorismo: um caso no setor público. **PRETEXTO**. Belo Horizonte, v. 20, n 1, p. 57-71 JAN-MAR 2019.

TESCH, R. **Qualitative Research: analysis types and software tools**. New York: Falmer Press, 1990.

THOMPSON, N.; KIEFER, K.; YORK, J. G. **Distinctions not dichotomies: exploring social, sustainable, and environmental entrepreneurship**. In G. T. Lumpkin & J. A. Katz (Eds.), *Social and sustainable entrepreneurship - advances in entrepreneurship, firm emergence and growth* (Vol. 13, pp. 201-229). Bingley, UK: Emerald Group Publishing. 2011.

TONY, O. A. Entrepreneurship education: challenges and implications for educators in Higher Education Institutions. **International Journal of Information, Business and Management**, 8(2), 307-324, 2016.

ULSF, *Asociación de Líderes de Universidades para un Futuro Sustentable*. *Talloires Declaration Signatories List*. Disponível em:< <http://ulsf.org>>. Acesso: 17 jul. 2017.

VALADARES, J. L.; EMMENDOERFER, M. L.; ALVES, R. C. M.; MORAIS, M. C. A. O Fenômeno do Empreendedorismo Público: Um Ensaio sobre a Aplicabilidade desse Construto na Administração Pública Brasileira. XXXVI ANPAD. **Anais (...)**. Rio de Janeiro/RJ de 22 a 26 de setembro de 2012.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VIEIRA, A. M. D. P.; ROCHA, C. Práticas Pedagógicas para o ensino de Empreendedorismo no curso de administração de empresas no período 2007-2013. **B. Tec. Senac**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 82-111, mai./ago. 2015.

VIEIRA, S. F. A.; MELATTI, G. A.; NEGREIROS, L. F.; FERRI, C. M. A visão dos estudantes universitários de Administração sobre empreendedorismo: comparações entre o Estudo Guesss Brasil 2011 com o levantamento realizado na Universidade Estadual de Londrina- PR. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 3(3), p. 77-103, 2014.

VIEIRA, S. F. A.; RIBEIRO, P. R.; MELATTI, G. A. O ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração: um estudo comparativo entre as universidades estaduais de Londrina e Maringá. São Paulo, 2010. In: Seminários em Administração – SEMEAD, Trabalho apresentado n. 14, 2010. São Paulo. **Anais (online)**. São Paulo: XIII SEMEAD. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/12semead/resultado/trabalhosPDF/796.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YOUNG, W.; TILLEY, F. Can businesses move beyond efficiency? The shift toward effectiveness and equity in the corporate sustainability debate. **Business Strategy and the Environment**, v. 6, n. 15, p. 402-415, 2006.

ZAHRA, S.. Globalization of Social Entrepreneurship Opportunities. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 2, n. 2, p. 117–131, 2008.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 9, Edição Especial, artigo 6, Rio de Janeiro, Jul. 2011.

ZARPELLON, S. C. O empreendedorismo e a teoria econômica institucional. **Revista Iberoamericana de Ciências Empresariais y Economía**, 1(1), pp. 47-55, 2010.

ZILIOOTTO, D. M.; BERTI, A. R. A aprendizagem do aluno inserido em empresa júnior. **Revista Conexão UEPG**, 8, 2012.

APÊNDICE A

FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS PARA OS DOCENTES DIRETORES DAS UNIDADES ACADÊMICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG.

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGA</p>
<p>Formulário de entrevista aplicado aos Docentes Diretores das Unidades Acadêmicas da Universidade Federal do Rio Grande</p>
<p>Prezado (a) Diretor (a)</p> <p>Esta pesquisa está sendo desenvolvida com o objetivo exclusivamente acadêmico do Curso de Doutorado em Educação Ambiental do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGA da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. O objetivo é propor as possibilidades e os limites para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior, a partir dos princípios do campo da Educação Ambiental.</p> <p>Sua participação é muito importante para a construção da proposta de Formação Empreendedora Sustentável na Universidade Federal do Rio Grande. Por isso contamos com a sua colaboração nas respostas da pesquisa, as quais serão tratadas confidencialmente, ou seja, não serão passadas individualmente a empresas ou terceiros.</p> <p>Agradeço desde já a sua disponibilidade em responder este questionário.</p> <p style="text-align: right;">Cristiane Gularte Quintana</p>
<p>DADOS DO DOCENTE DIRETOR</p>
<p>Data: ____/____/____</p>
<p>Formação na graduação e na Pós-Graduação:</p>
<p>Unidade Acadêmica de vínculo:</p>
<p>1ª PARTE: CONCEPÇÃO SOBRE EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL</p>
<p>O tema Empreendedorismo Sustentável é um espaço relevante para ser explorado pelas pesquisas científicas, para entender como estabelecer uma boa relação entre o empreendedorismo e os aspectos econômicos, sociais e ambientais, e até diagnosticar o que tem sido feito efetivamente nas instituições (QUINTANA; QUINTANA, 2017).</p>
<p>1. O que você entende (ou pensa) sobre empreendedorismo?</p>
<p> </p>
<p>2. Você percebe uma linha da temática empreendedora nas programações realizadas na FURG, tais como: palestras, seminários, oficinas e/ou cursos entre outras atividades? () SIM () NÃO. Quais?</p>
<p> </p>
<p>3. Você incentiva/promove encontro de formação que discuta sobre empreendedorismo em</p>

<p>curso de graduação? () SIM () NÃO. Caso Sim, com que frequência? Caso Não, por quê?</p>
<p>4. Das características empreendedoras abaixo assinale aquelas que você aplica em sua função de Diretor:</p> <p>() Liderança</p> <p>() Motivação e superação</p> <p>() Comprometimento e determinação</p> <p>() Propensão de assumir riscos</p> <p>() Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação</p> <p>() Autonomia, autogestão, Iniciativa e ação</p> <p>() Orientação a metas</p> <p>() Crescimento e investimento na formação pessoal</p> <p>() Inovação e pesquisa</p>
<p>5. Qual a sua percepção sobre o Empreendedorismo Sustentável?</p>
<p>6. É possível ensinar alguém a ser empreendedor sustentável e/ou empreender em sua vida para alcançar metas pessoais e profissionais? () SIM () NÃO. Caso Sim, de que forma? Caso Não, por quê?</p>
<p>7. Você identifica entre os professores uma postura metodológica/ensino voltada ao empreendedorismo nas aulas? () SIM () NÃO. Caso Sim, de que forma? Caso Não, por quê? (métodos/técnicas/recursos didáticos)</p>
<p>8. O seu Instituto incentiva/promove algum projeto sobre empreendedorismo sustentável? () SIM () NÃO. Se SIM descreva o projeto:</p>
<p>9. Você já realizou e/ou participou de algum projeto/capacitação/oficina relacionado ao Empreendedorismo Sustentável? () SIM () NÃO. Caso Sim, qual? Caso Não, por quê?</p>
<p>2ª PARTE: CONCEPÇÃO SOBRE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA SUSTENTÁVEL</p>
<p>10. Quais ações você entende que podem colaborar para inserir uma Formação Empreendedora Sustentável na universidade?</p>
<p>11. O seu Instituto está disposto a facilitar e apoiar o diálogo e o debate entre técnicos, docentes e discentes sobre questões críticas relacionadas à sustentabilidade? Considerando a sua resposta, a FES poderia ter alguma relação para facilitar e apoiar este tema?</p>

<p>12. Você entende que a oferta de disciplina sobre “empreendedorismo”, atende a necessidade de uma Formação Empreendedora Sustentável?</p>																				
<p>13. Qual o seu ponto de vista sobre a possibilidade de se criar uma disciplina sobre o “empreendedorismo sustentável”?</p>																				
<p>14. Você entende que a Formação Empreendedora Sustentável é alcançada pela oferta de cursos complementares sobre empreendedorismo?</p>																				
<p>15. No seu entendimento, dentre os métodos, técnicas ou recursos pedagógicos citados abaixo, quais você considera para desenvolver as atividades de Formação Empreendedora Sustentável na FURG? Numere em grau de importância os 10 métodos, técnicas ou recursos pedagógicos mais importantes:</p> <table border="0"> <tr> <td><input type="checkbox"/> Aulas expositivas</td> <td><input type="checkbox"/> Aplicação de provas dissertativas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Atendimento individualizado</td> <td><input type="checkbox"/> Visitas e contatos com empresas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Trabalhos teóricos individuais</td> <td><input type="checkbox"/> Plano de negócios</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Trabalhos práticos individuais</td> <td><input type="checkbox"/> Estudos de casos</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Criação de produto</td> <td><input type="checkbox"/> Trabalhos teóricos em grupo</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Filmes e vídeos</td> <td><input type="checkbox"/> Trabalhos práticos em grupo</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Jogos de empresas e simulações</td> <td><input type="checkbox"/> Grupos de discussão</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Sugestão de leituras</td> <td><input type="checkbox"/> Brainstorming</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Incubadoras</td> <td><input type="checkbox"/> Palestras com empreendedores</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Competição de planos de negócios</td> <td><input type="checkbox"/> Criação de empresa</td> </tr> </table>	<input type="checkbox"/> Aulas expositivas	<input type="checkbox"/> Aplicação de provas dissertativas	<input type="checkbox"/> Atendimento individualizado	<input type="checkbox"/> Visitas e contatos com empresas	<input type="checkbox"/> Trabalhos teóricos individuais	<input type="checkbox"/> Plano de negócios	<input type="checkbox"/> Trabalhos práticos individuais	<input type="checkbox"/> Estudos de casos	<input type="checkbox"/> Criação de produto	<input type="checkbox"/> Trabalhos teóricos em grupo	<input type="checkbox"/> Filmes e vídeos	<input type="checkbox"/> Trabalhos práticos em grupo	<input type="checkbox"/> Jogos de empresas e simulações	<input type="checkbox"/> Grupos de discussão	<input type="checkbox"/> Sugestão de leituras	<input type="checkbox"/> Brainstorming	<input type="checkbox"/> Incubadoras	<input type="checkbox"/> Palestras com empreendedores	<input type="checkbox"/> Competição de planos de negócios	<input type="checkbox"/> Criação de empresa
<input type="checkbox"/> Aulas expositivas	<input type="checkbox"/> Aplicação de provas dissertativas																			
<input type="checkbox"/> Atendimento individualizado	<input type="checkbox"/> Visitas e contatos com empresas																			
<input type="checkbox"/> Trabalhos teóricos individuais	<input type="checkbox"/> Plano de negócios																			
<input type="checkbox"/> Trabalhos práticos individuais	<input type="checkbox"/> Estudos de casos																			
<input type="checkbox"/> Criação de produto	<input type="checkbox"/> Trabalhos teóricos em grupo																			
<input type="checkbox"/> Filmes e vídeos	<input type="checkbox"/> Trabalhos práticos em grupo																			
<input type="checkbox"/> Jogos de empresas e simulações	<input type="checkbox"/> Grupos de discussão																			
<input type="checkbox"/> Sugestão de leituras	<input type="checkbox"/> Brainstorming																			
<input type="checkbox"/> Incubadoras	<input type="checkbox"/> Palestras com empreendedores																			
<input type="checkbox"/> Competição de planos de negócios	<input type="checkbox"/> Criação de empresa																			
<p>16. Como você pode contribuir para implantar a Formação Empreendedora Sustentável na FURG?</p>																				
<p>17. Quem são as pessoas que você entende que podem melhor contribuir para a Formação Empreendedora Sustentável?</p>																				
<p>18. Como você compreende o papel (atuação) do Educador Ambiental no desenvolvimento de uma proposta de Formação Empreendedora Sustentável para a Instituição?</p>																				
<p>19. Você entende que o Educador Ambiental pode relacionar de forma adequada o empreendedorismo com uma Formação Empreendedora Sustentável?</p>																				
<p>20. Você acredita (ou pensa) que alguma unidade da universidade deveria ser a proponente de atividades de Formação Empreendedora Sustentável? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO. Caso Sim, qual e por quê? Caso Não, por quê?</p>																				

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GESTORES ESTRATÉGICOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE.

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA</p>
<p>Formulário de entrevista aplicado aos Gestores Estratégicos da Universidade Federal do Rio Grande</p>
<p>Prezado (a) Gestor (a)</p> <p>Esta pesquisa está sendo desenvolvida com o objetivo exclusivamente acadêmico do Curso de Doutorado em Educação Ambiental do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. O objetivo é identificar as possibilidades e os limites para a construção de uma Formação Empreendedora Sustentável em uma Instituição de Ensino Superior, a partir dos princípios do campo da Educação Ambiental.</p> <p>Sua participação é muito importante para a construção da proposta de Formação Empreendedora Sustentável na Universidade Federal do Rio Grande. Por isso contamos com a sua colaboração nas respostas da pesquisa, as quais serão tratadas confidencialmente, ou seja, não serão passadas individualmente a empresas ou terceiros.</p> <p>Agradeço desde já a sua disponibilidade em responder este questionário.</p> <p style="text-align: right;">Cristiane Gularte Quintana</p>
<p>DADOS DO GESTORES ESTRATÉGICOS</p>
<p>Data: ____/____/____</p>
<p>Formação na Graduação e na Pós-Graduação:</p>
<p>Função atual:</p>
<p>1ª PARTE: CONCEPÇÃO SOBRE EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL</p>
<p>O tema Empreendedorismo Sustentável é um espaço relevante para ser explorado pelas pesquisas científicas, para entender como estabelecer uma boa relação entre o empreendedorismo e os aspectos econômicos, sociais e ambientais, e até diagnosticar o que tem sido feito efetivamente nas instituições (QUINTANA; QUINTANA, 2017).</p>
<p>1. O que você entende (ou pensa) sobre empreendedorismo?</p>
<p> </p>
<p>2. Você percebe uma linha da temática empreendedora nas programações realizadas na FURG, tais como: palestras, seminários, oficinas e/ou cursos entre outras atividades? () SIM () NÃO. Quais?</p>
<p> </p>

3. *A Pró-Reitoria de Graduação ou a *Diretoria Inovação Tecnológica incentiva/promove encontro de formação que discuta sobre empreendedorismo em cursos de graduação? () SIM () NÃO. Caso Sim, com que frequência? Caso Não, por quê?
4. Das características empreendedoras abaixo assinale aquelas que você aplica em sua função de Gestor: <input type="checkbox"/> Liderança <input type="checkbox"/> Motivação e superação <input type="checkbox"/> Comprometimento e determinação <input type="checkbox"/> Propensão de assumir riscos <input type="checkbox"/> Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação <input type="checkbox"/> Autonomia, autogestão, Iniciativa e ação <input type="checkbox"/> Orientação a metas <input type="checkbox"/> Crescimento e investimento na formação pessoal <input type="checkbox"/> Inovação e pesquisa
5. Você considera a FURG como uma Universidade Empreendedora? () SIM () NÃO. Se SIM, por quê?
6. Como você avalia o nível de envolvimento do ensino empreendedor na Universidade?
7. **Na sua visão como a Sustentabilidade permeia o Planejamento Estratégico da Universidade?
8. ***Na sua percepção qual o comprometimento sobre as questões relacionadas à Responsabilidade Socioambiental da Universidade?
9. **Qual o seu posicionamento no que se refere a Política de Gestão Ambiental e a Agenda Ambiental da Administração Pública (A3P) na Instituição?
10. **A Universidade possui indicadores ou métricas dos compromissos assumidos com a sustentabilidade? () SIM () NÃO. Se Sim, quais?
11. Qual a sua percepção sobre o Empreendedorismo Sustentável?
12. É possível ensinar alguém a ser empreendedor sustentável e/ou empreender em sua vida para alcançar metas pessoais e profissionais? () SIM () NÃO. Caso Sim, de que forma? Caso Não, por quê?
13. Você identifica entre os professores uma postura metodológica/ensino voltada ao

empreendedorismo nas aulas? () SIM () NÃO. Caso Sim, de que forma? Caso Não, por quê? (métodos/técnicas/recursos didáticos)

14. Você já realizou e/ou participou de algum projeto/capacitação/oficina relacionado ao Empreendedorismo Sustentável? () SIM () NÃO. Caso Sim, qual? Caso Não, por quê?

2ª PARTE: CONCEPÇÃO SOBRE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA SUSTENTÁVEL

15. Quais ações você entende que podem colaborar para inserir uma Formação Empreendedora Sustentável na universidade?

16. A FURG teria interesse em oferecer uma Formação Empreendedora Sustentável que abrangesse as diferentes Unidades da Instituição? () SIM () NÃO, por quê?

17. Você entende que a oferta de disciplina sobre “empreendedorismo”, atende a necessidade de uma Formação Empreendedora Sustentável?

18. Qual o seu ponto de vista sobre a possibilidade de se criar uma disciplina sobre o “empreendedorismo sustentável”?

19. Você entende que a Formação Empreendedora Sustentável é alcançada pela oferta de cursos complementares sobre empreendedorismo?

20. No seu entendimento, dentre os métodos, técnicas ou recursos pedagógicos citados abaixo, quais você considera para desenvolver as atividades de Formação Empreendedora Sustentável na FURG? Numere em grau de importância os 10 métodos, técnicas ou recursos pedagógicos mais importantes:

- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| () Aulas expositivas | () Aplicação de provas dissertativas |
| () Atendimento individualizado | () Visitas e contatos com empresas |
| () Trabalhos teóricos individuais | () Plano de negócios |
| () Trabalhos práticos individuais | () Estudos de casos |
| () Criação de produto | () Trabalhos teóricos em grupo |
| () Filmes e vídeos | () Trabalhos práticos em grupo |
| () Jogos de empresas e simulações | () Grupos de discussão |
| () Sugestão de leituras | () Brainstorming |
| () Incubadoras | () Palestras com empreendedores |
| () Competição de planos de negócios | () Criação de empresa |

21. Como você pode contribuir para implantar a Formação Empreendedora Sustentável na FURG?

22. Quem são as pessoas que você entende que podem melhor contribuir para a Formação Empreendedora Sustentável?
23. Como você compreende o papel (atuação) do Educador Ambiental no desenvolvimento de uma proposta de Formação Empreendedora Sustentável para a Instituição?
24. Você entende que o Educador Ambiental pode relacionar de forma adequada o empreendedorismo com uma Formação Empreendedora Sustentável?
25. Você acredita (ou pensa) que alguma Unidade da Universidade deveria ser a proponente de atividades de Formação Empreendedora Sustentável? () SIM () NÃO. Caso Sim, qual e por quê? Caso Não, por quê?
*A questão nº 3 será realizada apenas para a Pró-Reitoria de Graduação e para a Diretoria de Inovação Tecnológica pela afinidade da questão. ** Apenas para Vice-Reitor. *** Será questionada para os 3 (vice-reitor, Pró-Reitoria e DIT)

APÊNDICE C**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA

**Questionário aplicado aos Discentes da
Universidade Federal do Rio Grande**

Prezado aluno (a),

Sua turma foi selecionada por meio de metodologia específica, para responder ao questionário abaixo. Convido-o, assim, a participar dessa pesquisa que está sendo realizada com o propósito de verificar qual a percepção dos discentes sobre o Empreendedorismo Sustentável e constatar as habilidades e as limitações para a viabilização da Formação Empreendedora Sustentável na FURG, a partir dos princípios da Educação Ambiental.

Sua resposta é muito importante, pois possibilitará a análise fundamentada do tema em pauta. As informações recebidas serão tratadas de forma sigilosa e o conteúdo a ser divulgado, em Relatórios Científicos não fará referências específicas ao seu nome ou a algo que possa constituir vínculo.

Agradeço desde já a sua disponibilidade em responder este questionário.

Cristiane Gularte Quintana

DADOS DO (A) ALUNO (A)	
Data:	____/____/____
Curso que está matriculado:	
Semestre do curso:	
Marque com X, as questões abaixo:	
Antes da disciplina, já tinha alguma noção sobre o empreendedorismo:	
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
Gênero do aluno:	
	<input type="checkbox"/> Feminino
	<input type="checkbox"/> Masculino
	<input type="checkbox"/> Outros
Faixa etária:	
	<input type="checkbox"/> 16-23
	<input type="checkbox"/> 24-31
	<input type="checkbox"/> 32-39
	<input type="checkbox"/> >40
Forma de Trabalho:	
	<input type="checkbox"/> Trabalho formal (empresas, escritórios, autônomo, estagiário...)
	<input type="checkbox"/> Trabalho informal (sem carteira ou autônomo sem registro)
	<input type="checkbox"/> Bolsista da universidade
	<input type="checkbox"/> não trabalha, mas já teve experiência profissional
	<input type="checkbox"/> Nunca trabalhou
Se você trabalha, qual a sua renda:	
	<input type="checkbox"/> até R\$ 1.500,00
	<input type="checkbox"/> Entre R\$ 1.501,00 a R\$ 3.000,00
	<input type="checkbox"/> Acima de 3.001,00

1ª PARTE: INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DA PESQUISA						
<p>Cada uma das proposições apresenta uma afirmativa requerendo que o respondente aponte com um X a alternativa que está mais de acordo com o seu entendimento. Assinale:</p> <p>DT (Discordo Totalmente) D (Discordo em parte) I (Indiferente / Ignoro) C (Concordo em parte) CP (Concordo plenamente)</p>						
<p>Observações: O instrumento de coleta de dados que utilizou a técnica da escala <i>Likert</i> foi validado por Silveira (2016).</p>						
P	Proposições	DT	D	I	C	CP
Var01	Sou capaz de estabelecer meu perfil como empreendedor.					
Var02	Sei identificar as características que já possuo/faltam em relação a um perfil de empreendedor.					
Var03	Sou capaz de avaliar o meu potencial como empreendedor.					
Var04	Sei reconhecer os atributos de um empreendedor					
Var05	Tenho dificuldades para reconhecer meus pontos fracos e fortes como empreendedor.					
Var06	Sou capaz de realizar uma pesquisa de mercado, fazendo uso da técnica de Análise SWOT ou Análise FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças).					
Var07	Sou capaz de definir com clareza/objetividade uma Missão Empresarial.					
Var08	Sou capaz de conceituar/definir um Negócio Sustentável.					
Var09	Não é fácil para mim, definir com clareza / objetividade o termo Sustentabilidade.					
Var10	Sou capaz de definir/identificar as dimensões econômicas, sociais e ambientais de uma empresa.					
Var11	Entendo a necessidade de equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental de um empreendimento.					
Var12	Sou capaz de propor uma solução sustentável ao elaborar um Código de Ética.					
Var13	Não é fácil para mim, reconhecer os termos da Responsabilidade Socioambiental de um empreendimento.					
Var14	Com base na legislação sei indicar os procedimentos necessários para a abertura de uma empresa.					
Var15	Sei indicar os aspectos técnicos necessários para o funcionamento de uma empresa (órgãos de classe, Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiros e outras).					
P	Proposições	DT	D	I	C	CP
Var16	Sei que o comprometimento das empresas com a dimensão econômica é mais alto, do que com as dimensões sociais e ambientais.					
Var17	Sou capaz de analisar os ambientes interno e externo da empresa.					
Var18	Para mim não é fácil expressar o conceito de empreendedor.					
Var19	Sei a diferença existente entre empreendedor e intra-empendedor.					

Var20	Sei mapear as interações de uma empresa com seus clientes ou fornecedores.					
Var21	Sou capaz de reconhecer a concorrência de um determinado setor.					
Var22	Para mim é difícil compreender a <i>Triple Bottom Line</i> ou Tripé da Sustentabilidade e a sua relação com o empreendedorismo.					
Var23	Sou capaz de reconhecer através do mapeamento os principais clientes de um determinado setor.					
Var24	Sou capaz de analisar o mercado consumidor de um determinado setor.					
Var25	Tenho dificuldade de identificar o benefício de determinado produto ao consumidor.					
Var26	Não é fácil, para mim, identificar um processo criativo de geração de ideias.					
Var27	Sou capaz de analisar a viabilidade sustentável de um negócio.					
Var28	Sou capaz de identificar tendências de mercado, visualizando oportunidades.					
Var29	Sou capaz de conceituar/definir o termo Empreendedorismo Social.					
Var30	Sou capaz de agir com os atributos de um empreendedor ao identificar oportunidade de negócios.					
Var31	Sou capaz de reconhecer as perspectivas de negócios sustentáveis e a possibilidade de sucesso.					
Var32	Tenho dificuldade em identificar oportunidade de estratégias de negócio sustentável.					
Var33	É difícil, para mim, reconhecer claramente a diferença entre um problema de gestão e de oportunidade.					
Var34	Sou capaz de reconhecer a existência de um problema organizacional.					
Var35	Para mim não é fácil conceitual/definir o termo Empreendedorismo Ambiental.					
Var36	Sou capaz de propor uma solução viável perante a uma ameaça de um concorrente.					
Var37	Sou capaz de pensar conceitualmente e solucionar problemas complexos.					
Var38	Já li/pesquisei sobre empreendedores de sucesso.					
Var39	Não é fácil para mim, identificar um processo inovador de uma geração de ideias.					
P	Proposições	DT	D	I	C	CP
Var40	Sei trabalhar bem com outros a ponto de modificar o seu comportamento para atingir um objetivo.					
Var41	Raramente trabalho de forma intensa, mesmo em projetos de retornos incertos.					
Var42	Sempre que possível procuro satisfazer a minha necessidade de criação e inovação.					
Var43	Sou capaz de identificar oportunidades potenciais visando o meu autodesenvolvimento e a relação com o meio ambiente.					
Var44	Sou capaz de persuadir as pessoas, quando é de meu interesse.					

2ª PARTE: CONHECIMENTO ESPECÍFICO SOBRE EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL	
O tema Empreendedorismo Sustentável é um espaço relevante para ser explorado pelas pesquisas científicas, para entender como estabelecer uma boa relação entre o empreendedorismo e os aspectos econômicos, sociais e ambientais, e até diagnosticar o que tem sido feito efetivamente nas instituições (QUINTANA; QUINTANA, 2017).	
1)	Se você fosse um empreendedor, seria capaz de oferecer produtos ou serviços buscando ajudar, apoiar ou solucionar um determinado problema social? Justifique sua resposta.
2)	Qual é a sua percepção sobre o Empreendedorismo Sustentável?
3)	Como você entende que a Universidade Federal do Rio Grande poderia contribuir para incentivar o Empreendedorismo Sustentável?
4)	Se a FURG ofertasse cursos e ou atividades complementares sobre o Empreendedorismo Sustentável, você faria? Por quê?
5)	Como você entende que deveria ser a formação para o Empreendedorismo Sustentável? Quais os recursos pedagógicos que você considera importante?

APÊNDICE D

PROPOSTA DE UM CURSO SOBRE EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL PARA COMUNIDADE ACADÊMICA DA FURG

1. **Título do projeto (curso)**

Curso de Empreendedorismo Sustentável

2. **Coordenador Geral**

Cristiane Gularte Quintana

3. **Unidade(s) proponente(s)**

Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (ICEAC)
Diretoria de Inovação Tecnológica (DIT)

4. **Justificativa**

O presente projeto pretende contemplar uma importante etapa referente às ações derivadas do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) - FURG 2019-2022, especificamente no que diz respeito ao eixo X – Gestão Ambiental, e que prevê, no Objetivo 3, o incentivo a reflexão sobre os temas da sustentabilidade. E também, por recentemente a FURG ter assinado o termo de adesão à Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P) (2018) para promover a conscientização de uma cultura da utilização coerente e racional dos recursos naturais e dos bens públicos.

Sendo assim, o Empreendedorismo Sustentável apresenta como maior propósito alinhar as dimensões do Desenvolvimento Sustentável ao empreendedorismo contribuindo para o equilíbrio das dimensões econômicas, sociais e ambientais, criando produtos e serviços para solucionar problemas sociais e ambientais, que também gerem ganhos econômicos, e que o termo sustentabilidade esteja no centro de suas estratégias empresariais. Desse modo, a Formação Empreendedora Sustentável pode contribuir para o fortalecimento da sustentabilidade na IES.

5. **Metodologia**

Aulas expositivas dialogadas, com atividades práticas por meio, de Roda de Conversa, Estudo de Caso, e Grupos de Discussão bem como, a participação de convidados externos, especialistas no assunto.

6. **Objetivos e Conteúdo Programático**

6.1 Objetivos da formação

- Discussão sobre ODS N° 8.
- Definição sobre o Empreendedorismo Sustentável.
- Discutir sobre a Importância do Empreendedorismo nas IES e a Sustentabilidade.
- Papel do Educador Ambiental na FES.
- Mostrar os métodos e recursos pedagógicos relevantes para FES.

6.2 Conteúdo programático

Conteúdo: Empreendedorismo Sustentável – ODS N° 8.

Definições do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável N° 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico); Conceitos sobre Empreendedorismo Sustentável (ES); Importância do Empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior (IES); O Papel das IES na Formação Empreendedora; Educador Ambiental; Percepção dos Gestores sobre ES; Percepção dos discentes sobre ES; Habilidades e Limitações dos Discentes para a FES. Principais Métodos e Recursos Pedagógicos para a FES.

7. Recursos humanos e financeiros para a execução

Pagamento aos ministrantes de Gratificação por encargo de curso ou concurso.

8. Avaliação

A avaliação será processual, onde será avaliada a participação e envolvimento ao longo das atividades do curso.

9. Período de Execução, Dias e Horários

2º semestre de 2020.

Três vezes na semana, no turno da manhã.

10. Carga horária total

40 horas

11. Local

A definir

12. Público alvo

Primário: Acadêmicos de Graduação da FURG.

Secundário: Servidores da FURG (TAEs e docentes)

13. Número de vagas

A definir

REFERÊNCIAS DO PROJETO

ABRAHAMSSON, A. Researching sustainopreneurship – conditions, concepts, approaches, arenas and questions. **Proceedings of the International Sustainable Development Research Conference**, Västerås, Sweden, 13. 2007.

ALMEIDA, L. R. S. de; CORDEIRO, E. de P. B.; SILVA, J. A. G. da. Proposições acerca do ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior brasileiras: uma revisão bibliográfica. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 52, p. 109-122, Dezembro. 2018.

AZEVEDO, A. C. de; MANTHEY, N. B.; LENZI, F. C. O ensino do empreendedorismo em cursos de graduação: panorama das práticas dos cursos de ciências sociais aplicadas. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo – EGEPE. 2016. Passo Fundo. **Anais** (online). Passo Fundo: IX EGEPE. Disponível em: <https://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/331.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2018.

BORGES, C. Empreendedorismo sustentável e o processo de criação de empresas. In: BORGES, CÂNDIDO (org). **Empreendedorismo sustentável**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

BARBIERI, J. C.; SILVA, D. da. **Educação Ambiental na formação do Administrador**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BOSZCZOWSKI, A. K.; TEXEIRA, R. M. O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. **Revista Economia & Gestão**, v. 12, n. 29, maio./ago. 2012.

BRASIL . Decreto N° 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei N° 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 jun. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm>. Acesso em: 1° jun. 2017.

CHOI, D. Y.; GRAY, E. R. The venture development processes of “sustainable” entrepreneurs. **Management Research News**, 31(8), 558-569. 2008.

- COHEN, B., SMITH, B; MITCHELLI, R. Toward a sustainable conceptualization of dependent variables in entrepreneurship research. **Business Strategy and the Environment**, 17(2), 107-119.2008.
- FERNANDES, E.; SILVA, M. da. Educação ambiental empreendedora na escola. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 157-167, mar./jun. 2017.
- FREITAG, M. S. B. Aprendendo a ser um empreendedor. In: BORGES, CÂNDIDO (org). **Empreendedorismo sustentável**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- GUIMARÃES, M. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 7, n. 9, 2013.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARINHO, M. B.. Universidades e sustentabilidade: Uma Pesquisa em Instituições de Educação Superior Brasileiras. 2014, 181f. **Tese** (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Escola Politécnica, 2014.
- MARTINS, S. N. Educação empreendedora transformando o ensino superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores. 156 f. **Tese** (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2010.
- NASSIF, V. M. J.; AMARAL, D. J. do; PINTO, C. C.; SOARES, M. T. R. C.; PRANDO, R. A. Formação Empreendedora: Aspectos Convergentes e Divergentes sob a Ótica de Alunos, Professores, Pais e Empreendedores. **Revista ANGRAD**, v. 10, n. 2, Abril/Maio/Junho 2009.
- O'NEILL, G. D.; HERSHAUER, J. C.; GOLDEN, J. S. The cultural context of sustainability entrepreneurship. **Greener Management International**, (55), 33-46, 2009
- SHEPHERD, D. A.; PATZELT, H. The New Field of Sustainable Entrepreneurship: Studying Entrepreneurial Action Linking “What Is to Be Sustained” With “What Is to Be Developed. **Entrepreneurship: Theory and Practice**. 35(1):137 – 16. January 2011.
- SILVA, J. F. da; PENA, R. P. M. O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. v.6, n.2, p. 372-401, mai/ago. 2017.
- SILVEIRA, M. B. Formação empreendedora: Análise das características empreendedoras entre os estudantes do ensino técnico. 2016. 100 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Faculdade Campo Limpo Paulista, SP: FACCAMP, 2016.